

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**LAYS DE OLIVEIRA JOEL LOPES**

**“AS HISTÓRIA SÃO BOA. AS PESSOAS, MARAVILHOSA”: ANÁLISE DA  
VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL NA ZONA RURAL  
DE SANTA LEOPOLDINA/ES**

VITÓRIA  
2020

LAYS DE OLIVEIRA JOEL LOPES

**“AS HISTÓRIA SÃO BOA. AS PESSOAS, MARAVILHOSA”:  
ANÁLISE DA VARIÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL NA ZONA RURAL DE  
SANTA LEOPOLDINA/ES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal de Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Marta Pereira Scherre.

VITÓRIA  
2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

L864" Lopes, Lays de Oliveira Joel, 1988-  
"As história são boa. As pessoas, maravilhosa": : análise da variação da concordância verbal e nominal na zona rural de Santa Leopoldina/ES / Lays de Oliveira Joel Lopes. - 2020.  
380 f. : il.

Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre.  
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Língua portuguesa - Concordâncias. I. Scherre, Maria Marta Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

---

**Lays de Oliveira Joel Lopes**

**“As história são boa. As pessoas, maravilhosa”:  
análise da variação da concordância verbal e nominal na zona rural de Santa Leopoldina/ES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 02 de outubro de 2020.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFES)  
Orientadora e Presidente da Comissão

Profa. Dra. Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)  
Examinadora Interna

Profa. Dra. Gesieny Laurett Neves Damasceno (UFES)  
Examinadora Interna

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFES) Por:  
Profa. Dra. Christina Abreu Gomes (UFRJ)  
Examinadora Externa

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFES) Por:  
Profa. Dra. Norma da Silva Lopes (UNEB)  
Examinadora Externa

Este documento foi assinado digitalmente por MARIA MARTA PEREIRA SCHERRE

Para verificar o original visite: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/79898?tipoArquivo=0>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
MARIA MARTA PEREIRA SCHERRE - SIAPE 99992013  
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLi/CCHN  
Em 13/10/2020 às 19:55

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/79898?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
GESIENY LAURETT NEVES DAMASCENO - SIAPE 3008674  
Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN  
Em 14/10/2020 às 15:14

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/80311?tipoArquivo=O>

Este documento foi assinado digitalmente por GESIENY LAURETT NEVES

Para verificar o original visite: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/80311?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
LILIAN COUTINHO YACOVENCO - SIAPE 297946  
Departamento de Línguas e Letras - DLL/CCHN  
Em 19/10/2020 às 17:30

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/82588?tipoArquivo=O>

Este documento foi assinado digitalmente por LILIAN COUTINHO YACOVENCO

Para verificar o original visite: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/82588?tipoArquivo=O>

Dedico a minha família: Epaminondas,  
Calebe e Amélia – compreensivos  
companheiros nesta árdua jornada.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que sempre esteve comigo me fornecendo a fé, a força e a vontade necessárias para prosseguir. O caminho do doutorado é árduo. Em muitos momentos, – nas madrugadas de estudo, principalmente – sentia minhas forças desfalecendo, em especial, por conciliar o doutorado com a docência em tempo integral. O cansaço e a exaustão são, por vezes, inimigos das mais determinadas pessoas. Encontrava em Deus a força para prosseguir. Por isso, orava, como prediz a epígrafe desta tese: “Agora, pois, ó Deus, fortalece as minhas mãos” (Neemias 6:9). Eu tinha a certeza de que Nele encontraria refúgio e Ele me sustentou.

A minha família por compreender minhas ausências, por me apoiar incondicionalmente e por me encorajar nos momentos difíceis. Epaminondas, meu amor, muito obrigada por ser tão compreensivo. Ter você ao meu lado foi essencial neste projeto. Suas sensatas palavras, por tantas vezes, acalmaram meu coração ansioso e me incentivaram a prosseguir. Obrigada pelo seu companheirismo e sua compreensão. Obrigada por todo empenho no exercício do sacerdócio em nossa casa. Que Deus te ilumine nessa tão difícil tarefa, querido. Por você ser tudo isso, obrigada! Amo você!

Calebe, meu filho, que ainda no ventre e após o seu nascimento, durante o ano pandêmico de 2020, me forneceu a força de que eu precisava para a conclusão desta tese. Quando você crescer e entender um pouco do mundo a sua volta, quero que você saiba que você foi muito desejado e aguardado por nós. Meu milagre, eu te amo!

Amélia, minha mãezinha querida, muito obrigada por ser meu rochedo, exemplo de determinação e coragem. Obrigada por apoiar minhas decisões e zelar pela minha felicidade. Você é meu ponto de equilíbrio! Obrigada por estar sempre ao meu lado, sem esperar nada em troca. Você é minha inspiração para o meu “ser mãe”. Muito obrigada pela sua dedicação abnegada a mim e a nossa família. Te amamos!

Agradeço à minha orientadora querida, professora Marta Scherre, que mais que um suporte acadêmico é também um aconchego emocional. Profe Marta Linda, muito

obrigada pelos seus ensinamentos. Muito obrigada por ser tão prestativa e incansável. Seu amor pela Sociolinguística me inspira a ser uma pesquisadora mais dedicada.

Às professoras que participaram da banca de qualificação e defesa de tese - Lilian Coutinho Yacovenco, Gesieny Laurett Neves Damasceno, Christina Abreu Gomes, Norma da Silva Lopes, Hebe Macedo de Carvalho e Leila Maria Tesch. Pela leitura atenta e pelas considerações realizadas de forma tão cuidada muito obrigada!

A Calimério que foi imprescindível para a conclusão do meu doutorado. Cali, muito obrigada pela leitura tão atenta da minha tese. Obrigada pela sua incansável dedicação a mim, a este projeto e a minha família. Muito obrigada por me entender e me apoiar em todos os momentos. Obrigada pelo carinho desinteressado e tão verdadeiro. Como você sempre diz: “obrigada por tudo e por tanto”. Eu amo você!

Aos meus irmãos da Assembleia de Deus Marcas do Evangelho, pelas orações, principalmente, a: Juliana, Joelson, Arthur, Heitor, Lorryne, Jonatas, Ana Júlia, Sophia, Schirley, Jefferson, Letícia, Jefferson Junior, Isabella, e ainda Stefany, Josiel e Bryan – vocês fazem parte da minha família. Agradeço também aos meus pastores Jairo Carvalho e Jefferson Belisário e suas famílias.

Aos meus companheiros de pesquisa do PortVix e também aos meus parceiros de doutorado. Essa aventura foi muito mais divertida com vocês!

A minha amiga, companheira de pesquisa de campo, Camila Candeias Foeger, pela parceria acadêmica e pessoal. Agradeço ainda pela leitura criteriosa desta pesquisa e importantes apontamentos.

À Samine Benfica, pelas relevantes sugestões ao longo deste trabalho.

A Carlos Eduardo Deoclécio, pelas orientações acadêmicas e pela amizade.

A Jares Lima e Diana Sarcinelli, pela amizade e pelo suporte enquanto representantes discentes.

Às queridas Amanda Rodrigues Simões, Aparecida da Penha Krohling Christ e Bárbara Scalzer Maia, amigas que a turma de Letras Português 2007/1, da Ufes, me trouxe. Sou muito grata pela amizade de vocês.

A Luciano Foeger e à Júlia Candeias Foeger (pais de Camila) que me acolheram tão receptivamente no período de pesquisa de campo.

Aos nossos guias: Anderson Foeger, taxista da região; Patrícia Gonoring, professora da comunidade; Ângelo Raimundo Maciel, amigo de Camila; Armando Barth, agricultor – muito obrigada por se doarem a este projeto.

À comunidade de Santa Leopoldina, que abriu suas casas e suas vidas para nós. O período de pesquisa de campo me mostrou uma nova perspectiva de estudo linguístico e de vivência enquanto pessoa. Muito obrigada por compartilharem suas histórias conosco.

À família Corrêa Reis – Tereza, Elermir, Adriana, Marcos, Tayná, Egliny, Alan, Yanny e Hugo. Obrigada pelas orações e por todo apoio.

A minha mãe do coração Naninha, por todo suporte emocional ao longo deste período.

A todos os professores e demais funcionários do CEEFMTI Ewerton Montenegro Guimarães, pela amizade e palavras encorajadoras ao longo deste período. Em especial, Ednéa Pereira, Sueni da Vitória, Sônia Xavier, Geazi Albino, Eduardo Fraga, equipe de linguagens/2019 (Calimério Soave, Eveline Barros, Lúcia Helena da Vitória, Rose Sousa, Sabrina Garcia, Welington de Freitas), Camila Jacobsen, Thiago Madeira e Eduardo Gambarini. Muito obrigada.

A todos os professores e funcionários do Programa de pós-graduação *stricto-sensu* em Linguística, da Ufes.

Muito obrigada!

“Agora, pois, ó Deus, fortalece as minhas  
mãos”

(Neemias 6:9)

## RESUMO

Com base na Sociolinguística Variacionista, sistematizada e difundida por Labov (2008 [1972], 2001), esta pesquisa analisa os fenômenos de concordância verbal de terceira pessoa e de concordância nominal de número no sintagma nominal, a partir de uma amostra composta por 44 entrevistas coletadas na zona rural de Santa Leopoldina/ES. O objetivo é defender a tese da existência de uma regularidade no efeito das variáveis linguísticas, em termos de grandes tendências, para a concordância plural variável atuante no português brasileiro. Além disso, pretendemos refletir acerca do *continuum* de rural-urbano, proposto por Bortoni-Ricardo (1998, 2004). Sendo assim, analisamos a amostra leopoldinense e comparamos os resultados obtidos aos de pesquisas anteriores, tais como Naro (1981), Scherre (1988), Vieira (1997), Pereira (2004), Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Martins (2013), Silva (2013), Araújo (2014), Lopes (2014), Benfica (2016), Gomes, Melo e Barcelos (2016) e Scardua (2018), além de diversas coproduções entre os professores Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Scherre. A amostra leopoldinense contou com falantes estratificados em função de: sexo – homem e mulher; faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49 e acima de 49 anos; e escolaridade – ensino fundamental 01; fundamental 02; e médio. O efeito das variáveis externas (sexo, faixa etária, escolaridade e origem da entrevistadora), comuns aos dois fenômenos, e variáveis linguísticas (para a concordância verbal de 3ª pessoa: saliência fônica, paralelismo oracional, posição e tipo de sujeito e paralelismo discursivo; para a concordância nominal no interior do sintagma nominal: posição linear e relativa, saliência fônica, marcas precedentes, grau, formalidade e animacidade dos substantivos) foi mensurado através do programa computacional Goldvarb X, de Sankoff, Tagliamonte & Smith (2005). A hipótese inicial foi confirmada, uma vez que as grandes tendências dos efeitos linguísticos observados nos dados de Santa Leopoldina alinham-se às grandes tendências observadas pelos demais trabalhos elencados. A análise comparativa entre os estudos corrobora a constatação de Scherre (1988), de Scherre e Naro (2006) e de Naro e Scherre (2007) de que as diferenças na concordância plural variável operam em um nível quantitativo e não qualitativo, no que diz respeito às variáveis linguísticas. Os resultados corroboram ainda a proposta de Naro e Scherre (2007) acerca das origens do português brasileiro, centrada na ideia de uma confluência de múltiplas motivações. Além disso, notamos que as variáveis

linguísticas possuem um efeito mais vigoroso do que as variáveis sociais, em Santa Leopoldina. Nosso pensamento é que esse cenário possa ser justificado pelas particularidades da organização social leopoldinense. Os cruzamentos entre as variáveis sociais, para ambos os fenômenos, corroboram a proposta de Naro e Scherre (1991, 2013) acerca do modelo de fluxos e contrafluxos, visto que percebemos grupos e indivíduos transitando por diversas vias sociais linguisticamente estruturadas. Diante do exposto, esclarecemos que esta tese visa fomentar reflexões e contribuir para o mapeamento do português brasileiro, quanto aos fenômenos sob análise.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista, português falado em Santa Leopoldina, zona rural, concordância verbal de terceira pessoa, concordância nominal de número no sintagma nominal.

## ABSTRACT

Based on the Variationist Sociolinguistics, systematized and disseminated by Labov (2008 [1972], 2001), this research analyzes the phenomena of third person verbal agreement and nominal number agreement in the noun phrase, from a sample composed of 44 interviews collected in the rural area of Santa Leopoldina/ES. The objective is to defend the thesis of the existence of a regularity in the effect of linguistic variables, in terms of major trends, for the plural agreement that operates in Brazilian Portuguese. In addition, we intend to reflect on the rural-urban continuum, proposed by Bortoni-Ricardo (1998, 2004). Thus, we analyzed the sample of Santa Leopoldina and compared obtained the results with those of previous research, such as Naro (1981), Scherre (1988), Vieira (1997), Pereira (2004), Lucchesi, Baxter and Silva (2009), Martins (2013), Silva (2013), Araújo (2014), Lopes (2014), Benfica (2016), Gomes, Melo and Barcelos (2016) and Scardua (2018), in addition to several co-productions between professors Anthony Julius Naro and Maria Marta Pereira Scherre. The sample of Santa Leopoldina had stratified speakers according to: sex - man and woman; age group - 07-14, 15-25, 26-49 and above 49 years old; and educational level - elementary school 01; middle school 02; and high school. The effect of external variables (sex, age, education and origin of the interviewer), common to both phenomena, and linguistic variables (for the 3rd person verbal agreement: phonic salience, sentence parallelism, position and type of subject and discursive parallelism; for the nominal agreement within the noun phrase: linear and relative position, phonic salience, precedent marks, degree, formality and animacy of the nouns) was measured using the computer program Goldvarb X, by Sankoff, Tagliamonte & Smith (2005). The initial hypothesis was confirmed, since the major trends in linguistic effects observed in the data from Santa Leopoldina are in line with the major trends observed by the other listed works. The comparative analysis between the studies corroborates the finding of Scherre (1988), of Scherre and Naro (2006) and of Naro and Scherre (2007) that the differences in the plural agreement operate on a quantitative and non-qualitative level, in relation to linguistic variables. The results also corroborate the proposal of Naro and Scherre (2007) about the origins of Brazilian Portuguese, centered on the idea of a confluence of multiple motivations. In addition, we note that linguistic variables have a more vigorous effect than social variables in Santa Leopoldina. Our thought is that this scenario can be justified by the particularities of

the social organization of Santa Leopoldina. The crossings between social variables, for both phenomena, corroborate the proposal of Naro and Scherre (1991, 2013) about the model of flows and counterflows, since we perceive groups and individuals moving through different linguistically structured social paths. Given the above, we clarify that this thesis aims to foster reflections and contribute to the mapping of Brazilian Portuguese, regarding the phenomena under analysis.

Keywords: Variationist Sociolinguistics, Portuguese spoken in Santa Leopoldina, rural area, third person verbal agreement, nominal number agreement in the noun phrase.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1: Transmissão/nativização com base em diversos modelos .....</b>	<b>47</b>
<b>Quadro 2: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção do Goldvarb X, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, conforme Lopes (2014).....</b>	<b>88</b>
<b>Quadro 3: Síntese cronológica da formação administrava de Santa Leopoldina. ....</b>	<b>104</b>
<b>Quadro 4: Estratificação dos informantes em amostra coletada na zona rural de Santa Leopoldina/ES.....</b>	<b>113</b>
<b>Quadro 5: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção estatística – quanto ao fenômeno da concordância verbal de 3ª pessoa de plural, na zona rural de Santa Leopoldina.....</b>	<b>118</b>
<b>Quadro 6: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção estatística – quanto ao fenômeno da concordância nominal no interior do sintagma nominal, na zona rural de Santa Leopoldina.....</b>	<b>121</b>
<b>Quadro 7: Características sociais das amostras elencadas para estudo comparativo com Santa Leopoldina/ES. ....</b>	<b>130</b>
<b>Quadro 8: Fatores sociais analisados e distribuição dos informantes em células na amostra da zona rural de Santa Leopoldina/ES .....</b>	<b>248</b>
<b>Quadro 9: Variáveis independentes em função da ordem de seleção do Goldvarb X, quanto ao fenômeno da concordância nominal no interior do sintagma nominal – dados da pesquisa atual .....</b>	<b>250</b>
<b>Quadro 10: Variáveis independentes em função da ordem de seleção do Goldvarb X, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, conforme Lopes (2014). ....</b>	<b>251</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Efeito da escolaridade no uso da concordância verbal em duas amostras aleatórias da comunidade do Rio de Janeiro em épocas diferentes – Scherre e Naro (2014).....	63
Tabela 2: Efeito da saliência fônica no processo de concordância verbal no Rio de Janeiro – Naro e Scherre (2015).....	65
Tabela 3: Efeito da escolaridade x saliência fônica – concordância verbal – no Rio de Janeiro – Scherre e Naro (2006).....	66
Tabela 4: Dados demográficos de Santa Leopoldina e Vitória – Censo de 2010 .....	106
Tabela 5: Distribuição geral dos dados, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa, na zona rural de Santa Leopoldina.....	127
Tabela 6: Comparação entre diferentes estudos, quanto ao fenômeno de marcação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural.....	129
Tabela 7: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina.....	152
Tabela 8: Comparação de resultados obtidos em Santa Leopoldina (esta pesquisa) e Rio de Janeiro (amostra Mobral – Naro (1981), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural.....	155
Tabela 9: Efeito da variável saliência fônica na concordância verbal de 3ª pessoa – comparação entre pesquisas.....	157
Tabela 10: Comparação entre percentuais de Lopes (esta pesquisa) e Gomes, Melo e Barcellos (2016), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural.....	159
Tabela 11: Comparação entre resultados de Santa Leopoldina/ES (esta pesquisa) e Feira de Santana/BA (Araújo/2014), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural.....	160
Tabela 12: Comparação entre o efeito da variável saliência fônica em comunidades afro-brasileiras e em Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural.....	168
Tabela 13: Efeito da variável paralelismo oracional, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina.....	174
Tabela 14: Efeito da variável paralelismo oracional em Rio de Janeiro (1980) e Santa Leopoldina (esta pesquisa), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural.....	176
Tabela 15: Efeito da variável paralelismo oracional em Santa Leopoldina, Vitória e Rio de Janeiro (1980 e 2000), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural.....	178
Tabela 16: Efeito da variável posição e tipo de sujeito em relação ao verbo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina.....	184
Tabela 17: Efeito da variável posição e tipo de sujeito em relação ao verbo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, em Santa Leopoldina (esta pesquisa) e Vitória (Benfica, 2016).....	187

<b>Tabela 18: Comparação entre o efeito da variável posição e tipo de sujeito entre as comunidades afro-brasileira e em Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural .....</b>	<b>188</b>
<b>Tabela 19: Quantidade de itens marcados e percentagem geral de cada fator da variável paralelismo discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural .....</b>	<b>192</b>
<b>Tabela 20: Efeito da variável paralelismo discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>204</b>
<b>Tabela 21: Efeito da variável sexo, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>209</b>
<b>Tabela 22: Percentual de uso da concordância verbal em 3ª pessoa do plural, em função da variável sexo, em Santa Leopoldina, Vitória e Rio de Janeiro (80 e 00) .....</b>	<b>212</b>
<b>Tabela 23: Efeito da variável sexo em dados de Santa Leopoldina (esta pesquisa), Bandeiras Paulistas (Pereira, 2004), comunidades Afro-brasileiras (Lucchesi, Baxter e Silva, 2009) e Feira de Santana (Araújo, 2014), respectivamente, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural.....</b>	<b>215</b>
<b>Tabela 24: Efeito do cruzamento entre sexo e faixa etária nos processos de concordância verbal e nominal, na zona rural de Santa Leopoldina.....</b>	<b>219</b>
<b>Tabela 25: Efeito da variável origem da entrevistadora, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>225</b>
<b>Tabela 26: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso da concordância junto ao pronome nós no tempo presente, na zona rural de Santa Leopoldina/ES – em análise do fenômeno de 1ª pessoa do plural, quanto à alternância entre pronominal e à concordância verbal, por Foeger (2014).....</b>	<b>227</b>
<b>Tabela 27: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso da concordância junto ao pronome nós no tempo presente em Santa Leopoldina/ES – em análise do fenômeno de 1ª pessoa do plural, quanto à alternância entre pronominal e à concordância verbal, por Foeger (2014) .....</b>	<b>228</b>
<b>Tabela 28: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso de a gente em Santa Leopoldina/ES – em análise do fenômeno de 1ª pessoa do plural, quanto à alternância entre pronominal e à concordância verbal, por Foeger (2014).....</b>	<b>228</b>
<b>Tabela 29: Cruzamento do efeito das variáveis interação com a entrevistadora e faixa etária no uso de a gente na zona rural de Santa Leopoldina/ES – em análise do fenômeno de 1ª pessoa do plural, quanto à alternância entre pronominal e à concordância verbal, por Foeger (2014).....</b>	<b>229</b>
<b>Tabela 30: Efeito de cruzamento entre a origem da entrevistadora e variáveis sociais, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>233</b>
<b>Tabela 31: Efeito da variável faixa etária na concordância verbal de 3ª pessoa, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>237</b>

<b>Tabela 32: Efeito da variável escolaridade na concordância verbal de 3ª pessoa, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>238</b>
<b>Tabela 33: Efeito do cruzamento entre variáveis sociais, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>240</b>
<b>Tabela 34: Comparação entre a variável sexo, Santa Leopoldina – esta pesquisa – e norma popular de Feira de Santana – Araújo (2014), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural.....</b>	<b>243</b>
<b>Tabela 35: Distribuição geral dos dados do fenômeno de concordância nominal de número, zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>253</b>
<b>Tabela 36: Comparação entre diferentes estudos, quanto ao fenômeno de marcação da concordância nominal de número .....</b>	<b>253</b>
<b>Tabela 37: Efeito da variável posição linear e relativa, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>262</b>
<b>Tabela 38: Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (esta pesquisa), quanto ao fenômeno de concordância nominal de número ..</b>	<b>264</b>
<b>Tabela 39: Comparação entre os resultados da variável posição linear e relativa na presença da concordância nominal: Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número .....</b>	<b>265</b>
<b>Tabela 40: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>268</b>
<b>Tabela 41: Efeito detalhado da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número – com dados do Rio de Janeiro/80 e 00, Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina (esta pesquisa).....</b>	<b>269</b>
<b>Tabela 42: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina – controle de “vezes” na expressão “as vezes” .....</b>	<b>273</b>
<b>Tabela 43: Efeito da variável marcas precedentes, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>277</b>
<b>Tabela 44: Comparação de efeito de marcas precedentes, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, em Rio de Janeiro, Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina.....</b>	<b>280</b>
<b>Tabela 45: Efeito da variável origem da entrevistadora, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina.....</b>	<b>283</b>
<b>Tabela 46: Efeito de três rodadas de cruzamento entre Origem da Entrevistadora e variáveis sociais, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>287</b>
<b>Tabela 47: Efeito da variável faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina. ....</b>	<b>289</b>
<b>Tabela 48: Comparação do efeito da variável faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, em amostras do Rio de Janeiro (1980 e 2000), Vitória (2000) e Santa Leopoldina/ES (2012/13).....</b>	<b>291</b>
<b>Tabela 49: Grau, Formalidade Léxica e Animacidade dos Substantivos e dos Adjetivos, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>300</b>

<b>Tabela 50: Efeito da variável sexo, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina. ....</b>	<b>304</b>
<b>Tabela 51: Efeito da variável gênero/sexo, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, com dados de amostras do Rio de Janeiro/RJ (1980, 2000), Vitória/ES, Alto Solimões/AM e Santa Leopoldina/ES.....</b>	<b>305</b>
<b>Tabela 52: Efeito de cruzamento entre sexo e faixa etária quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina.....</b>	<b>307</b>
<b>Tabela 53: Efeito do cruzamento entre sexo e escolaridade quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina.....</b>	<b>310</b>
<b>Tabela 54: Efeito da variável escolaridade, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina. ....</b>	<b>311</b>
<b>Tabela 55: Efeito da variável escolaridade quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, com amostras do Rio de Janeiro/RJ (1980 e 2000), de Vitória/ES, de Alto Solimões/AM e de Santa Leopoldina/ES .....</b>	<b>312</b>
<b>Tabela 56: Efeito do cruzamento entre variáveis sociais, em função da escolaridade, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>313</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1: População residente no município por religião, Censo 2010 .....</b>	<b>101</b>
<b>Gráfico 2: Distribuição geral dos dados do fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa, na zona rural de Santa Leopoldina.....</b>	<b>128</b>
<b>Gráfico 3: Comparação entre pesquisas realizadas na zona rural, dados do Norte Fluminense/RJ (comunidades pesqueiras), Rota dos bandeirantes/SP, comunidades afro-brasileiras/BA, Feira de Santana/BA e Santa Leopoldina/ES, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural .....</b>	<b>138</b>
<b>Gráfico 4: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina</b>	<b>153</b>
<b>Gráfico 5: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, nos dados da zona rural de Santa Leopoldina (esta pesquisa) e da norma popular feirense (Araújo, 2014).....</b>	<b>164</b>
<b>Gráfico 6: Efeito da variável paralelismo discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina. ....</b>	<b>207</b>
<b>Gráfico 7: Efeito da variável sexo em Santa Leopoldina, Vitória, Rio de Janeiro (1980 e 2000), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural .....</b>	<b>214</b>
<b>Gráfico 8: Efeito do cruzamento entre sexo e faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>218</b>
<b>Gráfico 9: Comparação dos efeitos do cruzamento sexo e faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>221</b>
<b>Gráfico 10: Comparação do efeito do cruzamento sexo e faixa etária, quanto ao fenômeno da concordância nominal no interior do sintagma nominal, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>221</b>
<b>Gráfico 11: Cruzamento entre escolaridade e sexo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina</b>	<b>242</b>
<b>Gráfico 12: Comparação entre Santa Leopoldina e Feira de Santa (norma popular) quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural ...</b>	<b>244</b>
<b>Gráfico 13: Comparação entre Rio de Janeiro/80 e 00, Alto Solimões/10, Vitória/10 e Santa Leopoldina/12-13 (esta pesquisa), quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>254</b>
<b>Gráfico 14: Paralelo entre Rio de Janeiro, Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina, quanto a índices de precedidos por -s, -ss, mistura de marcas e -zero, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>281</b>
<b>Gráfico 15: Comparação entre o efeito da faixa etária em 2014 e 2020, em Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>290</b>

<b>Gráfico 16: Variável animacidade, grau e formalidade léxica dos substantivos, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina .....</b>	<b>301</b>
<b>Gráfico 17: Efeito de cruzamento entre sexo e faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina.....</b>	<b>307</b>

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Mapa – Divisão regional do Espírito Santo, em destaque Santa Leopoldina e Vitória .....108**
- Figura 2: Artigo de José Luiz Holzmeister, Jornal A Gazeta – Caderno 02..... 110**



## LISTA DE ABREVIATURAS

CLG – Curso de Linguística Geral.

CN – concordância nominal no interior do sintagma nominal.

CV – concordância verbal na 3ª pessoa do plural.

IBGE – Instituto de Geografia e Estatística.

IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves.

Ifes – Instituto Federal do Espírito Santo.

Inint – ininteligível.

Fem. – feminino.

Fund. 01 – ensino fundamental 01.

Fund. 02 – ensino fundamental 02.

Masc. - masculino

SN – sintagma nominal.

SPrep – sintagma preposicionado.

PB – Português brasileiro.

PE – Português europeu.

PA – Português africano.

PortVix – Projeto “O português falado na cidade de Vitória”.

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	27
<b>2.</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	37
<b>2.1</b>	<b>Sociolinguística: variabilidade ordenada</b>	38
<b>2.2</b>	<b>Português brasileiro vs português europeu: problematização sobre as motivações de fenômenos variáveis – concordância verbal e nominal</b>	45
<b>3.</b>	<b>ALGUMAS PESQUISAS SOBRE A CONCORDÂNCIA</b>	56
<b>3.1</b>	<b>Concordância verbal de terceira pessoa</b>	56
3.1.1	Naro (1981)	57
3.1.2	Scherre e Naro (2006, 2014) e Naro e Scherre (2015) – estudos do tipo painel e do tipo tendência ( <i>panel e trend studies</i> )	62
3.1.3	Benfica (2016)	67
<b>3.2</b>	<b>Concordância nominal de número</b>	70
3.2.1	Scherre (1988)	71
3.2.2	Martins (2013)	78
3.2.3	Lopes (2014)	87
3.2.4	Scardua (2018)	94
<b>4.</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE LEOPOLDINENSE</b>	99
<b>5.</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	112
<b>5.1</b>	<b>Amostra: coleta e transcrição</b>	112
<b>5.2</b>	<b>Variáveis (in)dependentes: codificação e estatística</b>	116
<b>6.</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS – CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL</b>	125
<b>6.1</b>	<b>Resultados gerais</b>	127
<b>6.2</b>	<b>Saliência fônica</b>	145
<b>6.3</b>	<b>Paralelismo oracional</b>	170
<b>6.4</b>	<b>Posição e tipo de sujeito</b>	179
<b>6.5</b>	<b>Paralelismo discursivo</b>	190
<b>6.6</b>	<b>Sexo</b>	209
<b>6.7</b>	<b>Origem da entrevistadora</b>	223
<b>6.8</b>	<b>Variáveis não selecionadas pelo programa</b>	236
6.8.1	Faixa etária	236
6.8.2	Escolaridade	238
<b>6.9</b>	<b>Cruzamentos – variáveis sociais</b>	240
<b>7.</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS – CONCORDÂNCIA NOMINAL</b>	246

7.1	Resultados gerais .....	252
7.2	Posição linear e relativa .....	256
7.3	Saliência fônica.....	267
7.4	Marcas precedentes .....	275
7.5	Origem da entrevistadora .....	283
7.6	Faixa etária .....	289
7.7	Grau, formalidade e animacidade dos substantivos .....	293
7.8	Sexo .....	304
7.9	Escolaridade .....	310
8.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>315</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: .....</b>	<b>324</b>
	<b>ANEXO A – Distribuição dos informantes entrevistados em Santa Leopoldina/ES.....</b>	<b>332</b>
	<b>ANEXO B - Roteiro base para a realização das entrevistas perguntas destinadas, especialmente, a informantes de 7-14 anos .....</b>	<b>336</b>
	<b>ANEXO C - Roteiro de entrevista comum a todos os informantes.....</b>	<b>338</b>
	<b>ANEXO D - Modelo de termo de Consentimento .....</b>	<b>344</b>
	<b>ANEXO E – Rodada Geral – 3ª pessoa do plural – concordância verbal .....</b>	<b>345</b>
	<b>ANEXO F – Rodada Geral – concordância nominal de número.....</b>	<b>366</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo da língua articulado à comunidade de fala, onde essa se realiza, permite ao pesquisador a observância de tendências linguísticas sistemáticas e ordenadas. A Sociolinguística, difundida por William Labov, na década de 60, propunha a noção de língua como algo essencialmente heterogêneo e passível de variação e de mudança ordenadas. Este modelo teórico-metodológico considera que “a teoria linguística não pode ignorar o comportamento social dos falantes de uma língua, tanto quanto a teoria química não pode ignorar as propriedades observadas dos elementos” (LABOV, 1972 [2008], p. 298).

Nesse sentido, à luz da Sociolinguística Variacionista, esta pesquisa propõe analisar, na fala de habitantes da zona rural do município de Santa Leopoldina, região central serrana do Espírito Santo, a marcação variável nos fenômenos de (i) concordância verbal de terceira pessoa e (ii) concordância nominal no interior do sintagma nominal. Para tanto, coletamos<sup>1</sup> uma amostra com 44 entrevistas, com duração média entre 50 a 60 minutos, a partir da colaboração de 44 leopoldinenses voluntários. A seguir, são apresentados dois exemplos de cada fenômeno analisado nesta pesquisa, os quais contêm dados extraídos de nosso *corpus*. Em negrito e entre colchetes, constam os itens aos quais se solicita a percepção do leitor:

Exemplo: ausência/presença concordância verbal de terceira pessoa

E – seus pais... Tanto sua mãe quanto seu pai falam... É pomerano que eles falam ou alemão?

Inf – meu pai já é mais... Ele fala mais línguas... Minha mãe fala mais o pomerano

E – aham... E seus irmãos... Os outros aprenderam a língua ou?

Inf – alguns

E – nem todos

Inf – é... Nem todos... os mais novos num tem... num fala né?

E – não conversa... mas entendem?

---

<sup>1</sup> Esclarecemos que a coleta de entrevista foi realizada por Foeger (2014) e Lopes (2014). Esse tema será discutido detalhadamente no capítulo 5, quando abordaremos a metodologia de pesquisa utilizada.

Inf – **[entendem]**... todos **[entendem]**

E – aham... sabem mais ou menos

Inf – os mais velhos **[começam]** normalmente... **[falam]** o pomerano... mas os mais novos como eu... o meu irmão e a minha irmã mais nova não **[fala]**... só **[entende]**.

(fem. – 15-25 anos – fund. I)

Entrevistador: é... bem legal... e você sabe alguma história do município história mesmo de história.

Informante: como assim?

E: como foi criado e tudo... talvez seus pais contam... seus filhos...

Inf: como foi criado o município... isso assim?

E: como foi fundado... como foi/

Inf: fundado... eu não sei não... mas na escola a gente aprende que é no centro... um lugar histórico... que até estrada que vocês **[vieram]** que liga Santa Teresa é a mais antiga né... e é a mais antiga do estado eles **[falam]** que é né... e **[fala]** também que Dom Pedro teve aí em Santa Leopoldina no museu.

(masc.– ens. médio – 15-25 anos)

Exemplos: ausência/presença concordância nominal no sintagma nominal

Entrevistador - [...] E você ajuda seus pais?

Informante - Tem vez eu ajudo na limpada da casa um pouquinho.

E - É? Você faz o quê?

Inf - Varro um pouquinho, limpo **[os] [móvel]**.

E - E você sabe varrer, ou senão a mãe quando chega tem que varre tudo de novo?

Inf - Eu sei.

E - Você sabe direitinho!? E o que mais você faz para ajudar sua mãe?

Inf - Limpo **[os] [móveis]**.

(fem. – fund. 01 - 07-14 anos)

Entrevistador – meu Deus! que sorte hein! ainda bem que não pegou nela

Informante – mas uma pedra ela era assim [fazendo gestos]... era grossa

E – é... mas dependendo machuca

Inf – ela era pontuda

E – então... dependendo da onde pega né?

Inf – é... machuca [a irmã comenta: [inint]] aí os gato entrou lá dentro [inint]]... eu falo pra eles não miar... mas eles: miiiu [a irmã diz: aí depois a gente fica com medo de [inint]]... N. tem ouvido bom hem [risos]... eu converso... eu falo assim: não faz isso! esse:: gato preto ele não... ele tinha medo... ele arranhava **[os] [outro]**... ainda olha o que que ele fez [mostrando no braço dela o arranhão]... ele me deu até mordida... é porque eu tava pegando ele aí **[os] [cachorro]** apareceu... porque **[os] [cachorro]** fica mexendo com **[os] [gato]**... **[os] [gato]** também dão unhada **[nas] [fuça] [deles]** [inint].

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

Nesse sentido, é válido assumir que a variação pressupõe a opção de o falante “dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística” (LABOV, 2008 [1971], p. 313)<sup>2</sup>. Diante disso, entendemos que, nos exemplos citados anteriormente, delimitamos como variantes linguísticas para a: (i) concordância verbal de terceira pessoa – a ausência e a presença de marcas de plural em verbos na terceira pessoa do plural – nos sintagmas “todos entendem”, nos quais notamos a flexão do verbo, enquanto em “[o meu irmão e a minha irmã mais nova] só entende” a mesma forma verbal é usada sem marca de plural; no segundo exemplo da concordância verbal, temos três itens analisáveis “vocês vieram”, com flexão verbal, e “eles falam” e “fala” com a mesma forma verbal, ora flexionada, ora não flexionada, sendo que na segunda ocorrência o sujeito está elíptico; e (ii) concordância nominal no interior do sintagma nominal – a ausência e a presença de marcas de plural, a partir de, nos termos de Scherre (1988, p. 62), uma análise atomística, que considera cada elemento do sintagma nominal como um item passível de análise – no primeiro exemplo da concordância nominal, figuram, portanto, em “os móvel” e em “os móveis”, 02 itens analisáveis em cada um dos SN; já no segundo exemplo, temos

---

<sup>2</sup> Didaticamente, Tarallo (1986, p. 08) esclarece que variantes linguísticas são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’” (TARALLO, 1986, p. 08).

seis sintagmas, “os outros”, “os cachorro”, “os cachorro”, “os gato”, “os gato” e “nas fuça deles”, sendo que os cinco primeiros apresentam dois itens a serem analisados e o último sintagma dispõe – “nas fuça deles” – apresenta três itens analisáveis.

Quanto à concordância verbal, é válido ainda destacar algumas decisões metodológicas quanto ao tipo de dado analisado nesta pesquisa. Diante disso, esclarecemos que, considerando que os sujeitos indeterminados, os casos variáveis com o verbo *ser*, os casos inesperados com demais verbos (a exemplos de verbos flexionados com sujeito no singular, como em “os *pessoal ficava* embaixo com a canoa esperando”) carecem de uma análise específica, por isso esses perfis não foram contemplados em nossa análise. Em nosso banco de dados, entretanto, esses perfis foram codificados, para que, no futuro, possamos retornar a esses itens em uma etapa de análise específica. Além disso, é válido esclarecer que, na análise atual, consideramos os verbos em terceira pessoa regidos por sujeitos compostos como perfil passível de sistematização, o que difere de outras pesquisas, que inclusive compõem os estudos comparativos apresentados nesta tese, tais como Naro (1981), Benfica (2016), assim como as coproduções dos professores Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Scherre.

Para o entendimento da variação sob análise, estabelecemos as variáveis independentes: (i) sociais, (ii) estilística e (iii) linguísticas. No que se refere às sociais, consideramos: (a) sexo – feminino e masculino; (b) faixa etária – 07-14, 15-25, 16-49 e acima de 49 anos; e (c) escolaridade – ensino fundamental 01 e 02; quanto à estilística<sup>3</sup>, (d) origem da entrevistadora. As variáveis linguísticas foram sistematizadas em função do fenômeno analisado:

- (i) para a ausência/presença de concordância verbal de terceira pessoa:
  - (a) saliência fônica; (b) paralelismo discursivo; (c) paralelismo oracional; (d) posição e tipo do sujeito;

---

<sup>3</sup> A este respeito, trataremos mais minuciosamente no item 6.7, recorrendo, para tanto, às reflexões de Bell (1984, 1997 e 2001).

- (ii) para a ausência/presença de concordância nominal no interior do sintagma nominal: (a) saliência fônica; (b) posição linear e relativa no sintagma nominal; (c) marcas precedentes; (d) grau e formalidade dos substantivos e dos adjetivos; (e) animacidade dos substantivos.

Quanto ao estudo da marcação de plural em sintagmas nominais, esta pesquisa visa aprofundar as observações de Lopes (2014), que, quando no mestrado, analisou o fenômeno na comunidade leopoldinense em dados de parte da amostra aqui analisada. Na ocasião, Lopes (2014) dispunha de entrevistas com informantes estratificados em sexo – feminino e masculino; faixa etária – 07-14, 15-25, 16-49 e acima de 49 anos; e escolaridade – ensino fundamental 01 e 02. Lopes (2014) aborda as particularidades e as regularidades do fenômeno ocorrido em Santa Leopoldina, de forma a estabelecer um estudo comparativo com os resultados de Vitória e Rio de Janeiro, a partir dos resultados de Silva (2011) e Scherre (1988).

Na presente pesquisa, acrescentam-se, aos dados analisados em 2014, entrevistas com informantes do ensino médio. A intenção, portanto, é observar se haverá alteração no efeito das variáveis sob análise ao se ampliar a amostra e ao se inserir novo perfil de falante.

A motivação para essas análises decorre do entendimento de que não existe um caos linguístico, e sim um sistema de variação ordenada. Quanto ao estudo da concordância verbal e nominal, podemos citar pesquisas pioneiras, a exemplo de Naro (1981) e Scherre (1988), respectivamente, que se dedicaram à compreensão dos mecanismos operantes nesses fenômenos. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é perceber se as regularidades observadas pelos autores em outras circunstâncias, de local e época, podem ser percebidas em Santa Leopoldina.

Dessa forma, assumimos como objetivos específicos desta tese: (i) analisar os fenômenos de concordância verbal de terceira pessoa e nominal de número no interior dos sintagmas nominais na comunidade rural de Santa Leopoldina; (ii) elaborar um estudo comparativo entre os resultados obtidos e as pesquisas de



Naro (1981 – CV) e de Scherre (1988 - CN), com dados do Rio de Janeiro, e as obras de Silva (2011 – CN), Scardua (2018 – CN) e Benfica (2016 – CV), que se dedicaram ao estudo da fala na capital Vitória; (iii) refletir sobre a fala urbana e rural capixaba<sup>4</sup>, no que tange ao fenômeno de concordância, tendo em mente as discussões de Bortoni-Ricardo (1998, 2004) sobre o *continuum rural-urbano*; (iv) refletir sobre a motivação dos fenômenos variáveis sob análise, à luz das ponderações de Baxter e Lucchesi (1997) e Naro e Scherre (2007) sobre crioulização do português brasileiro e deriva secular, respectivamente.

Além disso, apresentaremos uma reflexão acerca dos resultados aqui observados e os evidenciados por Vieira (1997 – CV), com dados de uma comunidade pesqueira, da zona Norte Fluminense/RJ; Pereira (2004 – CV), que analisa a fala na zona rural de São Paulo e Minas Gerais, especificamente, na região da rota dos bandeirantes; Lucchesi, Baxter e Silva (2009 – CV), que estuda o fenômeno em Helvécia, zona rural baiana; Araújo (2014 – CV), com itens da norma popular falada em Feira de Santana; Gomes, Melo e Barcellos (2016 – CV), com dados de falantes adolescentes em situação de reclusão social. E ainda abordaremos as considerações de Martins (2013 – CN)<sup>5</sup>, em pesquisa realizada em cinco comunidades de Alto Solimões, no Amazonas. Em determinados momentos, traçaremos ainda um paralelo com a pesquisa de Lopes (2014 – CN), com dados da mesma amostra aqui pesquisada, como explicitado acima.

---

<sup>4</sup> O IBGE estabelece que o termo gentílico “capixaba” ou “espírito-santense” aos nascidos no estado do Espírito Santo. Todavia, ao estabelecer gentílicos específicos para cada município, o termo capixaba é reservado apenas aos nascidos na capital. Sendo assim, nesta tese, ao falarmos dos moradores dos dois municípios, paralelamente, adotaremos: leopoldinense, para Santa Leopoldina; e, capixaba, para Vitória. Entretanto, quando analisarmos o estado do Espírito Santo, de maneira generalizada, adotaremos a nomenclatura “capixaba” ou “espírito-santense” de forma a englobar ambos municípios.

<sup>5</sup> Neste ponto, é válido destacar que a pesquisa da concordância nominal de número, tal como a da concordância verbal de terceira pessoa, é um estudo que instiga muitos pesquisadores e que, portanto, há um gama de pesquisas a serem listadas como essenciais para a compreensão desses fenômenos no cenário nacional. Especificamente, no que se refere à concordância nominal de número, citamos: Lopes (2001), com dados da fala de Salvador/BA; Carvalho (1997), com dados coletados em João Pessoa/Paraíba; dentre outras; no entanto, justificamos a eleição das pesquisas de Scherre (1988) e Scardua (2018), em decorrência de suas contribuições pioneirísticas (Scherre, 1988) e a da localização em que a pesquisa foi realizada (Scardua, 2018). Oportunamente, no capítulo 3, abordaremos mais detalhadamente as decisões metodológicas utilizadas nesta tese.

A proposta de apresentar um estudo comparativo entre os resultados leopoldinenses e os observados no Rio de Janeiro e em Vitória justifica-se pela ideia de perceber se a regularidade nesses fenômenos, defendida por Scherre (1988) e Naro (1981), aplica-se à comunidade rural capixaba, com vistas à postulação dos autores, retomada por Scherre e Naro (1998, p. 521 – grifos nossos)

verifica-se que a variação na concordância no português falado do Brasil está definitivamente internalizada na mente de seus falantes. Neste momento da língua, trata-se de uma variação inerente, altamente estruturada em função de aspectos linguísticos e sociais. Pelos resultados obtidos, evidencia-se que existe um sistema gerenciando a variação na concordância de número no português do Brasil, *sendo, portanto, possível se prever em que estruturas linguísticas e em que situações sociais os falantes são mais propensos a colocar ou não todas as marcas formais de plural nos elementos flexionáveis das diversas construções.*

A comparação entre os estudos de Naro (1981), Scherre (1988), Benfica (2016) e Scardua (2018) é viabilizada pelas metodologias semelhantes adotadas nessas pesquisas. Diante disso, poderá se estabelecer uma reflexão sobre *continuum rural-urbano*, nos termos de Bortoni-Ricardo (1998, 2004), uma vez que, como será apresentado adiante, Santa Leopoldina é o município capixaba com maior percentual de habitantes da zona rural, enquanto Vitória é o único local 100% urbano do estado<sup>6</sup>.

Quanto às motivações dos fenômenos variáveis de concordância nominal e verbal, Baxter e Lucchesi (1997) e Naro e Scherre (2007) apresentam considerações particulares acerca das origens do português brasileiro. Um dos objetivos desta tese, portanto, é refletir sobre as noções de crioulização e de deriva secular, a partir das ponderações dos autores, com base nos dados evidenciados nesta pesquisa. De fato, são perspectivas teórico-metodológicas

---

<sup>6</sup> As pesquisas de Vieira (1997 – CV), Pereira (2004 - CV), Lucchesi, Baxter e Silva (2009 – CV), Araújo (2014 – CV), Gomes, Melo e Barcellos (2016 – CV) e de Martins (2013 – CN) adotam uma metodologia diversa da nossa, em maior e menor grau. Sendo assim, embora retomemos também essas obras em determinados momentos de nosso texto, o empreendimento comparativo ocorrerá mais enfaticamente entre este estudo e as obras Naro (1981 – CV) e de Scherre (1988 – CN), com dados do Rio de Janeiro, e as obras de Silva (2011 – CN), Scardua (2018 – CN) e Benfica (2016 – CV), assim como outras produções desses autores, oportunamente referenciadas. Além disso, a intenção de se estabelecer um estudo que reflita acerca do *continuum rural-urbano* estreita a relação desta obra com as pesquisas amostrais da fala capixaba, tais quais Silva (2011 – CN), Scardua (2018 – CN) e Benfica (2016 – CV),

singulares, que aqui serão analisadas, sem uma visão excludente e valorativa. Logo, esta pesquisa pretende evidenciar as contribuições dos linguistas aos estudos da língua.

Esta tese é organizada em nove capítulos, sendo o primeiro este, destinado à explanação geral do tema pesquisado. A seção 02 evidencia os pressupostos teóricos determinantes à composição desta pesquisa. Retomamos, brevemente, algumas das premissas da sociolinguística laboviana, de forma a apresentar um panorama dessa tendência linguística. Para tanto, apresentamos uma discussão sobre a Sociolinguística Laboviana. Articulada a essa reflexão, citamos temas caros ao Estruturalismo Saussuriano, de forma a evidenciar interseções entre essas duas tendências. Além disso, refletimos sobre os fenômenos de variação nominal e verbal, no português brasileiro e europeu, sinalizando as particularidades que regem essas variedades linguísticas.

A seção 03 retoma pesquisas sociolinguísticas acerca dos fenômenos ora em tela. Portanto, é subdividida em dois blocos: (i) o primeiro destina-se à reflexão da concordância verbal de terceira pessoa do plural, a qual evoca as contribuições de Naro (1981), Scherre e Naro (2006) e Benfica (2016), acerca do tema; (ii) o segundo apresenta as pesquisas de Scherre (1998), Martins (2013), Lopes (2014) e Scardua (2016), quanto às suas reflexões sobre a concordância nominal de número.

No quarto capítulo, a comunidade em estudo, Santa Leopoldina, é caracterizada. Nesse, traçamos um panorama histórico do município leopoldinense e ressaltamos algumas particularidades importantes acerca da rotina local. Estabelecemos ainda um panorama entre Santa Leopoldina e a capital do estado do Espírito Santo, Vitória, de forma a evidenciar a situação atual leopoldinense.

O capítulo 05 destina-se à explanação metodológica da pesquisa, quanto à seleção dos informantes, à estratificação da amostra, à coleta e à transcrição das entrevistas. E, ainda, evidencia as variáveis linguísticas e sociais analisadas, assim como o trabalho de codificação e da estatística utilizados para captação de resultados.

Os capítulos 06 e 07 apresentam a análise dos dados dos fenômenos de concordância verbal de terceira pessoa e concordância nominal de número, respectivamente. Os resultados são apresentados partindo da percentagem global da amostra, em função da concordância. Quanto à verbal, analisamos as seguintes variáveis: (i) saliência fônica; (ii) paralelismo oracional; (iii) posição e tipo de sujeito; (iv) paralelismo discursivo; (v) origem da entrevistadora; (vi) sexo; (vii) faixa etária; (viii) escolaridade. Os grupos de fatores são estudados, considerando a ordem de seleção desses pelo programa computacional Goldvarb X, de Tagliamonte & Smith (2005), utilizado para análises estatísticas. À exceção da faixa etária e escolaridade, todas as variáveis citadas acima são selecionadas com significância estatística ( $p$  valor de 0,05) pelo Goldvarb X.

Na análise de dados da concordância nominal, examinamos as variáveis: (i) posição linear e relativa; (ii) saliência fônica; (iii) marcas precedentes; (iv) origem da entrevistadora; (v) grau, formalidade e animacidade dos substantivos e adjetivos; (vi) faixa etária; (vii) sexo; (viii) escolaridade. Para este fenômeno, todas as variáveis obtiveram significância estatística, segundo a análise do Goldvarb X. Com o objetivo de compreender diferentes aspectos dos fenômenos sob análise, em função das particularidades locais leopoldinenses, apresentamos, nos itens 6.9 – para CV –, 7.8 e 7.9 – para CN –, cruzamentos entre as variáveis sociais, de forma a esclarecer traços imperceptíveis em análises separadas dessas.

O capítulo 8, última parte expositivo-argumentativa desta tese, sintetiza as discussões levantadas neste estudo, a partir da retomada dos aspectos relevantes observados em Santa Leopoldina. Por fim, apresentamos as referências bibliográficas que embasaram este trabalho.

Nos anexos A, B, C, D, E e F, figuram materiais teórico-metodológicos e resultados estatísticos que subsidiaram esta pesquisa: A – distribuição dos informantes entrevistados em Santa Leopoldina/ES, em que mostramos um resumo do perfil de cada voluntário na composição da amostra, dispondo a faixa etária, o sexo e a escolaridade e ainda a localidade de residência do informante,

bem como sua idade e série exatas; B – roteiro base para a realização das entrevistas com perguntas destinadas, especialmente, para informante em idade entre 07 a 14 anos; C – roteiro de perguntas comuns a todos os informantes; D – modelo de termo de consentimento; E e F – dispomos as rodadas gerais, devidamente documentadas, utilizadas nesta pesquisa: (i) primeiramente, em E, apresentamos a rodada geral para o fenômeno de terceira pessoa do plural, em (ii) F, a rodada geral para a concordância nominal de número.

Inicialmente, nossa intenção era divulgar todas as etapas de análises utilizadas nesta tese, todavia o quantitativo de páginas destinadas a essa tarefa fez-nos declinar dessa ideia. Sendo assim, optamos por apresentar, ao menos, as rodadas gerais utilizadas.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A constituição de uma tese de doutorado exige do pesquisador uma gama de leituras, que, por fim, acabam sendo condensadas para que possam ser apresentadas de forma coesa e coerente ao leitor. Por certo, todas as leituras que realizamos ao longo de nossa vida acadêmica e toda a vivência de mundo que temos norteiam nossas escolhas. Dessa forma, seria impossível traduzir (meta)linguisticamente todas as vozes que nos orientaram na escrita deste texto, haja vista que, por vezes, não percebemos que somos atravessados por algumas delas, como destaca Bakhtin (1981). Contudo, consideramos imprescindível, ao menos, situar nosso leitor acerca dos recortes metodológicos que realizamos para a formação deste produto final.

Neste capítulo, portanto, apresentaremos as principais concepções linguísticas que nortearam nossas análises e reflexões. Sabendo que esta pesquisa está embasada nas considerações labovianas, consideramos prudente evidenciar alguns conceitos caros à Teoria da Variação Linguística. Além disso, tendo em vista a inegável relevância das postulações de Saussure (1995 [1916]) aos estudos linguísticos, elaboramos um paralelo entre as concepções saussurianas e as labovianas. Nosso objetivo é valorizar essas tendências tão significativas aos estudos linguísticos.

No que tange ao processo de concordância verbal e nominal – temas centrais deste estudo –, percebemos que há uma interessante discussão, acerca das motivações desses fenômenos, que perpassa pelas origens do português brasileiro (PB). Explicações pautadas na *deriva secular* e no *processo de criouliização* dividem opiniões de grandes linguistas, a partir dos quais embasaremos algumas de nossas reflexões futuras. Dessarte, apresentaremos ponderações realizadas por Scherre (1988), Holm (1992), Baxter e Lucchesi (1997) e Naro e Scherre (2007).

Ressaltamos que não temos a pretensão de encerrar as discussões promovidas por esses renomados linguistas. Consideramos que as divergências teóricas e metodológicas são imprescindíveis para o desenvolvimento do saber acadêmico.

Nossa intenção, portanto, é promover uma reflexão, tendo em vista os questionamentos elencados pelos autores citados. Por certo, o leitor atento perceberá nosso posicionamento quanto à questão ao longo das linhas à frente. Mas, isso não inviabiliza o diálogo. Incita-o.

## 2.1 Sociolinguística: variabilidade ordenada

O advento da Sociolinguística Variacionista – sinonimicamente denominada Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Laboviana – representou uma mudança de perspectiva quanto às pesquisas linguísticas. Até meados de 1960, o objeto central das análises linguísticas concentrava-se na língua enquanto estrutura. Dessa forma, aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos eram sistematizados, desconsiderando a relação entre a gama de fatores extralinguísticos e a configuração estrutural da língua, tal como a realização desta em uso.

A partir de pesquisas apresentadas por Labov (2008[1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), desvelou-se a íntima relação entre a língua e os fatores sociais. Dessa forma, considera-se a língua como um sistema heterogêneo e, portanto, dotada de ordenação. Isso porque:

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que co-variam mas não ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima co-variação entre as variáveis linguísticas.

(WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1975], p. 108)

Essa heterogeneidade linguística, como destaca Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 105), reconhecida já no Círculo de Praga, foi considerada como intrínseca ao sistema linguístico. Concebe-se, portanto, o modelo de heterogeneidade ordenada, dada à passibilidade de sistematização da língua. Diante disso, pesquisas sociolinguísticas apreendem variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas, em suas análises, por considerar a

essencialidade dessas ao entendimento dos fenômenos linguísticos. Notoriamente,

a estrutura linguística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura. [...] Assim, a tarefa do linguista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato  
(WEINREICH, LABOV e HERZOG (2006 [1975], p.123 – adaptado).

A partir da ideia de variabilidade intrínseca à língua, emergem os conceitos de variação e de mudança. Entende-se que a variação é estado comum de todo sistema linguístico, uma vez que, em um determinado momento sincrônico, convive uma gama de fatores particulares capazes de inviabilizar a concepção teórica de homogeneidade linguística, a exemplo das faixas etárias, classes e funções sociais, situações comunicativas que condicionam os fenômenos variáveis. As variantes – ou seja, formas equivalentes (ou pseudoequivalentes) de um mesmo fenômeno variável – podem sobreviver harmonicamente dentro de determinada comunidade.

Por certo, em alguns fenômenos, operam variantes que concorrem entre si, de forma a ocasionar a mudança linguística. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) sinalizam que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (p. 126).

Diante disso, é válido frisar que, na concepção sociolinguística, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), os fenômenos são condicionados pela comunidade de fala em que se realizam, sendo assim a ocorrência de variação ou de mudança dependerá da comunidade analisada. Dessa forma, um fenômeno variável que ocasionou a mudança em uma determinada comunidade não necessariamente efetivará mudança em outra.

Creemos que, neste ponto, são notórias as contribuições da Teoria da Variação Linguística aos Estudos Linguísticos. Não obstante, julgamos relevante assinalar, mesmo que brevemente, as principais divergências e convergências



entre o paradoxo formalista saussuriano e as concepções sociolinguísticas labovianas. Nas linhas a seguir, dada a extensão teórica e metodológica de ambas as teorias aqui evidenciadas, restringiremos nossas observações aos conceitos de língua e fala, por considerá-los essenciais a quaisquer análises da área dos Estudos Linguísticos. Entendemos que estabelecer uma definição satisfatória acerca desses termos é, minimamente, uma custosa tarefa. Justificamos, entretanto, essa decisão por compreender que uma reflexão sobre a linguagem dissociada dessas noções não se sustentaria.

A opção em evidenciar as concepções saussurianas não ocorreu em demérito das demais correntes linguísticas, mas justifica-se pela valiosa contribuição do autor à evolução do pensamento linguístico. Dessa forma, neste momento, refletiremos acerca dos conceitos de *língua* e *fala*, a partir das contribuições estruturalistas – de Ferdinand de Saussure – e sociolinguísticas – de William Labov.

Nosso objetivo é propor um vislumbre acerca de pontos comuns e destoantes entre essas teorias. Ressaltamos que não temos a pretensão de confrontar os escritos desses dois grandes nomes da Linguística, de forma a estabelecer uma valoração entre as ideias postuladas por essas perspectivas de análise. Isso porque entendemos que o Estruturalismo Saussuriano e a Sociolinguística Laboviana apresentam concepções particulares, no que se refere ao estudo das línguas.

A abordagem saussuriana acerca da linguagem é leitura obrigatória em cursos de Letras, haja vista que o autor é considerado o pai da Linguística. Contudo, a maneira como as reflexões saussurianas são apresentadas aos alunos de graduação é, por vezes, controversa. Isso contribui para incutir, nos letrólogos ingressos e membros da comunidade linguística, a ideia de que os escritos saussurianos são ultrapassados. Exemplo disso são as severas críticas dirigidas à obra *Curso de Linguística Geral (CLG)*, de Saussure (1969 [1916]), organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir de anotações realizadas por alunos do mestre, com publicação em 1916.

Por certo, para que a compilação dos escritos dos alunos fornecesse um produto final coerente ao público leitor, difíceis decisões metodológicas foram necessárias. Isso gera muitas inquietações, como os próprios compiladores asseguram no prefácio<sup>7</sup> da primeira edição<sup>8</sup>. Dessa forma, compreendemos que, no CLG, figura um relance do pensamento do professor, exposto didaticamente para ser acessível ao alunado<sup>9</sup>. Contudo, mesmo diante dessas intempéries, a importância do CLG é inegável, uma vez que, por meio das contribuições saussurianas, a Linguística passa a ser concebida como Ciência.

A dicotomia língua (*langue*) e fala (*parole*) situa-se entre os conceitos saussurianos mais rememorados, pois perpassam pela delimitação do objeto da linguística. Por vezes, estudos sobre a linguagem destacam que o estruturalismo pecou por não admitir a fala em suas análises. Contudo, entendemos que essas afirmações não contemplam de forma cuidada os escritos saussurianos. O CLG esclarece que língua e fala são objetos indissociáveis, uma vez que há uma relação de interdependência entre essas. Sendo assim, concebe-se que:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes.

(SAUSSURE, 1995 [1916], p. 27)

Tendo isso em mente, Marques (2016) assinala que língua e fala podem ser compreendidas como um circuito que se autoalimenta, uma vez que o social

---

<sup>7</sup> “Sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas” (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 04 – prefácio da 1ª edição, escrito por Charles Bally e Albert Sechehaye).

<sup>8</sup> Para uma reflexão acerca deste tema, sugerimos a leitura de Marques (2016), a qual evocaremos mais adiante.

<sup>9</sup> Interessante ressaltar, neste ponto, que Charles Bally e Albert Sechehaye, editores do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma creditada a Saussure, não assistiram às aulas de nenhum dos cursos de linguística geral, ofertados pelo mestre, como assinala Marques (2016): “A partir desses três cursos [primeiro em 1907; segundo, 1908/09; terceiro, 1910/11], como é amplamente sabido, a obra intitulada *Curso de Linguística Geral*, cuja autoria foi dada a Ferdinand de Saussure, corresponde a um texto póstumo organizado e editado por dois antigos alunos de Saussure – Charles Bally e Albert Sechehaye – tendo por base as anotações de alguns alunos ouvintes. O que não é tão notório assim é o fato de que esses dois editores não assistiram a nenhum dos cursos de linguística geral ministrados por Saussure, tendo sido seus alunos apenas em outras disciplinas. O fato de os editores não terem assistido a nenhum dos cursos de Linguística Geral já é motivo suficiente para serem levantados vários questionamentos relacionados à educação do texto (p. 14 – adaptado).

estabelece as normas a serem seguidas no plano individual, que, por sua vez, repetem, transgridem e transformam o social. Diante disso, observamos que Saussure reconhece a possibilidade de variação linguística.

Paralelamente a toda essa discussão, o CLG destaca que língua e fala podem também ser compreendidas como duas noções distintas, ao passo que é possível estabelecer uma *linguística da língua* e outra *da fala*. Neste contexto, Saussure (1995 [1916]) esclarece que suas análises contemplam, unicamente, a *linguística da língua*. Consideramos que essa escolha de Saussure reflete uma decisão metodológica do linguista e não um juízo de valor que, hierarquicamente, constituiria a fala como subordinada à língua.

Refletindo acerca das conceituações estruturalista, Labov (2008 [1972]) aponta a existência de um *paradoxo saussuriano*. De acordo com o sociolinguista, sendo a *língua* considerada faceta social do conhecimento linguístico do indivíduo, essa deveria ser estudada a partir do social. Por outro lado, a fala, enquanto realização individual da língua, deveria ser analisada por meio do exame do indivíduo. Destarte, na concepção laboviana, o *paradoxo saussuriano* configura-se tendo em vista que: “o aspecto social da língua é estudado [por Saussure] pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social” (LABOV, 2008 [1972], p. 218 – adaptado).

Como observamos nas afirmações de Marques (2009, p. 189), língua e fala constituem uma das mais profícuas dicotomias nos desdobramentos das discussões saussurianas no CLG e, também, nos manuscritos dos alunos. Sendo assim, elaborar uma delimitação desses conceitos requer uma visão macro do pensamento saussuriano. Em contrapartida, considerando a relevância do estudo da língua falada, na perspectiva laboviana, compreendemos que a ponderação de Labov (2008 [1972], p. 259-263) fundamenta-se na premissa sociolinguística de que a variação é inerente e constitutiva da linguagem. Sendo assim, caberia ao pesquisador observar a regularidade dessa variabilidade dentro do aparente caos do sistema linguístico.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 107) frisam ainda que apenas apontar a existência da variabilidade da língua não é o suficiente, uma vez que, de acordo com essa ótica, a variação deveria integrar as análises da estrutura linguística. Dessa forma, na Sociolinguística Variacionista, a observação da língua deve estar associada à comunidade de fala em que essa se realiza. Assim, de acordo com a teoria, a variabilidade do sistema é motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos que devem ser controlados pelo linguista. Posto isso, nota-se que a Sociolinguística atribui a fatores linguísticos e, também, a fatores sociais, a motivação para a heterogeneidade ordenada do sistema linguístico.

A abordagem sociolinguística abrange pesquisas acerca da língua falada e escrita. Entretanto, algumas das mais severas críticas ao modelo laboviano assinalam a dificuldade no tratamento da língua falada<sup>10</sup>, a exemplo da: (i) agramaticalidade da fala; (ii) variação na fala e na comunidade de fala; (iii) problema de gravação – dificuldade de ouvir e gravar; (iv) raridade das formas gramaticais. Labov (2008 [1972], p. 237-239) desmitifica essas ponderações esclarecendo que: (i) as pesquisas sociolinguísticas apontam que, em verdade, apenas 2% da fala coletada possui estruturas agramaticais; (ii) a variabilidade é intrínseca à comunidade, sendo assim o esperado é a existência de variação e de estruturas heterogêneas; (iii) utilização de gravadores de boa qualidade asseguram a qualidade da entrevista e, conseqüentemente, facilitam ouvir e gravar a fala; (iv) por meio de um roteiro flexível de questões, o linguista pode motivar o aparecimento de estruturas a serem analisadas.

Considerando que a perspectiva sociolinguística objetiva analisar a língua em situação de uso real na comunidade, ou seja, quando não estão sendo observadas, Labov (2008 [1972]) reconhece a existência de um *paradoxo do observador*. Isso é, o método de coleta de dados parte da inserção do linguista na comunidade – *observador* – e a coleta é, geralmente, realizada por meio de entrevista – *uma situação semiformal criada pelo pesquisador*. Sendo assim, na

---

<sup>10</sup> Temos ciência da interessante discussão saussuriana acerca dos objetos “língua”, “fala” e “escrita” – como pode ser observado em Marques (2009, p. 191) –, contudo, em decorrência das decisões teórico-metodológicas adotadas nesta tese, não iremos nos aprofundar nessas reflexões.

fase de pesquisa de campo, o grande desafio do linguista é fazer com que o falante esqueça o gravador e diminua o grau de atenção prestado à fala.

Para tanto, Labov (2008 [1972], p. 244-5) sugere que o entrevistador: (i) utilize pausas e intervalos no decorrer da entrevista para que o informante presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo gravado; (ii) envolva o falante em assuntos que recriem fortes emoções – como narrativas da infância ou situações em que o entrevistado tenha sofrido risco de morte. Todavia, entendemos que essas estratégias podem não assegurar o sucesso pleno do procedimento de amostragem. Outra opção é o estudo da fala espontânea, em que o entrevistado é comunicado apenas ao fim da gravação que estava sendo gravado. Contudo, reconhecemos a inviabilidade dessa proposta no estudo de alguns fenômenos.

Diante de todo o exposto, concluímos que Estruturalismo e Sociolinguística, cada teoria ao seu modo, estabeleceram recortes na promoção da análise linguística. Saussure opta pelo estudo da língua, caracterizada como um sistema de natureza homogênea, enquanto Labov defende, veementemente, a necessidade de se analisar a variação como algo inerente ao sistema linguístico. Desse modo, entendemos que não há como se estabelecer um *continuum* qualitativo entre essas perspectivas. Compreendemos que são apenas recortes teórico-metodológicos que acarretam a eleição de um olhar particular sob a linguagem.

É válido destacar que os Estudos Linguísticos apresentam uma gama de outras concepções que desnudam a língua a partir de diferentes vieses de análise. Essa diversidade é extremamente benéfica para a área da Linguística, uma vez que nos permite perceber quão produtiva é nossa capacidade linguística. Com base nesse breve estudo, percebemos, portanto, que Estruturalismo e Sociolinguística revelam importantes reflexões, no que se refere ao estudo da linguagem, apesar de apresentarem delimitações oriundas da natureza de suas análises. Isso nos permite compreender que é salutar – considerando ambos como estudos científicos da linguagem – a adoção de um posicionamento respeitoso, embora crítico, diante das teorias de quaisquer naturezas.

## **2.2 Português brasileiro vs português europeu: problematização sobre as motivações de fenômenos variáveis – concordância verbal e nominal**

Nesta seção, evidenciaremos algumas discussões acerca da origem do português brasileiro, a partir de uma perspectiva sociolinguística. O objetivo é apresentar algumas considerações preliminares sobre o objeto de estudo desta tese – a língua – além de refletir acerca dos fenômenos ora em estudo – concordância verbal da terceira pessoa do plural e concordância nominal de número.

Entretanto, concebemos que essas reflexões transcendem o âmbito social e linguístico. Essa discussão é permeada por questões de cunho político. Isso porque, ao dissertar sobre a origem da língua de um país, estamos refletindo sobre a constituição identitária de um povo, sobre o *status* dessa nação no cenário político global, por sua vez, produto de sua constituição histórica.

Diante disso, tendo em mente dados do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE), julgamos necessário considerar o contexto histórico-social vivenciado por ambas as culturas. Em nível de Brasil, o contato linguístico ocorrido nos tempos iniciais de seu achamento é imensurável. Todavia, consideramos que essa miscigenação é responsável pela constituição de nossa identidade linguística e nacional.

Portanto, precisar a origem dos fenômenos variáveis que ocorrem no PB é um trabalho que exige muita sensibilidade do linguista. Em outras palavras, parece-nos um árduo empenho compreender a motivação para ocorrência da variação, a exemplo do fenômeno variável de concordância de número, tanto no sintagma nominal quanto no verbal. Ou seja, esse não é um trabalho simplista. Pelo contrário: carece de um estudo minucioso e atento de diversas fontes de pesquisa. Neste contexto, evidenciam-se duas correntes principais de estudo: (i) a que considera que a origem dos fenômenos variáveis justifica-se pela deriva secular das línguas indo-europeias, dentre outras forças explanadas a seguir, tal como sugerem Naro e Scherre (2007); e (ii) a que atribui a variação a processos

de crioulização leve vivenciados pelo PB, como defendem Holm (1992) e Baxter e Lucchesi (1997).

Neste ponto, é válido esclarecer a noção de língua crioula<sup>11</sup>, no que tange à literatura sociolinguística. Dessa forma, consideramos oportuno retomar a ideia de língua crioula, partindo dos conceitos de *jargão* e *pidgin*. A este respeito, Raso, Mello e Altenhofen (2011) definem que *jargão* seria uma variedade emergencial, lexicalmente construída a partir de itens de diferentes proveniências, dotada de uma gramática extremamente limitada. No contexto brasileiro, soma-se a isso o fato de que, nos primeiros contatos linguísticos ocorridos na colônia, parecia haver uma intenção mútua entre portugueses e indígenas, a princípio, para que a comunicação fosse realizada. Nessa ótica, o *pidgin* seria uma variedade linguística com um léxico expandido – se tomarmos como referência os jargões – com gramática ainda limitada. Sob essa ótica, haveria apenas um sistema verbal de comunicação. Esse sistema não seria a língua comum de nenhum povo, mas produto do contato linguístico ocorrido entre línguas diferentes, como destacam Naro e Scherre (2007).

A *língua crioula* seria o estágio seguinte, com léxico e gramática estáveis. De acordo com essa concepção clássica, afirmam Naro e Scherre (2007, p. 51), a língua crioula é um estágio posterior ao pidgin, uma vez que é necessário que este se torne a língua nativa de uma comunidade. Podemos inferir, portanto, que, de acordo com esse conceito, o processo de crioulização requer dois estágios de evolução distintos historicamente. A este respeito Naro e Scherre (2007, p. 51) argumentam que:

tendo em vista que a estabilização de um pidgin pode ocorrer sem crioulização no sentido clássico de formação de uma comunidade de falantes nativos, o conceito de crioulização perde seu contexto linguístico e passa a ser tão-somente uma noção histórica externa.

---

<sup>11</sup> Embora não utilizemos a obra de Mufwene (2007) em nosso texto, reconhecemos as importantes contribuições desse linguista no que se refere, especialmente, a conceituação de *pidgin* e *crioulo*, e sinalizamos que pretendemos, em futuras produções, agregar às nossas reflexões as concepções deste autor.

Neste ponto, os autores apresentam uma interessante problematização acerca do Tok Psin, um pidgin de base lexical inglesa usado na Nova Guiné. O sistema, em uso desde meados século XIX, alcançou estabilidade no século seguinte, quando, em 1970, estava por se tornar língua materna de uma nova geração. Sendo assim, de acordo com a noção clássica, o Tok Psin atuaria dentro dessa comunidade como pidgin e crioulo, haja vista que apresentaria falantes que o adquiriam após o aprendizado de uma primeira língua, e outros que o assumiriam como língua materna.

Nesta perspectiva, é válido resgatar o conceito de transmissão linguística irregular, proposto por Baxter e Lucchesi (1997). Considerando o crioulo como uma língua que nasce em circunstâncias sociolinguísticas especiais, uma vez que a aquisição dessa língua ocorre com base em um modelo defectivo de segunda língua, os autores destacam que:

é melhor contemplar a crioulização como um processo que pertence a um contínuo de gêneros de transmissão de L2 [língua segunda] para L1 [língua crioula em potencial], partindo do mais irregular para o mais regular, a depender da qualidade da L2 que serviu de base para o surgimento da língua crioula, e, portanto, das circunstâncias sócio-históricas da transmissão,

(BAXTER e LUCCHESI, 1997, p. 74 – adaptado)

Tendo em mente essa reformulação no conceito, os autores elaboram o quadro reproduzido a seguir:

**Quadro 1: Transmissão/nativização com base em diversos modelos**

	←	→	
Transmissão:	Irregular	Regular	
Modelo de L2:	jargão	pidgin	L2 afastada da língua alvo
		L2 próxima da língua alvo	
L1 produto:	crioulo	crioulo	semi-crioulo
			variedade da língua alvo

Fonte: BAXTER E LUCCHESI, 1997, p. 74.

Acerca dessas conceituações, Naro e Scherre (2007, p. 137) refletem sobre os conceitos de “transmissão irregular” e “transmissão regular”. Os autores concluem que:



A transmissão lingüística regular, então, processa-se entre crianças, a partir da fase de socialização, na base de uma amostra de fala suscetível de uma análise ordenada. Portanto, conclui-se que a 'transmissão lingüística IRregular', para merecer tal rótulo, teria que se dar entre adultos e/ou com base em fala não suscetível de uma análise ordenada, talvez por ser caótica, ou por ser em quantidade insuficiente, ou ainda por outras razões. Todavia, a aquisição lingüística processada entre crianças para criar sua primeira língua não comporta noções de caos ou insuficiência porque a comunicação entre ela é sempre plenamente funcional. O estímulo ou modelo vindo de outra criança não pode ser considerado pobre ou defeituoso porque preenche a função de permitir a comunicação.

(NARO e SCHERRE, 2007, p.137)

Nesse sentido, podemos assinalar como uma ocorrência da transmissão lingüística irregular a interação entre adultos falantes de línguas diferentes, com propósitos comunicativos com fins bem delimitados – a exemplo de trocas comerciais ou do trabalho forçado – como destacam Naro e Scherre (2007, p. 137). Dessa forma, compreende-se que a pidginização manifesta-se em situações bem específicas, em que, geralmente, interagem grupos dominantes e dominados. O processo seguinte seria a aquisição dessa forma comunicativa como primeira língua por crianças nascidas nesse contexto. Esse segundo estágio de fala confere o *status* de crioula à língua da comunidade, a qual se processa em transmissão lingüística regular por esses novos falantes, visto que os atores da aquisição neste segundo momento são crianças e não adultos.

De acordo com essa lógica, Naro e Scherre (2007, p. 139) afirmam que a aquisição de uma segunda língua por adultos em ensino formal pode ser considerada transmissão lingüística irregular. O que difere a pidginização da educação institucionalizada é que, nessa última situação, há uma norma como alvo dos interlocutores participantes do processo de ensino-aprendizagem, enquanto, no primeiro caso, o objetivo é comunicar-se efetivamente. Todavia, com o uso do pidgin, este também tende a se estabilizar, mesmo que mediante o desenvolvimento de uma norma informal. Assim, Naro e Scherre (2007, p. 139 – grifos do original) destacam que:

Vê-se que a 'transmissão lingüística irregular', em si, não é determinante para a evolução lingüística – o que determina o grau de reestruturação da língua transmitida é a configuração de fatores sociais, extralingüísticos, ESPECIALMENTE A ATUAÇÃO DE UMA

NORMA, no sentido delimitado acima, e a premência da comunicação, agindo em sentidos contrários.

Sendo assim, os autores frisam que, no processo de pidginização, um fator que pode ser apontado como central para constituição de uma língua crioula, em um estágio posterior, é o grau de liberdade decorrente da situação social em que esse processo ocorre.

De acordo com o quadro 1, proposto por Baxter e Lucchesi (1997, p. 74), reproduzido aqui, na página anterior, haveria um *continuum*, em que transmissão linguística irregular e regular ocupariam dois extremos. Em Lucchesi (2003, p. 272-3), o autor esclarece que:

O conceito de *transmissão linguística irregular* é aqui tomado para designar os processos históricos de contato massivo e prolongado entre línguas, nos quais a língua do segmento que detém o poder político é tomada como modelo de referência para os demais segmentos. Tais processos podem conduzir à formação de uma língua historicamente nova, denominada língua *pidgin* ou *crioula*, ou à simples formação de uma nova variedade histórica da língua que predomina na situação de contato.

Sendo assim, interpretamos que, em um contexto de transmissão irregular mais polarizado, o jargão e o pidgin, do modelo L2, dariam origem ao crioulo. Enquanto, na regular, a L2 próxima da língua-alvo culminaria em uma variedade da própria língua-alvo. Em um ponto intermediário entre essas interações, estaria o modelo de L2 afastada da língua-alvo que teria como produto uma L1 semi-crioula.

No que tange à conceituação da língua crioula, Baxter e Lucchesi (1997, p. 69) destacam que seria uma língua falada por uma comunidade cujos antepassados perderam, parcialmente, seus traços sociolinguísticos, em geral, devido ao fluxo migratório promovido pela colonização europeia. Por certo, embora o acesso dos escravos às línguas europeias fosse restrito, em decorrência das condições sociais impostas a esses, havia contato com a língua de superstrato – como o português. Sendo assim, as crianças escravas nascidas nesse contexto eram expostas à língua materna de seus pais e a essa segunda língua de base

européia (pidgin). Entretanto, por conveniência social, esses falantes optavam pelo uso do pidgin, que passava a se tornar sua língua primária.

No contexto sócio-histórico do Brasil colonial, Baxter e Lucchesi (1997, p. 75) defendem que

[...] é evidente que a aquisição do português como L2 pelos segmentos africanos e indígenas e a transmissão irregular dessas formas precárias de L2 para L1 para os descendentes desses segmentos, em circunstâncias pouco favoráveis, deve ter desempenhado um papel importante na formação de variedades do português no Brasil. Além disso, o segmento afro-brasileiro deve ter sofrido uma influência constante das variedades L2 do português faladas pelos recém-chegados.

Esses linguistas argumentam em favor da existência de uma série de propensões estruturais que ainda hoje apresentam resquícios na nossa língua. E frisam a ocorrência dessas, principalmente, em dialetos rurais<sup>12</sup>. Cita-se, em especial, o fenômeno variável da concordância de número. Baxter e Lucchesi (1997) defendem que algumas características do português popular brasileiro são típicas de línguas crioulas. Cedemos a palavra aos autores, que elencam os seguintes traços:

(i) Preferência pela marcação do plural apenas no primeiro elemento da SN; (ii) drástica redução na flexão número-pessoal do verbo; (iii) dupla negação (como no crioulo de São Tomé e no palanquero) – sendo que esses traços de tipo crioulo do PPB [português popular brasileiro] podem ser ainda mais radicais nos dialetos rurais.  
(BAXTER E LUCCHESI, 1997, p. 67 - adaptado)

No tocante aos fenômenos variáveis, Naro e Scherre (2007, p. 52-53) apresentam uma abordagem conciliatória com relação às origens do português brasileiro. Segundo os autores, os fenômenos variáveis são oriundos de Portugal. Entretanto, no Brasil, esse processo foi acelerado em decorrência da situação de contato durante o processo de nativização do português, sendo esse entendido pelos autores “no sentido estrito de passagem de uma língua não-nativa a nativa de uma comunidade” (NARO e SCHERRE, 2007, p. 53).

---

<sup>12</sup> Retomaremos essa discussão no capítulo de considerações finais, concomitantemente a reflexão acerca de nossos resultados.

A adoção de Naro e Scherre (2007, p 140) pelo termo “nativização”, em detrimento dos conceitos “transmissão linguística regular” e “transmissão linguística irregular”, justifica-se pelo entendimento de que:

É até possível que a ‘transmissão linguística regular’ seja o caso marcado ao longo da história, valendo integralmente apenas para lugarejos isolados no topo de uma montanha enorme. O termo ‘irregular’, DE CLARA CONOTAÇÃO NEGATIVA, dá a impressão falsa de se tratar de um fenômeno anormal, errático, imprevisível. O termo mais apropriado para rotular a aquisição de uma nova língua por uma comunidade seria ‘NATIVIZAÇÃO’, já que, em algumas circunstâncias o que costuma acontecer, que perde parcial ou totalmente a plena funcionalidade de suas línguas maternas anteriores.

(grifos do original)

Desse modo, Naro e Scherre (2007, p. 140) argumentam que as modificações da língua do dominante podem surgir, inclusive, partir desse grupo, que teria a intenção de tornar comunicação com seu interlocutor mais eficiente. Isso sugere que a fonte das supostas erosões encontradas em pidgins e crioulos podem ser motivadas pelo próprio falante da língua de superstrato. Esse pensamento dos autores baseia-se nas tradições culturalmente transmitidas acerca da maneira mais adequada de se comunicar com estrangeiros, crianças ou pessoas categorizadas como inferiores. Essa ideia é muito pertinente, pois valida a hipótese de que não necessariamente o dominado seja o responsável pela simplificação das línguas maternas bases do pidgin/crioulo formado. Sendo assim, essa hipótese mitiga a imposição de estigmas sob o dominado.

Ainda no que se refere, especificamente, ao processo linguístico brasileiro, fato interessante a ser ressaltado é a quantidade de imigrantes africanos que desembarcaram no Brasil. Holm (1994) destaca a relevância de se considerar o número de falantes de uma língua ou de outra. Entretanto, consideramos esse argumento frágil, pois, à luz do que afirma Deleuze (1992, p. 214), estabelecer um limite rígido entre minoria e maioria é uma tarefa problemática. Isso porque:

As minorias e as majorias não se identificam pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual precisa estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades [...] Ao passo que uma minoria não tem um modelo, é um devir, um processo [...] Quando uma minoria cria modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação.

(DELEUZE, 1992, p. 214)

Retomando o período colonial, sabemos que a população indígena e, posteriormente, a africana era mais numerosa que a população portuguesa. Entretanto, consideramos que esse fator não é determinante para a formação do português brasileiro de base crioula, como defende Holm (1994). Ressaltamos que não temos a intenção de anular a importância das línguas ameríndias e africanas na constituição do PB. Entretanto, consideramos que outros fatores, além do contingente populacional, influenciaram a instauração do português europeu como língua de dominação.

Por certo, as diferenças entre o PB e o PE são notáveis em vários níveis – fonológico, morfológico, sintático e semântico. Entretanto, consideramos que essas discrepâncias não marcam uma diferença de tipologia entre o PB e o PE. A este respeito Naro e Scherre (2007, p. 158-9) ponderam que:

O denominado processo de “transmissão linguística irregular”, por nós rebatizado positivamente de NATIVIZAÇÃO, não desencadeou aqui processos novos de variação e mudança, apenas ampliou fenômenos já (e ainda) existentes por lá [Portugal].

[...]

Aqui, insistimos, essas variações tomaram dimensões bem maiores e mais extensivas na sociedade. Entretanto, não houve qualquer modificação na tipologia estrutural da língua.

(grifos em maiúsculas do original – adendo em colchetes nosso)

Neste ponto, Lucchesi (2019, p. 241) também assinala que as condições sociais fizeram com que “africanos e crioulos adquirissem, como segunda ou primeira língua, uma variedade da língua portuguesa simplificada e alterada, mas não o suficiente para se tornar uma variedade qualitativamente distinta do português”. Cabe ressaltar, quanto às diferenças e similaridades entre o PB e o PE, a discussão promovida por Scherre e Duarte (2016), a partir de um compilado de estudos sobre processos passíveis de variação morfossintática. As contribuições das linguistas abordam os fenômenos: (i) concordância verbal de número de terceira pessoa – recorrendo às colocações de Scherre e Naro (2014 – PB), Rubio (2012 – PB e PE), Monte (2012 – PB), Vieira e Brazenga (2013 – PB e PA<sup>13</sup>), Barreto (2014 – PE) e Monguilhot (2009 – PE e PB); (ii) concordância

<sup>13</sup> PA – leia-se português africano, tal como disposto na lista de abreviaturas, no início desta tese.

verbal de primeira pessoa – Rubio (2012 – PB e PE); (iii) alternância entre “tu” e “você” – Scherre *et al* (2015 – PB); (iv) alternância entre “nós” e “a gente” – Omena (2003 – PB) e Lopes e Vianna (2013 – PB e PE)<sup>14</sup>. Especificamente, quanto à concordância de número, Scherre e Duarte (2016, p. 542) concluem que:

Em resumo, este capítulo apresenta duas áreas principais da atual variação morfossintática em português. Em relação à concordância de número, podemos observar diferenças, mas também semelhanças, na variação encontrada no PB e PE, tanto no aspecto linguístico quanto no social<sup>15</sup>.

Lucchesi (2019) reflete sobre a formação do português brasileiro, de modo a conjecturar as possíveis causas que inibiram a constituição de uma língua crioula no Brasil. Em Lucchesi (2019), o autor esclarece que o português brasileiro atual não pode ser assumido como língua crioula, mas possui traços de base crioula. A partir desse viés de análise, o linguista reflete sobre a ocorrência da crioulação no Caribe e a inibição desse processo no Brasil. Isso porque, tal como no Brasil, o Caribe recebeu variedades de línguas europeias e africanas. Todavia, no território caribenho, houve a instauração de línguas crioulas.

Lucchesi (2019, p. 230) assume que, embora, possivelmente, tenham-se formado variedades pidginizadas e crioulizadas no Brasil, em especial, no Nordeste brasileiro, nos séculos XVI e XVII, em decorrência das plantações de cana de açúcar desta região, essas línguas não se expandiram, representativamente, para o restante do território brasileiro. O autor assinala o cenário da cana de açúcar, visto que esse ambiente era muito semelhante ao observado no Caribe. No sentido de serem compostos por grandes plantações, em que a presença quantitativa de africanos era superior à europeia.

---

<sup>14</sup> Ao longo do texto, Scherre e Duarte (2016) apresentam uma elaborada reflexão sobre os fenômenos citados, cuja bibliografia referenciada não se restringe à apresentada por nós neste parágrafo. Nossa intenção, neste momento, é apenas citar algumas das diversas fontes consultadas pelas linguistas de forma a embasar o pensamento dessas acerca dos processos morfossintáticos discutidos. O objetivo é que nosso leitor possa vislumbrar a legitimidade das considerações finais assumidas por Scherre e Duarte (2016), a qual apresentaremos a seguir.

<sup>15</sup> No original: “In sum, this chapter presents two main areas of current morphosyntactic variation in Portuguese. With respect to number concord, we can see differences, but also similarities, in the variation found in BP e EP, both in the linguistic and the social aspect” (Scherre and Duarte, 2016, p. 542).

Traçando um paralelo entre a realidade do Caribe e do Brasil colonial, Lucchesi (2019, p. 235) argumenta que, no Brasil, exceto pelas propriedades canavieiras nordestinas, a agricultura era constituída por pequenos produtores escravistas, os quais utilizam a mão de obra de três a cinco escravos apenas. Diferentemente, no Caribe, as propriedades agroexportadoras possuíam grande extensão e, portanto, empregavam a mão de obra escrava em larga escala. Esse histórico contribui para a formação de várias línguas crioulas no Caribe, de tal modo que “essa região é hoje uma das que concentra um maior número de línguas crioulas reconhecidas como tal, e, juntamente com alguns crioulos da costa ocidental da África, compõem o que se denomina crioulos atlânticos” (LUCCHESI, 2019, p. 228).

Em contrapartida, em solo brasileiro, com o advento do ciclo do ouro, houve a expansão da pecuária nordestina dada a necessidade de abastecimento alimentício do interior de Minas Gerais. O avançar das propriedades nordestinas resultou na usurpação de quilombos, como o de Palmares, e de tribos indígenas – assegura Lucchesi (2019, p. 240). Isso culminou na disseminação da língua portuguesa, em detrimento das outras variedades linguísticas (africanas, indígenas, pidgins e crioulos).

Diante disso, Lucchesi (2019, p. 241 – adaptado) destaca que:

Portanto, os dados históricos apresentados até aqui permitem identificar bem os fatores que inibiram a P/C [pidginização/crioulização] do português do Brasil:

- (i) um percentual do grupo de falantes da língua de superstrato (30%) [portugueses] maior do que concebido como o máximo para que ocorra crioulização (20%).
- (ii) A grande representatividade de pequenos plantadores que possuíam de um a cinco escravos apenas, no conjunto de proprietários de escravos.
- (iii) Uma maior assimilação dos crioulos e sobretudo dos mulatos, que eram estimulados a adotar os padrões linguísticos e culturais da sociedade branca.
- (iv) O alto grau de mestiçagem presente na formação da sociedade brasileira.
- (v) O advento do ciclo do ouro, no século XVIII.

Ressaltamos o entendimento de que a variação linguística é inerente a quaisquer línguas, em decorrência das influências sociais vivenciadas em cada comunidade linguística, como postula a sociolinguística laboviana (Labov, 2008). Quanto às variedades faladas em zona rural, de acordo com a corrente que percebe o PB como produto de um processo de crioulização, as comunidades interioranas são mais propensas a preservar traços de uma língua crioula, quando houve história na comunidade de aquisição irregular.

Nesse sentido, no que se refere aos fenômenos variáveis de concordância de número verbal e nominal, nesta pesquisa, apresentamos uma análise sobre o português falado na zona rural de Santa Leopoldina. Diante disso, esperamos refletir sobre as motivações que norteiam a variabilidade desses fenômenos, de forma a analisar em que medida os resultados leopoldinenses corroboram as discussões de Baxter e Lucchesi (1997) e Naro e Scherre (2007).



### **3. ALGUMAS PESQUISAS SOBRE A CONCORDÂNCIA**

Neste capítulo, apresentamos alguns estudos preponderantes para as análises propostas adiante. No item 3.1, retomamos os trabalhos de Naro (1981), Scherre e Naro (2006, 2014), Naro e Scherre (2015) e Benfica (2016), quanto à concordância verbal de terceira pessoa. No capítulo 7, desta tese, apresentaremos outras pesquisas, acerca da concordância verbal de terceira pessoa, tais como os resultados de Vieira (1997), Pereira (2004), Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Araújo (2014) e Gomes, Melo e Barcellos (2016). Acerca dessas, oportunamente, dissertaremos em detalhe. Todavia, nesta seção, restringiremos nossos apontamentos às considerações de Naro (1981), Scherre e Naro (2006, 2014), Naro e Scherre (2015) e Benfica (2016), conforme será exposto no item 3.1.

No item 3.2, evocamos as considerações de Scherre (1988), Martins (2013), Lopes (2014) e Scardua (2018) acerca do fenômeno da concordância nominal. Essas pesquisas serão retomadas no capítulo 8, desta tese, no qual analisamos os dados de Santa Leopoldina, quanto à concordância no SN.

#### **3.1 Concordância verbal de terceira pessoa**

O estudo sobre a concordância verbal de terceira pessoa remonta aos anos 70, com as contribuições de Naro e Lemle (1976) sobre o efeito da saliência fônica. Esta seção poderia elencar uma gama de pesquisas realizadas no Brasil sobre o tema – a exemplo de Monguilhott (2001), sobre a fala de Florianópolis/SC; Rubio (2008; 2012), com dados da região de São José do Rio Preto/SP; Oushiro (2015), sobre a fala em São Paulo – que representam importantes discussões sobre a concordância verbal de terceira pessoa, além das elencadas na introdução deste capítulo. Todavia, adotamos, como recorte teórico-metodológico, restringir nossas observações às contribuições de Naro (1981), acerca da fala carioca (RJ), e estudos posteriores – a exemplo de Scherre e Naro (2006, 2014), Naro e Scherre (2015) – que apresentam dados da década de 1980 e 2000; e o recente trabalho de Benfica (2016), que se dedica à compreensão da fala capixaba (ES).

É válido esclarecer que essa decisão foi motivada por dois aspectos: a repercussão do trabalho de Naro (1981) e a localização eleita para o estudo de Benfica (2016). Essa opção foi norteada pelos objetivos desta pesquisa, que visa avaliar a aplicação das regularidades delimitadas por Naro (1981) ao português falado na zona rural de Santa Leopoldina, além de almejar o mapeamento da fala capixaba, no que tange à análise do fenômeno ora em voga.

### 3.1.1 Naro (1981)

Os estudos de Anthony Julius Naro trouxeram grandes contribuições para a Sociolinguística Brasileira. No final da década de 70 e nos anos 80, o linguista orientava um grupo de alunos na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que se dispuseram a pesquisar fenômenos variáveis, a partir de um viés sociolinguístico variacionista, nos termos de Labov (1972 [2008]). O reconhecimento dos esforços de Naro foi apresentado, parcialmente, na obra de Votre e Roncarati (2008), que reúne artigos de diferentes linguistas em homenagem ao trabalho da vida do autor.

Em 1981, Naro publica o texto “*The social and structural dimensions of a syntactic change*”, na revista *Language*, volume 57, que aborda um minucioso estudo da concordância verbal de terceira pessoa. Ressaltamos que esta obra é leitura essencial aos pesquisadores do fenômeno ainda nos dias atuais, dada a metodologia adotada que desnuda as particularidades do fenômeno de maneira ímpar. Naro (1981) revela o efeito de fatores linguísticos e sociais operantes no fenômeno ora sob análise, citam-se: saliência fônica, tipo, posição e distância do sujeito em relação ao verbo, idade do falante, sexo, origem e orientação cultural. Para tanto, o autor conta com a colaboração de 20 indivíduos em processo de alfabetização, através de cursos oferecidos pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (doravante, Mobral).

Quanto à saliência fônica, Naro (1981, p. 73-79) estabelece uma hierarquia de saliência, em dois níveis. No nível 01, há a presença de três perfis, em que a

oposição do par singular/plural não é acentuada, tal como em: *come/comem* (1a); *fala/falam* (1b); *faz/fazem* (1c). No nível 02, constam outros cinco perfis, nos quais a oposição entre singular e plural é acentuada, citam-se: *dá/dão* (2a); *comeu/comeram* (2b); *falou/falaram* (2c); *é/são* (2d) e *disse/disseram* (2e). Como pode se observar, há também uma organização interna entre nos níveis 01 e 02, em função da oposição acentuada ou não acentuada nos pares singular/plural.

A proposta inicial sugerida por Naro (1981, p. 76) organiza esses níveis, portanto, em 08 categorias. Todavia, essa estruturação é reavaliada pelo próprio autor, que pondera:

No Nível 1, a menor concordância é mostrada pela Classe 1a (nasalização, ou seja, menor diferenciação – *come/comem*), seguida pela Classe 1b (alteração na qualidade da vogal, ou seja, maior diferenciação – *fala/falam*) e Classe 1c (adição de um segmento, ou seja, diferenciação completa – *faz/fazem*). O nível 2, de modo semelhante, mostra a sua menor taxa de concordância na Classe 2a (nasalização, isto é diferenciação menor – *dá/dão*) seguida pela classe 2b (adição de uma sílaba, ou seja, maior diferenciação – *come/comeram*) e na Classe 2c (desinências sem segmento partilhado, isto é, diferenciação completa – *falou/falaram, é/são e disse/disseram*).

(NARO, 1981, p. 76 – adaptado – tradução livre<sup>16</sup>)

Os itens 2c, a princípio, estavam organizados em três agrupamentos distintos – ou seja, 2c (*falou/falaram*), 2d (*é/são*) e 2e (*disse/disseram*). Todavia, essas categorias, apresentavam índices de marcação muito próximos, da ordem de 0,78, 0,79 e 0,80. Sendo assim, Naro (1981, p. 77) descreve a realização de testes de significância – *log likelihood test* – entre 2c e 2d e, posteriormente, entre 2c e 2e. Os resultados não possuem significância estatística, o que justifica a amalgamação desses itens em um único fator. Em nova etapa de análise, o item amalgamado indica resultado de 0,85.

---

<sup>16</sup> No original: “Within Level 1, the least agreement is shown by Class 1a (nasalization, i.e. minor differentiation), followed by Class 1b (change in vowel quality, i.e. greater differentiation) and Class 1c (addition of a segment, i.e. complete differentiation). Level 2, similarly, shows its lowest rate of agreement on Class 2a (nasalization, i.e. minor differentiation), followed by Class 2b (addition of a syllable, i.e. greater differentiation) and Class 2c (desinences with no shared segment, i.e. complete differentiation) i.e. minor differentiation) and Class 2c (desinences with no shared segment, i.e. complete differentiation)” (Naro, 1981, p. 76).

Nesta pesquisa, dispostemos as duas ordenações propostas por Naro (1981), quanto à distribuição hierárquica da saliência. Em uma primeira etapa de análise, os dados são ordenados em 08 fatores, tal como propõe Naro (1981), anteriormente à amalgamação. Em um momento posterior, reorganizaremos os itens em 06 fatores, dispendo da amalgamação entre 2c, 2d e 2e. Nessa segunda etapa de análise, apresentaremos ainda um estudo comparativo com outros estudos que se guiaram por esse método, tal como a proposta de Scherre e Naro (com dados de 1980 e 2000, acervo pessoal dos linguistas), Araújo (2014, p. 277), Benfica (2016, p. 50), Gomes, Barcelos e Mello (2016, p. 135).

Considerando essa discussão, Naro (1981, p. 74) ainda esclarece que, dada a diferenciação de tonicidade entre o nível 01 e 02, é perceptível a oposição entre mais e menos salientes. Nesse sentido, é válido evidenciarmos a distribuição de análise dos fatores da saliência. Nas palavras de Naro (1981, p. 78 – tradução nossa<sup>17</sup>):

(7) TONICIDADE:

Classe a. oposição não acentuada (Classes Morfológicas 1a-c)

b. oposição acentuada (Classes Morfológicas 2a-c)

DIFERENCIAÇÃO DE MATERIAL:

Classe a. diferenciação menor (Classes Morfológicas 1a, 2a)

b. maior diferenciação (classes morfológicas 1b, 2b)

c. diferenciação completa (classes morfológicas 1c, 2c)

Essa ponderação esclarece que há uma hierarquização interna aos níveis de fatores, em função da saliência. Sendo assim, podemos afirmar que há uma organização macro entre itens mais e menos salientes, considerando os níveis 01 e 02 assim, respectivamente. Além disso, há uma distribuição da saliência no interior de cada um dos níveis estabelecidos por Naro (1981, p. 74).

Quanto à posição do sujeito em relação ao verbo, o linguista estabelece duas classes: (i) classe 01 – sujeito explícito: 1a refere-se a itens imediatamente

---

<sup>17</sup> No original, Naro (1981, p. 74): “(7) STRESS: Class a. unstressed (Morphological Classes 1a-c) / b. stressed (Morphological Classes 2a-c) // MATERIAL DIFFERENTIATION: Class a. minor differentiation (Morphological Classes 1a, 2a) / b. greater differentiation (Morphological Classes 1b, 2b) / c. complete differentiation (Morphological Classes 1c, 2c)” (layout adaptado).

anteriores ao verbo; 1b, distantes do verbo; 1c, pospostos ao verbo; (i) classe 2 – sujeito elíptico. Naro (1981, p. 79-80) explica que os itens mais próximos ao verbo, ou seja, separados desse por até cinco sílabas, favorecem a marcação no verbo, ao passo que os itens mais distantes, separados do verbo por mais de cinco sílabas, desfavorecem a marcação. Isto é, quanto mais próximo do sujeito o verbo estiver, mais sensível à marcação este será, assim como, quanto mais distante, menos marcado, possivelmente, será.

Naro (1981, p. 80) obtém os seguintes resultados: 1a (sujeito imediatamente anterior ao verbo) – 0,71; 1b (distante do verbo) – 0,41; 1c (posposto ao verbo) – 0,24; 2a (sujeito elíptico) – 0,65. No que se refere aos itens elípticos, notou-se que o peso relativo desse fator se aproxima do peso dos vocábulos explícitos imediatamente antepostos.

Considerando os sujeitos explícitos, a organização dos índices gerados por estes fatores segue a ideia central para elaboração do princípio da saliência fônica. Quanto ao resultado dos itens elípticos, notam-se outros princípios, de natureza funcional, interagem com a noção de saliência. Cedemos a palavra Naro (1981, p. 80-1 – tradução nossa), o qual considera que:

Dentro dos limites da sentença (caso 1), todos os três modelos mostram resultados paralelos que se encaixam perfeitamente com o princípio da saliência: a classe 1a, composta por sujeitos imediatamente prepostos, mostra a maior taxa de concordância – seguida pela classe 1b, em que o sujeito ainda é realizado e preposto, mas separado do verbo por alguma distância. A menor taxa de agregação hierárquica é induzida pelo sujeito pós-verbal da Classe 1c. O caso 2 mostra uniformemente resultados aproximadamente da mesma magnitude que a classe 1a. Não vejo como esse fato possa ser explicado em termos do princípio da saliência; antes, parece necessário, como observado acima, postular que outros princípios de natureza funcional interagem com a saliência, inibindo o que equivaleria a completar a perda de qualquer realização sintática da pluralidade em um cenário com sujeito excluído e verbo não marcado.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> “Within sentential limits (i.e. Case1), all three models show parallel results that accord perfectly with the principle of saliency: Class 1<sup>a</sup>, consisting of immediately preposed subjects, shows the highest rate of agreement – followed by Class 1b, where the subject is still realized and preposed, but separated from the verb by some distance. The lowest rate of agreement of hierarchy is induced by the postverbal subject of Class 1c.

Case 2 uniformly shows results of approximately the same magnitude as Class 1<sup>a</sup>. I see no way in which this fact can be explained in terms of the principle of saliency; rather, it seems necessary, as noted above, to postulate that other principles of a functional nature Interact with saliency,

Retomamos essa afirmação de Naro (1981), pois, como será notório no item 6.4, embora adotemos uma metodologia um pouco distinta da utilizada em 1981, em função das particularidades de nossa amostra, a tendência geral dos resultados leopoldinenses segue a mesma ordenação do observado por Naro (1981). Sendo assim, concluímos que a reflexão do autor acerca da variável posição é aplicável à nossa comunidade.

No que tange aos fatores de ordem extralinguística, observou-se que os falantes mais velhos e os do sexo feminino apresentam tendência à marcação do plural, com índices de 0,58 e 0,54, respectivamente. Ao passo que indivíduos mais jovens e do sexo masculino desfavorecem a marcação, com peso relativo de 0,42 e 0,46. Quanto à origem do falante, nota-se que o peso relativo figura em 0,50 para indivíduos do Rio de Janeiro (*city*) e dos arredores da cidade (*environs*).

Para o critério orientação cultural, Naro (1981, p. 85) constata que os falantes expostos com mais regularidade ao ambiente midiático de novelas, as quais passam valores da classe média, são favorecedores da retenção da marca no verbo de terceira pessoa, com 0,69 de peso relativo, enquanto os demais são desfavorecedores, com 0,31. Essa observância é importante, pois aponta que o apreço dos falantes a novelas resulta na compreensão do estilo de vida da classe média. Assim, o autor conclui que o “fato de esses falantes participarem indiretamente de um contexto sociocultural estranho ao seu próprio meio é refletido pela variável de orientação cultural”<sup>19</sup> (Naro, 1981, p. 86). Compreendemos, portanto, que essa tendência de aproximação à classe média é atestada na pesquisa do linguista pelo favorecimento da concordância de terceira pessoa por esses indivíduos

Em nosso texto, ao apresentarmos nossos resultados, evocaremos as considerações de Naro (1981), em especial, quanto às variáveis linguísticas

---

inhibiting what would amount to complete loss of any syntactic realization of plurality in a sentence with deleted subject and unmarked verb.” (NARO, 1981, p. 80-81).

<sup>19</sup> No original: “It is the fact that these falantes participate vicariously in a socio-cultural context foreign to their own milieu that is reflected by the cultural orientation variable” (Naro, 1981, p. 86).

analisadas pelo autor. Nossa intenção é evidenciar as similaridades e as discrepâncias entre os resultados leopoldinenses com os da amostra Mobral. Esta pesquisa seguirá, a partir da tendência evidenciada pelos nossos dados, essa orientação metodológica, no intuito de, conforme mencionado, perceber a aplicabilidade dessas ponderações na comunidade rural leopoldinense.

### 3.1.2 Scherre e Naro (2006, 2014) e Naro e Scherre (2015) – estudos do tipo painel e do tipo tendência (*panel e trend studies*)

Quanto aos estudos acerca da língua portuguesa falada no Brasil, citamos o trabalho de Scherre e Naro (2006, p. 108) que apresenta três amostras, incluindo *panel e trend studies* – ou seja, estudo do tipo painel e do tipo tendência. As amostras contam com informantes do Rio de Janeiro, sendo constituídas da seguinte maneira: (1) amostra aleatória de 64 falantes gravados no início de 1980; (2) amostra aleatória de 32 informantes gravados no final dos anos 2000; (3) amostra não aleatória, com 16 falantes que haviam sido entrevistados em 1980, tendo um intervalo médio de 18 anos. Diante disso, concluímos que o estudo da amostra em (2), comparado ao estudo da amostra em (1), configura-se em um estudo de tendência; enquanto o estudo da amostra em (3), em um de painel.

Scherre e Naro (2006) objetivam refletir acerca das variáveis *anos de escolarização e saliência fônica*, no que se refere ao processo de concordância de número – verbal e nominal. Os autores afirmam que

o melhor modelo para dar conta de mudança em um fenômeno estigmatizado é de fluxos e contrafluxos, que apresenta a configuração de grupos e de indivíduos transitando por diversas vias sociais linguisticamente estruturadas.

(p. 107)

Os autores abordam três tipos de concordância: (i) verbo/sujeito; (ii) entre os elementos do sintagma nominal; (iii) predicativos e participios passivos. Em linhas gerais, Scherre e Naro (2006) destacam o aumento da frequência global de uso da concordância de número. Os linguistas assinalam essa tendência como um ponto de apropriação dos bens de prestígio pela comunidade, uma vez

que esses índices podem ser motivados pela exposição do indivíduo ao ambiente escolar. Com vistas ao tema discutido neste capítulo, neste momento, restringiremos nossas reflexões às observações dos autores quanto à relação verbo/sujeito, no que se refere à terceira pessoa do plural, especificamente.

Como mencionado, os autores salientam que o modelo mais adequado à análise “de um fenômeno estigmatizado é o modelo de fluxos e contrafluxos, que apresenta a configuração de grupos e de indivíduos transitando por diversas vias sociais lingüisticamente estruturadas” (SCHERRE e NARO, 2006, p. 107). Nesse sentido, em Scherre e Naro (2014 e 2006), os autores elaboram uma análise das percentagens e pesos relativos com dados da concordância verbal das amostras de 1980 e de 2000 (estudo de tendência), em função do nível de escolarização. O objetivo é verificar a ocorrência de possível alteração no efeito da variável escolarização. Os resultados comparativos revelam que a tendência geral permanece a mesma, ou seja, os falantes menos escolarizados utilizam menos a concordância verbal de 3ª pessoa que os falantes mais escolarizados. Entretanto, observa-se que os efeitos da escolarização são mais polarizados na amostra de 2000. Vejamos:

**Tabela 1: Efeito da escolaridade no uso da concordância verbal em duas amostras aleatórias da comunidade do Rio de Janeiro em épocas diferentes – Scherre e Naro (2014)**

Escolaridade	1980		2000	
	Porcentagem	Peso relativo	Porcentagem	Peso relativo
1-4	1128/1794= 63%	0,43	516/719= 72%	0,26
5-8	1378/1770= 78%	0,55	726/851= 85%	0,50
9-11	893/1096= 82%	0,54	466/489= 95%	0,82
<b>Total</b>	3399/4660= 73%		1708/2059= 83%	
<b>Range</b>	12		56	

Fonte: SCHERRE e NARO, 2014, p. 336 e 348 – adaptado.

A respeito da variável escolaridade, Scherre e Naro (2006, p.111) destacam que:



demonstra que o efeito estatístico da escola sobre o uso da concordância se deu de forma desigual no intervalo de 20 anos, ou seja, este efeito é bem mais acentuado no final do intervalo para falantes com mais anos de exposição ao ambiente escolar.

Scherre e Naro (2006) assinalam que é inegável o fato de as forças sociais operarem significativamente no processo de variação e de mudança. Contudo, deve-se considerar as variáveis linguísticas que atuam em cada fenômeno sob análise. No que tange ao fenômeno da concordância verbal, os linguistas consideram imprescindível à análise o controle da “saliência fônica”.

Os itens foram divididos em [- saliente] e [+ saliente], em função da oposição tônica entre os pares singular/plural, considerando os conceitos estabelecidos por Lemle e Naro (1976) e Naro (1981). Acerca dessa organização, Scherre e Naro (2006, p. 112) esclarecem que a classificação [- salientes] caracteriza itens com menor diferenciação fônica na passagem do singular/plural, a exemplo de vive/vivem. Em contrapartida, os itens que sofrem maior diferencial fônica na relação singular /plural, como em é/são, esgotou/esgotaram, são categorizados como [+ salientes]. No tocante à concordância verbal, notou-se que os termos mais salientes favorecem a marcação do plural.

Naro e Scherre (2015) revisitam os resultados obtidos em Scherre e Naro (2006), nessa ocasião, refletem, paralelamente, sobre a concordância verbal e a nominal, de forma a observar as tendências desses fenômenos, no período entre 1980 e 2000<sup>20</sup>. Considerando que não apresentaremos esse viés argumentativo neste momento, dado ao objetivo deste capítulo, apresentaremos a seguir os dados da concordância verbal de terceira pessoa, observados em Naro e Scherre (2015).

Diante dos resultados, observamos que itens menos salientes tendem a desfavorecer a marcação explícita de plural; em contrapartida, os mais salientes

---

<sup>20</sup> Ao apresentar os dados da concordância verbal e nominal realizados em Santa Leopoldina, em alguns momentos, retomaremos a reflexão de Naro e Scherre (2015).

favorecem a marcação explícita – como concluem Scherre e Naro (2006, p. 112) e Naro e Scherre (2015, p. 159 e 160). Vejamos a frequência e o peso relativo:

**Tabela 2: Efeito da saliência fônica no processo de concordância verbal no Rio de Janeiro – Naro e Scherre (2015)**

	Amostra 1980-C		Amostra 2000 (estudo de tendência)		Amostra 2000 (estudo de painel)	
	Frequência	PR	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>- saliente</b>	1557/2497= 62%	0,31	837/1100= 76%	0,35	839/1292= 65%	0,34
<b>+ saliente</b>	1842/2163= 85%	0,72	871/959= 91%	0,67	882/1292= 84%	0,70
<b>Range</b>	41		32		36	

(NARO e SCHERRE, 2015, p. 159 e 160 – adaptado)

Scherre e Naro (2016) assinalam ainda que os dados evidenciam que as forças sociais controladas – a exemplo da variável escolaridade – atuam em direção à norma de prestígio, ou seja, para retenção da concordância. Quanto às forças linguísticas, a saliência fônica mantém um efeito forte e uniforme nas três amostras. Os autores afirmam que os resultados indicam que o fenômeno da concordância é estigmatizado. Sendo assim, podemos considerar que sobre o processo de concordância atuam restrições sociais, como forma propulsora em direção à norma padronizada. Por conseguinte, com igual vigor, atuam forças estruturais, como mantenedoras da heterogeneidade ordenada do sistema linguístico. Dessa forma, nota-se que, em mudanças dessa natureza, fluxos e contrafluxos são naturais, no sentido de que os falantes ou grupo de falantes transitam por mais ou menos concordância apenas em termos de percentagens globais, ou seja, mudanças superficiais.

Dessa forma, esclarecem que esses fluxos e contrafluxos não afetam a essência dos sistemas envolvidos. Isso permite dizer que as mudanças, no que diz respeito à concordância de número do português, têm sido consideradas de *tokens* e não de *types*, ou seja, são quantitativas e não qualitativas – assim, mudança sem mudança, como sugere Scherre e Naro (2006), no título do artigo (rememoramos, “Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro”, de Scherre e Naro (2006)).

**Tabela 3: Efeito da escolaridade x saliência fônica – concordância verbal – no Rio de Janeiro – Scherre e Naro (2006)**

Concordância verbal na amostra de 1980						
Escol.	1-4 anos		5-8 anos		9-11 anos	
	Frequência	PR	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>- saliente</b>	515/1023= 50%	0,30	612/879= 70%	0,31	425/581= 73%	0,32
<b>+ saliente</b>	612/673= 80%	0,76	758/881= 86%	0,69	464/508= 91%	0,70

Concordância verbal na amostra de 2000 (estudo de tendência)						
Escol.	1-4 anos		5-8 anos		9-11 anos	
	Frequência	PR	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>- saliente</b>	231/357= 65%	0,31	360/448= 80%	0,37	192/210= 91%	0,43
<b>+ saliente</b>	255/293= 73%	0,73	370/407= 91%	0,65	217/229= 95%	0,56

(SCHERRE e NARO, 2006, p. 115-116)

Scherre e Naro (2006, p. 118) afirmam que os dados das amostras de 1980 e 2000 apontam para uma

mudança regular da variável saliência fônica na direção da redução do distanciamento entre os pesos relativos dos fatores, em função do aumento dos anos de escolarização, ou seja, indica que o aumento da concordância em função de exposição à fala de prestígio implica diminuição do efeito da saliência fônica.

Além disso, os autores constatam que a saliência fônica não foi selecionada como estatisticamente significativa para os dados do grupo de 9 a 11 anos de escolarização, na amostra de 2000, nem na concordância nominal, nem na verbal – embora haja diferença considerável entre os pesos relativos, em especial na nominal. Diante disso, por fim, Scherre e Naro (2006) frisam a importância da aplicação do modelo de fluxos e contrafluxos na reflexão de resultados de fenômenos estigmatizados socialmente, de forma a apontar as

alternâncias no nível dos indivíduos e/ou dos grupos de indivíduos nas “diversas vias sociais linguisticamente estruturadas” (p. 120).

### 3.1.3 Benfica (2016)

Benfica (2016) apresenta um estudo sobre a concordância verbal de primeira e terceira pessoa na fala de Vitória, capital do Espírito Santo, por meio de duas amostras: a primeira, semimonitorada, dispõe de dados de 46 entrevistas, do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória, doravante PortVix<sup>21</sup>, com informantes estratificados em sexo – feminino e masculino; faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49 e acima de 49 anos; escolaridade – ensino fundamental, médio e superior; e a segunda, estruturada a partir da fala casual, a qual utiliza duas gravações realizadas por Calmon (2010), com 08 falantes, com características semelhantes às do PortVix. Diante do recorte metodológico a que se dedica este texto, optamos por evidenciar as observações de Benfica (2016), essencialmente, quanto à concordância de terceira pessoa, observadas com dados do PortVix.

A linguista investiga o efeito de sete variáveis, apontadas como estatisticamente significativas pelo programa Goldvarb X, de Sankoff, Tagliamonte & Smith (2005), utilizado para análise de dados variáveis, na seguinte ordenação: saliência fônica, paralelismo discursivo, paralelismo oracional, escolarização, posição e explicitude do sujeito, faixa etária e traço humano do sujeito. As

---

<sup>21</sup> O PortVix é um projeto de perspectiva sociolinguística, atuante na Universidade Federal do Espírito Santo, que fora idealizado pela professora Lilian Coutinho Yacovenco (YACOVENCO, 2002) e, atualmente, é coordenado pelas linguístas Lilian Coutinho Yacovenco, Maria Marta Pereira Scherre e Leila Maria Tesch. O grupo é integrado por mais de 30 pesquisadores (graduandos em Letras, pós-graduandos e pós-graduados em linguística), os quais desenvolvem pesquisas sobre o português brasileiro falado e escrito na capital e no interior do Espírito Santo. Com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre variação e mudança na variedade capixaba, o acervo conta hoje com: amostra do português falado na capital capixaba – com 46 entrevistadas sociolinguísticas; amostra da fala rural leopoldinense – com 44 entrevistas sociolinguísticas, as quais estão sob análise nesta tese; coletânea de cartas de 1910 e 1920, de Oswald Guimarães, e cartões postais, datados de 1950, de Vicente Caetano – ambos personagens ilustres no cenário político capixaba; e ainda, com coleção de textos jornalísticos circulantes na Grande Vitória.

variantes delimitadas para análise foram: ausência e presença de concordância verbal de terceira pessoa.

Corroborando os resultados de Naro (1981), Benfica (2016) observa que os verbos com maior diferenciação fônica são mais marcados, do que os verbos com menor alteração na passagem do singular para o plural. Na obra, a linguista parte de uma análise minuciosa da saliência fônica, tal como propõe Naro (1981), em direção a uma codificação binária – [- saliente] e [+ saliente]. A autora conclui que “a hipótese de Naro (1981) de que os verbos com plural mais marcado foneticamente possuem índices mais elevados de concordância é confirmada por nossos resultados” (BENFICA, 2016, p. 50).

No que tange ao paralelismo oracional, a autora justifica que a análise parte de uma compreensão mais global do conceito de paralelismo, compreendo-o como uma repetição de padrões, não necessariamente linguísticos – nos termos de Scherre (1998). Para tanto, Benfica (2016) orienta-se pelas reflexões de Scherre (1988), com dados da concordância nominal, e Scherre e Naro (1991 [cf. Benfica (2016) e 1993], com dados da concordância verbal, de que marcas linguísticas precedentes tendem a gerar marcas, assim como a ausência de marcas tendem a gerar zeros. A linguista valida as ponderações de Scherre e Naro (1993), destacando que “os resultados do Portvix também comprovam o princípio de que marcas precedentes explícitas levam a marcas subsequentes, e ausência de marcas precedentes leva a ausência de marcas subsequentes” (BENFICA, 2016, p. 54), no plano oracional.

Quanto ao traço humano do sujeito, Benfica (2016) baseia-se nas ponderações de Scherre e Naro (1998), os quais destacam que os sujeitos [+ humano] tendem a controlar a marcação explícita de plural de forma mais acentuada que os de traço [- humano]. Essa variável apresenta força de restrição mais evidente nos dados da capital carioca, todavia é observada a mesma tendência na capital capixaba. Quanto à posição e explicitude do sujeito, os resultados de Benfica (2016) revelam que os dados de sujeito anteposto e elíptico apresentam comportamento semelhante, com pesos relativos próximo ao ponto neutro, com

0,536 e 0,459, respectivamente, enquanto os sujeitos pospostos=desfavorecem a marcação do verbo com 0,116.

Dentre os fatores sociais, o grupo sexo não foi selecionado pelo programa como estatisticamente significativo. Diante disso, a linguista apresenta os pesos relativos obtidos na rodada imediatamente antecedente à eliminação dessa variável pelo Goldvarb X, que são da ordem de [0,498] e [0,502] para homens e mulheres, respectivamente. Nota-se que não há diferenciação quantitativa entre os pesos relativos. Quanto à escolaridade, Benfica (2016) destaca que os resultados correspondem à hipótese de que os falantes mais escolarizados são mais sensíveis à marcação do plural. Dessa maneira, a elevação dos índices de marcação é diretamente proporcional ao aumento da escolaridade. No que tange à variável faixa etária, verifica-se uma tendência de faixas etárias mais jovens favorecerem a concordância verbal de terceira pessoa. Isso revela um possível movimento de aumento nos índices da concordância no nível da comunidade, nos termos de Scherre e Naro (2006).

Embora não seja apresentado nesta seção, Benfica (2016) estabelece a comparação dos resultados obtidos em Vitória com outras pesquisas realizadas em território nacional, como assinala em Benfica (2016, p. 41):

Com fins de comparação com os resultados para a fala da cidade de Vitória, trazemos aqui resultados de pesquisas com amostras de Anjos (1999), sobre a fala de João Pessoa; de Monguilhott (2001), sobre a fala de Florianópolis; Rubio (2008; 2012), sobre a fala da região de São José do Rio Preto, no noroeste do estado de São Paulo; além dos inúmeros trabalhos de Naro (1981), Naro e Scherre (1999a; 1999b; 2013), Scherre (1988; 1998), Scherre e Naro (1991; 1993; 1998; 2010; 2014) e sobre a fala da cidade do Rio de Janeiro. Ressaltamos que estas foram as pesquisas selecionadas para comparação em decorrência da similaridade dos procedimentos de composição das amostras dessas localidades. Consideramos aqui que todas consistem em amostras de fala urbana, pois os falantes residem em núcleos urbanos, mesmo que não sejam sempre capitais, tal como São José do Rio Preto,

Nesta seção, a retomada de textos citados – Naro (1981), Scherre e Naro (2006 e 2014), Naro e Scherre (2015) e Benfica (2016) – visa apresentar ao leitor uma visão panorâmica do objeto de pesquisa ora em análise. Esses resultados serão

posteriormente retomados para embasar as análises comparativas entre as respectivas comunidades de fala.

### **3.2 Concordância nominal de número**

Neste subtópico, apresentamos quatro pesquisas que, de algum modo, subsidiaram as nossas análises (cf. capítulo 8). São elas: Scherre (1988), Martins (2013), Lopes (2014) e Scardua (2018), que analisam o fenômeno da concordância nominal de número no Rio de Janeiro, Amazonas, Santa Leopoldina e Vitória, respectivamente. A escolha por essas pesquisas justifica-se pelo fato de elas compartilharem decisões metodológicas similares, o que viabiliza a comparação dos dados pretendida no momento de nossas análises.

Além disso, a pesquisa de Scherre (1988), tal como a de Naro (1981), para os dados da concordância verbal, é leitura essencial no estudo da concordância nominal. Temos conhecimento de que as reflexões acerca deste fenômeno se iniciaram com os esforços de Braga e Scherre (1976). Todavia, optamos pela seleção da obra de Scherre (1988) pelo nível de detalhamento com que o tema é abordado, o que a faz ser considerada um marco linguístico-metodológico na análise do sintagma nominal. De reconhecimento nacional e internacional, a obra de Scherre (1988) é inspiração para o desenvolvimento de muitas pesquisas acerca do tema, em diferentes comunidades, como esta tese.

As produções de Martins (2013) e Scardua (2018) são aqui elencadas, tendo em vista as comunidades analisadas. Martins (2013) reflete sobre a concordância nominal em Alto Solimões, no Amazonas, com dados de cinco comunidades urbanas. Scardua (2018) estuda o fenômeno na capital do estado do Espírito Santo, Vitória. Nossa intenção, ao efetuar a comparação entre Amazonas e Espírito Santo, a partir de dados dos municípios de Vitória e Santa Leopoldina, é observar as similaridades operantes nesses locais tão distantes geograficamente e, sinalizar, por certo, as particularidades locais.

Consideramos válido ainda, nesta seção, evidenciar, brevemente, as constatações de Lopes (2014), haja vista que esta pesquisa visa dar continuidade, de certa maneira, aos resultados obtidos em 2014, agregando novos perfis de informantes – com a adesão de falantes do ensino médio – e a variável de traço estilístico origem da entrevistadora. Dissertamos a seguir, em linhas gerais, acerca das citadas pesquisas.

### 3.2.1 Scherre (1988)

A tese de Scherre (1988) intitula-se “Reanálise da concordância nominal em português”, justamente por fazer referência a trabalhos anteriores, a exemplo da citada obra de Scherre e Braga (1976) e da dissertação de mestrado de Scherre (1978). A pesquisa de Scherre (1988) baseia-se na Teoria da Variação Linguística Laboviana, sendo subsidiada também pelas considerações da Teoria Funcionalista, de Kiparsky (1972) – (cf. SCHERRE, 1988, p. 15).

A linguista analisa um total de 64 entrevistas, coletadas a partir da colaboração de 64 informantes do Rio de Janeiro, que compõem a amostra do Projeto Censo, atual Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Os informantes deveriam ser cariocas ou morar no Rio de Janeiro desde os cinco anos de idade, além disso, não poderiam ter saído da cidade por mais de dois anos consecutivos. Tal como em nossa amostra, esses falantes foram estratificados em: sexo – feminino e masculino; escolaridade – 01 a 04 anos (primário – atual ensino fundamental 01), 05 a 08 (ginásial – atual ensino fundamental 02) e 09 a 11 anos de escolarização (colegial – atual ensino médio); faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49 e acima de 49 anos.

Scherre (1988) propõe dois vieses de análises, de base: (i) atomística – a qual considera cada elemento do sintagma nominal como um item passível de análise; (ii) não atomística – pressupõe todo o sintagma como um único item a ser analisado. Considerando que nossa pesquisa é de base atomística, neste subtópico, restringiremos nossas reflexões aos resultados produto da análise de cunho atomístico da linguista.



Na pesquisa da fala carioca, somados os dados de adultos e crianças, foram analisadas 13.229 ocorrências, sendo que 9.385 eram marcadas quanto ao plural, o que culminou em 70,9% de concordância. A proposta inicial de Scherre (1988, p. 63) aborda onze variáveis: 1) Processos morfofonológicos de formação do plural; 2) Tonicidade dos itens lexicais singulares; 3) Número de sílabas dos itens lexicais singulares; 4) Posição linear do elemento no SN; 5) Classe gramatical do elemento nominal; 6) Marcas precedentes ao elemento nominal analisado; 7) Contexto fonético/fonológico seguinte ao elemento nominal sob análise; 8) Função sintática do SN (codificada em cada um de seus constituintes); 9) Animacidade dos substantivos; 10) Grau dos substantivos e dos adjetivos e 11) Formalidade dos substantivos e dos adjetivos. A partir dessa etapa de análise, a linguista observa que se faz necessária uma reorganização das variáveis em estudo. Figuram, por fim, oito variáveis, elencadas a seguir:

- a) Marcas precedentes em função posição: Scherre (1988, p. 142) elabora uma pertinente reflexão acerca das variáveis Posição linear, Classe gramatical e Marcas precedentes. Na ocasião, a linguista conclui que “a variável Posição isolada das Marcas precedentes e da Classe gramatical não dá conta do fenômeno em estudo na sua totalidade” (SCHERRE, 1988, p. 240). Sendo assim, a pesquisadora propõe o estudo dessas variáveis a partir dessas três variáveis transformadas em duas, sendo elas: “Marcas precedentes em função da posição” e “Relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN”. No que se refere à primeira variável, a partir dessa discussão, Scherre (1988, p. 278) constata que há um padrão paralelístico, que abriga termos com características similares. Assim, os resultados ratificam a hipótese de que “marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros” (SCHERRE, 1988, p. 511).
- b) Saliência fônica: essa variável é organizada a partir de duas dimensões da saliência – processos morfofonológicos de formação do plural e tonicidade dos itens lexicais singulares. Essa estruturação culmina na sistematização de 08 fatores a serem analisados (plurais duplos, terminados em -l, -r, -ão, -s e os itens regulares paroxítonos, proparoxítonos e oxítonos). A linguista observa que os itens mais

salientes, ou seja, os cinco primeiros favorecem a marcação, enquanto os menos salientes, três últimos, desfavorecem-na (cf. SCHERRE, 1988, p. 139). Sendo assim, a linguista conclui que esta variável é explicada por meio do Princípio da Saliência. Nas palavras da linguista:

A atuação desta variável explica-se pelo Princípio da Saliência que consiste em estabelecer que formas mais salientes são mais perceptíveis e, portanto, mais marcadas. No caso em questão, marcam-se mais as construções que apresentem maior diferenciação fônica na relação singular/plural ou que tenham marca de acento na sílaba que recebe o morfema de plural.

(SCHERRE, 1988, p. 511)

- c) Relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN: a organização desta variável foi imprescindível para o entendimento da concordância nominal de número. Isso porque representa um avanço no que se refere à compreensão da posição do elemento em relação ao núcleo. Esse grupo de fatores surge a partir do entendimento de que a análise das variáveis posição, marcas precedentes e classe gramatical em separado não promove a compreensão do fenômeno da concordância nominal de número em sua totalidade, conforme exposto anteriormente. A formulação da variável “relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN” constitui-se a partir uma elaborada reflexão sobre o efeito das classes gramaticais aliada à posição. A linguista conclui que

[...] os elementos não nucleares antepostos são mais marcados do que os pospostos e que os núcleos da primeira posição tendem a ser muito marcados. Esta variável evidencia também que os núcleos da segunda e terceira posição são menos marcados do que os da primeira, mas não são igualmente marcados na relação entre si, chegando a se vislumbrar a possibilidade de os núcleos na terceira posição serem mais marcados do que os da segunda.

(SCHERRE, 1988, p. 512)

- d) Formalidade e grau: a linguista observa que os itens com alteração de grau, diminutivo ou aumentativo, por terem sua atuação mais restrita ao contexto de baixa formalidade, ou seja, em situações informais, desfavorecem a marca de plural. Sendo assim, a explicação para o efeito dessa variável não é de ordem gramatical, visto que “a formalidade da situação tende a atuar sobre o comportamento da concordância nominal.

Se a situação é informal, colocam-se menos marcas e, se a situação é formal, colocam-se mais marcas” (SCHERRE, 1988, p. 513).

- e) Animacidade dos substantivos: itens com traço [+ humanos] são mais marcados. Segundo Scherre (1988, p. 272):

A oposição maior que temos com relação à Animacidade é [+humano] x [-humano]. Novamente os resultados correspondem à nossa expectativa lingüística: se o traço humano é considerado mais saliente, é de se esperar, dentro da linha geral do nosso trabalho, que os substantivos marcados positivamente com relação a este traço tenham mais marcas de plural (0,55/0,54) do que os com traço [-humano] (0,44/0,46), como mostram as probabilidades obtidas.

- f) Função sintática do SN: nota-se que funções sintáticas tradicionais não exercem coerente influência na marcação do item. Dentre as variáveis analisadas, inclusive, esta, sinaliza Scherre (1988, p. 265), é uma das de menor relevância, visto que foi uma das últimas selecionadas pelo programa de análise estatística. Constatou-se, no entanto, que sintagmas com função resumitiva são desfavorecedores à retenção da marca de plural, se comparados aos que não exercem essa função.
- g) Contexto fonético/fonológico seguinte: o controle desse grupo de fator sugere que não há diferenças polarizadas quanto à marcação de plural, condicionada pelo contexto fonético/fonológico seguinte. Todavia, Scherre (1988) observa que há um favorecimento à presença de marcas quando há pausa, traço surdo, oral e velar no contexto seguinte.

Quanto às variáveis sociais, Scherre (1988, p. 444-460) elabora duas etapas de análise: (i) análise 01 – variáveis sociais de adultos e de crianças; (ii) reagrupamentos dos falantes adultos em função de dois aspectos – ambiente de origem e grau de concordância.

Na análise 01, a linguista aborda o efeito das variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade. É válido frisar que Scherre (1988) divide os falantes em dois grupos: adultos e crianças, os quais são submetidos a análises separadas. A proposta é observar as semelhanças e as diferenças entre esses falantes (cf. SCHERRE, 1988, p. 444). Todavia, como a autora sinaliza, em alguns momentos

de sua pesquisa são apresentados os dados de todos os falantes, conjuntamente.

Nessa primeira etapa de análise das variáveis sociais, Scherre (1988) retrata os resultados dos adultos e das crianças em análises separadas para as variáveis anos de escolarização e sexo. Além disso, apresenta os resultados das três faixas etárias dos adultos – frisamos 15-25, 26-49 e 50-71 anos. E ainda, no intuito de observar a composição completa de todas as faixas etárias estudadas, expõe os resultados de todos os falantes, ou seja, adultos e crianças, incluindo, portanto, os informantes de 07-14 anos. Vejamos as conclusões da linguista:

- a) Sexo: os resultados cariocas indicam que as mulheres favorecem mais a concordância plural do que os homens – tanto para adultos quanto para crianças. Diante disso, podemos afirmar que os resultados leopoldinenses se alinham aos cariocas, da amostra analisada por Scherre (1988) – conforme retomaremos no capítulo 7.
- b) Escolaridade: observa-se que os índices de marcação da concordância nominal aumentam à medida que o falante eleva o nível de escolarização – nas etapas de análise para adultos e crianças, separadamente. Isso se deve ao fato de ser a ausência de concordância um fenômeno reconhecidamente estigmatizado.
- c) Faixa etária: na análise apenas com dados dos adultos, Scherre (1988, p. 445) observa uma distribuição curvilínea não acentuada, em que as três faixas etárias revelam 0,49, 0,54 e 0,47 de peso relativo para 15-25, 26-49 e 50-71 anos, respectivamente. Na etapa com todos os informantes agrupados – adultos e crianças –, a distribuição permanece levemente curvilínea com índices de 0,45, 0,51, 0,56 e 0,48, respectivamente, para 07-14, 15-25, 26-49 e 50-71 anos. Nesse sentido, Scherre (1988, p. 446) aponta para um processo de variação estável.

No que se refere, especificamente, aos dados do sexo, na análise apenas com as crianças, Scherre (1988) destaca que

Guy [1981a e 1986] encontrou uma configuração semelhante no que diz respeito à variável Sexo trabalhando apenas com dados de falantes semi-escolarizados e nós obtivemos os resultados acima agrupando

falantes de diversos anos de escolarização. Parece bastante sedutora esta uniformidade de comportamento em falantes de níveis de escolarização diversos.

Todavia, tendo em mente as idéias de Guy de que o estágio atual de variação sociolingüística estável é reflexo de um processo descrioulizante, fruto da aquisição parcial das regras de concordância do dialeto padrão (cf. 1981a, p.340-2 e 1986, p.8-9), decidimos tentar obter em nossos dados suportes empíricos para a sustentação ou não desta hipótese.

(SCHERRE, 1988, p. 447 – adaptado)

Diante disso, Scherre (1988, p. 447) elabora uma segunda etapa de análise e a realiza um novo agrupamento dos adultos, em função de dois aspectos: ambiente de origem e grau de concordância. Assim, a configuração de fatores organiza-se em falantes de: 1) ambiente humilde e concordância baixa; 2) ambiente não humilde e concordância alta; 3) ambiente humilde e concordância alta; 4) ambiente não humilde e concordância baixa.

Scherre (1988, p. 448) estabelece a hipótese de que o grupo 1 (ambiente humilde e concordância baixa) constitui-se por falantes não descrioulizados, pois esses pertencem a ambiente em que se espera pouca concordância. Em contrapartida, o grupo 2 (ambiente não humilde e concordância alta) abriga falantes que não vivenciaram processo de crioulização, visto que eles integram um ambiente que lhes propicia a aquisição do sistema padrão da língua. Nesse sentido, esses dois perfis revelam-se, como destaca a linguista, como extremos da situação linguística que se imagina ter ocorrido no português brasileiro.

A partir do minucioso estudo proposto, Scherre (1988, p. 460-1) conclui que:

Em resumo, os padrões etários consistentes que temos são: distribuição curvilínea nos falantes não humildes de concordância alta, indicando variação sociolingüística estável com gradação etária e distribuição inclinada nos falantes de baixa concordância, independentemente do ambiente de origem, apresentando um padrão de perda, ao lado também da influência aquisitiva em função dos Anos de escolarização. Os falantes de ambiente humilde com concordância alta não evidenciam qualquer sinal de aquisição em termos da Faixa etária e apresentam-se influenciados em termos diretamente proporcionais aos Anos de escolarização: quanto mais aumentam-se os anos de escolarização, mais aumenta-se a probabilidade de presença de concordância.

Esta segunda etapa de análise, portanto, aponta para um viés de análise distinto do inicial, o qual estabelece a ideia de variação estável. Scherre (1988), portanto, demonstra que compreender a concordância nominal de número como um fenômeno em variação estável não desnuda a magnitude desse processo variável, uma vez que obscurece particularidades específicas de determinados perfis sociais.

Temos conhecimento de que a pesquisa de Scherre (1988) não se restringiu às ponderações aqui firmadas. Sendo o tema, inclusive, retomado pela própria linguista em inúmeros trabalhos posteriores, a exemplo de Scherre (1998). Culminando ainda em diversas parcerias linguísticas e orientações, tais como Naro e Scherre (1991; 2003; 2009; 2010; 2013; 2015), Scherre e Naro (2006), Dias (1993), Silva (2011), Silva e Scherre (2013), Lopes (2014 e esta pesquisa), Lopes e Scherre (2014 e 2017) e Scardua (2018). Dá-se destaque à obra de Scherre e Naro (2006, p. 107), que estabelece uma nova perspectiva de análise aos dados cariocas ao estudar três amostras:

1) uma amostra aleatória de 64 falantes gravados no início da década de 1980; 2) uma amostra aleatória de 32 falantes gravados no final da década de 1990; (3) um grupo não aleatório de 16 falantes da amostra de 1980, recontactados em 1999-2000, após um intervalo médio de 18 anos. Reafirmamos que o melhor modelo para dar conta de mudança em um fenômeno estigmatizado é de fluxos e contrafluxos, que apresenta a configuração de grupos e de indivíduos transitando por diversas vias sociais linguisticamente estruturadas.

A obra Scherre e Naro (2006) testifica, inclusive, que a hipótese de fluxos e contrafluxos, cujo pensamento iniciou-se já na obra de Naro (1981), para os dados da concordância verbal, também é validada em dados da concordância nominal de número. Os linguistas concluem que:

A variação na concordância de número reflete bem o que denominamos metaforicamente de uma mudança sem mudança, no sentido de que é uma variação que não reflete mudança clara para todos os falantes nem reflete apenas uma linha de mudança, embora estejamos capturando aumento de concordância em função de maior exposição ao ambiente escolar, seja em termos de grupo ou de indivíduo, e também aumento de concordância em faixas etárias mais jovens, com um vislumbre de mudança geracional (NARO & SCHERRE, 2003). Até prova em contrário, o melhor modelo para dar conta da concordância de número no português brasileiro é o modelo de fluxos e contrafluxos, que apresenta a configuração de grupos e de

indivíduos transitando por diversas vias sociais lingüisticamente bem estruturadas. Este modelo certamente se aplica a fenômenos sujeitos a estigma, mas solidamente estruturado.

(SCHERRE e NARO, 2006, p. 120)

Este e alguns dos relevantes estudos citados aqui serão, oportunamente, retomados nesta tese, no capítulo 7, para efeitos comparativos.

### 3.2.2 Martins (2013)

Martins (2013) propõe-se a analisar o fenômeno de concordância nominal de número, no interior do sintagma nominal, em comunidades urbanas do Amazonas. A autora seleciona cinco municípios pertencentes à microrregião amazonense do alto Solimões: Fonte Boa, Jutai, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá e Tonantins. É válido destacar que, em 2010, em sua dissertação de mestrado, a linguista propunha a sistematização deste mesmo fenômeno no município de Benjamin Constant, também pertencente à microrregião de alto Solimões. Sendo assim, o objetivo da autora, com a tese defendida em 2013, era o de ampliar a investigação realizada em 2010, de forma a contribuir com o mapeamento da fala desta microrregião.

Embora o estudo de Martins (2013) tenha fomentado a discussão acerca do tema da concordância nominal de número a partir da colaboração de informantes habitantes da zona urbana do Amazonas, julgamos interessante estabelecer uma reflexão de cunho comparativo entre esses resultados e os obtidos com os habitantes da zona rural leopoldinense. Isso porque a própria autora assegura que há peculiaridades nas comunidades selecionadas para a composição de sua amostra. Essa afirmativa é assinalada pela linguista ao apresentar os dados da variável diatópica, em que analisa o índice de marcação das comunidades estudadas. O percentual de aplicação da regra varia de 50 a 62%, atestando pesos relativos entre 0,41 e 0,57. Diante disso, Martins (2013, p. 164) esclarece que:

Chama a atenção nesses resultados que o favorecimento do uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” nas cidades investigadas não é tão alto. Isso pode ser explicado por se tratarem de cidades que, em comparação com a capital Manaus (AM) – que é uma

cidade mais desenvolvida (há faculdades, livrarias, Shoppings etc.), “exigindo”, dessa forma, o uso de variantes mais prestigiadas socialmente, podem ser consideradas menos urbanas, já que são menos desenvolvidas, por exemplo, no máximo, algumas cidades apresentavam há alguns anos atrás nível de escolaridade até o Ensino Médio, não têm livrarias, Shoppings etc. E também podem ser consideradas mais isoladas, já que as pessoas não apresentam tanto grau de deslocamento para outras cidades, principalmente a capital cujo meio de acesso é quase exclusivamente através de barcos, não sofrendo, dessa forma, tantas influências externas.

Ao dissertar acerca da coleta da amostra, Martins (2013, p. 86) destaca que o acesso às comunidades ocorre via aérea e, principalmente, fluvial. A estratégia adotada pela linguista foi iniciar a coleta pelo município localizado no ponto mais alto do rio, São Paulo de Olivença, para, em seguida, deslocar-se rio abaixo, objetivando um tempo menor de locomoção. À primeira comunidade chegou-se de avião, partindo de Manaus, com viagem de duração de duas horas. Às demais localidades, a viagem ocorreu por barco, com duração de até nove horas, como no caso de Fonte Boa.

Considerando a dificuldade de deslocamento, as entrevistas eram coletadas, assim como as leopoldinenses, no primeiro contato entre entrevistador e entrevistado. A permanência da pesquisadora nas comunidades não era longa, em média 03 a 04 dias por município, totalizando um prazo de 18 dias de pesquisa em campo. Durante a coleta da amostra, a linguista contou com a colaboração de guias locais, exceto no município de Santo Antônio do Içá, em que a linguista não teve auxílio de pessoas da comunidade, portanto, o acesso a entrevistados em potencial foi mais difícil.

A autora sinaliza que foi coletado um total de 57 entrevistas, a partir da colaboração de informantes estratificados em: faixa etária – 18 a 35, 36 a 55 e com idade superior a 56 anos; escolaridade – 04-08 e de 09-11 anos; sexo – feminino e masculino. Martins (2013) analisa dois grupos de variáveis, organizados em: (i) extralinguísticas – idade, escolaridade, sexo/gênero, mobilidade, localismo, diatopia e ocupação; (ii) linguísticas – posição em relação ao núcleo/núcleo, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, posição linear ocupada no SN, marcas



precedentes, contexto fonético-fonológico subsequente, características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos).

Martins (2013) apresenta dois blocos de análise de dados. No primeiro, disserta acerca do efeito das variáveis, a partir de uma análise conjunta dos cinco municípios pesquisados. No segundo, observa o comportamento dos grupos de fatores em cada um dos municípios individualmente. De acordo com a Martins (2013, p. 220):

a microrregião investigada apresenta efeitos linguísticos restritivos semelhantes aos de outras pesquisas realizadas sobre esse fenômeno no PB que discutimos nesta pesquisa, mostrando, assim, que a variação é inerente ao sistema linguístico.

Ressalta-se que, para o controle estatístico dos dados, Martins (2013) utiliza o programa computacional Goldvarb X, de Sankoff, Tagliamonte & Smith (2005), o qual assegurou a relevância estatística de todas as variáveis sob análise, visto que todas foram selecionadas pelo Goldvarb X. Quanto ao primeiro bloco de análise, ou seja, para os dados das cinco comunidades analisados conjuntamente, Martins (2013) estabelece as seguintes considerações:

- a) posição em relação ao núcleo/núcleo: os elementos não nucleares antepostos ao núcleo favorecem a aplicação da regra de concordância (0,78), enquanto os núcleos e os não nucleares pospostos desfavorecem. Além disso, correlacionando essa variável com a *posição linear*, percebeu-se que os núcleos operam de maneira diferente a depender da posição que ocupam dentro do sintagma nominal, visto que os da primeira posição favorecem mais a aplicação da regra do que os da demais. Martins (2013, p. 142-3) aponta que:

Como se observa na Tabela 2, os núcleos na primeira posição apresentam com mais frequência a variante “presença de marcas formais/informais de plural” (96%), enquanto os núcleos em outras posições apresentam com frequência semelhante a “ausência de marcas formais/informais de plural” (segunda: 30%; terceira: 31%; demais: 143 29%), atestando também a hipótese que levantamos. Percebemos, nesse cruzamento, que quanto mais à direita o elemento linguístico estiver no SN, sendo núcleo ou não, há um desfavorecimento no uso da aplicação da regra.

Martins (2013, p. 143) analisa ainda a variável posição linear de maneira isolada. De acordo com a linguista, resultados gerais amazonenses atestam o caráter funcional da língua, de que a informação relevante é retida no primeiro elemento do sintagma, evitando a redundância nos itens seguintes. Isso porque os dados apontam para um favorecimento dos termos na primeira posição (0,79), enquanto os das outras posições – segunda (0,28), terceira (0,28) e demais posições (0,20) – desfavorecem a retenção da marca de plural.

- b) processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais: itens com formação regular de plural desfavorecem a presença de marcas; o contrário observa-se nos itens de plural irregular. Esses últimos favorecem a marcação.
- c) marcas precedentes: observa-se que, em SN's de três ou mais elementos, a presença da marca formal/informal de plural anterior ao elemento sob análise desfavorece a marcação. Todavia, a linguista frisa que o fator que analisa a presença de marca formal, a partir da primeira posição, apresenta peso relativo muito próximo ao ponto neutro. O mesmo também se observa entre os dados de mistura de marca com marca precedente. Ainda assim, Martins (2013, p. 154) frisa que os resultados amazonenses ratificam a premissa de Scherre (1988) de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”.
- d) contexto fonético-fonológico subsequente: nota-se que a vogal favorece a marcação, enquanto a pausa e a consoante desfavorecem a aplicação da regra. A autora propõe ainda uma análise detalhada acerca do ponto de articulação das consoantes e observa que “consoantes com ponto de articulação próximo a uma das possíveis pronúncias do /S/ (alveolar surda [s] e sonora [z]) desfavorecem o uso da variante ‘presença/ de marcas formais/informais de plural’” (p. 157), o que a autora atribui, possivelmente, ao processo de assimilação do ponto de articulação. Por outro lado, as consoantes que com maior diferenciação articulatória das possibilidades de pronúncias do /S/ em coda silábica favorecem a marcação. Por fim, Martins (2013, p. 156-7) frisa que:

É importante lembrar que se acontece ou não assimilação do ponto de articulação é algo que não podemos dizer com certa precisão, uma vez que cada localidade investigada caracteriza-se pelo uso de uma ou outra variante fonética do /S/ pós-vocálico. Pela oitiva, determinadas cidades parecem caracterizar-se pelo uso da variante alveolar surda/sonora e outras pelo uso da variante alveopalatal surda/sonora. Destaca-se pela “análise” perceptual, por exemplo, quando a variante fonética do /S/ era a alveopalatal sonora, diante da consoante africada [d<sub>3</sub>] que também é alveopalatal sonora, a variante “presença de marcas formais/informais de plural” não era usada, como constatamos pelo peso relativo exposto na Tabela 9. Nesse caso é nítido o processo de assimilação do ponto de articulação.

- e) características dos itens lexicais: Martins (2013, p. 158-160) observa que substantivos e adjetivos com morfemas indicativos de diminutivo desfavorecem a aplicação da concordância nominal de número. Em contrapartida, morfemas em grau aumentativo favorecem a retenção da marca. A autora chama a atenção para o quantitativo de termos no aumentativo (apenas 05 dados). Nas palavras da linguista:

Nos nossos resultados, essas formas [diminutivo – 74 dados; aumentativo – 05 dados] aparecem muito pouco em relação à quantidade de dados codificados [4330 dados]. E, talvez, as formas no aumentativo (cinco ocorrências apenas) acabam sendo mais perceptíveis para os informantes que, conseqüentemente, utilizam mais a “presença de marcas formais/informais de plural.

(MARTINS, 2013, p. 159 – adaptado)

Em linhas à frente, Martins (2013, p. 160) realiza um cruzamento entre as variáveis “características dos itens lexicais” e “escolaridade”. Nota-se que 04 ocorrências no aumentativo foram observadas na fala dos falantes com 4 a 8 anos de escolarização, dentre essas 01 com marca padrão de plural. O outro dado, portanto, ocorre na fala de um falante entre 9 a 11 anos de escolaridade. A linguista assume que a marcação categórica na fala dos mais escolarizados indica que essa forma é mais perceptível para esses informantes, o que justificaria a presença de marca de plural. Todavia, consideramos que estabelecer conclusões a partir da observância de apenas 05 dados, diante do total de termos analisados na amostra (4330 vocábulos), não é viável. Isso porque a marcação desses itens pode estar sendo influenciada por outras variáveis, a exemplo da própria escolaridade.

No que se refere às variáveis extralinguísticas, Martins (2013) propõe as seguintes observações:

- a) escolaridade: os falantes mais escolarizados apresentam maiores índices de marcação de plural, favorecendo a aplicação da regra de concordância.
- b) sexo: as mulheres amazonenses favorecem o uso da presença de marcas plurais, com 0,52 de peso relativo, enquanto os homens desfavorecem, com 0,47. Segundo a linguista, esses resultados ratificam a tendência, observada na organização social ocidental, de as mulheres serem mais sensíveis às normas de prestígio, tendo em vista o papel conservador ocupado por elas na sociedade.
- c) idade: a linguista nota que há uma possível mudança em progresso ocorrendo no Amazonas, na microrregião em análise, visto que são os mais jovens (18 a 35 anos) os mais favorecedores da aplicação das marcas formais/informais de plural. Seguindo o preceito laboviano, de que a forma mais clara de se observar a mudança em tempo aparente é estabelecer correlações com as demais variáveis sociais, Martins (2013) elabora um cruzamento entre a variável idade e a variável sexo e, posteriormente, entre idade e ocupação. Todavia, no primeiro, não foi possível constatar indícios de mudança. No segundo, constatou-se:

um padrão curvilíneo indicando variação estável para informantes cuja ocupação não exige o uso de formas de prestígio e um padrão linear indicando uma possível mudança em progresso em direção a um sistema com “presença de marcas formais/informais de plural” para informantes cuja ocupação exige o uso de formas de prestígio.

(MARTINS, 2013, p. 221)

Sendo assim, observou-se, a partir do cruzamento entre idade e ocupação, dois processos operando de formas distintas na comunidade. Embora a autora não reflita essa constatação a partir do modelo de “fluxos e contrafluxos”, proposto por Naro e Scherre (1991, 2010 e 2013) e Scherre e Naro (2006), inferimos que essa análise seria interessante. Isso porque, assim como nos dados cariocas de 1980 e 2000, os resultados amazonenses apontam para o movimento de “grupos e de indivíduos transitando por diversas vias sociais linguisticamente bem estruturadas”

(SCHERRE e NARO, 2006, p. 106). Esta ideia será retomada no momento da análise dos dados leopoldinenses.

- d) ocupação: os informantes que desempenham ocupações das quais se esperam o uso de formas linguísticas prestigiadas socialmente favorecem a presença da concordância nominal de número. Em contrapartida, Martins (2013) observa que falantes desempenham ocupações que não exigem necessariamente o uso de formas prestigiadas desfavorecem a aplicação da regra de concordância.
- e) diatopia: nota-se que, nas cidades São Paulo de Olivença, Jutá e Santo Antônio do Içá, o uso da presença de marcas é favorecido, enquanto nas de Fonte Boa e Tonantins, desfavorecido.
- f) mobilidade: para esta variável Martins (2013, p. 165) revela que a

hipótese era a de que os informantes com alto grau de deslocamento do seu lugar de origem tendessem a adotar valores sociais e linguísticos externos (quanto ao uso da variável concordância nominal de número pode ser tanto a “presença de marcas formais/informais de plural” quanto a “ausência de marcas formais/informais de plural”), enquanto os que apresentam menor grau de deslocamento tendessem a adotar os valores linguísticos e sociais do local de origem (MILROY, 2004 [2002], BATISTI *et al.*, 2004 [2002]), no caso a “presença de marcas formais/informais de plural”.

Atestando a hipótese inicial da linguista, os informantes que apresentam pouco grau de deslocamento são os que mais favorecem o uso de marcas, o que mostra o alinhamento desses com a variedade utilizada na região (58% de presença de marcas). Em contrapartida, os falantes com média e muita mobilidade desfavorecem a aplicação da regra. Segundo Martins (2013), provavelmente, esses últimos “adotam valores linguísticos externos” (p. 222).

A linguista frisa que informantes com *média e muita mobilidade* moraram por muito tempo em comunidades ribeirinhas da microrregião do Alto Solimões, sendo que essas áreas são, em sua maioria, consideradas rurais e que não dispõem de ensino devidamente estruturado, visto que, geralmente, ofertam até o quinto ano do ensino fundamental. Sendo assim, Martins (2013, p. 167) afirma que:

Por se tratarem de áreas em que não se “exige” o uso de variantes prestigiadas socialmente, devem, provavelmente, adotar a variante “ausência de marcas formais/informais de plural” e, assim, nossos resultados refletem esses valores externos.

A linguista frisa ainda que alguns dos falantes com *média e muita mobilidade* saíram de suas comunidades para residir em Manaus, entre os quais, a maioria retorna para suas cidades de origem, por considerar a mudança de sítio para a capital como um processo lento e de difícil acesso (cf. Martins, 2013, p. 167).

- g) localismo: a linguista constata que os informantes com maior sentimento de pertencimento à região (*bem integrados*) em que residem favorecem o uso da variante operante na comunidade, com 0,51 de peso relativo, ou seja, a marcação do plural. Entretanto, os falantes *pouco integrados* à cidade também favorecem a aplicação da regra, com 0,51. Por outro lado, os *mais ou menos integrados* desfavorecem-na, com 0,39. Diante disso, Martins (2013, p. 222) estabelece a hipótese que:

alguns dos informantes, considerados pouco integrados apresentam maior mobilidade e assim valorizam variantes externas que no caso também é a variante de maior prestígio social, como observamos na correlação entre localismo e mobilidade.

Quanto aos falantes com *muita mobilidade*, Martins (2013) frisa que boa parte desses indivíduos já residiram em comunidades ribeirinhas, consideradas rurais, as quais “devem fazer uso da variante valorizada nessas áreas que, provavelmente, deve ser ‘a ausência de marcas formais/informais de plural’” (p.173-4). Diante disso, consideramos que esses resultados carecem de uma reflexão mais apurada, com estudos posteriores específicos da linguista amazonense, uma vez que é inquietante o fato de fatores, teoricamente, oposto – *falantes bem integrados e pouco integrados* – apresentarem resultados iguais.

Com base nesses resultados, Martins (2013, p. 222) conclui que:

Os resultados de todas as variáveis analisadas nos permitem dizer que a região aqui investigada não se diferencia muito das outras cidades do Brasil em que a concordância nominal de número foi investigada,

pois, essencialmente, na nossa amostra – mesmo que tenha mostrado valores percentuais e de peso relativo baixos de concordância – os informantes compartilham os mesmos efeitos restritivos nesse processo de variação. Ressaltamos, ainda, a importância se olhar para variáveis sociais mais micro, como mobilidade e localismo, já nos mostraram resultantes interessantes na regra de funcionamento do objeto em estudo.

Ao apresentarmos os resultados leopoldinenses, evocaremos algumas variáveis analisadas na fala amazonense, de forma a refletir se, em pontos tão distantes do país, opera-se o mesmo conjunto de fatores no fenômeno sob análise.

No segundo bloco de análise, Martins (2013) observa o efeito das variáveis por cada comunidade: Fonte Boa, Jutuí, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá e Tonantins. Ao comparar os resultados das 05 cidades, a linguista conclui que há mais semelhanças do que diferenças, principalmente, no que se refere ao efeito das variáveis independentes.

No que diz respeito a essas variáveis, todas as cidades apresentaram praticamente o mesmo efeito restritivo sobre o uso da concordância nominal de número (posição em relação ao núcleo/núcleo, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais e marcas precedentes), diferenciando-se apenas quanto à hierarquia dos fatores atuantes para algumas variáveis.

(MARTINS, 2013, p. 222)

Quanto às variáveis extralinguísticas, quatro das cinco cidades selecionaram as variáveis ocupação e mobilidade como estatisticamente significantes – Jutuí, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá e Tonantins –, o que ratifica a hipótese que Martins (2013) estabelece acerca da importância de se incorporarem essas variáveis aos estudos sociolinguísticos. Segundo a linguista, Jutuí e Tonantins são as cidades que mais compartilham efeitos restritivos, visto que o Goldvarb X selecionou em ambas: mobilidade, ocupação, idade e sexo/gênero. A autora destaca ainda a não seleção da variável escolaridade, nos municípios de Fonte Boa e São Paulo de Olivença, “o que chama nossa atenção já que tem sido uma variável importante para entendermos a regra de funcionamento do fenômeno em estudo em outras localidades no Brasil” (MARTINS, 2013, p. 223). A linguista frisa ainda que:

O que observamos para essa microrregião é que variáveis que levam em consideração características mais específicas dos indivíduos (ocupação e mobilidade) são as que mais explicam o objeto em investigação do que variáveis que levam em consideração o tipo social (idade, sexo/gênero e escolaridade) do informante, já que elas não são selecionadas em todas as localidades.

(MARTINS, 2013, p. 223)

Em análises futuras, acerca do português falado na região de Santa Leopoldina, julgamos interessante analisar as variáveis sugeridas por Martins (2013). Todavia, neste momento, nosso estudo estará restrito às variáveis sociais tradicionais: sexo, escolaridade e faixa etária.

### 3.2.3 Lopes (2014)

O estudo acerca do fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, foi iniciado em 2012, quando no mestrado, esta pesquisadora, Lopes (2014), analisou um total de 6313 ocorrências de variação no processo de concordância de número no interior do sintagma nominal. Estes dados foram coletados a partir da fala de 32 informantes da zona rural leopoldinense<sup>22</sup>, estratificados em: sexo – feminino e masculino; faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49 e com idade superior a 49 anos. Na ocasião, observou-se que os fatores linguísticos se sobrepujam aos sociais, no que se refere ao efeito das variáveis, embora todas as variáveis – linguísticas ou sociais – tenham sido selecionadas pelo programa Goldvarb X.

A seguir apresentamos um quadro que dispõe as variáveis linguísticas, os fatores analisados e os *ranges* obtidos por Lopes (2014), a partir da ordem de seleção pelo programa estatístico. Quanto à noção de *range*, é válida a retomada desse conceito, nos termos de Tagliamonte (2009, p. 242):

A força é medida pelo ‘/ æ} , \*que é então comparado com os *ranges* dos outros grupos de fatores significativos. O *range* é calculado

---

<sup>22</sup> Ressalta-se que a caracterização da comunidade leopoldinense será apresentada no capítulo 5, enquanto, no capítulo 6, evidencia-se a metodologia de pesquisa, que inclui a discussão sobre a coleta e a transcrição das entrevistas, além dos processos de codificação e da manipulação estatística dos dados. Sendo assim, no subtópico atual, não nos aprofundaremos nessas questões.



subtraindo o peso do fator mais baixo do peso do fator mais alto. Quando esses números são comparados para cada um dos grupos de fatores em uma análise, o número mais alto (ou seja, *range*) identifica a restrição mais forte. Os números mais baixos identificam a restrição mais fraca e assim por diante. A *range* (ou magnitude do efeito) permite situar grupos de fatores em relação uns aos outros<sup>23</sup>.

Sendo assim, a disposição dos *ranges* obtidos na etapa de análise geral de Lopes (2014) é interessante, pois através deles podemos mensurar as variáveis mais atuantes no fenômeno da concordância nominal, quando analisado por Lopes (2014), que dispunha apenas de informantes com ensino fundamental 01 e 02. Além disso, poderemos refletir sobre este mesmo fenômeno, analisado nesta tese, com o acréscimo de novos informantes, o que culminou na inserção de dados de falantes com ensino médio. Ressaltamos que os dados expostos no quadro 2, a seguir, serão retomados posteriormente, quando apresentarmos os dados obtidos pela análise da concordância nominal nesta pesquisa, na seção 7.

**Quadro 2: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção do Goldvarb X, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, conforme Lopes (2014)**

(continua)			
Ordem	Variável independente	Fatores	Range
1 <sup>a</sup>	Posição linear e relativa	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Antes do núcleo na 1<sup>a</sup> posição;</li> <li>&lt; Antes do núcleo nas demais posições;</li> <li>&lt; Núcleo na 2<sup>a</sup> posição;</li> <li>&lt; Núcleo nas demais posições;</li> <li>&lt; Depois do núcleo na 2<sup>a</sup> posição;</li> <li>&lt; Depois do núcleo na 3<sup>a</sup> posição;</li> <li>&lt; Depois do núcleo nas demais posições.</li> </ul>	88

<sup>23</sup> No original: "Strength is measured by the 'range', which is then compared with the ranges of the other significant factor groups. The range is calculated by subtracting the lowest factor weight from the highest factor weight. When these numbers are compared for each of factor groups in an analysis, the highest number (i.e range) identifies the strongest constraint. The lowest numbers identifies the weakest constraint, and so forth. The range (or magnitude of effect) enable you to situate factor groups with respect to each other" (TAGLIAMONTE, 2009, p. 242).

**Quadro 2: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção do Goldvarb X, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, conforme Lopes (2014)**

**(continuação)**

<b>Ordem</b>	<b>Variável independente</b>	<b>Fatores</b>	<b>Range</b>
2 <sup>a</sup>	Saliência fônica	<ul style="list-style-type: none"> <li>⟨ Duplos (paroxítonos);</li> <li>⟨ Itens terminados em -L;</li> <li>⟨ Itens terminados em -ão;</li> <li>⟨ Itens terminados em -r;</li> <li>⟨ Itens terminados em -s;</li> <li>⟨ Regulares oxítonos;</li> <li>⟨ Regulares proparoxítonos;</li> <li>⟨ Regulares paroxítonos.</li> </ul>	29
3 <sup>a</sup>	Marcas precedentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>⟨ Sintagma preposicionado;</li> <li>⟨ Numeral precedente;</li> <li>⟨ Apenas uma marca -s;</li> <li>⟨ Duas ou mais marcas -ss;</li> <li>⟨ Mistura de marcas com item imediatamente anterior marcado;</li> <li>⟨ Zero imediatamente precedente.</li> </ul>	74
4 <sup>a</sup>	Faixa etária	<ul style="list-style-type: none"> <li>⟨ 07-14 anos;</li> <li>⟨ 15-25 anos;</li> <li>⟨ 26-49 anos;</li> <li>⟨ &gt;49 anos</li> </ul>	15
5 <sup>a</sup>	Animacidade cruzada com grau e formalidade dos substantivos e adjetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>⟨ [-humano] e [+ animado] e diminutivo/aumentativo – informal;</li> <li>⟨ [+ humano] e [- coletivo] e diminutivo/aumentativo – informal;</li> <li>⟨ [-humano] e [+ animado] e grau normal – neutro;</li> <li>⟨ [-humano] e [- animado] e diminutivo/aumentativo – informal;</li> <li>⟨ [-humano] e [- animado] e grau normal – informal;</li> </ul>	40

**Quadro 2: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção do Goldvarb X, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, conforme Lopes (2014)**

			(conclusão)
Ordem	Variável independente	Fatores	Range
5 <sup>a</sup>	Animacidade cruzada com grau e formalidade dos substantivos e adjetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; [+ humano] e [- coletivo] e grau normal – informal;</li> <li>&lt; [+ humano] e [- coletivo] e grau normal – neutro;</li> <li>&lt; [-humano] e [- animado] e grau normal - neutro;</li> <li>&lt; [-humano] e [+ animado] e grau normal – informal.</li> </ul>	40
6 <sup>a</sup>	Sexo	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Feminino;</li> <li>&lt; Masculino.</li> </ul>	07
7 <sup>a</sup>	Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Ensino fundamental 01;</li> <li>&lt; Ensino fundamental 02;</li> </ul>	07

Fonte: Lopes, 2014, p. 99-147 – elaboração própria.

Lopes (2014) apresenta uma minuciosa análise acerca da concordância nominal leopoldinense, além de apresentar um estudo comparativo entre os resultados leopoldinenses e os obtidos por Scherre (1988, 1998), Scherre e Naro (2006), que estudam o fenômeno no Rio de Janeiro, nas décadas de 1980 e 2000, e Silva (2011), na capital do Espírito Santo, com dados de 2000. Além disso, Lopes (2014, p. 148) esclarece que alguns dos resultados utilizados na composição dos estudos comparáveis foram cedidos pela professora Maria Marta Pereira Scherre e pelo professor Anthony Julius Naro do arquivo pessoal dos linguistas.

É válido esclarecer que a pesquisa de Silva (2011) é produto do trabalho de conclusão de curso da linguista. Dessa forma, o estudo comparativo apresentado por Lopes (2014) entre os dados leopoldinenses e capixabas não dispunha de grande detalhamento, porque Silva (2011) restringiu seu estudo às variáveis sociais – sexo, faixa etária e escolaridade – e a duas variáveis linguísticas – saliência fônica (organizada de forma binária, entre mais e menos salientes) e a posição linear e relativa. Nesta tese, portanto, propomo-nos

também a retomar os dados da fala de Vitória, todavia utilizaremos as considerações de Scardua (2018), visto que esta linguista sistematiza de forma mais aprofundada os resultados da concordância nominal na capital, em sua dissertação de mestrado, os quais serão apresentados, panoramicamente, em 4.1.3.

Lopes (2014) sinaliza que, inicialmente, baseou sua metodologia de pesquisa e organização das variáveis em análise, a partir das contribuições de Scherre (1988). Todavia, nas primeiras etapas de análise no Goldvarb X, não se obtinha convergência<sup>24</sup> estatística. Após uma série de rodadas de teste, observamos que a convergência era obtida ao realizarmos o cruzamento entre as variáveis “animacidade dos substantivos” e “grau e formalidade dos substantivos e adjetivos”, transformando-as em uma única variável. Esclarecemos que:

A quinta variável selecionada foi a formada a partir da amalgamação<sup>25</sup> [leia-se: cruzamento] de duas variáveis animacidade dos substantivos e grau e formalidade dos substantivos e adjetivos. Inicialmente, orientamos nossa análise a partir do observado por outros estudiosos, como Scherre (1988), ou seja, a princípio, codificamos essas variáveis em separado. Contudo, nossos dados produziam rodadas sem convergência, inclusive a rodada geral. Percebemos, por fim, que se retirássemos uma das variáveis citadas, a convergência era obtida. Dessa forma, concluímos que havia sobreposição, em algum grau, entre essas variáveis. Assim, amalgamamos [leia-se: cruzamos] essas em um grupo maior.

(LOPES, 2014, p. 135-6)

Em Lopes (2014) foram apresentados os resultados das variáveis animacidade dos substantivos e grau e formalidade dos substantivos e adjetivos em separado, os quais são produtos de rodada sem convergência. E, posteriormente, refletiu-

<sup>24</sup> Segundo Guy e Zilles (2008): “[...] quando a diferença [entre o último e o penúltimo ciclo do algoritmo] é menor do que o limite, a conclusão é que os processos do algoritmo não são capazes de melhorar ainda mais o modelo, e, portanto, o programa pára. Isso é o que se chama de conseguir convergência no modelo; significa convergência do algoritmo nos valores mais adequados para modelar esse conjunto de dados, ou seja, o modelo melhor que mais se aproxima dos dados observados, usando os parâmetros e equações incorporados no programa” (p. 198 – adaptado).

<sup>25</sup> Em Lopes (2014, p. 135-6), utilizamos o termo amalgamação para nos referirmos à junção das variáveis “animacidade dos substantivos” e “grau e formalidade dos substantivos”. Todavia, considerando que o termo amalgamação se refere à junção de dois ou mais fatores, de acordo com a explanação de Guy e Zilles (2008, p. 188-9), compreendemos que o termo mais adequado seria “cruzamento” dessas variáveis. Apesar de entendermos que esse cruzamento também culminou na amalgamação dos fatores desses grupos. Sendo assim, sempre que possível, ressaltaremos essas considerações nas citações diretas de Lopes (2014) ao esclarecer, entre parênteses ou colchetes, o termo mais adequado a ser usado (cruzamento).

se sobre a obtenção da convergência, mediante o cruzamento destes grupos de fatores. Neste momento, não apresentaremos este nível de detalhamento, haja vista que nosso objetivo é evidenciar as tendências de marcação do fenômeno, observadas em 2014, na comunidade leopoldinense. Vejamos:

- a) Posição linear e relativa: genericamente, observa-se que os elementos posicionados mais à esquerda no núcleo, ou seja, antepostos, favorecem a aplicação da pluralidade. Em análise da posição aliada à classe gramatical, essa observação se mantém, visto que, independente da classe gramatical, os itens à esquerda do núcleo favorecem a marcação. Na posição nuclear, notamos que os substantivos na primeira posição são categoricamente marcados, enquanto substantivos e categorias substantivadas na 2ª e 3ª posições desfavorecem a marcação. A posposição ao núcleo opera como esperado, ou seja, o item mais à direita, seja determinante, seja adjetivo, desfavorece a marcação.
- b) Saliência fônica: os dados leopoldinenses reforçam a hipótese de Naro (1981) e Scherre (1988), ou seja, os itens mais salientes são mais favorecedores à marcação explícita de plural. Lopes (2014, p. 176) sinaliza ainda que:

[...] a frequência de determinado item interfere na marcação do elemento. Essa conclusão foi possível pelo peso relativo do vocábulo *Real* inferior aos demais termos em -l. Notamos, contudo, diferente do observado em Scherre (1988), que o termo *vez* na expressão *às vezes* tem o mesmo funcionamento, em Santa Leopoldina, que os demais itens em -s. Comprovamos a hipótese de Scherre (1988), acerca da tendência, dos itens em -ão, à regularização, uma vez que o peso relativo desses é equiparado ao dos regulares proparoxítonos e paroxítonos.

- c) Marcas precedentes: os dados leopoldinenses confirmam a hipótese de Scherre (1988, p. 173), que a partir de uma reflexão sobre as considerações de Poplack (1980), observa que, no português falado na amostra do Rio de Janeiro, de 1980, marcas levam a marcas, tal como zeros levam a zeros. Lopes (2014, p. 176-7) salienta que itens imediatamente precedidos por zeros desfavorecem a marcação de plural. Por conseguinte, itens precedidos por numeral ou marcação em -s apresentam pesos relativos intermediários, considerando a hierarquia os

fatores em análise. Em contrapartida, sintagmas preposicionados sem marca desfavorecem a marcação. Lopes (2014) sinaliza ainda que, em análises futuras, pretende subdividir a categoria dos SPrep's em *com marca* e *sem marca*. Esclarecemos, contudo, que no estudo atual, observamos que esse nível de detalhamento se fez inviável, como será observado no subtópico 8.3.

- d) Faixa etária: tal como observado por Silva (2011), com dados da capital capixaba, Lopes (2014) atestou, em Santa Leopoldina, um processo de mudança em direção ao aumento da concordância. As duas faixas etárias mais jovens (07-14 e 15-25 anos) são as que mais favorecem a retenção da marca de plural. A partir de cruzamentos entre as variáveis sociais, a linguista observou ainda que essa tendência é delimitada pelo sexo e pela escolaridade. Isso porque o cruzamento entre o sexo e a faixa etária aponta que são as mulheres mais jovens as que retêm mais a concordância, além disso, os homens a partir dos 26 anos também apresentam aumento de marcação:

[...] percebemos que as falantes mais jovens favorecem a aplicação da regra, liderando o processo de aquisição da concordância na comunidade rural de Santa Leopoldina. Justificamos esse resultado pelo contato com a mídia. Em Santa Leopoldina, a rotina das mulheres é mais restrita ao ambiente doméstico, com maior acesso à televisão e ao rádio. Por outro lado, os homens têm sua rotina mais voltada à labuta da roça. Além disso, os homens da terceira faixa etária, ou seja, os responsáveis pela comercialização dos produtos na CEASA<sup>26</sup>, são mais sensíveis à aplicação da regra que os mais jovens. Esse aumento no peso relativo pode ser motivado pelo contato com falantes da Grande Vitória. Os homens da quarta faixa etária também apresentam aumento no peso relativo, indicando que esses informantes são mais conservadores que os demais.

(LOPES, 2014, p. 178)

Quanto ao cruzamento entre a escolaridade e a faixa etária, notamos que os falantes do ensino fundamental 01 com idade entre 15-25 anos, e os do fundamental 2, com 07-14 anos, apresentam maiores índices de marcação.

- e) Animacidade cruzada com grau e formalidade dos substantivos e adjetivos: conforme mencionado anteriormente, a análise dessas

---

<sup>26</sup> Neste ponto, Lopes (2014) refere-se a Central de abastecimento do Espírito Santo S.A (Ceasa-ES).

variáveis em separado não se mostrou adequada à realidade do município de Santa Leopoldina, visto que, nessa etapa de análise, a convergência estatística não era obtida. Em conclusão, Lopes (2014, p. 177 – adaptado) constata que:

[...] o reconhecimento de um elemento como pertencente à comunidade ou ao seu cotidiano reflete-se na fala dos indivíduos. Isso porque os itens [- humano] e [+ animado], ou seja, designadores de animais típicos do ambiente rural, independentemente do grau, desfavorecem a presença de marcas. Concluímos, portanto, que a formalidade de um termo se relaciona com o grau de intimidade entre o falante e o elemento a requerer a pluralização, assim como com a frequência de uso do item. Essa hipótese é confirmada pelo fato de a obtenção da convergência ter sido possível a partir da amalgamação [cruzamento] das variáveis animacidade e grau e formalidade dos substantivos.

Nesta tese, pretendemos refletir mais adequadamente sobre essas colocações, mediante os resultados atuais obtidos.

- f) Sexo: as mulheres leopoldinenses apresentam percentagem de marcação superior à média global da comunidade. Quanto aos pesos relativos, nota-se que as falantes do sexo feminino favorecem a marcação, enquanto os homens desfavorecem-na.
- g) Escolaridade: os resultados leopoldinenses não surpreendem, uma vez que os falantes mais escolarizados (ensino fundamental 02) apresentam índices de marcação mais elevados que os menos escolarizados (ensino fundamental 01). Na pesquisa atual, utilizamos a mesma amostra de Lopes (2014). Entretanto, inserimos 01 informante no fundamental 01; 02, no fundamental 02; além de acrescentar a categoria ensino médio, com 09 novas entrevistas – totalizando 44 informantes entrevistados, ou seja, 12 falantes adicionados em relação ao *status* da amostra em 2014. No capítulo 8, apresentaremos os resultados atuais e estabeleceremos uma comparação com os de 2014.

#### 3.2.4 Scardua (2018)

A pesquisa de Scardua (2014 e 2018) deu continuidade ao estudo da concordância nominal, iniciado por Silva (2011), como mencionado, brevemente,

no subtópico anterior. A análise de Silva (2011) exhibe dados extraídos de 43 entrevistas do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix)<sup>27</sup>, a partir da colaboração de 43 informantes capixabas estratificados em: sexo – feminino e masculino; faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49 e acima de 49 anos; escolaridade – ensino fundamental, médio e superior.

Scardua (2014), em seu trabalho de conclusão de curso, retoma a pesquisa de Silva (2011), de modo a concluir o levantamento dos dados da amostra PortVix, que, então, passa a contar com 46 entrevistas. A linguista analisa as mesmas variáveis sociais controlada por Silva (2011) e as linguísticas – saliência fônica e posição linear e relativa – em estudo por Silva (2011), concluindo esta etapa de análise do PortVix.

Destarte, considerando que o estudo acerca da concordância nominal no interior do sintagma nominal carecia de maior aprofundamento, Scardua (2018, p. 24) propõe: “expandir a análise sobre a marcação de plural nos elementos do sintagma nominal no português falado nessa cidade [Vitória], avaliando as dimensões linguística, social e estilística”.

Neste momento, apresentaremos um recorte das relevantes observações de Scardua (2018). Considerando, portanto, o escopo deste trabalho, restringiremos nossas considerações às dimensões linguística e social, analisadas por Scardua (2018). Todavia, sinalizamos que a pesquisa dispõe de instigantes resultados acerca dos efeitos estilísticos operantes no fenômeno da concordância, a partir da proposta original laboviana da *Árvore da Decisão* em 2001 (cf. SCARDUA, 2018, p. 53-54). Além disso, Scardua (2018, p. 159) avança no tema, propondo uma remodelagem da *Árvore da Decisão* laboviana, doravante denominada por ela de *Árvore da Decisão remodelada*. O objetivo é

---

<sup>27</sup> Neste tópico, não nos aprofundaremos na explanação da amostra PortVix, visto que informações acerca da composição desse banco de dados foram apresentadas anteriormente no tópico 3.1.3, quando citamos a pesquisa de Benfica (2016), que analisa esta mesma amostra. Para mais informações sobre a fala da capital capixaba, quanto aos processos de concordância verbal de primeira e terceira pessoa e concordância nominal no interior do sintagma nominal sugerimos as leituras de Benfica (2016) e Scardua (2018), respectivamente.



evidenciar uma análise da variável estilística mais adequada, no que se refere à categoria “resíduos”.

Em linhas gerais, podemos afirmar que Scardua (2018, p. 198) reconhece, a partir da análise dos dados do PortVix, a importância da análise baseada na Árvore da Decisão laboviana, visto que, a partir desse modelo: “evidencia a sistematicidade/uniformidade do ramo de fala casual na diminuição de marcas de concordância e do ramo de fala monitorada no favorecimento relativo do morfema plural” (SCARDUA, 2018, p. 196). Todavia, Scardua (2018, p. 195 – adaptado) esclarece que:

A necessidade de reconsiderar a classificação dos dados como exclusivamente do ramo monitorado ou casual já foi mencionada por alguns pesquisadores.

[...]

Após todas estas reflexões, podemos dizer que nossos resultados apontam, em concordância com o já discutido por esses pesquisadores [cita-se Baugh (2011), Dantas e Gibbon (2014), Valle e Görski (2014)], que a proposta laboviana binária de investigação das partes da entrevista, sem um olhar voltado para outros parâmetros, deixa de captar traços importantes que envolvem a variação estilística, visto que nem todos os trechos de determinado contexto do ramo de falas monitoradas são igualmente monitorados, assim como nem todas as passagens de determinada categoria do ramo de falas não monitoradas são igualmente casuais.

Quanto à análise da fala na capital capixaba, na perspectiva linguística e social, a amostra evidencia um total de 10.293 ocorrências de sintagmas nominais, sendo 9.383 casos com marca de plural, culminando em 88,6% de concordância. Para tanto, a linguista utilizou o programa Goldvarb X, de Sankoff, Tagliamonte & Smith (2005). Os dados foram submetidos a três rodadas gerais: “estilo casual *versus* estilo monitorado”, “árvore da decisão laboviana” e “árvore da decisão remodelada”. Considerando que, nas três rodadas gerais, todas as variáveis foram selecionadas pelo programa computacional e que a análise estilística pautada na “Árvore da Decisão remodelada” é a mais adequada por abarcar um quantitativo maior de dados em estudo, utilizaram-se os resultados obtidos por esta metodologia.

Sendo assim, a seguir, apresentamos os resultados das variáveis linguísticas e sociais, analisadas por Scardua (2018), respeitando a ordem de seleção gerada pelo Goldvarb X:

- a) Posição relativa e linear: inicialmente, o objetivo de Scardua (2018, p. 123) era controlar a posição do elemento em função do núcleo, a partir dos seguintes fatores: antes do núcleo na 1ª posição, antes do núcleo a partir da 1ª posição, núcleo na 1ª posição, núcleo na 2ª posição, núcleo a partir da 2ª posição, depois do núcleo na 2ª posição e depois do núcleo a partir da 2ª posição. Todavia, nesta etapa de análise, não foi possível obter convergência. Citamos esse pormenor da pesquisa da linguista capixaba, pois, em nossos dados, ocorreu algo similar. E, tal como Scardua (2018), tivemos de readaptar a organização dos fatores, conforme esmiuçaremos no capítulo 7. Os resultados finais da variação capixaba, posteriores ao reagrupamento dos fatores, em: antes do núcleo, núcleo na 1ª posição, núcleo a partir da 1ª posição, depois do núcleo – ratificam a hipótese proposta por Scherre (1988) de que os elementos mais à esquerda favorecem a aplicação da regra.
- b) Marcas precedentes: comprova-se a hipótese de que elementos nominais precedidos por marcas são mais sensíveis à retenção da marca -s. Nota-se que, a partir da segunda posição no interior do sintagma nominal, a presença de marcas tende a gerar mais marcas, enquanto a ausência dessas tende a gerar mais zeros. Essa observância “comprova a tendência do agrupamento de formas por semelhança” (SCARDUA, 2018, p. 197).
- c) Faixa etária: em Vitória, as duas faixas etárias mais jovens (07-14 e 15-25 anos) favorecem a marcação de plural, em 0,827 e 0,606, respectivamente. Em contrapartida, os mais velhos (26-49 e acima de 49 anos) tendem a desfavorecer a marcação com índices de 0,352 e 0,321. Esses resultados sinalizam que Vitória, tal como observado por Scherre (1988) e Lopes (2014), com dados do Rio de Janeiro e Santa Leopoldina, está em um processo de mudança em direção ao aumento de ida variante prestigiada.
- d) Escolaridade: os resultados desta variável ratificam a hipótese de aumento de concordância, em função do grau de escolarização do

indivíduo, visto que é observada uma elevação progressiva dos índices para ensino fundamental, médio e superior, em 0,341, 0,519 e 0,672, respectivamente.

- e) Saliência Fônica: indica que os elementos mais salientes tendem a ser mais marcados, quanto à presença de marcas de plural, enquanto os itens menos salientes são menos marcados.
- f) Sexo<sup>28</sup>: os homens capixabas favorecem a concordância de número plural, enquanto as mulheres desfavorecem-na. Scardua (2018, p. 156-7) apresenta uma pertinente discussão acerca do tema, apontando que esse traço da fala capixaba reflete o conservadorismo da comunidade de Vitória. Menciona-se ainda que é relevante refletir porque esses resultados são contrários aos observados por Lopes (2014), na comunidade de Santa Leopoldina. Scardua (2018) sugere que esses resultados revelam o grau de avaliação da concordância nominal pelos falantes leopoldinenses e capixabas. No item 8.7, retomaremos essa discussão, a partir dos dados atualizados obtidos em Santa Leopoldina e considerando a organização local da comunidade por nós analisada.

No capítulo 7, que trata da análise dos dados do fenômeno de concordância nominal, em Santa Leopoldina, retomaremos parte dos resultados aqui apresentados. Nosso objetivo é estabelecer um estudo comparativo entre as pesquisas de Scherre (1988), Martins (2013), Lopes (2014) e Scardua (2018), de forma a discutir a hipótese de que as diferenças observadas no fenômeno sob análise são mais de cunho quantitativo do que qualitativo, como pondera Scherre (1988, p. 462).

No desenrolar de nosso trabalho, temos então assumido implicitamente que as diferenças de comportamento lingüístico dos diversos subagrupamentos dos indivíduos adultos ocorrem predominantemente na percentagem global de aplicação, ou seja, são propriamente mais quantitativas do que qualitativas (cf. NARO, 1981a, p. 88-90 e 97; GUY, 1981a, p. 338-9).

---

<sup>28</sup> Nesta rodada, a variável “estilo” foi selecionada na sexta posição na ordem de seleção pelo Goldvarb X. Em sua pesquisa, Scardua (2018) realiza uma série de contribuições relevantes acerca do tema, em capítulo específico de análise. Todavia, como justificado anteriormente, neste trabalho, não nos deteremos a essas questões, em decorrências das decisões metodológicas aqui adotadas.

#### 4. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE LEOPOLDINENSE<sup>29</sup>

A estrada se alargava, outras vinham aparecendo, desconhecidas, infinitas e incertas, como são os caminhos do homem sobre a terra. A brisa fresca encanava-se pelas duas ordens fronteiras de colinas paralelas ao rio e trazia ao encontro do viajante um mugido sonoro de cascata. O rolar do Santa Maria batendo sobre pedras amontoadas, despedaçando-se como um louco nas lajes, aumentava; e as suas águas revoltas, espumantes, recolhiam e reverberavam a luz do sol, como um vacilante espelho. Milkau via ao longe, na mata ainda fumegante de névoas, uma larga mancha branca. Na frente o guia, estendendo o braço gritou-lhe: Porto de Cachoeiro.

(ARANHA, 2009, p. 19-20)

Essa foi a impressão de Milkau, imigrante alemão, ao chegar a Porto de Cachoeiro (atual Santa Leopoldina). No romance “Canaã”, Graça Aranha narra a história do personagem fictício Milkau, em seus primeiros anos no Brasil. O texto evidencia as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, os embates desses com o povo brasileiro, assim como denuncia os abusos e as humilhações acometidas ao estrangeiro. No trecho transcrito, no início deste capítulo, descreve-se o primeiro olhar de Milkau à Santa Leopoldina. Na narração, enfatiza-se a beleza do rio Santa Maria, que, conforme veremos, teve grande relevância no período de colonização capixaba.

No excerto, Milkau cavalgava de Queimado à Porto de Cachoeiro, local em que se estabelece a princípio. É neste momento que Graça Aranha, de maneira ímpar, relata a visão do personagem sobre o município:

Então, de uma pequena elevação que ia galopando, Milkau, o olhar espraiado na paisagem, dominava a povoação apertada entre a montanha e o Santa Maria. Cheia de luz, com a sua casaria toda branca, em plena glória da cor, da claridade e da música feita dos sons da cachoeira, represa do férvido rio que se liberta em franjas de prata, a cidadezinha era naquele delicioso e rápido instante a filha do sol e das águas.

(ARANHA, 2009, p. 20)

---

<sup>29</sup> Em Lopes (2014), o capítulo 4, intitulado “Comunidade de Santa Leopoldina”, na página 49, dedica-se à caracterização do município leopoldinense, assim como a alguns relatos da vida rural leopoldinense. Os dados lá expostos aqui são retomados. Todavia, caso necessário, nosso leitor pode consultar a obra que está disponível no endereço eletrônico: <http://linguistica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEL/detalhes-da-tese?id=7770>. Acesso em: 15/04/2019.

Observa-se no trecho as aspirações do personagem, que representa o anseio dos imigrantes que desembarcaram aqui no Brasil. O anseio por uma vida melhor. Ao longo da história brasileira e capixaba, contudo, observamos que essas esperanças se esvaíram ou, minimamente, adormeceram. Santa Leopoldina vivenciou anos de glória e de esquecimento – Lopes (2014, p. 53) – sobre os quais dissertaremos, brevemente, neste capítulo.

No século XVI, o município, relata Schwarz (1992), abrigava o elemento indígena, especialmente, em duas importantes aldeias, sob orientação dos padres Antônio da Rocha e Diogo Jácome, auxiliados pelo irmão coadjunto Pedro Gonçalves. O trabalho dos padres resultou no ajuntamento de mais de 1500 índios no local. Todavia, em 1564, faleceram o padre Diogo Jácome, o irmão Pedro Gonçalves e grande parte dos indígenas vitimados por uma epidemia. Em 1759, com a publicação do Diretório dos Índios, que dispunha sobre a organização das comunidades indígenas, pelo ministro Marquês de Pombal, os índios que ainda habitavam a região refugiaram-se em matas virgens.

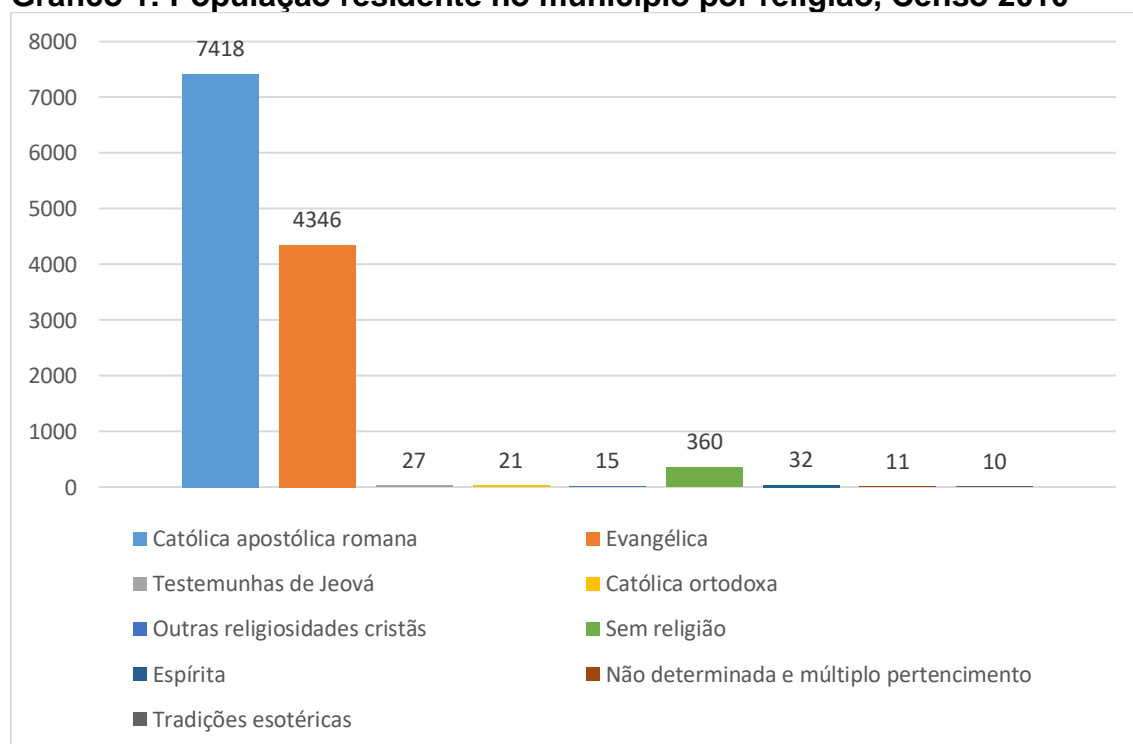
Adiante, no século XIX, com a vinda de Dom João VI para o Brasil, surgiu a necessidade de abertura dos portos brasileiros e construção de rotas terrestres para escoamento de mercadoria. Nesse cenário, Santa Leopoldina figura com grande relevância, em virtude da localização geográfica do Rio Santa Maria e da possibilidade de fixação de estradas que ligassem o município à capital Vitória. Antes desse período, no entanto, apenas a parte baixa do atual município era colonizada. Ademais, a região era predominantemente agrícola, tendo como culturas principais cana-de-açúcar e café, além de milho, feijão, mandioca e frutas, como ressalta Schwarz (1992). Com vistas a esse contexto, Santa Leopoldina protagonizaria um período de emergência da economia capixaba.

Desse modo, em 1855, inicia-se a colonização sistemática leopoldinense, mediante autorização, dada pelo Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Ministro do Interior do Império, de demarcação de uma área de 567 km<sup>2</sup>, em lotes de 62.500 braços quadrados. Delimitou-se a sede da futura povoação quatro léguas acima da cachoeira, afirma Schwarz (1992), e uma estrada para o Porto

do Rio Santa Maria da Vitória. Dois anos mais tarde, em 1857, chegaram à colônia os primeiros imigrantes: 140 colonos suíços, vindos de São Paulo, falantes do alemão. Posteriormente, a região receberia imigrantes de diversas nacionalidades, dentre elas prussianos, saxônios, hessienses, bandenses, holsacionaos, nassauences e alemães de outras regiões (cf. SCHWARZ, 1992, p. 02).

Em 1860, Santa Leopoldina recebe a visita de Dom Pedro II, acompanhado do frei Handrianus Lantschner, que celebra uma missa em alemão aos colonos e alerta sobre a urgência de se estabelecerem duas capelas na colônia. Em 1864, chega à Santa Leopoldina o primeiro religioso luterano, pastor Hermann Reuther, fundador da Igreja Luterana do município. Atualmente, de acordo com dados do IBGE, a maior parte da população ainda professa o Cristianismo, em sua maioria católicos apostólicos romanos e luteranos. Vejamos, no gráfico 1, a organização da população residente no município por religião.

**Gráfico 1: População residente no município por religião, Censo 2010**



Fonte: elaboração própria, a partir de dados disponíveis em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 28/10/2020.

Conforme mencionado, de acordo com os dados do Censo 2010, promovido pelo IBGE, a maioria da população professa o Cristianismo, divididos entre católicos apostólicos romanos (7418), evangélicos (4346), além de testemunhas de Jeová (27), católicos ortodoxos (21) e outras religiosidades cristãs (15). A influência católica e luterana observada nos primeiros séculos ainda ecoa em Santa Leopoldina, visto que, das 4346 pessoas que se declaram evangélica, 2590 professam a fé luterana, sendo que as demais (1756) dividem-se entre as denominações: Adventista, Batista, Metodista, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Deus é amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, Maranata, Universal do Reino de Deus, outras ou não determinadas. Ressaltamos ainda outra parcela de habitantes que se declara: sem religião (360), espírita (32), religiosidade não determinada e múltiplo pertencimento (11), tradições esotéricas (10).

É válido pontuar que os anos de ascensão são evidenciados orgulhosamente no site do município. Afirma-se que:

Cachoeiro de Santa Leopoldina se destacou em tudo: apenas onze anos após a grande invenção de Alexandre Graham Bell, o telefone, dava os primeiros passos no Rio de Janeiro e já funcionava em Santa Leopoldina, passando nas ruas Costa Pereira e Taunay Telles, nos termos da autorização da Câmara Municipal constante do Ofício nº 79, de 31 de outubro de 1887.

(Disponível em: [santaleopoldina.es.gov.br](http://santaleopoldina.es.gov.br). Acesso em: 06/02/2019)

Todavia, a história leopoldinense tomaria outro rumo com o surgimento do motor a explosão, no final do século XIX, que promove uma revolução nos meios de transportes. Até então, as estradas existentes permitiam o câmbio de mercadorias por mulas e outros animais, em virtude das condições montanhosas do terreno. Além disso, a maioria das mercadorias eram comercializadas pelo rio Santa Maria. No entanto, diante dos avanços industriais, surgiu a necessidade de estradas de rodagem estruturadas para transportes mecânicos. Diante disso, o comércio de Santa Leopoldina delibera a construção de uma estrada, financiada por grandes firmas locais, que ligasse a região à Santa Teresa,.

Em 1919, a inauguração da estrada é comemorada com grande festa local: “mal previam que, aquelas festividades eram um sinal do fim do grande progresso do comércio de Cachoeiro de Santa Leopoldina quando, enfim, seria aberta a

estrada que ligaria a capital do Estado” (SCHWARZ, 1992, p. 25 – pontuação conforme o original). Os anos seguintes seriam marcados por obras rodoviárias no interior e na capital. Destaque à construção da estrada que interliga Cariacica-Santa Leopoldina, ideia proposta na Câmara Municipal de Santa Leopoldina, em 16 de janeiro de 1927, e aprovada por unanimidade em projeto de lei:

[o qual] subvencionava a construção do trecho com sessenta contos de réis. Tal providência deu um golpe de morte no transporte fluvial e pôs em ligação direta com a capital do Estado, toda a vasta interlândia, abalando desta forma os alicerces do comércio local

(SCHWARZ, 1992, p. 26 – adaptado)

No que se refere à denominação do município, é válido esclarecer que essa foi alterada ao longo do tempo, assim como a delimitação territorial do local e os distritos que o compõe. Cachoeiro de Santa Leopoldina e Porto de Cachoeiro são termos anteriores à atual nomenclatura oficial de Santa Leopoldina, fato registrado em nossa pesquisa de campo:

Exemplo: relato pessoal de informante da zona rural leopoldinense

Inf - Mas assim pro... Mais pra frente aí só a história que os avô, o pai mesmo conta, e outra coisa aí cum... Que ocê encontra porque Santa Leopoldina, mesmo, primeiro era Cachoeiro, né?

E - Aham, o nome né?

Inf - É, o nome era Cachoeiro, depois que veio a ser Santa Leopoldina.

E - Tá. E você sabe por que que eles mudaram o nome, assim? Por que que é Santa Leopoldina?

Inf - Não. Ai eu num...

E - Aham...

Inf - Eu num sei se foi quando... Foi... Formou o município, capaz né? Aí foi pra Santa Leopoldina. Por quê... Até o... meus avô... eles quando dizia que era Santa Leopoldina sempre falava que... “Vou pra Cachoeiro”, né? E num chegaram a ter aquele costume de falar Santa Leopoldina. Como a gente né, como num Santa Leopoldina, se um fala ai tem que até... Pensar primeira, né? Mas... Posso até ser que o município que tem muitas cachoeira também né, por isso que ganhou o apelido de Cachoeiro, né?

(masc.– 26-49 – fund. 02)



A resposta do informante ao motivo da nomenclatura Cachoeiro para designar Santa Leopoldina é coerente. O nome fora atribuído ainda no século XIX, período em que D. João VI estabeleceu-se no Brasil e as mercadorias vindas da Europa desembarcavam no porto leopoldinense, que se chamava Porto de Cachoeiro por se situar no ponto onde o rio deixava de ser encachoeirado.

Porto de Cachoeiro e Cachoeiro de Santa Leopoldina são, portanto, nomenclaturas que se alternaram para designar o município. No que se refere à formação administrativa da região, o site da prefeitura sinaliza que, até 1890, o município possuía a maior extensão territorial do Espírito Santo. Diante disso, apresentamos a seguir um quadro que sistematiza as alterações na denominação da região, os instrumentos legais que oficializaram essas modificações e a formação administrativa do município. Para tanto, utilizamos como fonte de pesquisa as informações veiculadas pelo site do IBGE:

**Quadro 3: Síntese cronológica da formação administrativa de Santa Leopoldina.**

**(continua)**

<b>Nome do município</b>	<b>Instrumento legal</b>	<b>Formação administrativa</b>
Cachoeiro de Santa Leopoldina	Lei provincial nº 21, de 04/04/1884.	Criação do distrito de Cachoeiro de Santa Leopoldina, desmembrado de Vitória, com sede na Vila de Cachoeiro de Santa Leopoldina.
	Lei provincial nº 24, de 17/09/1888.	Criação dos distritos: Mangaraí, Jequitibá e Timbuí.
Porto de Cachoeiro	Decreto estadual nº 19, de 12/04/1890.	Elevado à condição de cidade; Distritos: Cachoeiro de Santa Leopoldina, Mangaraí, Chapéu, Jequitibá e Timbuí.
Cachoeiro de Santa Leopoldina	Recenseamento Geral 01/09/1920.	Mesma disposição de 1890.
	Divisão territorial de 1933.	Cachoeiro de Santa Leopoldina, Jequitibá, Mangaraí e Timbuí; Chapéu é anexado ao distrito sede.

**Quadro 3: Síntese cronológica da formação administrava de Santa Leopoldina.**

**(conclusão)**

<b>Nome do município</b>	<b>Instrumento legal</b>	<b>Formação administrativa</b>
Cachoeiro de Santa Leopoldina	Decreto-lei estadual nº 9222, de 31/03/1938.	Altera-se a denominação do distrito de Timbuí para Djalma Coutinho.
	Divisão territorial de 1939-1943.	Cachoeiro de Santa Leopoldina, Djalma Coutinho, Jequitibá e Mangaraí.
Santa Leopoldina	Decreto-lei estadual nº 15177, de 31/12/1943.	Alteração do nome de Cachoeiro de Santa Leopoldina para Santa Leopoldina e do distrito de Jequitibá para Jetibá;
	Lei estadual nº 141, de 16/03/1948.	Criado o distrito de Garrafão e anexado ao município de Santa Leopoldina.
	Divisão territorial: 01/07/1955 e 01/07/1960.	Santa Leopoldina, Djalma Coutinho, Garrafão, Jetibá e Mangaraí.
	Lei estadual nº 4067, de 06/05/1986.	Desmembra do município de Santa Leopoldina: Jetibá e Garrafão.
	Divisão territorial 01/06/1955.	Santa Leopoldina (Sede), Djalma Coutinho e Mangaraí.

Fonte: quadro de elaboração própria, criado a partir de dados de IBGE – disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30/11/2018.

Além dos dados dispostos no quadro anterior, o site do município de Santa Leopoldina destaca ainda os desmembramentos de localidades, outrora integradas à Santa Leopoldina, são elas: ato do Governo Estadual nº 57, de 25/11/1890 – atual Santa Teresa; decreto estadual nº 53, de 20/11/1891 – atual município de Afonso Cláudio; decreto estadual nº 25, de 11/09/1891 – Vila de Pau Gigante, atual Ibirapuçu; lei nº 4067, de 06/05/1988 – atual município de Santa Maria de Jetibá. Santa Leopoldina, portanto, até 1890, foi o município com maior extensão territorial no Espírito Santo.

Atualmente, a região é formada por extensão de 724 quilômetros quadrados, dos quais 57% possuem declividade de 30% a 70%. Os distritos de Sede, Djalma Coutinho e Mangaraí são formados por diversas comunidades: Sede – Santa

Leopoldina, Chaves, Rio do Norte, Santo Antônio, Rio da Prata, Pedra Branca, Caioaba, Ribeiro Limpo, Luxemburgo, Rio das Farinhas, Caramuru de Baixo, Caramuru, Rio Bonito, Cabeceira do Rio Bonito, Timbuí Seco, Cavu, Crubixá, Ribeirão dos Pardos, Bragança, Luxemburgo de Baixo, Alto Jetibá, Cabeceira de Suíça, Rio das Pedras, Córrego das Pedras e Crubixá-Açu; Djalma Coutinho – Santa Lúcia, Encantado, Encruso, Carneiros, Bom Futuro e Colina Verde; Mangaraí – Barra de Mangaraí, Mangaraí, Retiro, Rio do Meio, Boqueirão do Santilho, Holanda, Meia Léguas, Holandinha, Califórnia, Boqueirão do Thomas, Tirol, Alto Califórnia, Regência, Três Pontes, Vargem Grande, Campo Ribeiro e Capitania.

Quanto à seleção dos informantes voluntários a esta pesquisa, nesta tese, o leitor poderá observar, no anexo A, intitulado, “Distribuição dos informantes entrevistados em Santa Leopoldina/ES”, as respectivas localidades de cada um dos falantes, e perceberá, portanto, que estes são oriundos das mais diversas comunidades leopoldinenses. Neste ponto, é válido frisar que a escolha pela comunidade de Santa Leopoldina não foi aleatória, uma vez que foi motivada também pelos dados do Censo Demográfico Populacional, de 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Vejamos:

**Tabela 4: Dados demográficos de Santa Leopoldina e Vitória – Censo de 2010**

Fatores quantificados	Santa Leopoldina		Vitória	
	Quantitativo	Percentual	Quantitativo	Percentual
População residente	12.240	100%	327.801	100%
Habitante (Zona Rural)	9.625	78,6%	-	-
Habitante (Zona urbana)	2.615	21,4%	327.801	100%
Feminino	5.815	47,5%	173.853	53%
Masculino	6.425	52,5	153.948	47%

(Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30/11/2018 – adaptado)

Os dados do Censo de 2010, do IBGE, apontam Santa Leopoldina como o município com maior percentual de habitantes na zona rural. Vitória, por outro lado, destacava-se como o único município com 100% de sua população habitante de zona urbana. No que tange às características dos municípios em estudo, nota-se que Santa Leopoldina e Vitória apresentam dados contrastantes. A população da capital é quase 27 vezes maior que a leopoldinense. Estimativas populacionais divulgadas pelo IBGE, em 2018, apontam que Santa Leopoldina possui cerca de 12.300 habitantes atualmente, enquanto Vitória, 358.267. Além disso, Santa Leopoldina possui o maior índice de percentual de homens do Estado. Portanto, ocupa a primeira posição entre municípios capixabas. Vitória, por outro lado, ocupa a última posição nessa categoria. Conseqüentemente, Vitória destaca-se na primeira posição, quando se trata do percentual de mulheres na capital. Santa Leopoldina, no entanto, ocupa a última posição nesse critério de análise.

De acordo com o Censo de 2010, Santa Leopoldina possui densidade demográfica de 17,05 habitantes/km<sup>2</sup> (hab/km<sup>2</sup>), enquanto Vitória, 3.338,30 hab/km<sup>2</sup>. Quanto à distância entre esses municípios, a separação está na ordem de 46 km, ou seja, o percurso entre Santa Leopoldina e Vitória não é extenso. Todavia, as indicações do IBGE referem-se apenas ao perímetro urbano leopoldinense. Como apresentaremos na seção 5.1, nossas entrevistas foram realizadas na zona rural do município, em locais mais distantes e, por vezes, de difícil acesso, em virtude da não pavimentação de estradas e da localização das residências em regiões montanhosas.

Destaca-se que a vida desses informantes é mais restrita ao ambiente rural, no que se refere a trabalho e estudo – embora, alguns moradores da zona rural curse o ensino médio na escola de tempo parcial, localizada no perímetro urbano leopoldinense. O contato com a Grande Vitória é, geralmente, limitado à comercialização dos produtos na Ceasa, por parte dos agricultores locais, e à assistência médica especializada, uma vez que em Santa Leopoldina não há certas especialidades médicas. Quanto ao ensino universitário, os leopoldinenses deixam o município para ter acesso ao curso superior presencial ofertado na Grande Vitória, em Santa Maria e em Santa Teresa. Esses alunos

retornam ou não a Santa Leopoldina, dependendo do curso escolhido por eles. Vejamos a disposição de Santa Leopoldina e Vitória no mapa do estado:

**Figura 1: Mapa – Divisão regional do Espírito Santo, em destaque Santa Leopoldina e Vitória**



(Disponível em: <https://www.es.gov.br/Not%C3%ADcia/conheca-o-novo-mapa-do-turismo-do-espirito-santo>. Acesso em: 10/04/2019)

Este capítulo finaliza-se com um apelo de José Luiz Holzmeister, publicado em 1989, no “A Gazeta” – jornal de grande circulação em Vitória – em que rememora os dias majestosos de Santa Leopoldina e destaca as potencialidades turísticas do município. A seguir, transcrevem-se algumas passagens do artigo de Holzmeister. Os trechos grifados foram os que mais chamaram nossa atenção dado ao belíssimo apelo do autor ao evidenciar seu sentimento de pertencimento pelo município. Vejamos:

*Santa Leopoldina - Encantador município capixaba que o Governo esqueceu*

*(José Luiz Holzmeister)*

Bem próxima da capital, pois a 46 quilômetros de Vitória, contando com uma excelente rodovia asfaltada, repleta de cenários majestosos, **sobressaindo-se às margens do Santa Maria, um rio que no passado teve até um serviço de lanchas** e, por onde, durante décadas riquezas incalculáveis – produtos agrícolas e manufaturados – em grandes barcas, **Santa Leopoldina parece que foi esquecida** pelos homens que amam a natureza. Cidade encantadora, podendo-se mesmo classificá-la de **cidade turística, cercada por imensos picos densamente florestados** [...].

*Cenário dos deuses*

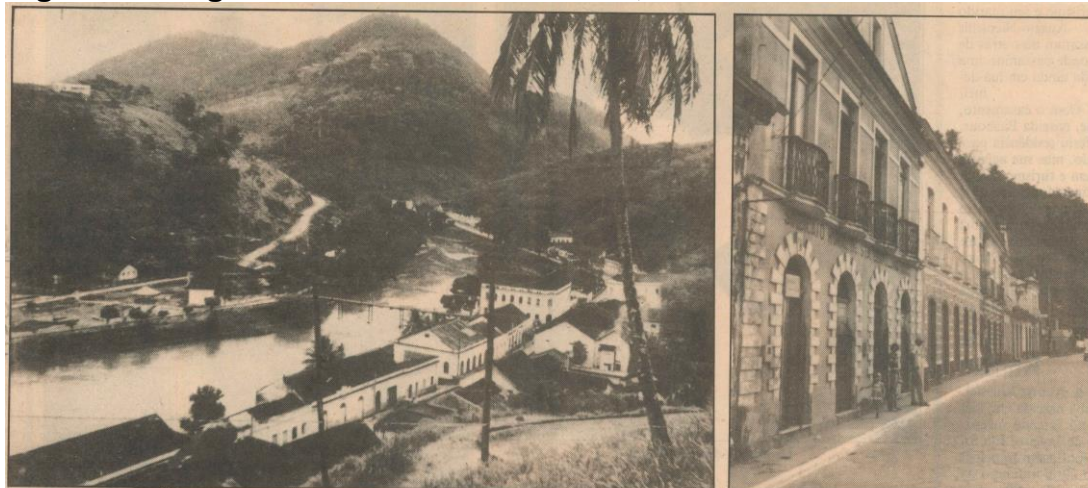
Se o centro da cidade impressiona pela beleza de seus velhos e bem conservados edifícios, mostrando que os homens que fundaram Santa Leopoldina tinham uma visão magnífica do futuro, **o cenário que o visitante vai ter daí para frente, se quiser penetrar em seu interior, é, no duro altamente turístico** [...] Só assim, Santa Leopoldina voltaria a ser, como foi no passado, não um empório comercial, mas um centro de turismo nacional. **Onde está a inteligência dos empresários capixabas?** A mina foi descoberta, só falta é explorá-la. E não cobramos nada pela deixa... **É só construir e começar a ganhar**. O prefeito Rocha já garantiu que vai colaborar. E nós do turismo, também. Avante, pois! Vamos acordar Santa Leopoldina do seu sono letárgico!

(HOLZMEISTER, José Luiz. A Gazeta, Caderno 02, c 01-05 – grifos nossos)<sup>30</sup>

Vejamos o texto na íntegra, na página a seguir:

<sup>30</sup> O artigo encontra-se disponível em: [http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160906\\_aj09822municipiosantaleopoldina.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160906_aj09822municipiosantaleopoldina.pdf). Acesso: 23/03/2019. Na página seguinte, apresentamos a ilustração do jornal da época, no qual consta o artigo de José Luiz Holzmeister.

Figura 2: Artigo de José Luiz Holzmeister, Jornal A Gazeta – Caderno 02



Uma vista da cidade, vendo-se o rio, a estrada para Santa Teresa, e, ao lado, os velhos sobradões centenários

## SANTA LEOPOLDINA

Encantador município capixaba que o Governo esqueceu

José Luiz Holzmeister

**B**em próxima da capital capixaba, pois a 46 quilômetros de Vitória, contando com uma excelente rodovia asfaltada, repleta de cenários majestosos, sobressaindo-se as margens do Santa Maria, um rio que no passado teve até um serviço de lanchas e, por onde, durante décadas, subiram e desceram riquezas incalculáveis — produtos agrícolas e manufaturados

— em grandes barcaças, Santa Leopoldina parece que foi esquecida pelos homens que amam a natureza.

Cidade encantadora, podendo-se mesmo classificá-la de cidade turística, cercada por imensos picos densamente florestados, onde a natureza foi respeitada em seus mínimos detalhes e tendo como palco a beleza do seu rio, que desce de regiões virgens e altas para ali mostrar toda a pujança de sua força, após gerar energia para duas hidrelétricas — Suíça e Rio

Bonito — não tem para quem a visita, um restaurante ou um hotel de categoria. Apenas lá existe, e por iniciativa particular, uma modesta pousada que procura fazer ao visitante as honras da casa.

Dona de um dos mais bonitos jardins do Estado, duas pontes de porte soberbo, uma delas já centenária, um museu que guarda a memória do fausto das famílias ali residentes nas últimas décadas do século passado e das primeiras décadas do

atual, e, em seus acervos, a história anônima dos imigrantes, desde suas ferramentas de trabalho aos instrumentos de lazer, Santa Leopoldina não dispõe de um serviço regular de transportes, dependendo de horários de ônibus que servem a outros municípios.

Poderia ter ali, como existe em Frankfurt, na Alemanha, uma espécie de Museu ao Ar Livre, onde o visitante pudesse conviver com o passado glorioso de seus ancestrais, homens que deixaram sua pátria estremeçada para construir, no Brasil, uma civilização igual e mais próspera. Sabemos que a atual administração tudo está fazendo para que Santa Leopoldina volte a ser no futuro o que foi no passado, um empório, não mais comercial, mas, pelo menos, turístico. E ela tem tudo para ser um dos pólos turísticos do Espírito Santo.

### Roteiro

O caminho para se chegar a Santa Leopoldina é o mais fácil. São, como já dissemos, 46 quilômetros de rodovia asfaltada e passando por locais de maravilhosos cenários. Há o da subida pela BR-101 Norte, passando pela Serra, Timbui e Fundão e, depois, por rodovia também asfaltada, mas estadual (entrada à esquerda) para Santa Teresa, até um certo trecho onde há setas indicando o caminho. Este trecho tem suas belezas maiores depois de Fundão, com subidas íngremes, muitos riachos e densa mata-agreste.

O segundo caminho, o mais recomendado, é pela BR-262, entrando à direita no trevo de Alto Laje, para atingir Cariacica. Neste trecho não há nada de turístico, a não ser o jardim e a igreja na sede do município. A seguir, porém, as belezas começam a aparecer. De um lado, à direita, o Santa Maria, e do outro, as penedias cobertas da restante Mata Atlântica.

Já depois dos 40 quilômetros rodados se vêem à distância as penedias que circundam Santa Leopoldina, sobressaindo-se a Pedra da Malha, ponto culminante da cidade. O casario antigo da rua principal mostra que estamos chegando numa cidade que nasceu e floresceu no século passado, mas que guarda todo o seu velho esplendor. Do lado direito, a Prefeitura (logo no início da rua principal e abaixo o Santa Maria), e, do esquerdo, os velhos sobradões centenários. Um pouco à frente, o Museu do Colono.

## Cenário dos deuses

**S**e o centro da cidade impressiona, pela beleza de seus velhos e bem conservados edifícios, mostrando que os homens que fundaram Santa Leopoldina tinham uma visão magnífica do futuro, o cenário que o visitante vai ter daí para frente, se quiser penetrar em seu interior, é, no duro, altamente turístico.

Se tomar a rodovia que vai dar a Santa Teresa, à direita, depois da velha ponte de cimento armado, e do seu jardim eternamente florido, com a cidade à embaixo, vai se deparar com paisagens bonitas e uma das mais encantadoras cachoeiras da região. Trata-se do Vêu de Noiva, tendo lá em baixo a beleza assustadora de um precipi-

cio. Se subir até à sedutora igreja-jinha, que fica a cavaleiro da cidade, à esquerda, terá a sua frente um quadro magnífico da cidade aos seus pés. E se subir um pouco mais, até o cume do Morro da Malha, uma vista deslumbrante do Vale do Santa Maria, até com possibilidades, se o dia estiver claro, de ver o Convento da Penha.

Mas o caminho que geralmente o turista segue é o que fica entre a subida da igreja e o da estrada de Santa Teresa. Por esse, passando bem em frente à Pousada da Malha, segue tendo ao lado direito o Santa Maria, aí formando uma espécie de rio de corredeiras, como os chilenos, até o local chamado Funil,

onde o rio passa a correr sob milhares de pedregulhos, escondido como a querer surpreender o visitante com seu misterioso curso. Na certa ali, há milênios, na formação da terra, um morro desmoronou para dar passagem às águas do indômito Santa Maria...

Daí para cima, é só olhar à esquerda e ver quanta beleza junta. Em cada curva, uma paisagem diferente, em cada escadada, mais um cenário de deuses. Lá em baixo, como na velha Europa, um arroiozinho, uma ermida pequenina, com sua torre ponteguda e um pequeno povoado. Região típica remana ou danubiana. E assim, de emoção em emoção, chega-se à represa da Suíça e, mais al-

guns quilômetros, à hidrelétrica de rio Bonito.

Nesse local, como existem aos montões em Domingos Martins (hotel Imperador, em Campinho, Green Park, no Sódo, restaurante em Marechal Floriano e pousadas Pedra Azul e dos Pinhos, em Pedra Azul), deveria ter um hotel turístico, porque tudo ali pede que seja construído. Só assim, Santa Leopoldina voltaria a ser, como foi no passado, não um empório comercial, mas um centro de turismo nacional. Onde está a inteligência dos empresários capixabas? A mina foi descoberta, só falta explorá-la. E não cobramos nada pela deixa... É só construir e começar a ganhar. O prefeito Rocha já garantiu que vai colaborar. E nós, do turismo, também. Avante, pois! Vamos acordar Santa Leopoldina do seu sono letárgico!

Fonte: [http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160906\\_aj09822\\_municipio\\_santaleopoldi-na.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160906_aj09822_municipio_santaleopoldi-na.pdf). Acesso: 23/03/2019.

No texto, Holzmeister refere-se ao prefeito Hélio Nascimento Rocha, que administrou a cidade nos períodos de 1989 a 1992 e de 1996 a 1999. No trecho, o leitor pode sentir o tom de saudosismo nas letras do autor. É como se pudéssemos ler o artigo na voz de Holzmeister. Com a voz do cidadão leopoldinense. O som é um misto de propaganda das belezas locais e

lamento/desespero por tudo que Santa Leopoldina poderia ter sido em relação ao que é. Corroborando esse sentimento, esta tese é também um convite ao leitor a conhecer a cultura, a língua e a história de Santa Leopoldina.



## 5. METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo objetiva explicitar as metodologias de pesquisa empregadas para elaboração deste estudo. Desse modo, esta seção será dividida em dois blocos. Primeiramente, apresentaremos os métodos de coleta e de tratamento dos dados. Sequente, evidenciaremos as variáveis dependentes e independentes analisadas, de forma a sintetizar de maneira geral os temas abordados ao longo deste trabalho.

### 5.1 Amostra: coleta e transcrição

Tendo em mente os pressupostos teórico-metodológicos, nos quais se baseia a Sociolinguística Variacionista, nos termos de Labov (1972 [2008]), organizamos a coleta da amostra no interior do município de Santa Leopoldina. Conforme destacado anteriormente, a escolha deste município orientou-se pelos dados populacionais divulgados pelo IBGE, no Censo de 2010, em que Santa Leopoldina figura como o município com maior quantitativo percentual de habitantes moradores da zona rural.

A amostra leopoldinense foi coletada entre 2011 e 2013, sendo resultado dos esforços colaborativos de Camila Candeias Foeger e de Lays de Oliveira Joel Lopes, orientadas pelas professoras Lilian Coutinho Yacovenco e Maria Marta Pereira Scherre, respectivamente, quando no mestrado<sup>31</sup>. As pesquisas de Foeger (2014) e Lopes (2014) foram as primeiras pesquisas de perspectiva sociolinguista variacionista desenvolvidas na zona rural do município. Assim, frisamos, a análise da fala semimonitorada, na comunidade, especialmente, em

---

<sup>31</sup> Na ocasião, as pesquisadoras-alunas citadas eram vinculadas ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística e requeriam o título de Mestras em Estudos Linguísticos. Em 2014, ambas tiveram suas dissertações aprovadas. Foeger (2014) apresenta um estudo sobre a atuação das variantes “nós” e “a gente” exercendo a função de primeira pessoa do plural, em trabalho intitulado “A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina”. E Lopes (2014) defendeu a regularidade e as particularidades do processo de concordância nominal de número, na pesquisa “A concordância nominal de número de português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES”.

ambiente rural, por meio de entrevistas labovianas, foi uma proposta pioneira no município.

Atualmente, a amostra integra o banco de dados do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória, sendo base para análise de fenômenos como: o preenchimento da posição do objeto direto anafórico, por Priscilla Gevigi de Andrade; a atuação da variante pronominal “cê” em análise comparativa com clíticos “me”/”te”/”se” e a alternância das formas pronominais você, “ocê” e “cê”, por Marlíny Carla Detoni Caetano – Caetano e Scherre (2018).

A amostra da zona rural Santa Leopoldina é composta por 44 entrevistas, coletadas a partir de uma perspectiva sincrônica, dispendo de 50 a 60 minutos de gravação, realizadas com moradores da zona rural do município. Para tanto, contamos com o apoio de 44 voluntários, estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 4: Estratificação dos informantes em amostra coletada na zona rural de Santa Leopoldina/ES**

	Idade		07-14		15-25		26-49		50-...		TOTAL
	Sexo		F	M	F	M	F	M	F	M	
<b>Ensino fundamental I</b>	3	3	2	1	2	2	2	2	2	2	= 17
<b>Ensino fundamental II</b>	3	3	2	3	2	2	2	2	2	2	= 18
<b>Ensino médio</b>			2	2	2	2	1	0			= 09

*Número total de informantes entrevistados = 44*

É válido esclarecer que, inicialmente, a composição da amostra visava a distribuição equilibrada de informantes. Almejava-se um quantitativo de 03 informantes por célula na primeira faixa etária – uma vez que, no Brasil, a pretensão é que os alunos concluam o ensino fundamental aos 14 anos – e 02 falantes a partir da segunda faixa etária – em decorrência da inserção dos alunos de ensino médio. Todavia, no período de coleta da amostra, alguns perfis foram mais difíceis de serem encontrados. Por exemplo, na faixa etária de 15-25 anos,

dispomos de apenas 01 falante do sexo masculino com ensino fundamental 01. Sendo assim, buscamos equilibrar a amostra inserindo 03 informantes homens da mesma faixa etária com ensino fundamental 02. Outra dificuldade foi encontrar moradores da zona rural com ensino médio em idade superior a 49 anos. Isso porque, na idade escolar desses falantes, as escolas na zona rural do município eram escassas. A informante dessa faixa etária que cursou o ensino médio concluiu os estudos na vida adulta com muita dificuldade, como relata em sua entrevista, sendo a única da família com essa formação.

Para seleção dos informantes, estabelecemos os seguintes critérios:

[...] o falante deveria ser natural de Santa Leopoldina e residente da zona rural do município. Além disso, não poderia ter se afastado da região por mais de um terço de sua vida, ter pais e cônjuges leopoldinenses e não falar outra língua, além do português.  
(LOPES, 2014, p. 60)<sup>32</sup>

A restrição de falantes monolíngues teve de ser estabelecida, em virtude do fluxo migratório para Santa Leopoldina, no período da colonização e os atuais resquícios dessa influência na comunidade. Atualmente, entretanto, não é possível perceber um intenso movimento de preservação das línguas migratórias em Santa Leopoldina, tal como em outros locais do interior do estado, a exemplo de Santa Maria de Jetibá, como destaca Schaffel-Bremenkamp (2014).

Ressaltamos ainda que a adoção do critério de restrição à colaboração de falantes monolíngues na composição da amostra motivou-se, no período de coleta da amostra, também pela ideia de tornar a amostra leopoldinense metodologicamente comparável a estudos variacionistas anteriores, como o de Naro (1981), Scherre (1988) – ambos no Rio de Janeiro – e as pesquisas de Silva (2011), Silva e Scherre (2013) – realizadas na Grande Vitória, como explanação presente no capítulo 3 desta tese.

Além disso, a análise sobre contato linguístico e temas afins não integra o recorte metodológico estabelecido para este trabalho, embora permeie a

---

<sup>32</sup> Ver também Foeger (2014, p. 11).

discussão aqui abordada, no que se refere à reflexão sobre as possíveis motivações para a variação de número no sintagma nominal, no português brasileiro. Para esta discussão, utilizaremos como base as considerações de Holm (1992), Baxter e Lucchesi (1997) e Naro e Scherre (2007), dentre outras produções sobre o tema.

As entrevistas dispunham de dois roteiros flexíveis de perguntas: (i) o primeiro direcionado a falantes de 07-14 anos, que versava sobre assuntos próprios do universo infanto-juvenil, por exemplo – “Quem são seus melhores amigos na escola? E fora da escola?”, “Os meninos e as meninas da sua turma já ficaram com alguém? Como é isso pra você?”; (ii) o segundo com questões gerais a todos os informantes, que tratava de 07 temas gerais – questões locais, segurança pública, saúde, religião, alimentação, educação, esporte e lazer<sup>33</sup>.

A coleta orientou-se pelas postulações de Labov (1972 [2008], p. 243) que trata dos cinco axiomas metodológicos constantes em projetos de pesquisa de campo, sendo eles: alternância de estilos, atenção prestada à fala, vernáculo, formalidade e bons dados. Todavia, como destaca o linguista, o estudo da língua, nessa perspectiva, conduz ao *paradoxo do observador*, visto que

[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática.

(LABOV, 1972 [2008], p. 244)

Nas entrevistas, portanto, buscou-se superar este paradoxo, orientando as discussões, como sugere Labov (1972 [2008], p. 243), a temas que envolvessem emocionalmente os entrevistados, como narrativas da infância e relatos de situações em que sofreram perigo de morte.

Realizadas as 44 entrevistas, iniciou-se a fase de transcrição dos dados no período de 2012 a 2018. A primeira fase de transcrição culminou nos estudos de

---

<sup>33</sup> Os dois roteiros são apresentados na íntegra nos anexos B e C para consulta de nosso leitor e como sugestão para pesquisadores que pretendem realizar a composição de amostras sociolinguísticas.

Foeger (2014) e de Lopes (2014), os quais contaram com 32 entrevistas, sendo os informantes estratificados em: sexo – feminino e masculino; faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49 e acima de 49 anos; escolaridade – ensino fundamental 01 e 02.

Em 2016, com o ingresso desta pesquisadora no curso de doutorado, o processo de transcrição foi retomado, sendo assim, a pesquisa atual apresenta dados da amostra na íntegra, com 44 informantes estratificados semelhantemente às pesquisas de 2014, exceto pelo acréscimo dos voluntários do ensino médio. Portanto, esta pesquisa retornará, mais à frente, no item 07, aos dados de Lopes (2014), no que se refere ao fenômeno de concordância nominal, em comparação com os dados atuais. As transcrições foram realizadas com o auxílio de programas de áudio (Media Player) e de edição de texto (Microsoft Word e Google Docs).

## **5.2 Variáveis (in)dependentes: codificação e estatística**

Nesta seção, apresentamos as variáveis dependentes e independentes sistematizadas a partir da amostra da realização de fala rural em Santa Leopoldina, para os dois fenômenos em análise. Neste momento, nossos comentários estabelecem uma visão geral dos fenômenos: (i) concordância verbal de 3ª pessoa do plural, e (ii) concordância nominal de número – no que se refere a este último, esta tese dá continuidade à pesquisa de Lopes (2014).

Guy e Zilles (2008, p. 75) definem variável dependente como o fenômeno sob análise, no caso desta pesquisa: (i) para a concordância verbal, presença e ausência de concordância verbal de terceira pessoa do plural; e (ii) para a concordância nominal, presença e ausência de concordância nominal no interior do SN. Por conseguinte, as variáveis independentes são aquelas que o pesquisador elege como possíveis determinantes para a sistematização do fenômeno em análise. A seguir, apresentamos exemplos das variáveis dependentes para os processos de: (i) concordância com verbos na 3ª pessoa plural e (ii) concordância nominal de número – são esses *super tokens*, nos

termos de Tagliamonte (2012)<sup>34</sup>. Os itens exemplificados estão em negrito e entre colchetes e o referente sujeito está sublinhado:

Exemplo: ausência e presença marcas em verbos na 3ª pessoa do plural.

E: e como que é essa festa?

Inf: assim eles **[tentam]** procurar fazer um almoço pra todo mundo chegar aqui...é **[faz]** uma missa antes... **[tenta]** botar os produtos caseiros da região... bolos... pessoas... é até se alimentar... **[fazem]** roleta... fazer o máximo pra você se divertir aqui... aí à noite tem banda ali... todo mundo se diverte.

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

Exemplo: ausência e presença concordância em nomes no interior do sintagma nominal.

E - [...] E você ajuda seus pais?

Inf - Tem vez eu ajudo na limpada da casa um pouquinho.

E - É? Você faz o quê?

Inf - Varro um pouquinho, limpo **[os] [móvel]**.

E - E você sabe varre, ou senão a mãe quando chega tem que varrer tudo de novo?

Inf - Eu sei. E - Você sabe direitinho!?

E o que mais você faz para ajudar sua mãe?

Inf - Limpo **[os] [móveis]**.

(fem. – fund. 01 – 07-14 anos)

Em nossa pesquisa, a codificação das variáveis realizou-se com o auxílio Excel, programa do pacote Office, da Microsoft, que possui ferramentas que facilitam a organização dos dados, a exemplo dos filtros. O efeito das variáveis foi aferido a partir do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, & SMITH, 2005).

<sup>34</sup> Parafrazeando Tagliamonte (2012, p. 112), pode-se afirmar que *super tokens* são exemplos extraídos da fala de um mesmo informante, em um mesmo contexto, e, se possível, com o mesmo item lexical ou construções paralelas. No original: “namely variant forms from the same speaker in the same stretch of discourse, and if possible with the same lexical items or in parallel constructions (see discussion, Tagliamonte 2006a 96-97). If not, find a context that is parallel. Show at least two variants” (p. 112).

Quanto à concordância verbal de 3ª pessoa do plural, todas as variáveis linguísticas foram selecionadas pelo programa com significância estatística. O mesmo, contudo, não se aplica às variáveis sociais sob análise. Quanto à concordância nominal de número, todos os grupos – linguísticos e sociais – foram selecionados.

A seguir, dispomos, nos quadros 05 e 06, as variáveis independentes organizadas a partir da ordem de seleção pelo programa, seguidas dos fatores analisados e seus respectivos *ranges* gerados. A disposição, nos quadros 05 e 06, dos *ranges* obtidos na etapa de análise geral da concordância verbal de terceira pessoa e nominal de número é interessante, pois permite a percepção da mensuração das variáveis mais atuantes nesses fenômenos, tendo em vista a força de restrição observada. Apresentamos ainda a organização das variáveis faixa etária e escolaridade, visto que essas não foram selecionadas pelo Goldvarb X, para o fenômeno da concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Nosso objetivo, neste momento, é apresentar um panorama geral dos resultados obtidos nesta tese. Vejamos:

**Quadro 5: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção estatística – quanto ao fenômeno da concordância verbal de 3ª pessoa de plural, na zona rural de Santa Leopoldina** (continua)

Ordem de seleção	Variável independente <sup>35</sup>	Fatores analisados	Range
1ª	Saliência Fônica <sup>36</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◁ Nasalização da vogal na forma plural;</li> <li>◁ Nasalização e/ou mudança na qualidade da vogal;</li> <li>◁ Acréscimo de segmentos vocálicos;</li> <li>◁ Ditongação com mudança na qualidade de vogal;</li> </ul>	69

<sup>35</sup> O detalhamento das variáveis apresentadas neste quadro está disposto nos tópicos de 6.3 a 6.8 respectivamente. Frisamos que as variáveis faixa etária e escolaridade constam no tópico 6.8 – precisamente em 6.8.1 e 6.8.2, respectivamente –, reservado à análise das variáveis não selecionadas pelo programa.

<sup>36</sup> A ordenação da variável saliência fônica foi realizada tal como propõe Naro (1981), a partir análise da tonicidade e diferenciação material fônica, na relação singular plural. A organização detalhada desta variável é apresentada no item 6.2.

**Quadro 5: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção estatística – quanto ao fenômeno da concordância verbal de 3ª pessoa de plural, na zona rural de Santa Leopoldina (continuação)**

<b>Ordem de seleção</b>	<b>Variável independente<sup>37</sup></b>	<b>Fatores analisados</b>	<b>Range</b>
1ª	Saliência Fônica <sup>38</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Acréscimos de segmentos consonânticos sem alteração na vogal da desinência;</li> <li>&lt; Acréscimos de segmentos com alteração na vogal da desinência;</li> <li>&lt; Classe especial – caso único – mudança completa;</li> <li>&lt; Mudança na sílaba tônica.</li> </ul>	69
2ª	Paralelismo Oracional	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Presença da forma plural explícita no último e único elemento;</li> <li>&lt; Presença da forma plural zero no último elemento;</li> <li>&lt; Presença da forma plural de numeral no último (ou único) elemento;</li> <li>&lt; Presença da forma plural explícita no último elemento inserido em um SPrep;</li> <li>&lt; Presença da forma plural zero no último elemento inserido em um SPrep.</li> </ul>	29
3ª	Posição e tipo de sujeito	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Anteposto ao verbo;</li> <li>&lt; Posposto ao verbo;</li> <li>&lt; Sujeito elíptico próximo (na fala do informante);</li> <li>&lt; Sujeito elíptico distante (na fala do entrevistador).</li> </ul>	43

<sup>37</sup> O detalhamento das variáveis apresentadas neste quadro está disposto nos tópicos de 6.3 a 6.8 respectivamente. Frisamos que as variáveis faixa etária e escolaridade constam no tópico 6.8 – precisamente em 6.8.1 e 6.8.2, respectivamente –, reservado à análise das variáveis não selecionadas pelo programa.

<sup>38</sup> A ordenação da variável saliência fônica foi realizada tal como propõe Naro (1981), a partir análise da tonicidade e diferenciação material fônica, na relação singular plural. A organização detalhada desta variável é apresentada no item 6.2.



**Quadro 5: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção estatística – quanto ao fenômeno da concordância verbal de 3ª pessoa de plural, na zona rural de Santa Leopoldina (conclusão)**

<b>Ordem de seleção</b>	<b>Variável independente<sup>39</sup></b>	<b>Fatores analisados</b>	<b>Range</b>
4ª	Paralelismo Discursivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; SV sem SV precedente</li> <li>&lt; SV precedido de verbo 3ª pp – com morfologia singular;</li> <li>&lt; SV precedido de verbo em 3ª pp – com morfologia plural;</li> <li>&lt; SV precedido de verbo em 1ª pessoa do plural – com morfologia singular (“nós” e “a gente”);</li> <li>&lt; SV precedido de verbo em 1ª pessoa do plural – com morfologia plural (nós).</li> </ul>	47
5ª	Sexo	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Feminino;</li> <li>&lt; Masculino.</li> </ul>	09
6ª	Origem da entrevistadora	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Natural de Santa Leopoldina;</li> <li>&lt; Natural da Grande Vitória;</li> <li>&lt; Ambas as entrevistadoras.</li> </ul>	14
–	Faixa etária	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; 07-14 anos;</li> <li>&lt; 15-25 anos;</li> <li>&lt; 26-49 anos;</li> <li>&lt; Acima de 49 anos.</li> </ul>	–
–	Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Ensino fundamental 01;</li> <li>&lt; Ensino fundamental 02;</li> <li>&lt; Ensino médio.</li> </ul>	–

Fonte: elaboração própria.

<sup>39</sup> O detalhamento das variáveis apresentadas neste quadro está disposto nos tópicos de 6.3 a 6.8 respectivamente. Frisamos que as variáveis faixa etária e escolaridade constam no tópico 6.8 – precisamente em 6.8.1 e 6.8.2, respectivamente –, reservado à análise das variáveis não selecionadas pelo programa.

**Quadro 6: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção estatística – quanto ao fenômeno da concordância nominal no interior do sintagma nominal, na zona rural de Santa Leopoldina (continua)**

<b>Ordem de seleção</b>	<b>Variável independente<sup>40</sup></b>	<b>Fatores analisados</b>	<b>Range</b>
1 <sup>a</sup>	Posição linear e relativa	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Antes do núcleo na 1<sup>a</sup> posição;</li> <li>&lt; Antes do núcleo nas demais posições;</li> <li>&lt; Núcleo;</li> <li>&lt; Depois do núcleo.</li> </ul>	86
2 <sup>a</sup>	Saliência fônica	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Duplo;</li> <li>&lt; Terminado em -l;</li> <li>&lt; Terminado em -ão;</li> <li>&lt; Terminado em -r;</li> <li>&lt; Terminado em -s;</li> <li>&lt; Regular oxítono;</li> <li>&lt; Regular proparoxítono.</li> <li>&lt; Regular paroxítono.</li> </ul>	29
3 <sup>a</sup>	Marcas precedentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Sintagma preposicional;</li> <li>&lt; Precedido de numeral;</li> <li>&lt; Precedido de uma marca em -s;</li> <li>&lt; Precedido de mais de uma marca;</li> <li>&lt; Mistura de marcas;</li> <li>&lt; Zero imediatamente anterior.</li> </ul>	64
4 <sup>a</sup>	Origem da entrevistadora	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Natural de Santa Leopoldina;</li> <li>&lt; Natural da Grande Vitória;</li> <li>&lt; Ambas as entrevistadoras.</li> </ul>	15
5 <sup>a</sup>	Faixa etária	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; 07-14 anos;</li> <li>&lt; 15-25 anos;</li> <li>&lt; 26-49 anos;</li> <li>&lt; Acima de 49 anos.</li> </ul>	17
6 <sup>a</sup>	Grau, formalidade e animacidade dos substantivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; [- humano] e [- animado], no diminutivo/aumentativo informal;</li> <li>&lt; [- humano] e [- animado], em grau neutro;</li> </ul>	36

<sup>40</sup> O detalhamento das variáveis apresentadas neste quadro está disposto nos tópicos de 7.1 a 7.9, respectivamente.

**Quadro 6: Variáveis independentes e seus respectivos fatores em função da ordem de seleção estatística – quanto ao fenômeno da concordância nominal no interior do sintagma nominal, na zona rural de Santa Leopoldina (conclusão)**

Ordem de seleção	Variável independente <sup>41</sup>	Fatores analisados	Range
6 <sup>a</sup>	Grau, formalidade e animacidade dos substantivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; [- humano] e [- animado]. E, grau normal marcado quanto à informalidade;</li> <li>&lt; [- humano] e [+ animado], no diminutivo/aumentativo informal;</li> <li>&lt; [- humano] e [+ animado], em grau neutro;</li> <li>&lt; [+ humano] e [- coletivo], no diminutivo/aumentativo informal;</li> <li>&lt; [+ humano] e [- coletivo], em grau neutro;</li> <li>&lt; [+ humano] e [- coletivo], em grau normal marcado quanto à informalidade;</li> <li>&lt; [+ humano] e [+ coletivo], em grau neutro.</li> </ul>	36
7 <sup>a</sup>	Sexo	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Feminino;</li> <li>&lt; Masculino.</li> </ul>	09
8 <sup>a</sup>	Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>&lt; Ensino fundamental 01;</li> <li>&lt; Ensino fundamental 02;</li> <li>&lt; Ensino médio.</li> </ul>	06

Fonte: elaboração própria.

É válido destacar que o Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, & SMITH, 2005) apresenta – além das percentagens (frequência relativa) – os pesos relativos (valores projetados), que permitem ao pesquisador considerar o efeito de determinada variável no contexto dos dados analisados. A este respeito, Sankoff (1988, p. 989 – grifos do autor) destaca que “é apenas uma consequência do fato de que é a *comparação* dos efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante,

<sup>41</sup> O detalhamento das variáveis apresentadas neste quadro está disposto nos tópicos de 7.1 a 7.9, respectivamente.

e não seus valores individuais<sup>42</sup>. Sendo assim, nas análises dos resultados leopoldinenses, refletiremos acerca dos valores dos pesos relativos dos fatores em função da hierarquia desses nas variáveis analisadas.

Scherre e Naro (2010, p. 74) esclarecem ainda que:

Os pesos relativos são valores projetados e, na prática, são frequências corrigidas, tendo em vista o programa de análise binária utilizado tem possibilidade de cruzar passo a passo todas as variáveis independentes em jogo, para medir a influência abstrata, e teoricamente independente de cada um dos fatores.

É válido ressaltar que, como nossa base de dados foi sistematizada no Excel, poderemos, futuramente, testar o efeito das variáveis analisadas em outros aplicativos de estatística, como o Rbrul, de Johnson (2009). Todavia, este não é nosso objetivo no momento.

Quanto ao *range*, em ambos os fenômenos, observamos que as variáveis sociais não sugerem um efeito com elevada força de restrição. Essa constatação pode ser feita por meio da análise da variável sexo e da não seleção dos demais fatores sociais, no que se refere à concordância verbal de 3ª pessoa plural. Na concordância nominal no interior do SN, percebemos que, embora todas as variáveis sociais tenham sido selecionadas com significância estatística pelo programa, o valor de sua força de restrição não é muito expressivo, se comparado ao das demais variáveis.

Essa constatação pode ser observada pelos *ranges* apresentados nos quadros 05 e 06. Tagliamonte (2009, p. 242), frisamos, ao argumentar acerca da mensuração do efeito dos grupos de fatores, assevera que o *range*, ou seja, a força de restrição de determinada variável, é obtido a partir da subtração dos pesos relativos mais extremos. Sendo assim, subtraem-se o maior e o menor pesos relativos gerados para determinado grupo de fator. O valor resultante

---

<sup>42</sup> No original: “[...] it is merely a consequence of the fact that it is the *comparison* of the effects of any two factors in a factor group (as measured by their difference) which is importante, and not their individual values” (SANKOFF, 1988, p. 989 – grifos do autor).

reflete a força de restrição da variável sob análise, o qual permite ao pesquisador a análise comparativa do efeito dessas sob fenômeno.

Os capítulos 06 e 07 apresentam os resultados obtidos para os fenômenos em análise e ainda dissertam sobre as variáveis elencadas e seus respectivos aportes teóricos.

## 6. ANÁLISE DE DADOS – CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL

Neste capítulo, apresentaremos os resultados obtidos com a análise dos dados do fenômeno de concordância verbal de terceira pessoa, a partir de uma amostra do português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES. Tal amostra é composta por 44 entrevistas, a partir da colaboração de 44 informantes estratificados em (i) sexo – feminino e masculino; (ii) faixa etária – 07 - 14 anos, 15 - 25 anos, 26 - 49 anos, acima de 49 anos; (iii) escolaridade – ensino fundamental 01, ensino fundamental 02 e ensino médio.

Para tratamento estatístico dos dados, como mencionado, utilizamos o programa computacional Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, & SMITH, 2005). No que se refere ao fenômeno de concordância verbal de terceira pessoa, obteve-se, na amostra leopoldinense, um total de 2873 dados, com percentagem global de marcação de plural de 50,2%. Além das variáveis sociais elencadas, analisamos as variáveis linguísticas: (i) saliência fônica; (ii) paralelismo discursivo; (iii) paralelismo oracional; (iv) posição e tipo do sujeito. Analisamos também a variável origem da entrevistadora, de natureza interacional e/ou estilística. Realizada a rodada geral, o programa Goldvarb X apresentou a seguinte ordem de seleção das variáveis: (1) saliência fônica, (2) paralelismo oracional, (3) posição e tipo de sujeito, (4) paralelismo discursivo, (5) sexo e (6) origem da entrevistadora. Notamos que as variáveis faixa etária e escolaridade não foram selecionadas pelo programa entre as variáveis com significância estatística, além disso foram eliminadas na etapa *stepping down*.

Este capítulo, portanto, será estruturado de forma que, inicialmente, em 6.1, apresentamos os dados gerais da amostra leopoldinense. Sequentemente, nos itens 6.2, 6.3, 6.4, 6.5, 6.6 e 6.7, discutiremos acerca das variáveis selecionadas pelo programa Goldvarb X, considerando sua ordem de seleção. No item 6.8, abordaremos o comportamento das variáveis não selecionadas e eliminadas pelo programa – sendo assim, esse tópico 6.8 disporá apenas as frequências absolutas e as relativas (ou percentagens) dos fatores desses grupos de fatores. Além disso, refletiremos sobre a possível motivação de sua não seleção.

Ao longo de todo este capítulo, evocaremos as vozes de outros pesquisadores de maneira a comparar os resultados obtidos em Santa Leopoldina com os das demais localidades. É válido destacar que este é um dos objetivos desta tese, de forma a perceber a situação do fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa e da concordância nominal de número no contexto da língua portuguesa.

No que se refere, especificamente, à concordância verbal de terceira pessoa, tema desta seção, a seleção das obras que comporão o estudo comparativo considerou a pesquisa de Naro (1981), com dados do Rio de Janeiro, pelo fato de esta ser leitura essencial para o estudo da concordância verbal. Isso porque Naro (1981) sistematiza detalhadamente o fenômeno, no que se refere às variáveis operantes na concordância verbal de terceira pessoa, o que atribui a essa obra um caráter inédito, quanto à observância deste tema. Além disso, a obra de Naro (1981) representou o florescer da pesquisa sociolinguística no Brasil, de forma que, 40 anos depois da publicação de sua pesquisa, seus esforços ainda norteiam estudos linguísticos em todo país, os quais, em sua maioria, confirmam as tendências observadas pelas variáveis propostas.

Outro critério utilizado para compor o estudo comparativo apresentado nesta tese é a localização geográfica em que a pesquisa linguística foi realizada. A dissertação de Benfica (2016), que analisa o português falado na capital do estado, Vitória/ES, também é considerada. A comparação dos dados leopoldinenses com os capixabas é essencial para uma percepção global do português falado em nosso estado, o estado do Espírito Santo, visto que, por meio dela, é possível focalizar os extremos do *continuum* rural-urbano da fala espírito-santense. Isso porque, frisa-se, conforme mencionado no capítulo 4 desta tese, Santa Leopoldina, de acordo com dados do Censo de 2010, do IBGE, é o município com maior percentual de habitantes moradores da zona rural, enquanto Vitória é a única localidade capixaba com 100% de seus habitantes em zona urbana.

Em suma, consideramos que o estudo comparativo, apresentado a seguir, trará uma nova perspectiva, quanto ao fenômeno em análise. Ressalta-se que, além

das pesquisas já mencionadas, outras pesquisas atuarão como colaboradoras em nosso empreendimento, a exemplo das obras de Araújo (2014), com dados da norma popular falada em Feira de Santana; e de Pereira (2004), com dados da zona rural de São Paulo e Minas Gerais, especificamente, na região da rota dos bandeirantes. É oportuno ressaltar que a lista de trabalhos sobre concordância verbal e nominal variável no português brasileiro não se limita à apresentada nesta tese. Dessa maneira, justificamos que a seleção das pesquisas aqui dispostas se justifica por terem seus objetivos mais diretamente relacionados aos nossos.

## 6.1 Resultados gerais

Este subtópico objetiva traçar um panorama do fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa, em Santa Leopoldina. A amostra, conforme discutido no capítulo 5, contou com 44 entrevistas coletadas na zona rural do município leopoldinense. A análise culminou em um total de 2873 ocorrências codificadas, conforme dados da tabela a seguir:

**Tabela 5: Distribuição geral dos dados, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>43</sup>**

Fatores analisados	Porcentagem
Variante marcada quanto à pluralidade	1441/2873= 50,2%
Variante não-marcada quanto à pluralidade	1432/2873= 49,8%

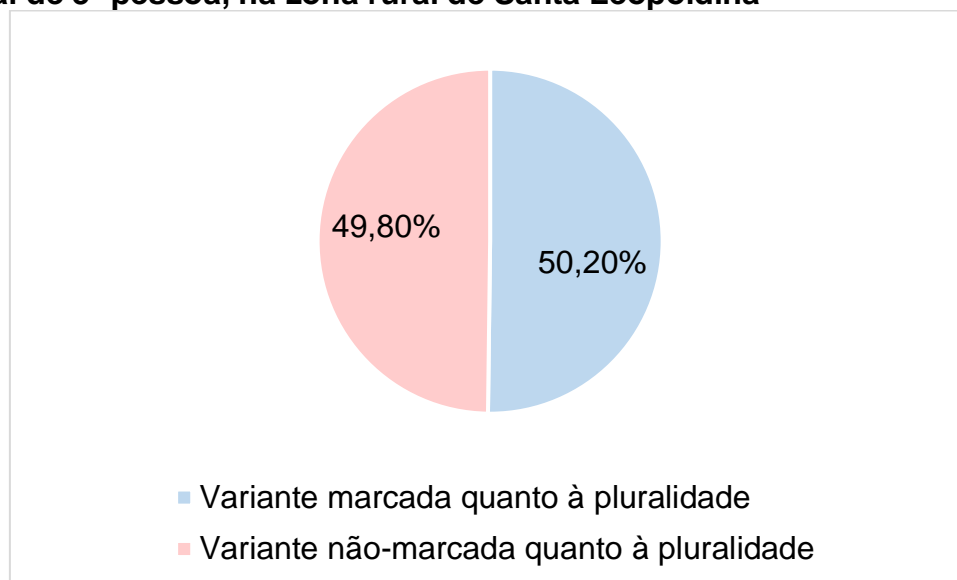
Fonte: elaboração própria.

<sup>43</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E. Como apresentaremos no item 6.2, nossa análise inicial contou com 08 fatores para a variável saliência fônica. Em seguida, realizamos uma série de novas etapas de análise para melhor compreensão do fenômeno, inclusive, como estabelece Naro (1981, p. 77), realizamos a sistematização dos dados contemplando apenas de 06 fatores na saliência fônica (no item 6.2, é possível perceber os resultados dessa etapa). De posse de todos esses resultados, optamos por utilizar a análise estatística com 08 fatores de saliência fônica como etapa geral de análise. Isso porque, nessa etapa, a variável origem da entrevistadora é selecionada, enquanto na análise com 06 fatores de saliência fônica isso não ocorre. É válido destacar que, nesse último caso, a variável origem da entrevistadora apresenta-se muito próxima da seleção, com índice de significância da rodada preste à seleção em 0,051.



Nota-se que a distribuição da marcação em Santa Leopoldina é bem equilibrada, visto que os resultados apontam um total de 50,2% de itens com retenção de marca. Vejamos, nitidamente, em forma de gráfico:

**Gráfico 2: Distribuição geral dos dados do fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>44</sup>**



Fonte: elaboração própria.

Esses dados apontam que Santa Leopoldina possui um percentual de marcação superior ao das pesquisas anteriores realizadas na zona rural, que compõem o estudo comparativo aqui apresentado.

A organização da tabela acima pautou-se pelo período de coleta da amostra. À exceção da obra de Scherre e Naro (2014), que analisa dados das décadas de 80 e 2000, todas as demais baseiam-se em dados contemporâneos à data de sua respectiva publicação. Outra ressalva a ser feita corresponde à localização de coleta das amostras. A princípio, nossa intenção era apresentar dados de, minimamente, todas as cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste). Todavia, deparamo-nos com uma grande dificuldade em encontrar pesquisas realizadas na zona rural de municípios ao longo do território brasileiro. Esclarecemos que analisamos uma gama de outros trabalhos, todavia, ponderamos que, em decorrência de escolhas metodológicas distintas, essas obras não viabilizavam um estudo comparativo verossímil. Vejamos:

---

<sup>44</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

**Tabela 6: Comparação entre diferentes estudos, quanto ao fenômeno de marcação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural<sup>45</sup>.**

<b>Pesquisa</b>	<b>Amostra</b>	<b>Região</b>	<b>Concordância plural</b>
Naro (1981, p. 76)	Rio de Janeiro/RJ (Amostra Mobral)	Zona urbana	48% (3002/6310)
Scherre e Naro (2014, p. 335)	Rio de Janeiro/RJ (Amostra PEUL/1980)	Zona urbana	73% (3399/4660)
Vieira (1997, p. 116) <sup>46</sup>	Norte Fluminense/RJ	Comunidade pesqueira	38% (5926/2252)
Pereira (2004)	Rota dos bandeirantes	Zona rural	24% (125/520)
Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 349)	Helvécia/BA	Zona rural	16% (273/1706)
Scherre e Naro (2014, p. 335):	RJ/2000 (Amostra PEUL)	Zona urbana	83% (1708/2059)
Araújo (2014, p. 274)	Feira de Santana/BA	Zona urbana	26,0% (224/861)
Araújo (2014, p. 274)	Feira de Santana/BA	Zona rural	21,6% (97/449)
Benfica (2016, p. 42)	Vitória/ES	Zona urbana	78,8% (2439/3095)
Pesquisa atual:	Santa Leopoldina/ES	Zona rural	50,2% <sup>47</sup> (1441/2873)

Fonte: Araújo (2014), Benfica (2016), Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Naro (1981), Pereira (2004), Scherre e Naro (2014), Vieira (1997), autoria própria – adaptada.

<sup>45</sup> No quadro 7, apresentamos um panorama da constituição das amostras, constando: estudo, local e data da coleta da amostra, escolaridade e faixa etária dos informantes. Quanto ao sexo dos falantes, exceto pela pesquisa de Vieira (1997), que entrevista apenas informantes do sexo masculino, as demais estratificam os indivíduos em sexo feminino e masculino.

<sup>46</sup> Em Vieira (1997, p. 116), é apresentado o total dos dados analisados, o qual é produto de sua dissertação de mestrado (cf. Vieira. 1995). O percentual de marcação (38%) consta no texto de Vieira e Bazenga (2015, p. 60), em um quadro comparativo entre o estudo de Vieira (1995) e outras pesquisas sobre a concordância verbal de terceira pessoa no português brasileiro. O total de ocorrências, entretanto, foi obtido por nós, com base nesses dados, mediante regra de três simples.

<sup>47</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

A seguir dispomos um quadro com as principais características sociais da amostra, no intuito de apresentar um panorama geral dos estudos utilizados na comparação com Santa Leopoldina:

**Quadro 7: Características sociais das amostras elencadas para estudo comparativo com Santa Leopoldina/ES.**

<b>Pesquisa</b>	<b>Local/data de coleta</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Faixa etária</b>
Naro (1981, p. 66)	RJ/década de 70 (Mobral <sup>48</sup> )	Analfabetos	Aproximadamente, 25 anos (jovens) e 35 anos (velhos).
Scherre e Naro (2014, p. 333)	RJ/década de 80 (PEUL/80 <sup>49</sup> )	1-4, 5-8 e 9-11 anos de escolarização	07-14, 15-25, 9-11 anos.
Vieira (1997, p. 116)	RJ/década 1980 (APERJ <sup>50</sup> )	Analfabetos e pouco escolarizados	18-35, 36-55, 56-70 anos
Pereira (2004, p. 49)	SP e MG/1998 (Filologia dos Bandeirantes <sup>51</sup> )	Analfabetos e semi-escolarizados	Em média, 78 anos
Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 361)	BA/década de 90 (Vertentes <sup>52</sup> )	Semi-analfabetos e analfabetos	20-40, 40-60, >60 anos
Scherre e Naro (2014, p. 333):	RJ/2000 (PEUL/2000)	1-4, 5-8 e 9-11 anos de escolarização	07-14, 15-25, 26-49, >49 anos.
Araújo (2014, p. 236)	BA/2008 (Vertentes)	Superior completo	25-35, 45-55, >65 anos
Araújo (2014, p. 236)	BA/2008 (Vertentes)	Analfabetos e pouco escolarizados	25-35, 45-55, >65 anos
Benfica (2016, p. 32)	ES/2000 (PortVix)	1-8, 9-11, >11 anos de escolarização	07-14, 15-25, 26-49, >49 anos.
Pesquisa atual:	ES/2011-2013	1-4, 5-8 e 9-11 anos de escolarização	07-14, 15-25, 26-49, >49 anos.

<sup>48</sup> Detalhamento acerca da amostra Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) pode ser consultado no capítulo 3.1.1.

<sup>49</sup> Detalhamento acerca da amostra PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) consta no capítulo 3.1.2.

<sup>50</sup> Segundo Vieira (1997, p. 115), a amostra é composta por inquéritos do Arquivo Sonoro do Projeto APERJ – Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>51</sup> Segundo Pereira (2004, p. 48), a amostra compõe o Projeto Filologia Bandeirante e é composta por entrevistas coletadas no ano de 1998.

<sup>52</sup> As amostras de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) e Araújo (2014) compõem o Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, referentes às 1ª e 3ª etapas do projeto, cujas informações podem ser consultadas em <http://www.vertentes.ufba.br>.

Fonte: Araújo (2014), Benfica (2016), Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Naro (1981), Pereira (2004), Scherre e Naro (2014), Vieira (1997), autoria própria – adaptada.

Na tabela 6 e no quadro 7, é possível notar que algumas pesquisas realizadas na zona urbana estão elencadas para comparação. Isso se justifica pelos critérios adotados por esta autora, como mencionado no item 3.1 e também no texto de abertura deste capítulo. No que se refere ao texto de Naro (1981), com dados da década de 1980, com alunos da amostra Mobral, destacamos a sistematização detalhada dos fenômenos da concordância verbal de terceira pessoa, o que circunscreve também as publicações de Naro e Scherre (2014), com dados das décadas de 1980 e 2000, do PEUL.

Além disso, a decisão de estabelecer um estudo comparativo entre nossos resultados e os dados de Benfica (2016), com dados do Portvix, da fala de Vitória, justifica-se pelo objetivo de se ter um panorama da fala capixaba. Sendo assim, propomos a análise de dois extremos do *continuum* rural-urbano, nos termos de Bortoni-Ricardo (1998, 2004), do Espírito Santo – Santa Leopoldina e Vitória, respectivamente.

No que tange a estas quatro amostras (Mobral, PEUL/1980, PEUL/2000 e Portvix/2000 – trabalhos da zona urbana), notamos que os percentuais de concordância nos dados de Santa Leopoldina se aproximam aos percentuais de concordância da amostra Mobral. Todavia, é válido destacar que essa última amostra conta apenas com informantes analfabetos ou semianalfabetos. Os dados leopoldinenses, por outro lado, foram coletados com a colaboração de indivíduos estratificados em três níveis de escolaridade: ensino fundamental 01, ensino fundamental 02 e ensino médio. Como é sabido, o aumento do índice de marcação da concordância de número tende a ser diretamente proporcional à escolarização (SCHERRE e NARO, 2006, p. 110), sendo assim, esperávamos que os dados leopoldinenses apresentassem taxa de marcação mais elevada que a observada em Naro (1981). No entanto, observamos índices de concordância próximos, 48% para os falantes do Mobral, e 50,2% na pesquisa atual – a diferença de dois pontos percentuais.

É válido destacar que, analisando o índice de concordância de cada falante, Naro (1981) percebe grande discrepância, mesmo os informantes possuindo nível de instrução similar. Diante disso, Naro (1981, p. 85) postula a variável orientação cultural, que revelou que o uso da concordância verbal era determinado pela identificação dos falantes com os valores da classe média. O linguista conclui que falantes de orientação vicária, ou seja, próximos aos valores da classe média (expectadores de novelas) favoreciam a marcação, com 0,69 de peso relativo. Enquanto os falantes de orientação experiencial, ou seja, distantes dos valores da classe média (não expectadores de novelas) desfavorecem a marcação, com 0,31.

Ainda quanto à escolaridade, é relevante destacar que essa variável não foi selecionada com significância estatística nos dados leopoldinenses. Isso porque, conjecturamos, os valores sociais que operam na zona rural são distintos dos da urbana, no que se refere à determinação do papel social do indivíduo, em função de seu grau de escolarização – abordaremos mais detalhadamente essa questão no item 6.8.1. Esse dado reforça a ideia de que a ausência da concordância, embora seja um fenômeno estigmatizado na sociedade em geral, não pode ser valorada indiscriminadamente, desconsiderando a variação diatópica em questão. Assim, concluímos que a localidade de coleta da amostra, no nosso caso, zona rural leopoldinense, e as particularidades das regiões (e dos indivíduos) influenciam os resultados.

Corroborando essa hipótese, na comparação entre localidades do estado do Espírito Santo, notamos que Santa Leopoldina e Vitória são municípios relativamente próximos, com distância média de 46 quilômetros entre a zona urbana da capital e leopoldinense. Todavia, notamos que, conforme dados apontados por Benfica (2016), os capixabas marcam 78,8% das construções com dados de concordância verbal. Em Santa Leopoldina, na zona rural, esse índice diminui para 50,2% de marcação. Neste ponto, é interessante destacar que o contato dos leopoldinenses com a capital não é rotineiro, exceto pelos agricultores comerciantes da Ceasa.

A vida leopoldinense é mais restrita ao campo, por opção dos moradores, que reafirmam, com segurança e orgulho, o sentimento de pertencimento ao local. Quanto ao acesso de nossos entrevistados à cultura urbana, observamos que este ocorria por meio de emissoras midiáticas de televisão e de rádio. Além disso, algumas poucas casas e as escolas possuíam, na época da coleta de nossa amostra, sinal de internet. No caso específico dos agricultores que comercializam seus produtos na Ceasa, há um contato semanal com os demais comerciantes e consumidores dos serviços da Ceasa (dentre esses, moradores da Grande Vitória).

É válido atentarmos ainda ao fato de que a estrutura organizacional da comunidade rural é diferente da zona urbana. No caso da zona rural de Santa Leopoldina, por exemplo, os papéis sociais são delimitados: a mulher é responsável pela organização doméstica e auxilia no campo em época de colheita; o homem, pelo cultivo e comercialização dos produtos agrícolas; e os filhos estudam e, no contraturno, colaboram com os pais.

No que se refere, especificamente, aos falares capixabas, rememorando a questão do *continuum* rural-urbano, julgamos oportuna a reflexão de Bortoni-Ricardo (2004):

Tomemos primeiro o contínuo de *urbanização*. Em uma das pontas dessa linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto de escrita, também chamada ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado ortoépia, da composição de dicionários e gramáticas. Enquanto os falares rurais ficavam muito isolados pelas dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas, e pela falta de meios de comunicação, as comunidades urbanas sofriam a influência de agências padronizadas da língua, como imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola.

(p. 51-2)

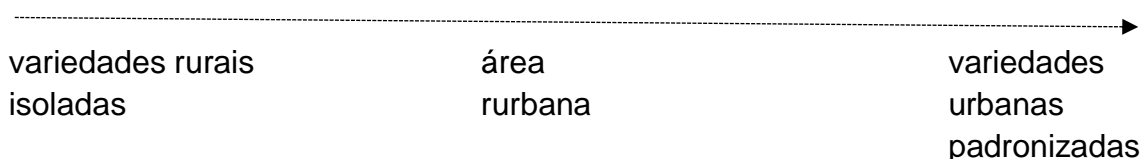
Lendo esse trecho, podemos facilmente relacioná-lo ao contexto de estruturação do município de Santa Leopoldina, como exposto no capítulo 4. O local, no início da colonização, tivera um período áureo, sendo imprescindível para comercialização dos produtos em território capixaba e adjacências, em decorrência da localização estratégica do Rio Santa Maria. Entretanto, com a

modernização das estradas, o escoamento de mercadoria passou a ser realizado por vias terrestres e não mais fluviais, o que fez com que o Rio Santa Maria e, conseqüentemente, Santa Leopoldina perdessem o caráter imprescindível na comercialização de produtos. Diante disso, o esplendor de Santa Leopoldina tornou-se apenas um fragmento de sua história.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 52) complementa ainda que

Nas cidades também se desenvolvia o comércio e, depois, a indústria; ali se instalavam as repartições públicas civis e militares, as organizações religiosas e outras instituições sociais que estão depositárias e implementadoras de culturas de letramento. No âmbito dessas instituições, são usados preferencialmente estilos monitorados da língua tanto na modalidade escrita quanto na oral.

Dito isto, a linguista propõe um *continuum* de urbanização, o qual transcrevemos a seguir:



(BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52)

A autora explica que as variedades rurais isoladas e urbanas padronizadas estão em polos opostos. A organização desse cenário aponta que as variedades urbanas receberam maior influência dos processos de padronização linguística, como explicitado anteriormente, o que promoveu seu distanciamento das variedades rurais isoladas, localizadas, portanto, no outro extremo do *continuum*. Todavia, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 52), na confluência entre o rural e o urbano, há a área rurbana, formada por

migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia pecuária.

Considerando as características locais leopoldinenses, observamos que, embora Santa Leopoldina seja o município mais rural do Espírito Santo, a

população conta com acesso à mídia, em especial rádio e televisão, e contato com a zona urbana da Grande Vitória. Nota-se que a zona rural leopoldinense mantém certo contato com a área urbana, em especial a região de Cariacica, visto que os produtos agrícolas são comercializados na Ceasa, que se localiza na região urbana da cidade de Cariacica, uma das sete cidades que compõem a Região Metropolitana da Grande Vitória<sup>53</sup>. É válido citar que recentemente, em maio de 2014, foi inaugurado o primeiro shopping de Cariacica, localizado em frente à Ceasa. Ressaltamos que a coleta das entrevistas analisadas nesta tese é anterior a 2014, ocorrendo entre 2011 e 2013. Todavia, refletimos que, possivelmente, daqui há algum tempo, esse fato possa gerar alterações na vida leopoldinense.

Antigamente, em Vitória, existia apenas o Shopping Vitória, o primeiro shopping da capital, que manteve sua exclusividade por muitos anos. Nesse sentido, o acesso a esse ambiente era muito limitado: em nossas entrevistas, por exemplo, alguns informantes relatam que nunca foram ao shopping. Entretanto, com a inauguração de vários centros comerciais, tem se popularizado o acesso à cultura que esses locais proporcionam, a exemplo da indústria cinematográfica. Exemplificando nosso relato e embasando nossa hipótese, transcrevemos abaixo parte da fala de uma informante, de 12 anos, que compartilha conosco as experiências que ela vivenciou nas férias escolares, na casa de uma conhecida, moradora da Grande Vitória. Vejamos:

E: E você já ficou dois... três dias na casa de quem?

Inf: Já... na casa da sogra da minha tia...sogra da minha tia... dormir uns três dias lá... aí o barulho do carro me incomodava muito... num conseguia dormir não...

E: e... você foi para lá... o que... Nas férias?

Inf: sim...

E: e como que foi essa viagem sua?

---

<sup>53</sup> O Instituto Jones dos Santos Neves divide a metropolitana de Vitória em: Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. Vide mapa disponível em: <http://www.ijns.es.gov.br/mapas/>. Acesso em 23/08/2020.



Inf: é... foi bom... né... tirando à noite... [inint]... barulhos de carro... fora isso foi bom... a gente passeamo muito....me diverti bastante...

E: é... e o que vocês fizeram de bom, lá?

Inf: ah...nós... fizemo compra... Fomo no shopping...no cinema... [inint]... Na verdade... Na rua... [...]

E: e vocês foram no cinema, gostou?

Inf: fomo, gostei muito...

E:isso é o mais gostoso...

Inf: é.... *Que eu mais gostei foi no cinema*, era a primeira vez que eu fui assim... aí... é uma sensação muito boa... enfim...

E: e assistiram que filme?

Inf: aí, meu Deus! Deixa eu me lembra aqui, gente... agora eu não tô me lembrando... gato de botas...

E: ah... é legal esse filme, eu já vi também...

Inf: é... [inint] até legalzinho... primeira vez, eu nunca tinha visto um gato de botas assim... que num gostava na verdade... Aí eu passei a gostar... é legal... ainda mais em 3d... dá mais sensação ainda....

E: é... [inint]... você gosta?

Inf: ah... é muito bom...

(fem, fund. 02, 07-14 anos – grifo nosso)

Notamos que esta foi a primeira experiência da menina no cinema, a qual ela descreve com entusiasmo, elegendo a ida ao cinema como o programa mais divertido que realizou nas férias. Esse relato aproxima a zona rural leopoldinense, que é a fonte de nossos dados, das demais regiões rurais, apresentadas na tabela 6 e retomadas no gráfico 3 (página 123). Notamos que, mesmo dotada de similaridades com as demais localidades rurais, Santa Leopoldina é a zona rural com maior índice de concordância.

Em contrapartida, na capital e nas adjacências, é comum, ao irmos ao cinema, depararmo-nos com crianças pequenas, por vezes, bebês com idade inferior a 1 ano de vida no local. Em Santa Leopoldina, essa vivência parece ser mais tardia. Ao nosso ver, essas particularidades entre Santa Leopoldina e Vitória favorecem

as discrepâncias nos índices de marcação da concordância verbal de 3ª pessoa e, portanto, devem ser observadas em nossa análise.

Entretanto, é imprescindível frisar que, no Portvix, subsídio amostral de Benfica (2016), os informantes são estratificados em: ensino fundamental (01 e 02, conjuntamente), ensino médio e ensino superior, enquanto a amostra leopoldinense restringe-se a informantes do ensino fundamental 01, fundamental 02 e médio. Essa distinção também é responsável pelo aumento dos índices de marcação em Vitória (78,8%), em comparação com a taxa de marcação em Santa Leopoldina (50,2%).

Essa ressalva aplica-se ainda aos dados do PortVix em comparação com amostras do PEUL, coletadas nas décadas de 1980 e 2000, sendo que as cariocas evidenciam resultados de 73% e 83%, respectivamente. Além disso, as diferenças entre Vitória e Rio de Janeiro, na década de 2000, ambas capitais, justificam-se pelo grau de modernização e urbanização dessas cidades, que ocorre mais timidamente na capital do Espírito Santo. Essa particularidade da capital carioca é observada também por Benfica (2016), quando a autora reflete sobre o aumento de marcação da concordância verbal de terceira pessoa entre as décadas de 80 e 2000 no Rio de Janeiro:

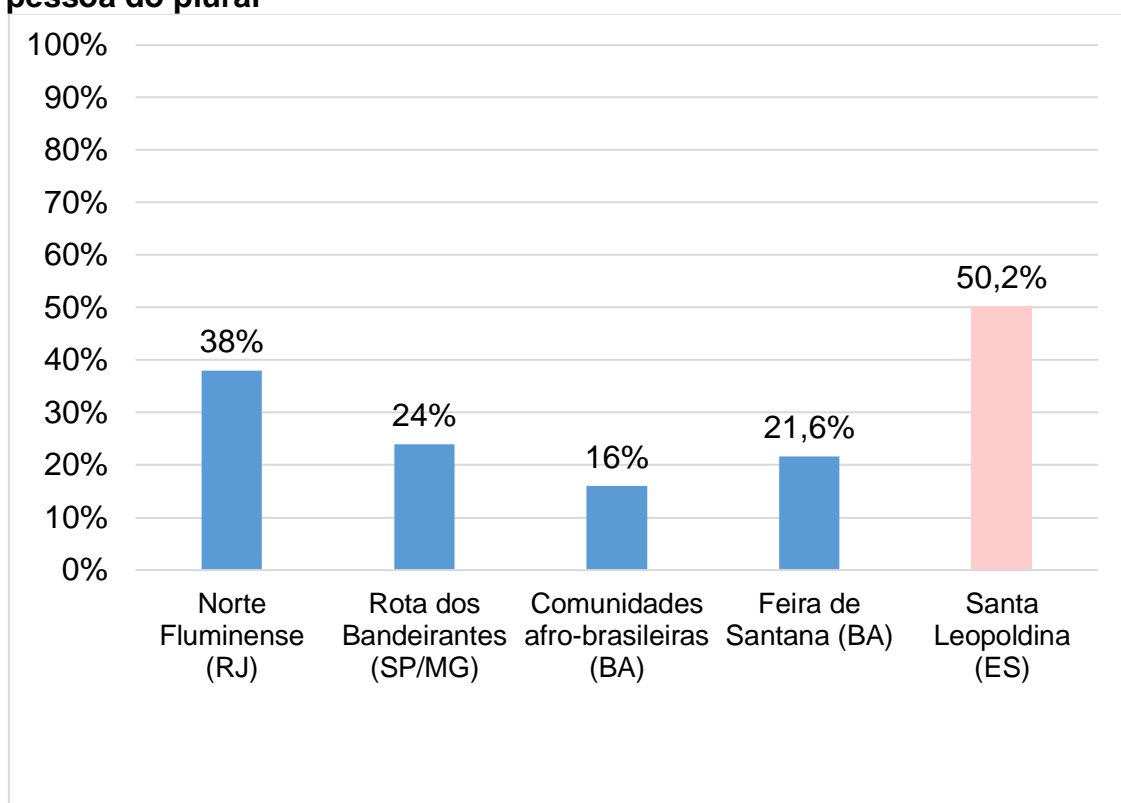
Essa diferença de concordância do Rio de 80 e 2000 com as demais amostras coloca a cidade, de certa forma, em evidência no mapa e, ainda, nos permite fazer algumas conjecturas. Podemos considerar que aqui estão envolvidas as seguintes questões para a interpretação desse quadro: visibilidade nacional e internacional, localização geográfica e representatividade política da cidade.

Ao apontarmos a visibilidade nacional e internacional, nos referimos, principalmente, à cidade do Rio de Janeiro, conhecida mundialmente, ao ponto de ser confundida com a capital do Brasil. É onde há intenso fluxo turístico, é onde se concentram muitas atividades empresariais, é onde já ocorreram (e ocorrerão) eventos internacionais de grande porte (jogos da Copa do Mundo, Rock in Rio, Olimpíadas, Jornada Mundial da Juventude etc.), é onde se gravam inúmeras novelas e jornais televisivos. Em suma, essa caracterização do Rio de Janeiro o coloca em lugar de destaque, e a expectativa sobre uma localidade de destaque é que esta respeite/ as normas, ou, ainda, dite as normas. Em se tratando de concordância de número, a norma da comunidade de mais influência cultural seria “faça concordância”, em se tratando de concordância verbal de 3PP e 1PP1.

(BENFICA, 2016, p. 43)

Por outro lado, conforme apontado na tabela 6, Santa Leopoldina é a amostra rural que apresenta maior índice de concordância se comparada às demais pesquisas realizadas na zona rural. Rememoramos as localidades nas quais os estudos foram realizados: Norte Fluminense/RJ, Rota dos Bandeirantes/MG e SP, Helvécia/BA, Feira de Santana/BA (zona rural) e Santa Leopoldina/ES, respectivamente. Vejamos os índices apontados pelas pesquisas citadas no gráfico a seguir:

**Gráfico 3: Comparação entre pesquisas realizadas na zona rural, dados do Norte Fluminense/RJ (comunidades pesqueiras), Rota dos bandeirantes/SP, comunidades afro-brasileiras/BA, Feira de Santana/BA e Santa Leopoldina/ES, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural<sup>54</sup>**



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados de Norte Fluminense/ RJ (Comunidade de pescadores) – Vieira (1997); Rota dos Bandeirantes/SP e MG – Pereira (2004); comunidades afro-brasileiras (BA) – Lucchesi, Baxter e Silva (2009); Feira de Santana (BA) – Araújo (2014); Santa Leopoldina (ES) – esta pesquisa.

Nota-se que, conforme mencionado, em Santa Leopoldina, o índice de marcação é superior ao observado nas demais localidades rurais. Os leopoldinenses da zona rural realizam a concordância em 50,2% dos sintagmas verbais de 3ª

<sup>54</sup> Resultados de Lopes (2020) retirados da rodada geral, constante no anexo E.

pessoa plural em que ela se faz necessária. Enquanto, em Helvécia, por exemplo, apenas 16% dos casos são marcados pelos habitantes locais. Acerca disto, algumas considerações devem ser feitas quanto às amostras elencadas. Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 348) assumem que “o panorama sociolinguístico da língua portuguesa no Brasil fornece importantes evidências favoráveis à hipótese do contato entre línguas como móvel do processo de variação e mudança”. Desse modo, o nível de não concordância é maior em comunidades rurais afro-brasileiras, pois essas teriam sua origem diretamente relacionada ao contato entre o português e línguas africanas. Os linguistas analisam três comunidades rurais afro-brasileiras, no interior da Bahia. Elencamos as comunidades em estudo, seguida de seu índice de marcação para o fenômeno de concordância verbal de terceira pessoa plural: Cinzento, no município de Planalto, 13%; Helvécia, município de Nova Viçosa, 16%; comunidades geminadas de Barra e Bananal, no Município de Rio de Contas, 24% – conforme Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 357).

Os autores esclarecem que sua hipótese inicial era de que a comunidade de Helvécia apresentasse menor frequência de aplicação da regra de concordância entre as três comunidades analisadas, em virtude de esta possuir registro direto de um passado crioulezante vivenciado na região. Todavia, a comunidade de Cinzento apresentou índices inferiores aos de Helvécia. Diante dos resultados, Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 357) concluem que:

o curso de aquisição da concordância encontra-se em estado mais avançado na comunidade de Rio de Contas, pois o grande fluxo turístico que vivencia o município e as regiões circunvizinhas tem atraído um enorme contingente de pessoas que traz em consigo os padrões culturais da vida urbana. Já a comunidade de Cinzento foi a que exibiu os menores índices de concordância, em função de sua condição precária com poucos atrativos para os forasteiros, o que a mantém em uma situação de maior isolamento. Helvécia, por sua vez, tem vivenciado uma transformação motivada pelo fluxo de pessoas que saem do povoado e retornam e pela ação do plantio de eucalipto, o que a coloca num nível intermediário quanto à aplicação da regra de concordância verbal.

Os autores conduzem a discussão sobre a interferência das línguas africanas na fala das comunidades interioranas da Bahia, no intuito de valorizar a hipótese de

(des)crioulização do português brasileiro<sup>55</sup>, e, por conseguinte, negar a de deriva secular, proposta por Naro e Scherre (2007). Ao que podemos argumentar embasados no próprio texto de Naro e Scherre (2007, p. 66), que esclarece que

Mesmo sendo verdade que há comunidades rurais isoladas de pessoas negras no estado da Bahia que usam pouca concordância em sua fala (Baxter & Lucchesi, 1993; 1997), a tendência em direção ao uso não frequente de concordância pode ser encontrada em todas as áreas rurais brasileiras (Amaral, 1920; Veado, 1982); de norte a sul, independentemente de serem de predominância europeia, africana, asiática, ameríndia, ou miscigenada na origem e independentemente de terem recebido, ou não, populações significativas de escravos.

Reconhecemos que é inegável o Brasil ser um país de múltiplos falares e, arriscamo-nos a afirmar que essas múltiplas facetas compõem a base da identidade linguística brasileira. Todavia, concordamos com Naro e Scherre (2007, p. 67) que os traços estruturais que condicionam a variação linguística na atualidade são os mesmos que atuavam antigamente. Sendo assim, há de se considerar que as restrições linguísticas que regem a concordância não se alteraram no processo histórico evolutivo. Fato comprobatório desta hipótese é a variação mais em nível de tendência geral da frequência de uso, como ficará transparente nas análises comparativas entre pesquisas/amostras evidenciadas nesta tese.

O que chama nossa atenção na história dessas comunidades é justamente seu isolamento social. A história dessas comunidades é bem distinta da leopoldinense. Isso porque as localidades de Rio de Contas, Cinzento e Helvécia não tiveram um passado esplendoroso, tal como observado em Santa Leopoldina. E, até o momento da coleta da amostra, mostravam resquícios do isolamento ao qual sempre vivenciaram.

---

<sup>55</sup> “confirma-se a hipótese de que, na situação de contato em que esses dialetos se formaram, as regras de concordância teriam sido profundamente afetadas; ao passo que, a partir de meados do século XX, a regra de concordância estaria sendo reintroduzida nessas comunidades rurais por influência dos modelos linguísticos urbanos, através do deslocamento populacional, da influência dos meios de comunicação de massa e da massificação do ensino público. Esses resultados também negam a hipótese de uma deriva secular, proposta por Naro e Scherre (1993, 2007), que determinaria uma contínua e progressiva eliminação da morfologia flexional do verbo” (LUCCHESI, BAXTER e SILVA, 2009, p. 349).

Diante do contexto observado nas comunidades afro-brasileiras, Lucchesi, Baxter e Silva (2009) atribuem o maior índice de concordância na comunidade de Rio de Contas (24%) ao fluxo turístico na região, assim como atribuem o índice intermediário de Helvécia (16%) ao fluxo de pessoas que saem e retornam à comunidade, em virtude do plantio do eucalipto. Seguindo esse raciocínio, percebemos que os níveis de concordância dessas comunidades podem ser justificados em função do grau de isolamento dos falantes. Em outras palavras, ao nosso ver, a concordância verbal pode ser condicionada muito mais pelo grau de acesso dos falantes à cultura urbana e não, necessariamente, por essas regiões serem consideradas afro-brasileiras.

É válido destacar ainda que a amostra de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) é composta por falantes semianalfabetos e analfabetos, enquanto a leopoldinense possui informantes dos três níveis de ensino básico (fundamental 01, 02 e médio). Embora, conforme mencionamos, a escolaridade não tenha sido selecionada com significância estatística em Santa Leopoldina, essa diferença entre as amostras não pode ser desconsiderada. Além disso, não foram entrevistadas crianças, uma vez que os voluntários são estratificados em faixa 01 (20 a 40), faixa 02 (41 a 60) e faixa 03 (61 em diante), ou seja, a composição da amostra de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) possui particularidades que devem ser refletidas na comparação com a amostra leopoldinense. Ao dissertar das variáveis saliência fônica e posição linear e relativa, retomaremos essas particularidades das amostras em uma etapa de análise dos dados leopoldinenses específica.

Quanto à pesquisa de Pereira (2004), que apresenta 24% de índice de concordância verbal de 3ª pp, a amostra é composta por 15 informantes, com, em média, 78 anos, de ambos os sexos, sendo analfabetos ou semi-escolarizados, nascidos e criados na zona rural dos estados de Minas Gerais e São Paulo, na conhecida Rota dos Bandeirantes, como destaca Pereira (2004, p. 48). A amostra leopoldinense conta com 44 informantes, de ambos os sexos, nascidos e criados na zona rural de Santa Leopoldina, todavia são estratificados ainda quanto à escolaridade – ensino fundamental 01, ensino fundamental 02, ensino médio – e faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49, maior de 49 anos.

No capítulo 6.7.1, retomaremos esses dados, a partir de uma etapa de análise específica de nossa amostra. Entretanto, já sinalizamos neste momento que, essa etapa de análise específica leopoldinense – na qual refletimos sobre os falantes da terceira faixa etária menos escolarizados (ensino fundamental 01) – revelou índices muito próximos aos índices observados na etapa geral de análise. Em termos de percentagens, esses informantes apresentam 50% de concordância verbal plural, enquanto o índice geral de Santa Leopoldina é de 50,2%.

Neste ponto, é interessante retomar a reflexão de Pereira (2004, p. 106), a qual destaca que:

Examinando o desempenho individual de cada falantes pudemos observar que, com relação às ocorrências de 3ª pessoa do plural, a frequência de não-aplicação da regra de concordância superou a de aplicação da regra, na fala de todos os informantes, com apenas uma exceção. [...] Isto aconteceu precisamente na fala de pessoas que tinham alguma atividade ou característica social que os diferenciavam do falante tipicamente rural e que podem ter levado à aquisição de formas verbais flexionadas. Entre estas, podemos citar como exemplo: hábitos de leitura, costume de assistir a jornais televisivos, curso primário completo, maior grau de interação com falantes de outras variedades linguísticas através de trabalho fora da zona rural, etc.

Essa ponderação de Pereira (2004) é interessante, pois alinha-se ao nosso pensamento de que o maior uso da concordância verbal pode ser relacionado ao acesso dos falantes à cultura urbana (e de letramento), como mencionado anteriormente.

No que se refere à pesquisa de Araújo (2014), nota-se que o índice geral de concordância verbal plural, ou seja, considerando os informantes da zona urbana e rural do município de Feira de Santana, no estado da Bahia, foi de 24,5%. A partir da leitura na íntegra de Araújo (2014), notamos que a intenção da autora, ao analisar paralelamente falantes da zona rural e urbana, era estabelecer uma reflexão sobre a norma culta e a popular faladas em Feira de Santana. Para tanto, a linguista analisa amostras da: norma culta – composta por 12 informantes, estratificados em gênero (feminino e masculino) e faixa etária (25 a 35, 45 a 55 e mais de 65 anos), todos com ensino superior completo (com ou

sem pós-graduação), residentes na sede do municípios e nascidos na própria cidade; e, norma popular – composta por um total de 36 informantes, analfabetos ou pouco escolarizados, sendo 12, da zona rural do município, e 24, da sede (12 filhos de feirenses e 12 filhos de migrantes).

A amostra da norma culta apontou uma frequência de 93,9% de marcação, enquanto a popular, índice de 24,5%, conforme relatado acima. Diante disso, a autora defende a existência de uma realidade sociolinguística bipolarizada no município, que, de acordo com ela, refletiria o panorama geral da polarização sociolinguística no Brasil – baseando-se, para tanto, nas considerações de Lucchesi (2001, 2002 e 2006 – cf. ARAÚJO, 2014). Quanto à norma popular, esta apresenta índices gerais de: norma popular rural – feirenses filhos de feirenses – 21,6%; norma popular urbana – feirenses filhos de imigrantes – 24,1%; norma popular urbana – feirenses filhos de feirenses – 27,9%. Araújo (2014, p. 275) destaca que:

considerando que os percentuais das subamostras são muito próximos, verifica-se a pertinência da afirmação feita por Teyssier (1994, p. 98). Para esse, as diferenças linguísticas no Brasil devem-se mais a questões socioculturais (como a escolarização) do que a espaciais.

A amostra de Araújo (2014), tal como observamos nos dados de Pereira (2004) apresentados anteriormente, abriga particularidades discrepantes da leopoldinense, no que se refere à estratificação dos informantes. Sinalizamos que, embora reconheçamos que os percentuais entre os falantes da zona urbana e rural feirenses são relativamente próximos, a análise conjunta da fala desses indivíduos não é a mais adequada para se estabelecer uma comparação com os dados leopoldinense. Por outro lado, os dados apenas da amostra rural feirense, 21,6%, ainda se mostram inferiores aos leopoldinenses. Na seção 6.9 deste capítulo, desenvolvemos uma reflexão entre os pesos relativos observados na amostra feirense e na leopoldinense para a variável sexo, esclarecemos que o comportamento de homens e mulheres são similares nas duas regiões. Sendo assim, nossa hipótese é que a diferença observada é de natureza quantitativa e não qualitativa, como defendem Naro e Scherre (2007).



Quanto à pesquisa de Vieira (1997), a tabela 06 classifica essa amostra como “comunidade pesqueira”, visto que a autora estabelece que são dados extraídos de 72 inquéritos do Arquivo Sonoro do Projeto APERJ – Atlas Etnolinguísticos dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro – que estuda dialetos populares não-urbanos, todavia não adota a nomenclatura “comunidade rural”. No texto de Vieira e Bazenga (2015, p. 60)<sup>56</sup>, as autoras fazem um apanhado de algumas pesquisas e classificam a amostra APERJ também como não-urbana. Todavia, reproduzem o quadro de Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 348), no qual a amostra está classificada como “rural” e não fazem ressalva a esta classificação. Em nosso texto, utilizaremos a classificação adotada por Vieira (1997) e Vieira e Bazenga (2015), quanto à amostra APERJ, ou seja, não-urbana.

Feitas essas considerações, é válido rememorar que a amostra considera informantes de 12 diferentes comunidades do norte fluminense, que devem, assim como seus pais, serem naturais de sua respectiva comunidade, sendo seis informantes por localidade, dois por faixa etária – 18 a 35, 36 a 55 e 56 a 70 anos –, todos do sexo masculino, analfabetos ou pouco escolarizados e não devem ter realizado longas viagens ou ter vivido em outro local por mais de três anos.

Fato interessante a se mencionar é que Vieira (1997) assume que sua hipótese inicial fora refutada pelos dados em estudo. A linguista afirma que esperava que os mais novos apresentassem tendência ao cancelamento da marcação do sintagma verbal de 3ª pp – a variante tomada como inovadora. Entretanto, observa-se uma tendência crescente de aumento da marcação diretamente proporcional ao avanço da idade do falante. Diante disso, Vieira (1997, p. 130) reflete sobre os conceitos de inovação e conservadorismo. E propõe os seguintes questionamentos: “quando um estudioso estabelece que um dado traço é inovador ou conservador, que padrão linguístico está tomando como referência? Alguma norma está sendo privilegiada?” (VIEIRA, 1997, p. 130).

---

<sup>56</sup> Esclarecemos que citamos Vieira e Bazenga (2015) pelo fato de a linguista Silvia Rodrigues Vieira, autora de Vieira (1997), compartilhar a autoria do texto de Vieira e Bazenga (2015) com Aline Maria Bazenga.

Vieira (1997) reconhece que, ao assumir a concordância como traço conservador, estaria tomando como referência a norma do pesquisador e não a do informante. E conclui, pois, que:

a determinação do grau de conservação ou de inovação de um dado traço linguístico deve pautar-se na história particular de cada dialeto, não podendo pressupor normas a ele externas. Ao que parece, devem-se repensar os conceitos de inovação e de conservadorismo, atrelando às características inerentes ao dialeto em estudo. Em outras palavras, o grau de conservação ou de inovação de um dado traço linguístico deve ser estudado, por primeiramente, em nível intradialetal e não interdialetal.

(VIEIRA, 1997, p. 130)

Isso posto, em nossa análise, tentaremos, oportunamente, considerar as particularidades da comunidade leopoldinense, visto que a estas subjazem também as particularidades linguísticas observadas na região. Frisamos que é válido destacar ainda termos percebido, nas comunidades rurais e pesqueiras, índices inferiores aos observados em Santa Leopoldina. Sendo assim, ao longo de nosso texto, retomaremos, por vezes, essas pesquisas com o intuito de promover uma reflexão entre os resultados obtidos.

## **6.2 Saliência fônica**

O estudo da saliência fônica, conforme advogam Scherre e Naro (1998), evidencia que o aumento da saliência do material fônico na oposição entre singular/plural favorece a presença de marcação de plural, tanto no que diz respeito aos dados de concordância nominal, como estabelecem Scherre (1988), Scherre e Naro (2006), Lopes (2014), quanto aos de concordância verbal de terceira pessoa, Scherre e Naro (1998), Benfica (2016). Quanto à sistematização da hierarquia de saliência fônica para itens flexionados na terceira pessoa do plural, orientamos a metodologia deste trabalho a partir da postulação de Naro (1981), a qual organiza essa variável em função da tonicidade e diferenciação material fônica na relação singular/plural. A saliência fônica é, portanto, organizada em dois níveis – [+ salientes] e [- salientes] – os quais também possuem uma hierarquização interna, como pode ser observado no detalhamento dos exemplos a seguir e na organização dos resultados disposta

na tabela 7, assim como discutido da explanação do tema no item 3.1.1, desta tese.

A seguir, arrolamos exemplos extraídos da amostra leopoldinense, de forma a evidenciar os itens sob análise na composição desta variável. Nos excertos, encontram-se em negrito e entre colchetes os dados condizentes com o perfil exemplificado e em negrito sem colchetes o sujeito da construção. Entre parênteses, recuado à direita do trecho, estão as características do informante autor de tal sentença:

a) Nível 1: 1a – Nasalização da vogal na forma plural (pode/podem):

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – e você acha que vai deixar eles fazerem o que?

Inf – quando crescer?

E – é

Inf – ah **eles [pode]** fazer o que eles quiser... se eles não entrar no mau caminho...

(masc.– fund. 02 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E: lá na sua tia... eles são perigosos... eles mordem?

Inf: não... são tudo mansinho... **eles [podem]**... se você chegar aqui agora... eles sai latido... só cheira seu pé... e não faz mais nada...

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

b) Nasalização e/ou mudança na qualidade da vogal (fica/ficam)

Exemplo – ausência de marca de plural:

Inf – só tem desses... na casa do meu avô que tem a usina deles que é lá perto do terreiro que **eles [fala]**... aí lá tem uns peixe grande [a irmã da informante comenta: não tem muito peixe]... tem daqueles peixe grande também... só que eu não vejo eles... vejo só... se a gente entra na água **eles [fica]** picando na perna da gente.

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – você tem medo de quê? De acontecer o quê?

Inf – ah... que assim uma cobra vim picar eles... um bicho vim comer eles... tipo porque os cachorro [inint] de noite eles vão andar lá pra baixo... que **eles [ficam]** caçando cobra... esse bicho aí... então eu tenho medo deles... então eu falo pra deus não acontecer nada... eles falam que tem um leão solto.

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

c) Acréscimo de segmentos vocálicos (faz/fazem)

Exemplo – ausência de marca de plural:

Inf – há um pão assim arroz feijão farinha bife uma saladinha de tomate hum... delícia.

E – e a batata frita?

Inf – batata frita também gosto mesmo de comer carne de galinha carne de peixe fechou não sou muito chegada não eu gosto de salada sim salada de alface de couve de repolho mas aí já ensopada não gosto chuchu ensopado que **eles [faz]** assim eu não gosto repolho repolho refogado eu não gosto mas é coisa que eu posso te comer eu também gosto de umas porqueirinha bala chips faz muito bem para saúde mas tudo bem churrasco eu gosto de comer também

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – o lanche lá merenda que as tias fazem lá

Inf – que **elas [fazem]... elas [fazem]** o que deixa eu ver elas não eu gosto com biscoito tem vez que a sopa tem vez que a farofinha tem vez que arroz feijão carne salada

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

d) Ditongação com mudança na qualidade de vogal (vai/vão)

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – uhum... É isso mesmo... E... Hum... Você acha importante terminar os estudos e continuar estudando...?

Inf – é, hoje, hoje é importante, né? Hoje é importante terminar... Continuar estudando.. [...] quando dá dez ano, pra **eles [vai]** tá do mesmo jeito que tá pra nós. Do mesmo jeito. Chega um momento que... “puxa vida, será que eu vô consegui i até o final? Ou eu vou ter que carregar um junto pra fazer as coisa pra mim?” porque... A informação hoje, ela tá correndo muito rápido, né? Então... Se num estuda ou fizer alguns curso, aí num tem jeito não.

(masc.– fund. 01 – 26 – 49 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

Inf – peguei com a peneira os peixinho... só que eles são muito difícil de pegar... a gente tá de um lado **eles [vão]** pro outro... a gente vai do outro eles tão desse lado.

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

e) Acréscimos de segmentos consonânticos sem alteração na vogal da desinência (morreu/morreram)

Exemplo – ausência de marca de plural:

E2: porque tem que marcar lá vai no carro da Saúde da mesma forma você tem

E1: você conhece algum caso de câncer por aqui

Inf: **minhas tia [morreu]** tudo de câncer... nossa tem muita... meu deus quanta gente que acontece aí mesmo... que tem no caso [...].

(fem. – ens. médio – 26 – 49 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – só tem as meninas mesmo?...

Inf – só tem as meninas... as menina tem muito ainda agora irmão não tem mais não morreu... era... era dois irmão ... era A. e J. ... **todos dois [morreram]**... um caiu dentro de ca::as né?... Ele escorregou to/quebrou a per::na aí ficou muito tempo em cima da ca::ma ... Aí depois ele morreu::: com o tempo ... Ele gostava de beber muito né?...

(fem. – fund. 02 – acima de 49 anos)

- f) Acréscimos de segmentos e com alteração na vogal da desinência (começou/começaram):

Exemplo – ausência de marca de plural:

E: uh... e como que é a história do crepúsculo e o lua nova?

Inf: [...] aí **eles [começou]** a se gostar... namoraram...aí no caso tinha outro menino também...que gostava dela... que eu acho que era o jek... eu não sei.. Num lembro o nome do menino...que era um lobo... que ela também não sabia ..e depois ele se abriu...aí foi dando continuidade...que tem bastante coisa também....faz tempo que eu li..num lembro muita coisa mais não... mas é assim que fala sobre [inint] romance...

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – ai ai ai... mais o que que vocês brincam? / Inf – hum:: de desenhar... de pintar... pintar pinta aqui em casa até... [ a irmã comenta algo] eu gosto tem vez quando L. pega... N.... L. tem vez pega o periquito aí nós faz carinho nele... aí um dia eles se assustaram... que nós pegamo o periquito [inint] que tava aqui fora... aí nós pegamo ali... aí depois eles entraram e falaram: minha nossa! Cadê o periquito?... aí nós viemo pra fora... depois **eles [começaram]** a rir [risos]... antes as rolinha entrava lá dentro do galinheiro das postura... nós tirava elas lá de dentro.

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

- g) Classe especial – caso único – mudança completa (é/são)

Exemplo – ausência/presença de marca de plural:

E: e os meninos batem muito na hora de brincar?

Inf: **eles [é]** forte... é... **eles [são]** muito forte...aí inint pra não andar com menino..

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

- h) Mudança na sílaba tônica (fez/fizeram)

Exemplo – ausência/presença de marca de plural:

Inf: uma vez só que eu num fiz o dever ...

E: ah... e o que aconteceu?

Inf: aí eu tomei uma ocorrência...

E:ah... e aí...

Inf: mas aí muita gente foi também...**muitos** não **[fez]** o dever também..." [...]

E: e essa comunidade onde você mora... é de remanescentes de quilombola ..num é?

Inf: é..

E: e o que vocês sabem sobre a história desse povo assim... dos seus antepassados... Que eles contam...

Inf: é... eu sei... que foi um homem ...eu esqueci o nome dele...ele tinha uma mulher...ele era escravo...só que ele era um escravo muito bom...aí a mulher dele fazia artesanato...e vendia... aí... tudo que ela vendia de artesanato...**eles [fizeram]** o dinheiro... compraram essa terra aqui... e vieram pra cá morar..

(masc.– fund. 02 – 07 – 14 anos)

A variável saliência fônica foi a primeira variável linguística selecionada pelo Goldvarb X e apresenta *range*<sup>57</sup> (69 pontos) significativamente superior ao observado na variável social selecionada (sexo – 09 pontos). Isso indica que, em Santa Leopoldina, o ambiente linguístico é um forte condicionante para a ausência ou presença de marcação de plural (essa afirmação será atestada com base nos resultados das outras variáveis apresentadas a seguir).

Como poderá ser observado na tabela 7, os resultados leopoldinenses alinham-se à hipótese de Naro (1981) acerca do favorecimento dos itens mais salientes à concordância. Isso porque a ausência de marcas em tais termos é mais perceptível aos interlocutores, o que favorece a marcação.

A justificativa da tendência a marcação dos itens mais salientes, no entanto, pode ser orientada por dois vieses: (i) linguístico – a marcação ocorreria tão somente por uma percepção linguística, por parte do falante, que se atenta mais

---

<sup>57</sup> Na seção 5.2, apresentamos a conceituação de *range*, nos termos de Tagliamonte (2009, p. 242).

a itens com maior alteração fônica, uma vez que o processo de concordância é mais perceptível; (ii) intencionalidade social (extralinguística) – a marcação seria motivada por um desejo do falante, consciente ou inconsciente, de blindar-se de possíveis situações constrangedoras, uma vez que a ausência de concordância é um fenômeno estigmatizado na sociedade, e, portanto, a não marcação dos termos com maior alteração fônica é mais perceptível ao interlocutor.

Neste ponto, é interessante refletir sobre o estigma social atribuído aos fenômenos de concordância de número variável. A este respeito, Scherre (2005, p. 128-9) reflete sobre o fato de a concordância de número ser um marcador de classe social:

Para demonstração direta de que temos a tendência quase compulsiva de rotular de erradas apenas as formas que fazem correlação estreita com classe social, mesmo que, consciente ou inconscientemente, façamos uso destas mesmas formas, passo a abordar uma vez mais a variação na concordância de número. Já sabemos que, neste terreno, os estereótipos são múltiplos. Se um falante brasileiro não faz todas as concordâncias, considera-se que ele está falando errado, que não sabe o português e, por falsa consequência, que não sabe pensar.

Esse pensamento alinha-se à hipótese (ii) apresentada anteriormente. Além disso, Scherre (2005, p.129) atenta-se à regularidade da atuação da concordância verbal e nominal. Nas palavras da linguista:

Pelas pesquisas realizadas até o presente momento, já sabemos que a variação na concordância de número no português brasileiro não apresenta distinção geográfica horizontal [há, sim, distinção em função do *continuum* rural urbano, nos termos de Bortoni-Ricardo (1985; 2004)]. Esta variação se dá de maneira uniforme de norte a sul e de leste a oeste. Os principais fatores que condicionam a variação são também uniformes.

Os dados leopoldinenses corroboram a ideia da uniformidade dos fatores atuantes na concordância verbal de terceira pessoa (e também quanto à concordância nominal de número, apresentada na seção 07 desta tese). No que se refere à saliência fônica, este capítulo atestará a regularidade existente entre os dados leopoldinenses e de outras pesquisas já realizadas em outras regiões.

Para tanto, refletiremos sobre os dados leopoldinenses e apresentaremos uma comparação entre esses e os resultados obtidos em outras pesquisas: Rio de



Janeiro, da amostra Mobral – Naro (1981); Rio de Janeiro, das amostra PEUL (1980 e 2000) – Naro e Scherre (1998 e acervo pessoal cedidos pelos Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Scherre); comunidades afro-brasileira/BA, amostra Vertentes – Lucchesi, Baxter e Silva (2009); Rio de Janeiro, da amostra EJLA/PEUL/UFRJ<sup>58</sup> – de Gomes, Melo e Barcellos (2016); Vitória, amostra PortVix – Benfica (2016); e ainda, Feira de Santana/BA, amostra Vertentes (norma culta e popular) – Araújo (2014). Nosso objetivo é, justamente, apresentar a regularidade do efeito desta variável que atesta a oposição entre verbos mais e menos salientes, independentemente da amostra analisada, como preconiza Naro (1981).

Apresentaremos, primeiramente, os resultados leopoldinenses, na tabela 7 e representados no gráfico 04. Em seguida, observaremos as comparações, conforme mencionado anteriormente. Vejamos:

**Tabela 7: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>59</sup>**

Fatores analisados	Porcentagem	Peso Relativo
<b>Nível 1 (pares em que a marca de plural consta em sílaba átona)</b>		
1a) Nasalização da vogal na forma plural (bate/batem)	50/199= 25,1%	0,238
1b) Nasalização e/ou mudança na qualidade da vogal (acaba/acabam)	320/1315= 24,3%	0,208
1c) Acréscimo de segmentos vocálicos (faz/fazem)	55/169= 32,5%	0,287
<b>Nível 2 (pares em que a marca de plural consta em sílaba tônica)</b>		
2a) Ditongação com mudança na qualidade de vogal (vai/vão)	297/348= 85,3%	0,869

<sup>58</sup> Segundo Gomes, Melo e Barcellos (2016, p. 128): “Os dados foram retirados da amostra EJLA/PEUL/UFRJ, formada por adolescentes que, no momento das entrevistas para formação da amostra, cumpriam medida socioeducativa de internação em uma instituição do estado do Rio de Janeiro para adolescentes em conflito com a lei”. A amostra foi coletada entre os anos de 2008 e 2009 e contou com a colaboração de 14 adolescentes.

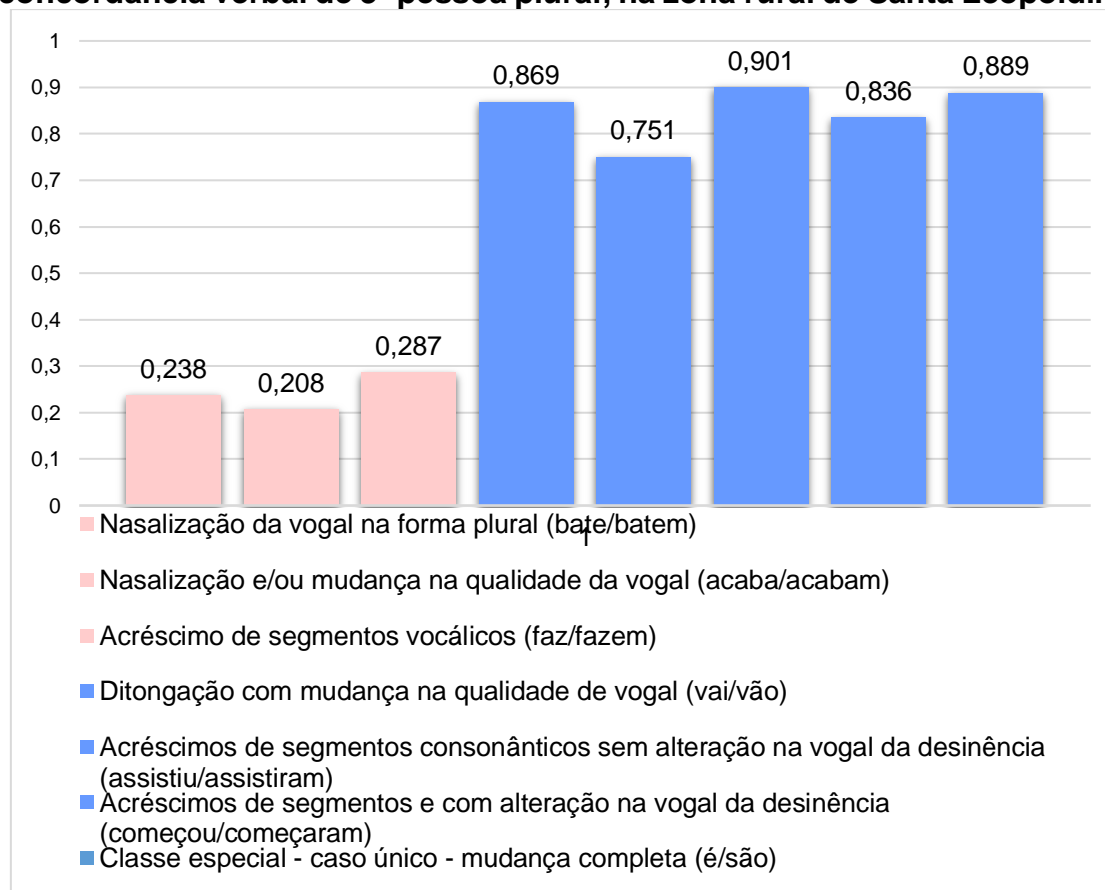
<sup>59</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

**Tabela 7: Efeito da variável saliência fônica quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina (conclusão)**

Fatores analisados	Porcentagem	Peso Relativo
<b>Nível 2 (pares em que a marca de plural consta em sílaba tônica)</b>		
2b) Acréscimos de segmentos consonânticos sem alteração na vogal da desinência (assistiu/assistiram)	150/196= 76,5%	0,751
2c) Acréscimos de segmentos e com alteração na vogal da desinência (começou/começaram)	281/310= 90,6%	0,901
2d) Classe especial – caso único – mudança completa (é/são)	206/246= 83,7%	0,836
2e) Mudança na sílaba tônica (fez/fizeram)	82/90= 91,1%	0,889
Total de dados analisados	1441/2873= 50,2%	
<i>Range</i>		69

Fonte: elaboração própria.

**Gráfico 4: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina**



No gráfico 04, representação dos dados expostos na tabela 7, é perceptível a discrepância de valores entre os itens menos salientes (em rosa) e os mais salientes (em azul), nos termos de Naro (1981). Todavia, notamos que não há uma ordem crescente perfeita, em função da hierarquia da saliência com relação à distinção material fônica na relação singular/plural. Observamos que os itens nasalizados e/ou mudança na qualidade da vogal (1b), como exemplo o verbo acaba/acabam, apresentam índices inferiores aos nasalizados da vogal na forma plural (1a), como em bate/batem, com 0,208 e 0,238, respectivamente. Esse fato fora observado em outras pesquisas, conforme aponta a tabela 8, em que, exceto pelos dados do Rio de Janeiro, na década de 2000 – Naro e Scherre (arquivo pessoal) –, não há uma ordenação perfeita dos resultados.

Isso também ocorre entre os itens mais salientes. Nossa hipótese inicial era de que os itens com alteração total da forma, ou seja, classe especial, caso único, mudança completa (é/são), que apresentam 0,836, revelassem índices superiores aos demais perfis. Conquanto, o valor de peso relativo mais elevado pertence à forma “começou/começaram”, os quais contemplam casos em que há acréscimos de segmentos e com alteração na vogal da desinência, com 0,901.

Essas discrepâncias não invalidam a hipótese de que a tendência geral é de que os itens mais salientes sejam mais marcados que os menos salientes, nas duas grandes oposições em função da tonicidade dos pares (níveis 1 e 2), nos termos de Naro (1981, p. 78). Essa proposição é reforçada pela força de restrição da variável de 69 pontos, o maior *range* entre as variáveis analisadas. Além disso, frisamos que o programa Goldvarb X julgou estatisticamente significativo selecionar essa variável antes de todas as demais, o que revela sua importância na determinação da presença ou ausência da marca no fenômeno sob análise. É interessante apontar, conforme mencionado, que, em Santa Leopoldina, as

---

<sup>60</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

variáveis linguísticas assumem maior força de restrição que as sociais, como será notório em nossas ponderações adiante.

Quanto à saliência fônica, reconhecemos que os resultados não nos surpreendem, pois alinham-se com outras pesquisas realizadas sobre o tema. Vejamos a comparação entre os resultados leopoldinense e de Naro (1981), com a análise da amostra Mobral.

**Tabela 8: Comparação de resultados obtidos em Santa Leopoldina (esta pesquisa) e Rio de Janeiro (amostra Mobral – Naro (1981), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

Fatores analisados	Santa Leopoldina (esta pesquisa)		Rio de Janeiro (Naro, 1981, p. 76)	
	%	PR	%	PR
<b>Nível 1 (pares em que a marca de plural consta em sílaba átona)</b>				
Nível 1A – (bate/batem)	50/199= 25,1%	0,24	110/775= 14,6%	0,07
Nível 1B – (acaba/acabam)	320/1315= 24,3%	0,21	763/2540= 30%	0,19
Nível 1C – (faz/fazem)	55/169= 32,5%	0,29	99/273= 36,3%	0,26
<b>Nível 2 (pares em que a marca de plural consta em sílaba tônica)</b>				
Nível 2A – (vai/vão)	297/348= 85,3%	0,87	604/927= 65,2%	0,58
Nível 2B – (assistiu/assistiram)	150/196= 76,5%	0,75	266/365= 72,9%	0,69
Nível 2C – (começou/começaram)	281/310= 90,6%	0,90	524/672= 78%	0,78
Nível 2D – (é/são)	206/246= 83,7%	0,84	539/662= 81,4%	0,79
Nível 2E – (fez/fizeram)	82/90= 91,1%	0,89	97/116= 83,6%	0,80
Total de dados analisados	1441/2873=	50,2%	3002/6310=	47,6%
<i>Range</i>	69		74	

Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Rio de Janeiro (amostra Mobral) – Naro (1981, p. 76)

Como pode ser observado na tabela 08, em termos de tendência geral, os resultados de Santa Leopoldina alinham-se aos obtidos para a amostra Mobral, analisada por Naro (1981). Assim, notamos que os itens mais salientes favorecem mais concordância verbal do que os menos salientes. No que se refere aos níveis 2c, 2d e 2e, Naro (1981, p. 77), ao perceber a proximidade entre os valores dos pesos relativos desses fatores, realiza um teste de significância estatística, o qual atesta que a diferença entre esses índices não é significativa. Diante disso, o linguista propõe a amalgamação entre esses três fatores (2c, 2d e 2e).

Orientados por essa metodologia de análise, realizamos uma nova etapa de análise, na qual esses itens são amalgamados e propomos a comparação dos resultados obtidos com as pesquisas de: Vitória, amostra PortVix – Benfica (2016); Rio de Janeiro, amostra PEUL/1980 e 2000 – arquivo pessoal de Scherre; Rio de Janeiro, amostra EJLA; PEUL/UFRJ – Gomes, Melo e Barcellos (2016); e Rio de Janeiro, amostra Mobral – Naro (1981).

Portanto, frisamos, a nova organização dos dados não estabelece alterações no nível 1, que permanece dividido em: 1A – nasalização da vogal na forma plural (bate/batem), 1B – nasalização e/ou mudança na qualidade da vogal (acaba/acabam), 1C – acréscimo de segmentos vocálicos (faz/fazem); e realiza amalgamação no nível 2, da seguinte forma: 2A – ditongação com mudança na qualidade de vogal (vai/vão), 2B – acréscimos de segmentos consonânticos sem alteração na vogal da desinência (assistiu/assistiram) e 2C – amalgamados três perfis – acréscimos de segmentos e com alteração na vogal da desinência (começou/começaram), classe especial – caso único – mudança completa (é/são), mudança na sílaba tônica (fez/fizeram).

Notamos que os dados das cinco pesquisas sugerem a mesma tendência, proposta por Naro (1981) – os itens mais salientes favorecem mais a concordância que os menos salientes, especialmente, se considerarmos a tonicidade da sílaba que recebe a marca de plural. Assim, embora a hierarquia interna aos níveis não seja tão clara como em Naro (1981), para os falantes em fase de alfabetização, na década de 1970, a distinção entre os níveis 01,

oposição não-acentuada, e 02, oposição acentuada, é inquestionável. Enquanto, os itens do nível 01 desfavorecem a concordância verbal de número, os termos do nível 02 favorecem a concordância – essa constatação é comum em todas as pesquisas.

Considerando os *ranges*, podemos concluir que, em Santa Leopoldina, a variável saliência fônica atua com maior força de restrição se comparada às demais localidades, inclusive à capital do estado. Um apontamento relevante acerca de Gomes, Melo e Barcellos (2016) é o de que a amostra é composta por dados EJLA/PEUL/UFRJ, que contou com a colaboração de adolescentes, que, no momento das entrevistas, cumpriam medida socioeducativa de internação no Rio de Janeiro, em instituição para adolescentes em conflito com a lei. Acerca desses dados, Gomes, Melo e Barcellos (2016, p. 135) ponderam que:

Os resultados encontrados para a saliência fônica mostram o mesmo efeito observado nos diversos estudos sobre concordância verbal: os níveis mais baixos de saliência, oposição não-acentuada, desfavorecem a realização de formas verbais de 3ª do plural, ao passo que os níveis mais altos, oposição acentuada, favorecem. Nesse caso, há uma diferença nítida entre os dois níveis, uma vez que os percentuais observados no nível 1 são muito baixos. No entanto, os percentuais observados para o nível 2 estão abaixo dos encontrados no estudo de Naro (1981) e em Scherre e Naro (1997:99).

**Tabela 9: Efeito da variável saliência fônica na concordância verbal de 3ª pessoa – comparação entre pesquisas**

(continua)

Fatores analisados	Santa Leopoldina	Vitória	RJ/PEUL		RJ/EJLA	RJ/Mobral
			1980	2000		
Nível 1A – (bate/batem)	0,24	0,32	0,13	0,27	0,21	0,11
Nível 1B – (acaba/acabam)	0,21	0,30	0,36	0,36	0,28	0,26
Nível 1C – (faz/fazem)	0,29	0,21	0,34	0,42	0,22	0,35
Nível 2A – (vai/vão)	0,87	0,68	0,64	0,60	0,69	0,68
Nível 2B – (assistiu/assistiram)	0,76	0,69	0,69	0,72	0,69	0,78

**Tabela 09: Efeito da variável saliência fônica na concordância verbal de 3ª pessoa – comparação entre pesquisas**

Fatores analisados	(conclusão)					
	Santa Leopoldina	Vitória	RJ/PEUL	RJ/EJLA	RJ/Mobral	
Nível 2C – (começou/começaram, é/são, fez/fizeram)	0,87	0,84	0,77	0,70	0,83	0,85
<i>Range</i>	66	63	64	45	62	74

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados desta pesquisa e de Vitória/ES - Benfica (2016, p. 50); Rio de Janeiro/RJ – amostra PEUL/80 e 00- acervo pessoal dos professores Anthony Julius Naro; Rio de Janeiro/RJ – amostra EJLA/PEUL/UFRJ – Gomes, Melo e Barcellos (2016, p. 135); Rio de Janeiro – amostra Mobral – Naro (1981, p. 77).

Conferindo atenção aos percentuais da amostra de Gomes, Melo e Barcellos (2016, p. 135), notamos, inclusive, que os índices cariocas de adolescentes reclusos são inferiores aos observados na zona rural leopoldinense em todos os níveis. A frequência geral de marcação de concordância desta amostra é inferior à leopoldinense, alinhando-se a outras pesquisas realizadas na zona rural, como apontado na seção anterior (6.1). Embora a discrepância entre a amostra de Gomes, Melo e Barcellos (2016, p. 135) e a de Santa Leopoldina não seja acentuada, no que se refere aos pesos relativos observados, mostra-se notória em termos percentuais. O que revela que os falantes leopoldinense têm maiores chances percentuais de marcação padrão da concordância verbal de terceira pessoa que os adolescentes em reclusão. Atribuímos essa diferença em função do cotidiano de cada grupo pesquisado.

Os falantes da zona rural, mesmo em sentido mais restrito que os falantes dos grandes centros urbanos, têm mais acesso à cultura urbana que os falantes em reclusão, a exemplo de contato rotineiro com meios de comunicação midiáticos (rádios e televisores), privilégio não assistido pelos adolescentes cariocas voluntários na pesquisa de Gomes, Melo e Barcellos (2016). Além disso, é necessário que a análise dos resultados da amostra EJLA, de Gomes, Melo e Barcellos (2016), considere esse grupo em função de uma ruptura social, o que promove uma ímpar percepção desses adolescentes quanto a padrões de avaliação e organização interna da variação linguística. Vejamos na tabela 10:

**Tabela 10: Comparação entre percentuais de Lopes (esta pesquisa) e Gomes, Melo e Barcellos (2016), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Santa Leopoldina</b>		<b>Rio de Janeiro</b> (adolescentes em reclusão)	
Nível 1 A – (bate/batem)	50/199= 25,1%	0,243	2/28= 7%	0,211
Nível 1 B – (acaba/acabam)	320/1315= 24,3%	0,209	20/206= 9%	0,285
Nível 1 C – (faz/fazem)	55/169= 32,5%	0,289	5/54= 9%	0,222
Nível 2 A – (vai/vão)	297/348= 85,3%	0,868	29/88= 32%	0,687
Nível 2 B – (assistiu/assistiram)	150/196= 76,5%	0,757	21/80= 38%	0,686
Nível 2 C – (começou/começaram, é/são, fez/fizeram)	569/646= 88,1%	0,874	45/101= 44%	0,833
Total de dados	1441/2873= 50,2%		132/557= 23%	
<i>Range</i>	66		62	

Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; e, Rio de Janeiro – GOMES, MELO E BARCELLOS (2016, p. 135).

Retomando os pesos relativos obtidos nas duas amostras, notamos uma heterogeneidade ordenada na tendência geral de concordância verbal de terceira pessoa. Isso aponta que, mesmo diante dos contextos sociais díspares nos quais esses dois grupos de falantes se inserem, é possível perceber que os informantes tendem a reter a marca de plural em ambiente linguístico similar. Frisamos: os itens do nível 01, em oposição menos acentuada, desfavorecem a concordância verbal, enquanto os termos do nível 02, em oposição acentuada, favorecem a concordância. A discrepância maior é percebida na categoria 2A (vai/vão), a qual revela o segundo peso relativo mais alto em Santa Leopoldina, com 0,868, e apresenta peso de 0,687, entre os adolescentes reclusos. Observando o conjunto das seis pesquisas dispostas na tabela 09, é válido notar que esses termos (2a – vai/vão) retêm mais a concordância em Santa Leopoldina. Embora neste momento não possamos tecer explicações claras



quanto à motivação desses resultados, futuramente, é interessante que essa questão seja analisada mais detalhadamente.

Quanto à comparação entre nossos dados e os obtidos em Feira de Santana, a partir da obra de Araújo (2014), é válido refletirmos sobre a não seleção da variável saliência fônica para a norma culta feirense. Esse fato é interessante, uma vez que contraria resultados de uma gama de pesquisas acerca do tema da concordância verbal e os próprios resultados de Araújo (2014, p. 277), obtidos com dados da norma popular feirense. Vejamos os dados percentuais obtidos por Araújo (2014), para a norma culta, analogamente aos dados percentuais e pesos relativos para a norma popular feirense e os observados entre os leopoldinenses:

**Tabela 11: Comparação entre resultados de Santa Leopoldina/ES (esta pesquisa) e Feira de Santana/BA (Araújo/2014), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Santa Leopoldina</b>		<b>Feira de Santana (norma popular)</b>		<b>Feira de Santana (norma culta)</b>
Nível 1 A – (bate/batem)	50/199= 25,1%	0,24	9/130= 6,9%	0,16	71/77= 92,2%
Nível 1 B – (acaba/acabam)	320/1315= 24,3%	0,21	80/198= 40,4%	0,32	291/304= 95,7%
Nível 1 C – (faz/fazem)	55/169= 32,5%	0,29	64/498= 12,9%	0,35	18/20= 90%
Nível 2 A – (vai/vão)	297/348= 85,3%	0,87	52/161= 32,3%	0,69	45/49= 91,8%
Nível 2 B – (assistiu/assistiram)	150/196= 76,5%	0,76	105/257= 40,9%	0,77	85/96= 88,5%
Nível 2 C – (começou/começaram, é/são, fez/fizeram)	569/646= 88,1%	0,87	11/66= 16,7%	0,73	109/113= 96,5%
<i>Range</i>	66		57		---
Total de dados	1441/2873= 50,2%		321/1310= 24,5% <sup>61</sup>		619/659= 93,9%

Fonte: Santa Leopoldina/ES – esta pesquisa; Feira de Santana/BA – ARAÚJO (2014, p. 277 [norma popular] e 271 [norma culta]).

<sup>61</sup> É válido rememorar que a norma popular feirense inclui dados da zona rural e urbana, os quais indicam resultados percentuais de 21,6% (com 97/449) e 26% (224/861), respectivamente, como destaca Araújo (2014, p. 274).

Acerca da não seleção da variável com dados da norma culta feirense, Araújo (2014, p. 278) destaca que:

as variedades linguísticas mais diretamente afetadas pelo contato entre línguas na sócio-história brasileira, bem como pelo processo de exclusão social a que estiveram submetidos os seus usuários, são as que mais evidenciam uma atuação proeminente da variável saliência fônica.

E acrescenta que:

na variação na fala popular (caminhando para aproximar-se mais da norma culta), com processos de mudança de “cima pra baixo”, é natural que os falantes usem mais a regra padrão em contextos mais salientes, justamente por serem mais perceptíveis no nível fônico.  
(ARAÚJO, 2014, p. 278)

Ao nosso ver, o que condiciona a não seleção da variável saliência fônica na norma culta feirense é o nível de escolarização dos indivíduos. Interessante pontuar que a amostra da norma popular feirense fora coletada com o voluntariado de falantes analfabetos ou pouco escolarizados, enquanto a da norma culta pressupôs feirenses com nível superior completo. Concluímos, portanto, que a saliência tem influência mais forte na fala de falantes menos escolarizados. A este respeito, em análise da concordância verbal de terceira pessoa, com dados do PEUL/1980, Scherre e Naro (1998, p. 513 – adaptado) advogam que

é exatamente nos dados dos falantes de 1 a 4 anos de escolarização e nos dos falantes analfabetos que se verifica um distanciamento maior entre os pesos relativos associados à categoria de saliência mais baixa (0,15 [nível 1a, PEUL/1980] e 0,11 [nível 1a, Mobral/1970]) e os associados à categoria de saliência mais alta (0,80 [nível 2c, PEUL/1980] e 0,85 [nível 2c, Mobral/1970]), as forma proposta por Naro (1981).

Em análise da concordância verbal de terceira pessoa e nominal de número, a partir de dados das amostras PEUL/1980 e 2000, Scherre e Naro (2006, p. 112-8) realizam cruzamentos entre as variáveis escolaridade e saliência fônica, tal como Scherre e Naro (1998 – com dados PEUL/1980), a fim de observar o efeito

da saliência fônica em função do aumento da escolaridade dos falantes. A esse respeito, Scherre e Naro (2006, p. 118 – adaptado) concluem, portanto, que:

Todas as figuras [referem-se aos gráficos que apresentam resultados das análises de CV e CN] evidenciam que a oposição mais saliente, quer verbal quer nominal, favorece mais concordância plural. Todavia, a comparação entre as Figuras 4a [PEUL/80] e 4b [PEUL/00] para o uso da concordância verbal em função da saliência fônica por anos de escolarização na amostra 1980-C e na amostra de 2000-C, e entre as Figuras 5a [PEUL/80] e 5b [PEUL/00] para o uso da concordância nominal em função da saliência fônica por anos de escolarização nas mesmas duas amostras, aponta mudança regular na direção da redução do distanciamento entre os pesos relativos dos fatores em função do aumento de anos de escolarização dos falantes, ou seja, indica que o aumento da concordância em função de exposição à fala de prestígio implica diminuição do efeito da saliência fônica. Além da diminuição, cumpre observar que a saliência fônica não foi selecionada como estatisticamente significativa para o grupo de falantes de 9 a 11 anos de escolarização, nem na concordância nominal nem na verbal para a amostra 2000-C, embora ainda haja diferença nos pesos relativos na ordem esperada, mais acentuada na concordância nominal do que na verbal.

As constatações de Scherre e Naro (1998 e 2006) e Araújo (2014) corroboram a ideia proposta por Naro (1981). Na ocasião, o linguista percebeu a existência de dois movimentos distintos entre os falantes da amostra Mobral, um de perda e outro de aquisição de concordância. Na análise da faixa etária, Naro (1981, p. 85) observou que os falantes mais jovens desfavoreciam o uso da concordância verbal, com 0,42, enquanto os mais velhos favoreciam o uso, com 0,58. Esse cenário retrata um movimento de perda de concordância. Todavia, alguns falantes possuíam índices de concordância superiores à taxa geral percebida na comunidade, o que apontaria para um processo de aquisição de concordância.

Estratificando os informantes a partir da variável orientação cultural, Naro (1981) nota que o uso da concordância era também influenciado pelo tipo de contato com a mídia que o falante dispunha. Sendo assim, os indivíduos de orientação vicária (telespectadores de novelas, próximos aos valores da classe média) utilizavam mais concordância verbal do que os de orientação experiencial (distante do contexto da classe média dominante). Realizando um cruzamento entre a variável faixa etária e orientação cultural, Naro (1981, p. 88) conclui que:

Com base puramente na observação informal, tenho a impressão de que a orientação vicária prevalece muito mais entre os jovens do que

entre os velhos; e a distribuição na amostra aqui estudada confirma isso. Se a orientação vicária continuar a se espalhar entre os falantes mais jovens, dada a diferença de idade relativamente pequena, a situação pode em breve chegar a um ponto em que esse grupo pode prever uma taxa de concordância mais alta do que os falantes mais velhos. Como não há barreiras sociais entre os dois subgrupos de orientação, em um determinado momento o ressurgimento do uso da regra de concordância pode até se espalhar pelo grupo mais jovem, independentemente da variável de orientação, e produzir uma reversão na tendência de eliminação da regra. Estudos futuros determinarão se há alguma validade para essa especulação<sup>62</sup>.

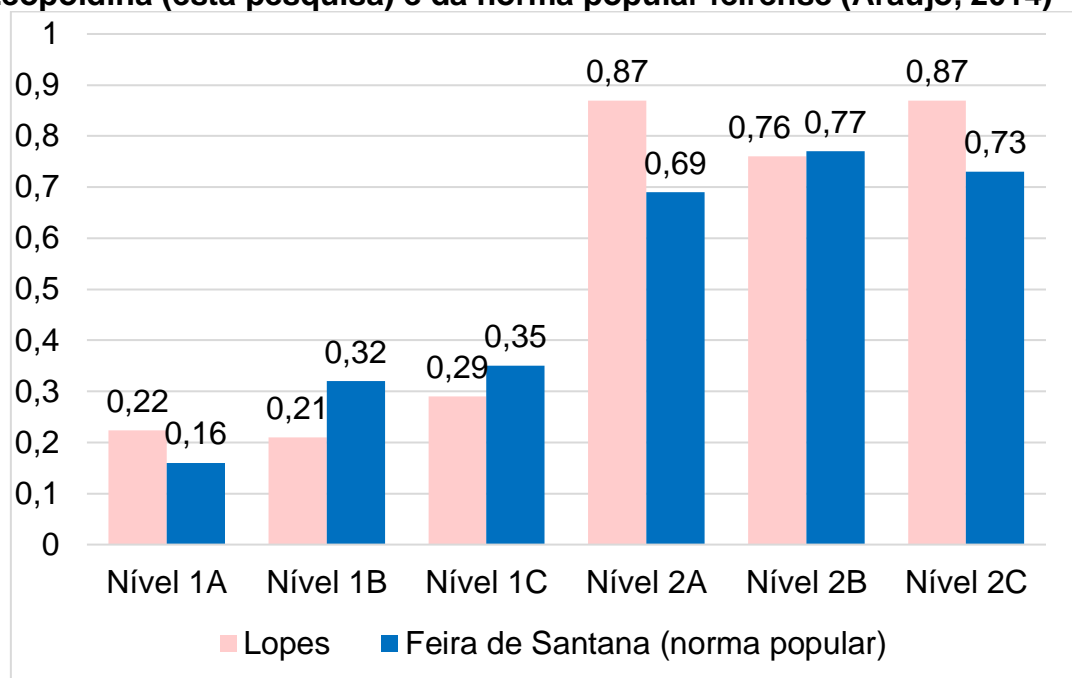
Essa ideia embasa o modelo de fluxo e contrafluxo, conforme advogam Naro e Scherre (1991, 2010 e 2013). Assim, na sociedade, estariam operando forças em direção à aquisição e à perda de concordância, concomitantemente. Uma amostra disso é a comparação entre os resultados obtidos por Araújo (2014, p. 277), com dados da norma popular feirense, e os resultados desta pesquisa, com dados leopoldinenses. Notamos que há certa discrepância em níveis percentuais – mesmo que não tão exacerbadamente quanto entre os nossos dados e dos de Gomes, Melo e Barcellos (2016). Entretanto, essa discrepância é dissipada na organização de pesos relativos fornecida pelo Goldvarb X.

Vejamos:

---

<sup>62</sup> No original: “Purely on the basis of informal observation, I have the impression that the vicarious orientation is much more prevalent among the young than among the old; and the distribution in the sample under study here confirms this. If the vicarious orientation continues to spread among younger speakers, given the relatively small age-differential, the situation could soon reach a point where that group might produce a higher rate of agreement than the older speakers. Since there are no social barriers between the two orientation subgroups, at a certain point in time the resurgence in use of the agreement rule might even spread throughout the younger group, independently of the orientation variable, and produce a reversal in the trend toward the elimination of the rule. Future studies will determine if there is any validity to this speculation” (Naro, 1981, p. 88).

**Gráfico 5: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, nos dados da zona rural de Santa Leopoldina (esta pesquisa) e da norma popular feirense (Araújo, 2014)**



Fonte: elaboração própria, a partir dos resultados de: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Feira de Santa/BA – norma popular - Araújo (2014, p. 77).

O efeito da variável saliência fônica é regido pela mesma tendência nas duas amostras, atestando a proposição de Naro (1981), visto que os itens mais salientes são mais marcados que os menos salientes. Notamos, entretanto, diferenças pontuais entre as amostras. Quanto aos itens menos salientes, observamos que os falantes feirenses da norma popular são mais suscetíveis à marcação da concordância desses termos que os leopoldinenses, conforme apontam os índices dos níveis 1B e 1C. Em contrapartida, os falantes leopoldinenses são mais propensos a reter a marca em itens mais salientes, de acordo com os pesos relativos do nível 2A e 2C. Todavia, entendemos que essas diferenças não ofuscam as similaridades observadas entre a amostra de Araújo (2014) e a de Santa Leopoldina, no que se refere ao efeito do nível 01 e nível 02, em tendência geral, alinhado ao observado por Naro (1981).

Essa observação é interessante, julgando que ratifica a afirmação de que, em Santa Leopoldina, a força de restrição das variáveis linguísticas é mais proeminente do que a das socias, mesmo comparando com outras amostras, que possuem, inclusive, dados da zona rural, como é o caso de Araújo (2014).

Essa hipótese é ratificada, frisamos, pelo efeito similar dos níveis 01 e 02, em termos de oposição de pares, nas duas pesquisas ora em tela.

No que se refere à comparação entre o efeito da saliência fônica em Santa Leopoldina e nas comunidades afro-brasileiras, investigadas por Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 350), julgamos interessante realizar uma nova etapa de análise com nossos dados. Para proporcionar uma comparação mais fidedigna, retiramos dessa etapa os entrevistados de 07-14 anos, visto que os informantes de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) são estratificados em apenas três faixas etárias (20-40, 41-60 e 61 em diante). Além disso, como na amostra afro-brasileira os voluntários são estratificados em semi-analfabetos e analfabetos, retiramos de nossa análise os leopoldinenses com ensino fundamental 02 e médio. Assim, na atual etapa, há apenas informantes do ensino fundamental 01. Com essa nova organização, tivemos de retirar a variável origem da entrevistadora da análise, haja vista que todos os informantes desse perfil haviam sido entrevistados pela linguista de origem leopoldinense (Camila Candeias Foeger).

Partindo da conceituação de Naro (1981, p. 76), Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 350) organizam a saliência fônica, em três níveis: nível baixo de saliência fônica – sai/saem, bate/batem, fala/falam; intermediário – faz/fazem, tá/tão, bateu/bateram, quer/querem, vai/vão, foi/foram; e alto – quis/quiseram, fez/fizeram, é/são e veio/vieram. Assim, analisando a exemplificação apresentada por Lucchesi, Baxter e Silva (2009), em relação à proposta de Naro (1981), teríamos: nível baixo de saliência fônica – sai/saem, bate/batem e fala/falam (níveis 1a e 1b, respectivamente, de Naro [1981]); intermediário – faz/fazem e quer/querem, tá/tão e vai/vão, bateu/bateram e foi/foram, (respectivamente 1c, 2a e 2b, de Naro [1981]); e alto – é/são, e quis/quiseram, fez/fizeram, veio/vieram (2d e 2e, respectivamente, de Naro [1981]). A argumentação de Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 350) não esclarece em qual dos três níveis propostos a categoria 2c (de Naro, 1981), com itens do tipo falou/falaram, é inserida. Diante disso, realizamos duas rodadas: na primeira, inserimos os termos 2c junto ao nível intermediário; e, na segunda,

amalgamamos esses itens junto ao nível alto de saliência, como poderá ser percebido na tabela 12.

Embora compreendamos a motivação de Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 350) para a sistematização da saliência em três níveis, entendemos que essa organização não contempla certas particularidades da hierarquização da saliência, em especial quanto à amalgamação dos itens do nível intermediário, visto que Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 350) mesclam neste nível termos interpretados por Naro (1981) como nível 01 e 02, além disso não prestam os devidos esclarecimentos quanto à adoção dessa metodologia.

Naro (1981, p. 78) estabelece uma pertinente discussão quanto às duas principais forças que operam simultaneamente na variável saliência fônica e também propõe a organização dessa variável em dois novos grupos de fatores. Todavia, o linguista explica detalhadamente as fases de análise. Vejamos trecho da discussão evidenciada por Naro (1980, p. 79):

Na discussão informal do conceito de saliência da oposição, argumentou-se que duas forças principais estavam operando simultaneamente. O primeiro deles foi o estresse; e foi assumido, muito naturalmente, que oposições acentuadas são mais salientes do que oposições átonas. Essa distinção foi usada para estabelecer dois níveis, em cada um dos quais foi usado o critério secundário de diferenciação material. Assim, pode-se argumentar que a hierarquia das categorias morfológicas é uma noção de derivação e que a saliência seria analisada de forma mais criteriosa em termos de suas características componentes<sup>63</sup>.

Diante disso, Naro (1981) organiza a variável saliência fônica, quanto à tonicidade em: oposição acentuada e não acentuada, os quais apresentam percentagem de 27,2% e 74% e de 0,22 e 0,78 de peso relativo, respectivamente; e, ainda, quanto à diferenciação material fônica em: menor diferenciação (classes 1a, 2a), maior diferenciação (1b e 2b) e diferenciação

---

<sup>63</sup> No original de Naro (1981, p. 78): "In the informal discussion of the concept of opposition saliency, it was argued that two main forces were simultaneously operating. The first of these was stress; and it was assumed, quite naturally, that stressed oppositions are more salient than unstressed oppositions. This distinction was used to set up two levels, on each of which the secondary criterion of material differentiation was used. Thus one might argue that the hierarchy of morphological categories is a derivation notion, and that saliency would be more insightfully analysed in terms of its component features".

completa (1c e 2c [com os itens 2c, 2d e 2e]), os quais apresentam percentagem de 42,4%, 35,4% e 73,1% e de 0,35, 0,54 e 0,62 de peso relativo, respectivamente. O linguista chama a atenção para o fato de a frequência bruta não concordar com a probabilidade, no que se refere à variável diferenciação material fônica. Assim, Naro (1981) reflete que isso possa ser justificado pela quantidade de dados nos fatores 1b e 2b, tal como 1c e 2c. Vejamos as considerações de Naro (1981, p. 79):

As razões para os resultados enganosos na coluna de frequência bruta são variadas. Em primeiro lugar, a Classe de Diferenciação a é uma média ponderada mais ou menos uniformemente das Classes Morfológicas 1a e 2a; mas a Classe de Diferenciação b é fortemente voltada para a Classe Morfológica 1b, e longe de 2b, porque a primeira passa a ter muito mais tokens. Exatamente o oposto ocorre com a Classe de Diferenciação c, que é fortemente favorável à Classe Morfológica 2c, e longe de 1c. Assim, a Classe de Diferenciação b é ponderada em favor da classe de taxa de concordância mais baixa, enquanto a Classe de Diferenciação c é ponderada em relação à classe de taxa de concordância mais alta. Se todas essas classes tivessem sido ponderadas uniformemente, os resultados para as Classes de Diferenciação a, b e c teriam sido 39,9%, 51,5% e 58,2%, respectivamente.<sup>64</sup>

Futuramente, pretendemos retornar aos dados leopoldinenses e realizar uma nova etapa de análise tal como Naro (1981, p. 78), especificamente no que se refere à diferenciação material fônica. Nossa intenção é observar as similaridades e as discrepâncias entre essas propostas de análise de Naro (1981, p. 78) e Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 353).

Neste momento, reorganizamos a variável posição apenas sujeito: anteposto, posposto e elíptico, uma vez que Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 353) expõem uma categorização semelhante (em sujeito anteposto, posposto, não realizado e pronome relativo). Para obtenção da convergência estatística, tivemos de retirar dessa etapa a variável paralelismo discursivo, pois a convergência não

---

<sup>64</sup> No original de Naro (1981, p. 79): “The reasons for the deceptive results in the raw frequency column are varied. In the first place, Differentiation Class a is a more or less evenly-weighted average of Morphological Classes 1a and 2a; but Differentiation Class b is heavily weighted toward Morphological Class 1b, and away from 2b, because the former happens to have far more tokens. Just the opposite occurs with Differentiation Class c, which is heavily weighted in favor of Morphological Class 2c, and away from 1c. Thus Differentiation Class b is weighted in favor of the lower rate of agreement class, while Differentiation Class c is weighted toward the higher rate of agreement class. If all three classes had been evenly weighted, the results for Differentiation Classes a, b, and c would have been 39.9%, 51.5%, and 58.2%, respectively”.



era obtida na interação desse grupo com a posição linear e relativa, mesmo após várias tentativas de amalgamações nos fatores do paralelismo discursivo.

Por ora, as duas etapas de análise comparativa com a de Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 350) apresentam a mesma hierarquia interna de pesos relativos. Essas novas etapas permitem-nos perceber que embora a taxa geral de concordância verbal de terceira pessoa seja menor nas comunidades afro-brasileiras, em relação à Santa Leopoldina, a atuação da variável “saliência fônica” é muito similar. Observamos que as duas pesquisas apresentam a mesma tendência geral de retenção da marca de plural. Além disso, percebemos pelo *range* que, em ambas as localidades, a força de restrição dessa variável é imprescindível para o entendimento do fenômeno em estudo. Vejamos os resultados obtidos:

**Tabela 12: Comparação entre o efeito da variável saliência fônica em comunidades afro-brasileiras e em Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

(continua)

Fatores analisados	Comunidades afro-brasileiras		Santa Leopoldina	
<b>Etapa de análise 01: categoria 2c amalgamada ao nível intermediário de saliência</b>				
Nível baixo – sai/saem, fala/falam (1a, 1b, cf Naro (81))	48/818= 6%	0,27	108/399= 27,1%	0,27
Nível intermediário – faz/fazem, tá/tão, foi/foram (1c, 2a, 2b, 2c, cf Naro (81))	158/675= 23%	0,69	190/258= 73,6%	0,74
Nível alto é/são, fez/fizeram, veio/vieram (2d, 2e, cf Naro (81))	67/213= 31%	0,78	64/78= 82,1%	0,85
<b>Etapa de análise 02: categoria 2c amalgamada ao nível alto de saliência</b>				
Nível baixo – sai/saem, fala/falam (1a, 1b, cf Naro (81))	48/818= 6%	0,27	108/399= 27,1%	0,27
Nível intermediário – faz/fazem, tá/tão, foi/foram (1c, 2a, 2b, cf Naro (81))	158/675= 23%	0,69	133/190= 70%	0,69

**Tabela 12: Comparação entre o efeito da variável saliência fônica em comunidades afro-brasileiras e em Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

**(conclusão)**

Fatores analisados	Comunidades afro-brasileiras		Santa Leopoldina	
<b>Etapa de análise 02: categoria 2c amalgamada ao nível alto de saliência</b>				
Nível alto – é/são, fez/fizeram, veio/vieram (2c, 2d, 2e, cf Naro (81))	67/213= 31%	0,78	121/146= 82,9%	0,85
Total de dados	273/1706= 16%		362/735= 49,3%	
<i>Range</i>	51		58	

Fonte: comunidades afro-brasileiras – LUCCHESI, BAXTER e SILVA (2009, p. 350); Santa Leopoldina – elaboração própria.

Tendo em mente os resultados apresentados por ambas as comunidades, é interessante lembrar a discussão de Naro e Scherre (2007) acerca da concordância variável padrão e não padrão, no português brasileiro e europeu. Naro e Scherre (2007, p. 84) concluem que:

Reenfatizamos que, no caso do Brasil, os traços e todas as estruturas do atual estágio do processo histórico de evolução estavam presentes desde o início. Até o momento, com relação à concordância, verificamos que a mudança foi na tendência geral da frequência das formas. Na concordância verbal especificamente, as principais restrições variáveis que governam o uso da concordância não mudaram com o passar do tempo; mudou o peso do *input*, ou seja, da frequência global de uso da variante zero, sem dúvida atualmente muito maior no Brasil (Naro e Scherre, 2000a). Nesse aspecto, repetimos, o processo é qualitativamente idêntico a uma mudança linguística natural (Kroch, 1989).

A reflexão de Naro e Scherre (2007), paralelamente à análise dos resultados dispostos na tabela anterior, permite-nos refletir que, realmente, a diferença entre as comunidades afro-brasileiras e a leopoldinense, no que se refere à concordância verbal, ocorre no aspecto quantitativo. Por certo, as histórias dessas regiões são singulares, ou seja, as afro-brasileiras tiveram uma influência da cultura africana superior à influência observada em Santa Leopoldina. Embora, o município leopoldinense tenha abrigado o elemento africano, a migração europeia ocorreu de forma mais massiva na região. Entretanto, essas

particularidades não proporcionam uma discrepância no efeito da variável saliência fônica entre essas regiões. Portanto, concluímos que a postulação de Naro e Scherre (2007) acerca da diferenciação apenas em nível quantitativo pode ser aplicada nesse contexto.

### 6.3 Paralelismo oracional

Ao dissertarmos sobre paralelismo, evocamos quatro vertentes, dignas de nota: paralelismo discursivo, oracional, sintagmático e vocabular. Vejamos a explanação desses, nas palavras de Scherre (1998, p. 30):

A própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas. Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra).

O estudo da atuação do paralelismo linguístico, em fenômenos de concordância, remonta à década de 1980. Destaque deve ser dado ao trabalho de Poplack (1980), sobre o espanhol de Porto Rico, que estabelece que “a presença de um marcador plural antes do item favorece a retenção do marcador nesse item, enquanto a ausência de um marcador precedente favorece a exclusão” (p. 63), para a concordância nominal<sup>65</sup>. A esse respeito, Scherre (1988) e Scherre e Naro (1993) corroboram a investigação de Poplack (1980), ao evidenciar a tendência de formas gramaticais particulares ocorrerem juntas, no fenômeno de concordância verbal de terceira pessoa com dados do português brasileiro. Diante do exposto, para a sistematização dos dados leopoldinenses, refletiremos sobre a atuação do paralelismo em dois níveis: oracional (neste tópico) e discursivo (item 6.5).

No plano da oração, ou seja, no interior do sintagma oracional, a sistematização dos dados ocorre por meio da variável paralelismo oracional. O objetivo do

---

<sup>65</sup> Nas palavras da autora: “Presence of a plural marker before the token favors marker retention on that token, whereas absence of a preceding marker favors deletion” (Poplack, 1980, p. 63).

controle dessa variável é perceber o efeito da presença/ausência de marcas de plural do sujeito sob a marcação do verbo. Para tanto, ordenamos o grupo de fatores conforme exemplificação a seguir (a formatação dos excertos transcritos abaixo segue o padrão da variável saliência fônica: em negrito e colchetes estão destacados os itens condizentes com o perfil exemplificado, além disso, os termos sublinhados são os sujeitos do verbo sob análise). Vejamos:

a) Presença de forma plural explícita no último (ou único) elemento:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – e você tem boas lembranças de assim... Ah:: de alguma confusão ... alguma história que aconteceu... Alguma coisa assim ... nesse tempo

Inf – ah:: a gente sempre bri/ bri/ num é que brigava ... sempre discutia uns com outro... tinha um pessoalzinho aqui... eles nem **[mora]** mais aí não... os parente foi tudo embora... nossa eles era atentado ... tinha uma nascente de água... eles vinha corria na frente bebia água e sujava a água pra nós num beber...

(fem. – fund. 02 – 26 – 49 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – Uhum. E... você já fez alguma promessa?

Inf – Já.

E – Qual assim?

Inf – Foi do meu sobrinhos... os gêmeos... que eles nasceram com seis meses. aí então a gente não sabia se eles **[iam]** vingar...aí a gente fiz promessas pra eles.

(fem. – ens. médio – 15 – 25 anos)

b) Presença de forma plural zero no último elemento:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E - aí ele vai trabalhar na roça também com vocês?

Inf - é... [inint] ... quando ele tá aqui... ele ajuda meu tio... meu tio é pedreiro... aí ele trabalha de ajudante com ele ... aí quando ele vai embora ..ele trabalha no supermercado... mas ele gosta mais de ficar aqui... que aqui também as coisa **[é]** mais fácil... lá ele fica preso... quando ele sai do serviço ele fica lá no apartamento sem nada pra fazer.

(fem. – fund. 02 – 15 – 25 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E: sim... sim... você acha que tem alguma coisa que só os meninos podem fazer... ou só as meninas... tem...

Inf: sim... eu acho que serviço esforçado... não... mulher não faz serviço esforçado... pra mim... pra mim... essas coisa **[são]** dividido... mulheres faz as coisa leves... e os homens... as coisa mais pesada

(masc.– fund. 02 – 07 – 14 anos)

c) Presença de forma de numeral no último (ou único) elemento:

Exemplo – presença de marca de plural:

E – mas só tinha ele? Ou tinha mais irmãozinho?

Inf – tinha três... três filhote... aquele e mais dois irmão... acho que os dois **[era]**... um é macho e o outro é fêmea... sei lá... os outro tinha peninha... aquele lá era novinho ainda

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – e fora da escola? Quem são seus melhores amigos?

Inf – fora da escola... F. Ali embaixo...

E – F.... sua prima ou a de V.?

Inf – as duas **[são]** prima né?

(fem. – fund. 01 – 15 – 25 anos)

d) Presença de forma plural explícita no último elemento inserido no SPrep:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E: você acha que não atrapalharia?

Inf: os pastores de outras religião [casa]... faz até outras coisa pior porque que os padre não pode casar?

(masc. – ens. médio – 26 – 49 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E: aham... e como que foi assim?

Inf: foi legal....

E: e você acha importante assim aprender? Participar? Passar isso pra frente assim?

Inf: é... fazer igual ao ..antes... as pessoa antes de nós [passaram] em frente... isso... pra gente aprender... e passar em frente também... pro nossos filho... nossos neto.

(masc. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

e) Presença de forma plural zero no último elemento inserido no SPrep:

Exemplo – ausência/presença de marca de plural:

E – quando você era criança você tinha muita vontade de ir pra escola assim?

Inf – tinha... Eu tinha muita vontade... Tinha muita vontade de ir mas:: como eu falo lá eu não tive condições pra mim ir... Mas eu tive sempre muita vontade de estudar eu tive... [...] É muito difícil porque a gente vê que os amigo da gente [vai]... quer dizer... os meus amigo ali de perto não **[ia]**... mas sempre aquelas pessoas mais da rua que eu conheci... vocês tem que ir... Que tinha mais facilidade pra ir... [...]

E – esse... Como que é esse encontro assim na escola?

Inf – olha... Esse é um encontro assim... já fizeram na parte da manhã... tem vez fizeram na parte da tarde assim tem tipo uma confraternização então tem os alunos que faz tipo teatro né? e os diretores da escola [falam] como é o comportamento dos aluno... falam como que é a escola... como que tá funcionando tudo... diretoria... então os pai tão lá presente acho que é muito/muito importante.

(fem. – fund. 01 – 26 – 49 anos)

Inicialmente, nossa intenção era analisar apenas três categorias: (i) presença da forma de plural explícita no último (ou único elemento); (ii) presença da forma de plural zero no último elemento; (iii) presença de numeral no último elemento. Para estabelecer essa codificação, partimos dos estudos de Anjos (1999) e Monguilhott (2001) e Benfica (2016), que abrangem o estudo da concordância de terceira pessoa na fala de João Pessoa, Florianópolis e Vitória, respectivamente. Todavia, notamos, conforme aponta a tabela 13, que, em nossos dados, figuram um total de 54 dados em sintagmas preposicionados, com ou sem a marca de plural no último elemento do sintagma. Diante disso, adicionamos nesta pesquisa o controle das estruturas: (i) presença de forma plural explícita no último elemento inserido no SPrep; e, (ii) presença de forma plural zero no último elemento inserido no SPrep – à luz da codificação de Scherre e Naro (1993, p. 07), com dados da amostra Rio de Janeiro/1980, como apresentaremos nas tabelas 13 e 14.

A análise desta variável apresenta *range* de 29 pontos, menor força de restrição entre as variáveis linguísticas. Em contrapartida, esse *range* é superior ao da variável social selecionada – sexo – dotada de 09 pontos. Diante disso, podemos afirmar, por meio da análise das variáveis sociais isoladamente (sem cruzamentos), que as variáveis linguísticas evidenciam comportamento mais vigoroso no fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa, na zona rural leopoldinense – conforme mencionado no item 6.2. Observe o efeito desta variável na tabela 13:

**Tabela 13: Efeito da variável paralelismo oracional, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>66</sup>**

<b>(continua)</b>		
<b>Fatores analisados:</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
Presença de forma plural explícita no último (ou único) elemento do SN antes do verbo	860/1591= 54,1%	0,551
Presença de forma plural zero no último elemento do SN antes do verbo	168/428= 39,3%	0,326

<sup>66</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

**Tabela 13: Efeito da variável paralelismo oracional, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>67</sup>**

<b>(conclusão)</b>		
<b>Fatores analisados:</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
Presença de forma de numeral no último (ou único) elemento do SN antes do verbo	11/22= 50%	0,529
Presença de forma plural explícita no último elemento do SN inserido no SPrep antes do verbo	5/7= 71,4%	0,619
Presença de forma plural zero no último elemento do SN inserido no SPrep antes do verbo	21/47= 44,7%	0,385
Total de dados analisados	1065/2095= 50,8%	
<i>Range</i>	29	

Fonte: elaboração própria.

A observância dos itens “presença de forma plural zero no último elemento” e “presença de forma plural zero no último elemento inserido no SPrep”, os quais apresentam peso relativo de 0,326 e 0,385, respectivamente, corroboram a hipótese paralelística de Poplack (1980), Scherre e Naro (1993) e Scherre (1988). É válido lembrar que este último estudo foi realizado a partir de dados da concordância nominal, no qual Scherre (1988) destaca, com base na reflexão das considerações de Poplack (1980), que marcas precedentes tendem a conduzir a marcas, tal como zeros precedentes tendem a favorecer a presença de zeros. A explanação desse princípio já foi apresentada anteriormente, no item 3.2.2. Acrescentamos, neste ponto, que este pensamento é perfeitamente aplicável na análise dos dados aqui apresentados. Isso porque nossos dados apontam que a ausência de marca de plural no último elemento do sintagma sujeito desfavorece a marcação do verbo.

Por meio da sistematização dos dados, notamos que a presença de marcas explícitas de plural no último elemento do sintagma nominal, independentemente

<sup>67</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.



de se tratar de um SN encaixado ou não em SPrep, favorece a marcação do verbo. Assim, seja sintagma nominal com presença da forma plural explícita no último elemento marcado em -s (0,551 de peso relativo), seja SN dotado de numeral final (0,529), seja sintagma preposicionado com marcação do último elemento (0,619), há favorecimento da marcação.

Destaque se dá aos itens do perfil sintagma preposicionado com marcação explícita de plural no último elemento, que apresentam maior favorecimento à marcação, entre os fatores analisados nesta variável. Considerando, entretanto, que esses itens figuram discretamente, em termos quantitativo, em nossa amostra, totalizando apenas 07 dados, reconhecemos que os resultados podem não ser conclusivos. Mesmo diante da quantidade inexpressiva desse tipo de dado em nossa amostra, é interessante a semelhança do efeito desses dados se compararmos ao observado em Scherre e Naro (1993, p. 07). Na realidade, podemos observar que a tendência geral é similar nos dois estudos.

Vejamos os resultados comparados por meio da tabela 14:

**Tabela 14: Efeito da variável paralelismo oracional em Rio de Janeiro (1980) e Santa Leopoldina (esta pesquisa), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

Fatores analisados	Rio de Janeiro/1980		Santa Leopoldina	
	Percentagem	P.R	Percentagem	P.R
Presença de forma plural explícita no último (ou único) elemento do SN antes do verbo	1755/2134= 82%	0,56	860/1591= 54,1%	0,55
Presença de forma plural zero no último elemento do SN antes do verbo	156/322= 48%	0,17	168/428= 39,3%	0,33
Presença de forma de numeral no último (ou único) elemento do SN antes do verbo	45/60= 75%	0,34	11/22= 50%	0,53
Presença de forma plural explícita no último elemento do SN inserido no SPrep antes do verbo	10/12= 83%	0,61	5/7= 71,4%	0,62

**Tabela 14: Efeito da variável paralelismo oracional em Rio de Janeiro (1980) e Santa Leopoldina (esta pesquisa), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

Fatores analisados	(conclusão)			
	Rio de Janeiro/1980		Santa Leopoldina	
	Percentagem	P.R	Percentagem	P.R
Presença de forma plural zero no último elemento do SN inserido no SPrep antes do verbo	26/48= 54%	0,24	21/47= 44,7%	0,38
Presença de neutralização no último elemento	366/423= 87%	0,58	Não controlados.	
Total de dados	2358/2999= 79%		1065/2095= 50,8%	
<i>Range</i>	44		29	

Fonte: Rio de Janeiro/1980 – SCHERRE e NARO (1993, p. 07); Santa Leopoldina – elaboração própria.

Quanto à análise dos resultados cariocas, Scherre e Naro (1993, p. 08) concluem que:

[...] podemos verificar que, se o último elemento flexionável do SN sujeito apresentar uma marca explícita de plural, o verbo correspondente tende também a exibir marca explícita de plural (0,56 e 0,61) e, se o último elemento do sujeito apresentar um zero plural, o verbo correspondente tende também a exibir um zero plural (0,17 e 0,24), independentemente de este elemento ser o núcleo do sujeito (cf. Saraiva & Bittencourt, 1990). Se o último elemento do sujeito for um numeral, que não tem marca formal de plural depreensível, a concordância fica, relativamente aos casos anteriores, numa faixa intermediária. Os sujeitos que têm a última marca neutralizada apresentam, por sua vez, comportamento estatístico semelhante (0,58) aos casos que apresentam a marca de plural explícita (0,56 e 0,61).

É relevante rememorarmos que a codificação realizada em Santa Leopoldina considera os sujeitos compostos, os quais totalizam 43 dados antepostos ao verbo, que representam 1,5% da quantidade geral de itens. Quanto à organização de Scherre e Naro (1993), percebemos que os linguistas sistematizam os casos de presença de neutralização no último elemento, categoria não quantificada em nossa análise.

Essas observações são pertinentes, pois demonstram que, mesmo com essas particularidades, as conclusões evidenciadas, a partir desses dois estudos, são

similares. Isso porque a tendência geral é a mesma para ambas as amostras, inclusive no que se refere ao efeito dos itens com presença de forma plural explícita no último elemento do SN inserido no Sprep antes do verbo. Esses termos, embora figurem com poucos itens tanto em Scherre e Naro (1993), com 12 dados, e nesta pesquisa, com 07 dados, apresentam os pesos relativos mais elevados nesta etapa de análise, atestando 0,61 e 0,62, respectivamente.

A análise comparativa dos resultados leopoldinenses e cariocas confirmam a ideia paralelística defendida por Poplack (1980), Scherre (1988) e Scherre e Naro (1993). Sendo assim, notamos que a presença de forma plural explícita no último elemento SN antes do verbo favorece a retenção da marca no verbo, assim como a presença de forma plural zero no último elemento do SN desfavorece-a. Quanto à análise comparativa entre os dados leopoldinenses, capixabas e cariocas (de 1980 e 2000), para viabilizar uma comparação fidedigna, realizamos uma nova rodada com agrupando os perfis em: (i) variante explícita no último elemento do sujeito e (ii) variante zero no último elemento do sujeito. Vejamos:

**Tabela 15: Efeito da variável paralelismo oracional em Santa Leopoldina, Vitória e Rio de Janeiro (1980 e 2000), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

Fatores analisados	Santa Leopoldina	Vitória	Rio de Janeiro	
			1980	2000
Variante explícita no último elemento do sujeito	0,55	0,52	0,56	0,54
Variante zero no último elemento do sujeito	0,32	0,16	0,18	0,13
<i>Range</i>	23	36	38	41

Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Vitória – BENFICA (2016, p. 52); Rio de Janeiro/1980 – SCHERRE (1998, p. 36); Rio de Janeiro/2000 – arquivo pessoal dos professores Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Scherre.

Benfica (2016, p. 52) observa a similaridade entre os dados capixabas e os cariocas. A linguista assinala que: “Os resultados do Portvix também comprovam o princípio de que marcas precedentes explícitas levam a marcas subsequentes, e ausência de marcas precedentes leva à ausência de marcas subsequentes”

(BENFICA, 2016, p. 52). Quanto aos dados leopoldinenses, notamos que seguem a mesma tendência que os capixabas e cariocas.

Todavia, em Santa Leopoldina, os itens que apresentam zero no último (ou único) elemento do sintagma figuram com peso relativo superior ao encontrado em Vitória e no Rio de Janeiro. Retirando os sintagmas preposicionados dessa rodada, esses valores não se alteram significativamente, visto que uma nova rodada realizada sem os SPrep's revela pesos relativos de 0,550 e 0,319 para itens com e sem marca no último (ou único) elemento do SPrep, respectivamente. A configuração dos resultados em Santa Leopoldina aponta um *range* inferior ao observado nas demais amostras, o que nos permite concluir que a força de restrição dessa variável é mais evidente nas capitais capixaba e carioca.

Digno de nota é o quantitativo de dados nesta variável, em 2095 ocorrências, sendo inferior aos dos demais grupos de fatores. Isso se justifica pelo fato de, neste momento de análise, considerarmos apenas os vocábulos com sujeito anteposto ao verbo e explícito no SV. Na variável "posição e tipo de sujeito", esses itens serão analisados a partir de uma outra perspectiva, de forma a observar o comportamento desses e o de termos pospostos e elípticos.

#### **6.4 Posição e tipo de sujeito**

Nesta seção, analisaremos o efeito da posição e tipo de sujeito em relação ao verbo. Naro (1980, p. 80) reflete sobre o efeito desta variável a partir do princípio da saliência. O linguista esclarece que o princípio que rege a posição do sujeito não é oposicional, como ocorre na saliência fônica, mas refere-se à posição relativa do sujeito em relação ao verbo. O linguista divide essa variável em dois casos: no primeiro, contemplam-se os sujeitos explícitos, ou seja, dentro de uma única sentença; no segundo, constam os sujeitos elípticos.

Os sujeitos explícitos são em três classes: 1a – que representa os sujeitos imediatamente antepostos ao verbo, ou seja, separados do verbo em até cinco

sílabas; 1b – que contempla os sujeitos antepostos distante do verbo com material intermitente superior a cinco sílabas; 1c – que contém os sujeitos pospostos ao verbo. Naro (1980, p. 81 – tradução nossa) esclarece que há uma hierarquia de saliência entre essas classes. Vejamos nas palavras do autor:

A relação de posição é mais saliente quando a determinação do sujeito precede imediatamente o verbo determinado. Esta situação, na qual a relação determinante/determinado é totalmente transparente, é rotulada como Classe Posicional 1a, definindo 'imediatamente' como permitindo até cinco sílabas de material intermediário. Este ponto de corte, embora essencialmente arbitrário, tem como resultado permitir uma série de dois ou três advérbios curtos (como já 'already', não 'not', ou nunca 'never'), ao mesmo tempo que exclui a maioria das orações relativas e frases adverbiais. Menos saliente é a Classe Posicional 1b, na qual mais de cinco sílabas separam o sujeito do verbo dentro da mesma sentença superficial. A situação em que a relação sujeito/verbo é menos saliente é a Classe Posicional 1c – onde o elemento determinante, o sujeito, segue o elemento determinado, o verbo<sup>68</sup>.

Os resultados de Naro (1981, p. 80) evidenciam que o princípio da saliência é aplicável aos sujeitos explícitos, visto que há uma hierarquia na tendência de concordância verbal desses itens. O autor observa que os sujeitos imediatamente antepostos ao verbo favorecem a concordância verbal, com 0,71 de peso relativo, enquanto os sujeitos antepostos distantes e os pospostos ao verbo desfavorecem-na, com índices de 0,41 e 0,24, respectivamente. Quanto aos sujeitos elípticos, esses favorecem a retenção da marca no verbo, com 0,65 de peso relativo. Segundo Naro (1980), o efeito desses itens pode ser explicado por um princípio de natureza funcional, uma vez que a concordância do verbo tende a inibir a perda completa da relação sintática ou de pluralidade em uma frase com o sujeito nulo.

Partindo da discussão de Naro (1980), Scherre e Naro (1998) organizam os sujeitos explícitos da variável posição em: sujeito imediatamente anteposto,

---

<sup>68</sup> No original: "The position relationship is most salient when determining subject immediately precedes the determined verb. This situation, in which the determiner/determined relationship is totally transparent, is labeled as Positional Class 1a, defining 'immediately' as allowing up to five syllables of intervening material. This cut-off point, while essentially arbitrary, has the result of allowing a series of two or three short adverbs (such as já 'already', não 'not', or nunca 'never'), while excluding most relative clauses and adverbial phrases. Less salient is Positional Class 1b, in which more than five syllables separate subject from verb within the same surface sentence. The situation in which the subject/verb relationship is least salient is Positional Class 1c – where the determining element, the subject, follows the determined element, the verb" (NARO, 1981, p. 80).

sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas, sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas e sujeito pospostos. Com o intuito de ratificar a hipótese de Naro (1980), Scherre e Naro (1998) esperam que a presença do sujeito anteposto mais próximo ao verbo favoreça a marcação do sintagma verbal. Os resultados obtidos atestam que: “sujeito anteposto ao verbo ou imediatamente a ele mais próximo favorece a variante explícita e sujeito anteposto distante ou posposto ao verbo a desfavorece” (SCHERRE e NARO, 1998, p. 516).

Em nossa codificação inicial, baseamos a categorização da posição nos termos de Scherre e Naro (1998, p. 516). Entretanto, neste momento de nossa pesquisa, optamos por amalgamar todos os sujeitos antepostos ao verbo em um só fator, por entender que nossa codificação precisa ser revista mais detalhadamente. Assim, nesta tese, contemplamos a sistematização dos sujeitos explícitos e elípticos, a partir da seguinte organização: (i) sujeito explícito anteposto ao verbo; (ii) sujeito explícito posposto ao verbo; (iii) sujeitos elípticos com referência na fala do informante; (iv) sujeitos elípticos com referência na fala do entrevistador.

Vejamos os exemplos extraídos da amostra leopoldinense (a formatação dos excertos segue o padrão descrito nas variáveis anteriores: em negrito e colchetes estão destacados os itens condizentes com o perfil exemplificado, e, em sublinhado, está o sujeito do verbo):

a) Sujeito explícito anteposto ao verbo

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – parece que tem perna né as coisa?

Inf – é... é que tem vez a gente leva pra brincar... a gente cata... depois eles **[leva]** pra algum lugar pra limpar a casa... é que eles limpa a gaveta... [inint] gaveta... daqui a pouco eles fala: vai tirar uma cobra daí de dentro! um elefante... é que tem tanto bicho... quase nada é meu [a irmã comenta: um elefante não sai não... porque um elefante [inint] vai sair uma cobra lá de dentro... tem que tomar cuidado sai até um jacaré lá de dentro [risos]

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – você tem medo de que? de acontecer o que?

Inf – ah... que assim uma cobra vim picar eles... um bicho vim comer eles... tipo porque os cachorro [inint] de noite eles vão andar lá pra baixo... que eles ficam caçando cobra... esse bicho aí... então eu tenho medo deles... então eu falo pra deus não acontecer nada... eles [falam] que tem um leão solto

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

b) Sujeito explícito posposto ao verbo

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – Você sabe alguma coisa sobre a história do município? Algum fato que as pessoas contem mesmo? Seu pais... Que alguém fala que aconteceu?

Inf – ai... são tantas... Papai conta cada história que ele ia de... Antigamente não tinha carro né? Só tinha trilha no meio da mata... Que ele ia pra/pro centro de jegue... De jumento... aí levava meus irmãos tudo pro médico... ia tudo lá embaixo... aí [chegava] os/ os navios com açúcar... carne seca... esses negócio tudo e de lá eles compravam e traziam tudo em... Lombo de jumento né? Mamãe que ia contar a história direitinho [risos].

(fem. – fund. 01 – 15 – 25 anos)

Exemplo – Presença de marca de plural:

E – ham:: e você conhece alguma lenda... Algum fato assim que as pessoas contam que aconteceu por aqui?

Inf – sim... No começo quando [existiam] os mascates ainda... que eles falam que/ que à noite assim no rio... na quaresma... sexta-feira treze aparece o mascate que eles mataram e jogaram no rio... Só essa mesmo.

(fem. – fund. 02 – 15 – 25 anos)

c) Sujeito elíptico com referência na fala do informante

Exemplo – ausência de marca de plural:

E - E como que era? O que que eles faziam depois do jogo?

Inf - depois eles voltava para escola... **[voltava]** de...

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – ai ai ai... E a professora não vê não?

Inf – vê e manda ele ficar quieto... Alguém fala tem vez com a professora que ele tá colando

E – é? Mas ela não toma a prova dele não?

Inf – uma vez é... Que uns colega meu... eles... tava... lendo a tabuada pra responder aí é:: meu colega que tinha falado que eles tava olhando tabuada... aí eu fui e falei com a professora... aí **[jogaram]** a tabuada no chão... aí eles falaram que não tinham nada na mão aí eu falei que **[jogaram]** no chão.

(masc.– fund. 01 – 07 – 14 anos).

d) Sujeito elíptico com referência na fala do entrevistador

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – é verdade... Essas coisas são

Inf – é difícil falar ... Vai falar que não... Mas eu não pago

E – sim... E você acha que os jovens hoje são mais ou menos religiosos do que antigamente?

Inf – **[é]** menos... Bem menos

(fem. – fund. 01 – 15 – 25 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E - E os seus tios são daqui?

Inf – **[são]**... todos.

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

A variável “posição e tipo de sujeito” apresenta força de restrição 43 pontos.

Observam-se a seguir, na tabela, os resultados obtidos para esta variável:



**Tabela 16: Efeito da variável posição e tipo de sujeito em relação ao verbo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>69</sup>**

<b>Fatores analisados:</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
Anteposto ao verbo	1065/2095= 50,8%	0,527
Posposto ao verbo	25/95= 26,3%	0,220
Sujeito elíptico com referência na fala do informante	234/515= 45,4%	0,397
Sujeito elíptico com referência na fala do entrevistador	117/168= 69,6%%	0,654
Total de dados analisados	1441/2873= 50,2%	
<i>Range</i>	43	

Fonte: elaboração própria.

A partir dos resultados apresentados na tabela acima, é possível notar que os resultados atuais revelam que sujeito anteposto possui peso relativo próximo ao ponto neutro, em 0,527, nos termos de Guy e Zilles (2007, p. 239). Todavia, analisando a ordenação dos pesos relativos no interior desta variável, nos termos de Sankoff (1988, p. 989), percebemos que este é o segundo índice mais elevado neste grupo. Sendo assim, podemos considerar que os itens antepostos ao verbo seguem a tendência geral das demais pesquisas acerca do tema, ou seja, favorecem, relativamente, a retenção da marca de plural. Essa observação é interessante, em especial se considerarmos que, nossa pesquisa, compreende dados não contemplados na análise geral de outros linguistas, tal como os sujeitos compostos, não sistematizados nos estudos de Naro (1981) e de Scherre e Naro (1998 e 1999). Além disso, nossa codificação não contempla a hierarquização entre os sujeitos antepostos, entretanto, ainda assim, percebemos que esses são mais sensíveis à concordância do que os pospostos.

O sujeito elíptico com referência na fala do entrevistador apresenta o maior peso relativo entre os fatores analisados, com 0,654. Nossa hipótese é que o comportamento desses elípticos revele uma tendência paralelística.

<sup>69</sup> Resultados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

Conjecturamos que, neste contexto, o informante tenda a repetir a mesma estrutura verbal utilizada pelo entrevistador, que, majoritariamente, apareceria marcada. Todavia, como, nesta tese, a fala do entrevistador não foi controlada, pretendemos retomar essa hipótese futuramente. Essa hipótese é ratificada pelo fato de os sujeitos elípticos com referência na fala do informante desfavorecerem a concordância verbal, com 0,397, o que pode estar associado à menor presença de marcas de plural na fala do entrevistado.

Neste momento, diante da atual configuração dos resultados e de nossa codificação, concluímos que o efeito dos sujeitos elípticos com referência na fala do entrevistador possa ser explicado por um princípio de natureza funcional, tal como explana Naro (1981, p. 80-1). Assim, esses itens favoreceriam a concordância verbal para preservar a relação sintática e de pluralidade entre o sujeito e o verbo.

Tendo em vista as pesquisas linguísticas citadas nesta obra, notamos que as metodologias adotadas para o controle desta variável são diversas. Citamos a proposta de Naro e Scherre (1999), os quais analisam o efeito desta variável de forma escalar, a partir dos fatores: (i) ausência de material fonético existente entre sujeito e verbo (zero sílaba) – com 0,63 de pesos relativo; (ii) presença de uma sílaba entre sujeito e verbo – com 0,56; (iii) presença de duas sílabas entre sujeito e verbo – com 0,51; (iv) presença de três a cinco sílabas entre sujeito e verbo – com 0,50; (v) presença de seis ou mais sílabas entre sujeito e verbo – com 0,35; (vi) sujeito posposto – com 0,08; (vii) sujeito oculto próximo na fala do entrevistado – 0,35; (viii) sujeito oculto distante na fala do entrevistado – com 0,63; (ix) sujeito oculto na fala do entrevistador – 0,66 . Os resultados de Naro e Scherre (1999, p.21) apontam para:

uma diminuição progressiva de marca de plural no verbo à medida que aumenta o número de sílaba entre o sujeito e o verbo. O maior uso de marcas explícitas de plural ocorre quando a relação sujeito/verbo é mais óbvia, ou seja, quando estes dois constituintes estão adjacentes. Há progressivamente menos marca quando a relação sintagmática entre sujeito e verbo é mais difícil de se estabelecer. A situação em que esta relação se torna mais difícil de se estabelecer, embora não codificada em termos de número de sílabas, ocorre quando o sujeito está posposto.

Os autores esclarecem que “a novidade [dessa codificação] consiste em se estabelecer uma escala [quanto à posição do sujeito anteposto] com mais categorias e, além disso, confirmar a regularidade do efeito desta variável em amostras diferentes” (Naro e Scherre, 1999, p. 21 – adaptado). Quanto ao estudo de amostras diferentes, os linguistas referem-se às amostras Mobral analisada por Naro (1981) e a PEUL/1980 sistematizada por Naro e Scherre (2003), ambas coletadas no Rio de Janeiro. Diante disso, frisamos que consideramos as contribuições de Naro e Scherre (1999) imprescindíveis para o estudo da concordância verbal de terceira pessoa, sendo assim, futuramente, pretendemos retornar nossa codificação para observar o efeito escalar dessa variável.

Citamos ainda a pesquisa de Naro e Scherre (2003), a qual disserta sobre o efeito do pronome relativo *que* na posição de sujeito. Mediante uma minuciosa análise, os linguistas concluem que o pronome relativo *que* atua como um impedimento para estabelecer a relação gramatical entre o núcleo do sujeito e o verbo. Sendo assim, concluem que o *que* relativo teria o efeito de mascarar a relação sujeito/verbo, contrariando a ideia de que lembraria o sujeito da oração. Naro e Scherre (2003, p. 399) ressaltam, portanto, que:

O funcionamento da língua com sucesso para os propósitos comunicativos não é comprometido pelo efeito do *que* relativo de mascarar ou de deslocar formalmente o relacionamento semanticamente motivado. Estes resultados indicam que a concordância de número é um mecanismo essencialmente sintático e que a sintaxe pode muito bem não estar a serviço de mecanismos semânticos. Seu papel pode, às vezes, ser apenas o de estabelecer harmonia formal, ou paralelismo, uma tendência universal de uso linguístico.

Em nossa codificação, há um grupo de controle quanto ao tipo de sujeito, o qual dispõe de um fator que sistematiza, justamente, o uso do “que” relativo. A codificação dessa variável carece de revisão, mas aponta que, futuramente, podemos, inspirados na pesquisa de Naro e Scherre (2003), observar o efeito desse pronome também nos dados leopoldinenses.

A organização atual dos dados leopoldinenses viabiliza o estudo comparativo com os resultados da capital Vitória, a partir da pesquisa de Benfica (2016), a qual também serviu como norte para nossa pesquisa. Vejamos:

**Tabela 17: Efeito da variável posição e tipo de sujeito em relação ao verbo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, em Santa Leopoldina (esta pesquisa)<sup>70</sup> e Vitória (Benfica, 2016).**

Fatores analisados:	Santa Leopoldina	Vitória
Anteposto ao verbo	0,529	0,536
Posposto ao verbo	0,220	0,116
Sujeito elíptico com referência na fala do informante	0,392	0,459
Sujeito elíptico com referência na fala do entrevistador	0,654	-

Fonte: esta pesquisa e BENFICA (2016, p. 58).

Notamos que os dados de Santa Leopoldina e Vitória seguem a mesma tendência. Benfica (2016, p. 58), acerca dos dados capixabas, pondera que:

Esses resultados nos mostram um padrão mais claro de desfavorecimento da concordância quando o sujeito é posposto ao verbo, com peso relativo baixo e um *range* de 420 evidenciando a diferença entre a anteposição e posposição. Nos casos de sujeito anteposto e elíptico, os resultados percentuais foram praticamente iguais e os pesos relativos próximos um do outro e do ponto neutro, mostrando efeito semelhante.

Concluimos, portanto, que os dados leopoldinenses, assim como os de Benfica (2016, p. 58), em tendência geral, corroboram, relativamente, a premissa de Naro (1981), ou seja, os sujeitos antepostos favorecem a concordância, enquanto sujeitos os pospostos desfavorecem. Todavia, um apontamento deve ser feito: Naro (1981, p. 80) observa o princípio da saliência na hierarquização dos sujeitos explícitos (antepostos próximos, antepostos distantes e pospostos) nos dados da amostra Mobral. O linguista observa que os sujeitos antepostos próximos favorecem a retenção da marca, enquanto os antepostos distantes e pospostos desfavorecem-na. Essa tendência também é percebida por pesquisas posteriores, tais como as de Naro e Scherre (1998, 1999). Sendo assim, frisamos que analisar a hierarquização da variável posição nos dados leopoldinenses e capixabas é uma interessante proposta para estudos futuros.

<sup>70</sup> Resultados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

É interessante apontar ainda o comportamento dos elípticos com referência na fala do informante em Vitória e Santa Leopoldina, que operam com índices intermediários de marcação nas duas amostras. Essa observância ratifica a ideia de Naro e Scherre (2007) acerca das origens do português brasileiro, especificamente, no que se refere aos fenômenos variáveis de concordância. Notamos que as diferenças entre a zona rural leopoldinense e a urbana capixaba operam no nível quantitativo. Ou seja, independentemente das particularidades dessas regiões, as variáveis linguísticas seguem a mesma tendência geral de sistematização.

A este respeito, é a oportuna apresentação da comparação entre as comunidades afro-brasileiras e Santa Leopoldina. Para elaboração desse estudo comparativo, realizamos uma nova etapa de análise com os dados leopoldinenses, tal como exposto no item 6.2. Frisamos, nessa etapa, no intuito de estabelecer uma comparação mais fidedigna, entre o efeito das variáveis “saliência Fônica” e “posição e tipo de sujeito” nos resultados de Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 350-354), optamos por: (i) retirar os entrevistados de 07-14 anos – haja vista que em Lucchesi, Baxter e Silva (2009) analisam-se apenas três faixas etárias (20-40, 41-60 e 61 em diante); (ii) retirar falantes com ensino fundamental 02 e médio – uma vez que, na amostra afro-brasileira, observam-se falantes semi-analfabetos e analfabetos. Além disso, nesta etapa de análise, é importante esclarecer que estão amalgamados, na amostra leopoldinense, os sujeitos elípticos com referente na fala do informante ou da entrevistadora. Vejamos:

**Tabela 18: Comparação entre o efeito da variável posição e tipo de sujeito entre as comunidades afro-brasileira e em Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

(continua)

Fatores analisados	Comunidades afro-brasileiras		Santa Leopoldina	
Sujeito não realizado	80/297= 27%	0,61	95/204= 46,6%	0,479
Sujeito anteposto	158/113= 14%	0,49	261/497= 52,5%	0,532

**Tabela 18: Comparação entre o efeito da variável posição e tipo de sujeito entre as comunidades afro-brasileira e em Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

**(conclusão)**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Comunidades afro-brasileiras</b>		<b>Santa Leopoldina</b>	
Sujeito posposto	10/94= 11%	0,51	6/34= 17,6%	0,203
Pronome relativo	10/148= 9%	0,35	Não analisado	
Total de dados	273/1706= 16%		362/735= 49,3%	
<i>Range</i>	51		58	

Fonte: comunidades afro-brasileiras – LUCCHESI, BAXTER e SILVA (2009, p.353); Santa Leopoldina – elaboração própria.

Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 354) explicam o resultado obtido nas comunidades afro-brasileiras por meio de uma reflexão que se firma em um possível caráter descrioulizante da mudança. Vejamos:

Se o falante omite o pronome sujeito, pode se inferir que a gramática padrão (não criouizante) está predominando na produção dessa oração, de modo que aumenta a probabilidade de uso da regra de concordância verbal de acordo com o princípio da coesão estrutural. Por outro lado, não se observou uma diferença significativa no que concerne à posição do sujeito realizado. O sujeito posposto até superou ligeiramente o sujeito anteposto em termos de pesos relativos (0,51 contra 0,49). Esse resultado contraria a grande maioria dos resultados apresentados para essa variável, como se pode ver nas análises de Vieira (1997, p. 126-127), Naro e Scherre (1997, p. 102-103) e Monguilhott (2001, p. 198-199). A explicação para esse fato pode estar no caráter descrioulizante da mudança verificada nas três comunidades. A posposição do sujeito não é um traço comum das línguas crioulas típicas, cuja ordem tende a ser do tipo SVO rígida. Haveria, portanto, a influência da língua-alvo atuando, não só na posposição, como também na tendência de levar o verbo ao plural nessa posição, considerando-se mais uma vez o princípio da coesão estrutural.

Os autores estão corretos ao afirmar que esses resultados diferem dos índices gerais de outras amostras, em especial, no que se refere aos sujeitos antepostos e pospostos. Santa Leopoldina, por exemplo, orienta-se pelo padrão observado nas demais amostras, a exemplo da de Benfica (2016), visto que os sujeitos antepostos favorecem mais a retenção da marca de plural que os pospostos.

Quanto aos sujeitos elípticos, os resultados de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) apontam que esses são os itens que mais favorecem a concordância verbal. Na etapa de análise atual, notamos que essa categoria apresenta um índice intermediário de retenção da marca (0,479), enquanto os sujeitos antepostos são mais propensos à concordância verbal (0,532). Tendo em mente a etapa de análise geral leopoldinense para a variável posição e tipo de sujeito, notamos que as pesquisas realizadas nas comunidades afro-brasileiras e na leopoldinense abrigam semelhanças, visto que, na etapa geral leopoldinense, os sujeitos elípticos com referência na fala da entrevistadora são os que mais favorecem a concordância.

Destacamos que, embora Santa Leopoldina tenha abrigado o elemento africano no decorrer de sua colonização, o município não pode ser considerado uma comunidade afro-brasileira, mesmo que possua remanescentes quilombolas na região. Isso porque o estabelecimento do europeu nas comunidades foi mais acentuado que o indígena e o africano, como apresentamos no capítulo 4, na seção de caracterização de Santa Leopoldina. Esse apontamento é pertinente, pois sinaliza que comunidades historicamente tão discrepantes apresentam regularidade quanto ao fenômeno da concordância verbal variável, fato que distancia a hipótese da criouliização de nossas conjecturas atuais. Essa ideia será aprofundada, posteriormente, no capítulo dedicado às considerações finais, uma vez que, nessa ocasião, apresentaremos uma visão de conjunto do comportamento de todas as variáveis linguísticas e sociais analisadas nesta tese.

## **6.5 Paralelismo discursivo**

No que diz respeito ao plano discursivo, analisa-se o contexto em que o verbo sob análise se encontra inserido, no que se refere à ausência ou à presença de marcação plural no verbo do SV precedente. Diante disso, cabe esclarecer o conceito de série adotado para codificação dos dados. Para tanto, retomaremos as considerações de Scherre e Naro (1993) e Benfica (2016) sobre o tema.

Scherre e Naro (1993, p. 08) assumem que:

Para definir se uma dada construção estava ou não em série, estabelecemos dois critérios: (1) a construção analisada deveria ter o sujeito com a mesma referência que o sujeito da construção anterior e (2) não deveria estar separada da construção anterior por mais de dez cláusulas e nem pelo discurso do interlocutor.

Tendo por base a metodologia adotada por Scherre e Naro (1993), Benfica (2016) analisa a influência no paralelismo discursivo em dois fenômenos variáveis: concordância de primeira pessoa plural (1ª pp) e concordância de terceira pessoa plural (3ª pp).

Para tanto, a linguista observa o tipo de marca precedente, a partir dos seguintes critérios: (i) no fenômeno de 1ª pp – SV precedido de concordância de 1ª pp, SV precedido de não concordância em 1ª pp, SV precedido de concordância em 3ª pp, SV precedido de não concordância em 3ª pp, SV sem SV precedente próximo; e (ii) 3ª pp – SV precedido de concordância em 1ª pp, SV precedido de não concordância em 1ª pp, precedido de concordância em 3ª pp, precedido de não concordância em 3ª pp, SV sem SV precedente próximo.

A partir da análise de Benfica (2016) e considerando a configuração de nossos dados, percebemos que deveríamos estender a análise dessa variável ao tipo de marca (ou ausência dela) e ao tipo de SV precedente. Inicialmente, para tanto, adotamos os seguintes critérios:

◁ Quanto ao tipo de marca:

1. SV precedente com verbo em 3ª pp: com morfologia plural e com morfologia singular;
2. SV precedente com verbo em 1ª pp: com morfologia singular – com sujeito “nós”, com morfologia singular – com sujeito “a gente”, com morfologia plural – com sujeito “nós”.

◁ Quanto ao tipo de SV:



1. SV isolado: quando o sintagma analisado não tem SV precedente ou apresenta sujeito semanticamente diferente dos demais SV de um mesmo contexto;
2. SV primeiro de série: quando o SV em análise é o primeiro item de uma série de SV com mesmo sujeito semântico;
3. SV não primeiro de série: quando o SV analisado está em série, mas não é o primeiro termo desta.

Além disso, consideramos ainda o local de ocorrência da referência precedente:

◁ Quanto à referência:

1. Referência na fala do próprio informante: quando o SV precedente figura na fala do próprio informante;
2. Referência na fala do entrevistador (ou de convidado): quando o SV precedente se situa na fala do entrevistador ou de uma terceira pessoa que, por vezes, participavam do momento da entrevista.

A tabela a seguir revela a quantidade de dados mensurados em um primeiro momento de nossa análise. Esclarecemos que as formas variáveis figuram, neste momento, sem amalgamações. Posteriormente, em linhas à frente, apresentaremos a codificação final obtida e a exemplificação de cada perfil estudado, assim como o porquê das amalgamações realizadas. Por ora, tomemos conhecimento da codificação inicial:

Vejamos os resultados dispostos na tabela a seguir:

**Tabela 19: Quantidade de itens marcados e percentagem geral de cada fator da variável paralelismo discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

(continua)

Fator em análise	Percentagem
<b>SV isolado</b>	
Totalmente isolado	290/626= 46,3%
<b>SV isolado com referência na fala do próprio informante</b>	

**Tabela 19: Quantidade de itens marcados e percentagem geral de cada fator da variável paralelismo discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

(continuação)

Fator em análise		Percentagem
Singular <sup>71</sup>	Isolado entre séries/precedidos por 1ª pp <i>nós</i> com verbo no singular	02/08= 25,0%
	Isolado entre séries/precedidos por <i>a gente</i> com verbo no singular	06/22= 27,3%
	Isolado entre séries/precedidos por 3ª pp com verbo no singular	23/89=25,8%
Plural	Isolado entre séries/precedidos por 1ª pp <i>nós</i> com verbo no plural	08/10= 80%
	Isolado entre séries/precedidos por 3ª pp com verbo no plural	70/128= 54,7%
<b>SV isolado com referência na fala do entrevistador/convidado</b>		
Singular	Precedido de 1ª pp <i>nós</i> com verbo no singular	não há dados
	Precedido de <i>a gente</i> com verbo no singular	01/01= 100%
	Precedido de 3ª pp com verbo no singular	01/02= 50%
Plural	Precedido de 1ª pp <i>nós</i> com verbo no plural	não há dados
	Precedido de 3ª pp com verbo no plural	143/237= 60,3%
<b>SV primeiro de série</b>		
Sem SV precedente		178/352= 50,6%
<b>SV primeiro de série com referências na fala do próprio informante</b>		
Singular	Precedido de 1ª pp <i>nós</i> com verbo no singular	02/05= 40%
	Precedido de <i>a gente</i> com verbo no singular	04/10= 40%
	Precedido de 3ª pp com verbo no singular	13/36= 36,1%

<sup>71</sup> Onde se lê: “singular” e “plural”. Leia-se: “morfologia singular” e “morfologia plural”. A nomenclatura foi abreviada em função da formatação da tabela.

**Tabela 19: Quantitativo de itens marcados e percentagem geral de cada fator da variável Paralelismo Discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**

		<b>(conclusão)</b>
<b>SV primeiro de série com referências na fala do próprio informante</b>		
<b>Plural</b>	Precedido de 1ª pp <i>nós</i> com verbo no plural	03/04= 75%
	Precedido de 3ª pp com verbo no plural	0/01= 0%
<b>SV primeiro de série com referências na fala do entrevistador/convidado</b>		
<b>Singular</b>	Precedido de 1ª pp com verbo no singular	não há dados
	Precedido de <i>a gente</i> com verbo no singular	não há dados
	Precedido de 3ª pp com verbo no singular	87/138= 63%
<b>Plural</b>	Precedido de 1ª pp com verbo no plural	não há dados
	Precedido de 3ª pp com verbo plural	87/138= 63%
<b>SV não primeiro da série</b>		
<b>Singular</b>	Precedido de 1ª pp <i>nós</i> com verbo no singular	1/2= 50%
	Precedido de <i>a gente</i> com verbo no singular	2/2= 100%
	Precedido de 3ª pp com verbo no singular	145/562= 25,8%
<b>Plural</b>	Precedido de 1ª pp <i>nós</i> com morfologia plural	não há dados
	Precedido de 3ª pp com morfologia plural	426/585= 72,8%
<b>Total</b>		<b>1441/2873= 50,2%</b>

Fonte: elaboração própria.

Como mencionado, a tabela anterior apresenta as formas variáveis sem amalgamações, de forma a evidenciar o número absoluto de cada um dos fatores considerados na nossa codificação. Todavia, algumas das formas variáveis estabelecidas em um primeiro momento de análise não foram observadas em Santa Leopoldina. Além disso, a quantidade de termos em determinadas categorias mostrou-se ínfimo, se considerarmos o total de dados. Diante disso, algumas amalgamações tiveram de ser realizadas para gerar resultados, nos

quais figurassem os pesos relativos das formas variáveis sob análise. Sendo assim, a configuração amalgamada dos dados apresenta-se da seguinte forma:

1. SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pp – com morfologia singular – com referência na fala do informante (89 dados) e na fala do entrevistador ou convidado (02 dados): totalizando 91 dados;
2. SV primeiro de série precedido de 3ª pp – com morfologia singular – com referência na fala do informante (36 dados) e na fala do entrevistador ou convidado (01 dado): totalizando 37 dados;
3. SV isolado entre série ou precedido de 1ª pp com morfologia no singular – *nós* (08 dados); SV primeiro de série precedido de verbo em 1ª pp *nós* com morfologia no singular (05 dados); SV não primeiro de série precedido de verbo em 1ª pp *nós* com morfologia no singular (02 dados): totalizando 15 dados;
4. SV isolado entre séries ou precedido de 1ª pp *a gente* com morfologia singular (22 dados); SV isolado com referência em 1ª pp *a gente* com morfologia singular – na fala do entrevistador ou de convidado (01 dado); SV primeiro de série precedido de 1ª pp *a gente* com morfologia singular – na fala do informante (10 dados); SV não primeiro de série precedido de 1ª pp *a gente* com morfologia singular (02 dados): totalizando 35 dados;
5. SV isolado entre série ou precedido de 1ª pp “*nós*” com morfologia plural – na fala do informante (10 dados); SV primeiro de série precedido de 1ª pp “*nós*” com morfologia plural – na fala do informante (04 dados): totalizando 14 dados.

A seguir, exemplificamos esses perfis com dados retirados da amostra leopoldinense, organizados com base nas amalgamações realizadas. A organização desses segue a ordenação de fatores disposta na tabela de resultados da variável paralelismo discursivo, apresentada em linhas à frente, a qual dispõe de percentagem e pesos relativos. A formatação dos excertos destaca com marcadores com símbolo, em negrito, a classificação mais geral dos perfis. Além disso, destaca com marcadores alfabéticos, de “a” à “m”, a classificação mais específica dos perfis, os quais apresentam, em negrito e

colchetes, os itens condizentes com o perfil exemplificado, e, em sublinhado, os termos considerados como referência do verbo sob análise.

Vejamos:

◁ **SV sem SV precedente:**

a) SV totalmente isolado:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – aonde? /Inf- dentro da peneira com milho... mamãe botou uma lata porque eles **[fica]** deitado... mas não adiantou nenhum pinguinho... ele tá lá dentro... eu só vi o gambazinho deitado... e eles são muito danadinho que dormem lá em cima [apontando].

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – quem que te deu ela? / Inf – papai pegou lá com uma mulher... e aquele outro também... todos dois **[vieram]** com nome... eu não gostei

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

b) SV primeiro de série sem SV precedente:

Exemplo – presença de marca de plural:

Inf – só tem desses... na casa do meu avô que tem a usina deles que é lá perto do terreiro que eles **[fala]**... aí lá tem uns peixe grande [a irmã da informante comenta: não tem muito peixe]... tem daqueles peixe grande também... só que eu não vejo eles... vejo só... se a gente entra na água eles fica picando na perna da gente.

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

Inf – peguei com a peneira os peixinho... só que eles **[são]** muito difícil de pegar... a gente tá de um lado eles vão(h) pro outro... a gente vai do outro eles tão desse lado.

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

◁ **SV precedido de verbo em 3ª pp:**

- c) SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pp com referência na fala do informante ou do entrevistador (ou de convidado) com verbo no singular:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – e como que são os cultos ne/na sua igre::já?... é diferen::te?...

Inf – ah os culto... nada... [**é**] quase igual os culto:: igual o de vocês mês::mo assim né?... Entra o pastor en::tra e:: reza um pouquinho bai::xô depois sobe no altar:: ... Eles tem um altar pra subir:: né?...

(fem. – fund. 02 – acima de 49 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – cê vê que é mais desenvolvido né? Aqui é mais

Inf – eles fala que os:: antigamente quando [**chegaram**] em Santa Leopoldina os alemão... Os pomerano... Não sei... Diz que os trabalhador subiu e os preguiçoso ficaram embaixo”

- d) SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do informante ou do entrevistador (ou de convidado) com verbo no singular

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – se não papai e mamãe briga F.? Briga muito?

Inf – brigar não [**briga**]... não mas eles falam pra gente se esforçar mais.

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – aí vocês tem que ficar na escola por causa do transporte?

Inf – é... Depende... Quando é duas aula vaga aí... Eles:: é:: adianta... depende... se por exemplo a aula vaga for a primeira aí [inint] deixar a aula vaga... agora se for a segunda... terceira... e as professora não tiver dando aula em outra sala... aí eles [**vão**]... dão aula pra nós e depois na última aula eles libera...

(masc.– fund. 02 – 07 – 14 anos)

e) SV não primeiro de série precedido de 3ª pp com verbo no singular:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – meu Deus! que sorte hem! ainda bem que não pegou nela

Inf – mas uma pedra ela era assim [fazendo gestos]... era grossa

E – é... mas dependendo machuca

Inf – ela era pontuda

E – então... dependendo da onde pega né?

Inf – é... machuca [a irmã comenta: [inint] aí os gato entrou lá dentro [inint]]... eu falo pra eles não miar... mas eles: miiiii [a irmã diz: aí depois a gente fica com medo de [inint]]... N. tem ouvido bom hem [risos]... eu converso... eu falo assim: não faz isso! esse:: gato preto ele não... ele tinha medo... ele arranhava os outro... ainda olha o que que ele fez [mostrando no braço dela o arranhão]... ele me deu até mordida... é porque eu tava pegando ele aí os cachorro apareceu... porque os cachorro **[fica]** mexendo com os gato... os gato também dão unhada nas fuça deles [inint].

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E: [risos]..e vem ônibus também?

Inf: aí é [inint]... acho que num vem muito não...que eu vi não... só de carro mesmo...

E: uhum.

Inf: mais à noite que mais fresca... eles fala... mais tempo tem... eles **[fazem]** à noite..

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

f) SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pp na fala do informante com verbo no plural:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – Rio da Prata é também Santa Leopoldina isso?

Inf – não... olha só... tem uma/ tem uma:: ponte onde passa... onde vocês passaram tem um bar também que eles **[fala]** assim

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E: é... bem legal... e você sabe alguma história do município história mesmo de história.

Inf: como assim?

E: como foi criado e tudo... talvez seus pais contam... seus filhos...

Inf: como foi criado o município... isso assim?

E: como foi fundado... como foi/

Inf: fundado... eu não sei não... mas na escola a gente aprende que é no centro... um lugar histórico... que até estrada que vocês vieram que liga Santa Teresa é a mais antiga né... e é a mais antiga do estado eles **[falam]** que é né... e fala também que Dom Pedro teve aí em Santa Leopoldina no museu.

(masc.– ens. médio – 15-25 anos)

g) SV isolado com referência na fala do entrevistador (ou de convidado) em 3ª pp com verbo no plural:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E - mas eles não obedecem ela não?

Inf - tem vez que eles não **[obedece]** não.

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E: é ... e que vocês fazem juntos ... como que é

Inf: a gente anda junto lá... tem o Giovani Rodrigo e Wagner.. Mais que eu ando assim... faz o dever junto quando é em grupo assim... melhor para fazer... a gente faz de tudo um pouco

E: e eles moram por aqui

Inf: não eles **[moram]** lá na sede mesmo

(masc. – fund. 02 – 26 – 49 anos)



- h) SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do próprio informante com verbo no plural:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E - tá na creche... mas você acha que é boa assim a escola? O ensino... a educação...

Inf - é boa ..eles ensina direitinho... esses dia... nós tava até comentando que a... os filho daí das minha irmã que tão na primeira série... não... no prezinho ... é... quando tava na creche... as professoras [**ensinava**] mais do que lá na Barra... porque elas só bota atividade pra pintar... e aqui não... eles já botava pra escrever... eles já sabia direitinho.

(fem. – fund. 02 – 15 – 25 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E - só jacaré que fica lá

Inf - jacaré e os pato vão lá... e também eles [**poluem**]... eles joga lixo lá dentro

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

- i) SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do entrevistador (ou de convidado) com verbo no plural:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – no::ssa!

Inf – de tanto que ele sabia daqui:: que eu ensina::va...

E – uhum::... E como que era as tur::mas aqui::?...

Inf – a turma era boa... Muito boa as turma de primeira à quarta série ... Os aluno [**era**] muito bom não:: era esses aluno revoltado igual hoje não os aluno hoje responde os professor e tudo né?...

(fem. – fund. 02 – acima de 49 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E - Ai meu Deus! Mas eles já estão brigando... meu Deus... e os meninos?

Inf – ah... os meninos algumas vezes eles **[são]** bom com a gente mas algumas vezes eles são chatos.

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

j) SV não primeiro de série precedido de 3ª pp com verbo no plural:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E: que bom... né... mas aí na sua sala ninguém gosta muito de dançar?

Inf: sim... todo mundo gosta... mas tem uns dois meninos assim que são um pouquinho chatos... num **[gosta]** de dançar ..só querem futebol... futebol... futebol... aí não dançou... [inint] dois ou três meninos...

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E - Ai meu Deus! Mas eles já estão brigando... meu Deus... e os meninos?

Inf – ah... os meninos algumas vezes eles são bom com a gente mas algumas vezes eles **[são]** chatos.

(fem. – fund. 02 – 07 – 14 anos)

◁ **SV precedido de verbo em 1ª pp:**

k) SV isolado, SV primeiro de série e SV não primeiro de série – precedido de referência em *nós* na fala do informante com verbo no plural:

Exemplo - ausência de marca de plural:

E - então era muito irmã::o?

Inf – era em oito irmão que eu tinha ... Oitos irmãos .. Oito mais:: pai: e mãe:: e avó:: e tudo né?... morava tudo junt/tudo juntos... Tem que dar vin::te pessoa...

E – nosso Deus ...e essa padaria como que era? Vinha todo mundo comprar na padaria de vocês ou...

Inf – nós tinha uma venda em cima ... Eles **[fazia]** os pão na padaria e vendia na venda de cima... Onde tinha uma venda velha ali ocês passa ali em baixo...

(fem. – fund. 02 – acima de 49 anos)

Exemplo - presença de marca de plural:

E – e vocês eram em quantos irmãos?

Inf – olha só ...somos em oito mas se **[fossem]** todos vivos era doze...mas Deus levou quatro... só ficou oito...

(fem. – ensino médio – acima de 49 anos)

- l) SV isolado com referência na fala do informante ou na fala do entrevistador (ou de convidado); SV primeiro de série com referência na fala do informante; SV não primeiro de série – precedidos de *a gente* com verbo no plural:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – é verdade... Você acha que hoje ou antigamente as pessoas se alimentavam de uma maneira mais saudável?

Inf – eu acho que hoje... Hoje... Porque:: antigamente... Igual assim... Antigamente a questão de agrotóxico e essas coisa assim igual é:: essas galinha que a gente trata com ração... Na época não tinha né? Mas assim mesmo eu acho que hoje as pessoa se **[alimenta]** melhor... Eu acho que hoje sim

(fem. – fund. 01 – 26 – 49 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – uhum. E... você já fez alguma promessa?

Inf – já.

E – qual assim?

Inf – foi do meu sobrinhos. os gêmeos. que eles nasceram com seis meses. aí então a gente não sabia se eles **[iam]** vingar...aí a gente fiz promessas pra eles.

(fem. – ens. médio – 15 – 25 anos)

- m) SV isolado entre série ou precedido de 1ª pp *nós* na fala do informante e SV primeiro de série precedido de 1ª pp *nós* com verbo no plural:

Exemplo – ausência de marca de plural:

E – nossa senhora...

Inf - aí não salvava ninguém:::...

E – foi a mão de Deus...

Inf - nosso Deus ali foi o fim... E depois pra entrar no carro de novo?... Nele não né?... Outro carro ... Nosso deus que medo!...

E – e os outros choraram? As crianças? Vocês choraram?...

Inf - não:: nós ficuemo bobados ... Nós ficuemo tão bobado que nem abrir a boca nós não conseguimos não saia na::da.. Só ficuemo assim olhando um olhando pra cara do outro sem poder fazer na::da ... Só vi os mato assim ó **[passava]** voando...

(fem. – fund. 02 – 26-49 anos)

Exemplo – presença de marca de plural:

E – não:::...

Inf – nós usa::mo né?... A gente confirma quando o aluno tá com ter::ze os meni::no parece que é cator::ze ano as menina com ter::ze...

E – uhum...

Inf – aí ele confir::ma a minha neta poucos tempo faz um ano que ela:::... Crismou né? Nós falamos cris::ma... fala crismou:: e:: mas elas **[foram]** do catecismo do pé:: a cabe::ça .. Tudininho tudinho tudinho... O pastor não falou uma palavra pra ela .. E tem uma menina que é:: ca/cuida de catecismo né?... Ela é professora de catecis::mo... É de primeiro quando a:: minha neta crismou:: crismou:: .. Essa filha de N. ali S.... Ela:: era cuida de catecismo ...

(masc.– fund. 02 – 07-14 anos)

Na tabela seguinte, apresentam-se os resultados da variável paralelismo discursivo. Os perfis estão elencados de (a) à (m), em função da exemplificação exposta nas páginas anteriores. O objetivo é facilitar a observância desses fatores pelo leitor. Além disso, a divisão da tabela – SV sem SV precedente, SV precedido de verbo em 3ª pp (com morfologia singular e plural) e SV precedido de verbo em 1ª pp (com morfologia singular e plural) – visa dispor perfis dos quais esperamos a mesma tendência de resultados de maneira mais próxima.

**Tabela 20: Efeito da variável paralelismo discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>72</sup>**

		(continua)	
Fatores analisados	Percentagem	Peso Relativo	
<b>SV sem SV precedente</b>			
a) SV totalmente isolado	290/626= 46,3%	0,437	
b) SV primeiro de série sem SV precedente	178/352= 50,6%	0,505	
<b>SV precedido de verbo em 3ª pp</b>			
<b>Morfologia singular</b>	c) SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pp com referência na fala do informante ou do entrevistador (ou de convidado) com verbo no singular	24/91= 26,4%	0,253
	d) SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do informante ou do entrevistador (ou de convidado) com verbo no singular	13/37= 35,1%	0,461
	e) SV não primeiro de série precedido de 3ª pp com verbo no singular	145/562= 25,8%	0,310
<b>SV precedido de verbo em 3ª pp</b>			
<b>Morfologia plural</b>	f) SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pp na fala do informante com verbo no plural	70/128= 54,7%	0,496
	g) SV isolado com referência na fala do entrevistador (ou de convidado) em 3ª pp com verbo no plural	143/237=60,3%	0,553
	h) SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do próprio informante com verbo no plural	36/53= 67,9%	0,665
	i) SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do entrevistador (ou de convidado) com verbo no plural	87/138=63%	0,655
	j) SV não primeiro de série precedido de 3ª pp com verbo no plural	426/585= 72,8%	0,717

<sup>72</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

**Tabela 20: Efeito da variável paralelismo discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina**

(conclusão)

SV precedido de verbo em 1ª pp			
Morfologia singular	k) SV isolado, SV primeiro de série e SV não primeiro de série – precedido de referência em <i>nós</i> na fala do informante com verbo no singular	05/15= 33,3%	0,378
	l) SV isolado com referência na fala do informante ou na fala do entrevistador (ou de convidado); SV primeiro de série com referência na fala do informante; SV não primeiro de série – precedidos de <i>a gente</i> com verbo no singular	13/35= 37,1%	0,368
Morfologia plural	m) SV isolado entre série ou precedido de 1ª pp <i>nós</i> na fala do informante e SV primeiro de série precedido de 1ª pp <i>nós</i> com verbo no plural	11/14= 78,6%	0,696
Total de dados analisados		1441/2873= 50,2%	
Range		47	

Fonte: elaboração própria.

Os dados apontam que os SVs sem precedentes, seja SV totalmente isolado, seja SV primeiro de série sem SV precedente, tendem a apresentar pesos relativos levemente desfavorecedores ou intermediários, no que se refere à concordância verbal de terceira pessoa, com 0,437 e 0,505, respectivamente. Essa mesma tendência também é observada entre os itens em SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do informante ou do entrevistador (ou de convidado) com verbo no singular – com 0,461; e em SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pp na fala do informante com verbo no plural – com 0,496. A hipótese, no caso do SV primeiro de série, é que o peso de 0,461 seja condicionado pela morfologia precedente de 3ª pp do termo sob análise, notadamente singular, o que gera um leve desfavorecimento da marcação desses itens.

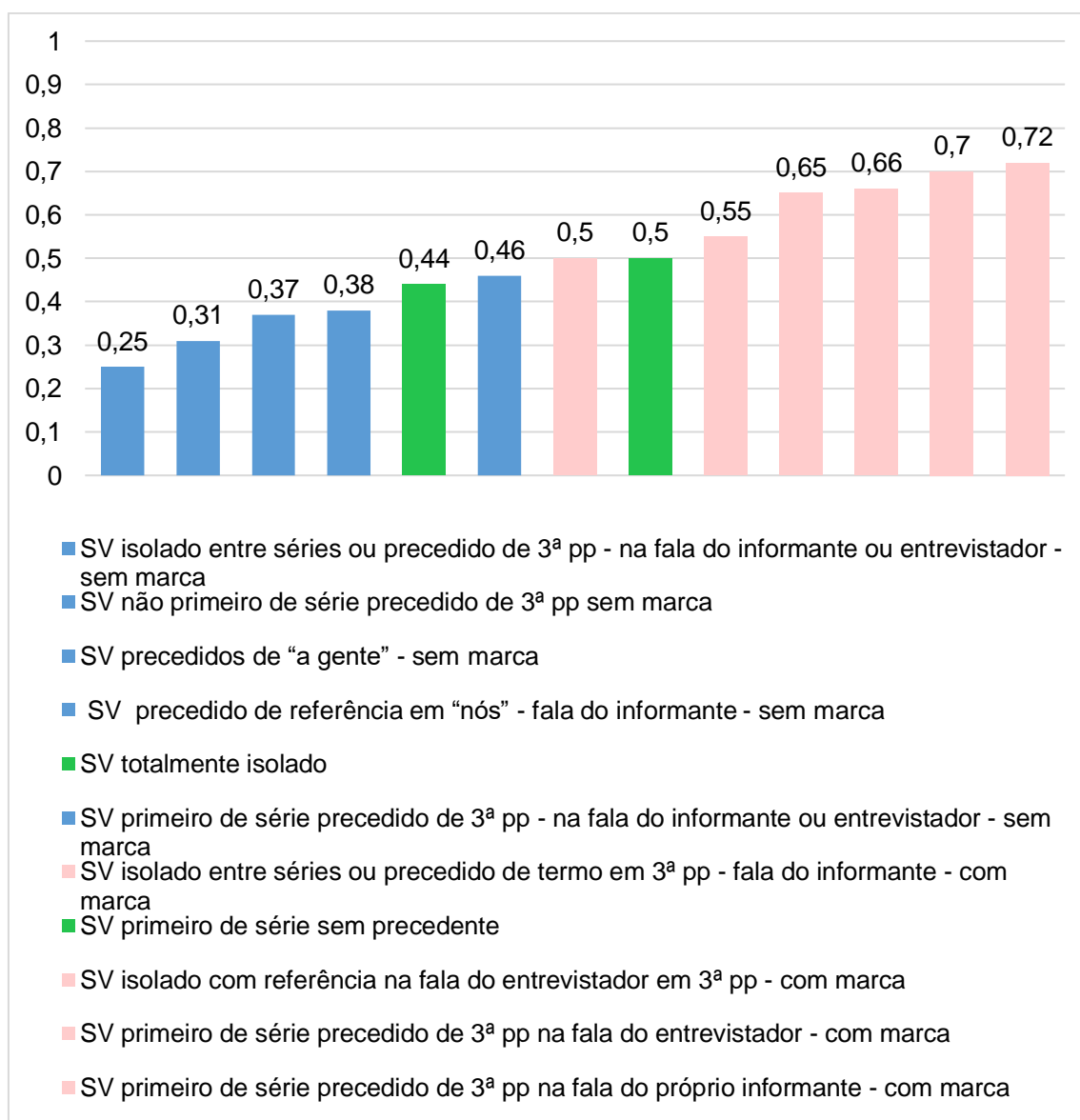
Quanto aos itens de SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pp na fala do informante com verbo no plural, entendemos que o resultado intermediário de 0,496 de peso relativo seja motivado pela natureza do SV, no caso isolado, e pela pluralidade da morfologia precedente. Essa ideia é corroborada pelo fato de o comportamento desse perfil assemelhar-se ao comportamento do perfil SV isolado com referência na fala do entrevistador (ou de convidado) em 3ª pp com verbo no plural (com 0,553 de peso relativo). E, em contrapartida, difere do comportamento dos SV primeiro de série e não primeiro de série com morfologia plural: SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do próprio informante com verbo no plural – com 0,665; SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do entrevistador (ou de convidado) com verbo no plural – com 0,655; SV não primeiro de série precedido de 3ª pp com verbo no plural – 0,717.

No que se refere aos perfis precedidos de verbos com morfologia plural, nota-se que os resultados obtidos em Santa Leopoldina corroboram a hipótese de Poplack (1980) e Scherre (1988) de que um ambiente precedente, notadamente marcado quanto à pluralidade, é mais favorável à presença de marcação subsequente. Em nossa análise, notamos que os itens com referência anterior marcada, seja em 3ª pp, seja 1ª pp, evidenciam pesos relativos mais elevados. É o caso dos critérios, frisamos, SV não primeiro de série precedido de 3ª pp com verbo no plural (com peso relativo de 0,717); SV isolado entre série ou precedido de 1ª pp *nós* na fala do informante e SV primeiro de série precedido de 1ª pp *nós*, ambos com verbo no plural (0,696); SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do próprio informante com verbo no plural (0,665); e SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do entrevistador (ou de convidado), com verbo no plural (0,655).

Quanto aos perfis precedidos de morfologia singular, observa-se que, como proposto por Scherre (1988), um ambiente anterior caracterizado por ausência de marcas tende a desfavorecer a concordância de número subsequente. Como se observa em: SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pp com referência na fala do informante ou de entrevistador (ou de convidado) com verbo no singular (0,253); SV não primeiro de série precedido de 3ª pp com verbo no singular

(0,310); SV isolado, SV primeiro de série e SV não primeiro de série – precedido de referência em “nós” na fala do informante com verbo no singular (0,378); SV isolado com referência na fala do informante ou na fala do entrevistador (ou de convidado), SV primeiro de série com referência na fala do informante, SV não primeiro de série – precedidos de *a gente* com verbo no singular (0,368). A seguir, apresentamos, no gráfico, os pesos relativos, constantes na tabela anterior, em ordem crescente, para favorecer a leitura dos resultados.

**Gráfico 6: Efeito da variável paralelismo discursivo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>73</sup>.**



Fonte: elaboração própria.

<sup>73</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.



Os itens em verde são os SVs sem nenhum SV precedente. São eles: SV totalmente isolado; SV primeiro de série sem SV precedente. Considerando a ordenação interna dos fatores, notamos que os itens SV primeiro de série sem precedentes (0,505) estão em ponto neutro, assim como os itens SV isolado entre séries ou precedido de 3ª pessoa na fala do informante com verbo no plural (em rosa, com 0,496).

As colunas em azul são os SVs precedidos de itens sem marca e as colunas em rosa, os SVs precedidos de itens marcados. Diante dos dados organizados no gráfico seguinte e a partir da argumentação tecida nesta seção, podemos afirmar, em resumo, que, independentemente da natureza do SV em análise – seja SV isolado, seja SV primeiro de série, seja SV não primeiro de série –, o traço que parece determinar a marcação do verbo é se o SV é precedido ou não por morfologia plural.

Notamos que todos os itens precedidos de zero (em azul) apresentam peso relativo inferior ao dos termos precedidos de marca plural (em rosa). Esses resultados ratificam a premissa de Scherre (1988), conforme mencionado anteriormente, ou seja: marcas levam a marcas, tal como zeros levam a zeros, em termos de grandes tendências.

É relevante esclarecer que a amalgamação de dados com perfis discrepantes interfere na clareza de sua análise. Todavia, na posição de linguista, compreendemos que cogitar a retirada desses dados da amostra significa expor uma análise parcial da comunidade leopoldinense. Dessa forma, optamos por noticiar a presença e o comportamento geral desses itens. Além disso, as amalgamações visam à manutenção do princípio paralelístico básico, ou seja, considerar a morfologia (singular ou plural) do item precedente. Enfim, as amalgamações propostas alinham-se ao objetivo desta pesquisa, a qual almeja perceber o efeito das variáveis linguísticas, e também sociais, atuantes no processo de concordância verbal de 3ª pessoa.

## 6.6 Sexo

No que se refere ao sexo do informante, como apresentado na tabela 21, o *range* dessa variável é de 09 pontos. Sendo assim, compreende-se que esta não possui uma força de restrição proeminente no fenômeno de concordância verbal de terceira pessoa em Santa Leopoldina, uma vez que, conforme observado, as variáveis linguísticas apresentam *ranges* significativamente mais elevados, a exemplo da saliência fônica, que demonstra 69 pontos de *range*. Todavia, embora com força de restrição tímida, a variável sexo foi selecionada pelo programa.

No tocante à atuação da variável, em Santa Leopoldina, especificamente quanto ao fenômeno da concordância verbal de 3ª pessoa, notamos que mulheres e homens se aproximam do ponto neutro, com pesos relativos de 0,541 e 0,448 respectivamente. Esses resultados são diretamente proporcionais à frequência relativa de marcação nas falas de mulheres e homens, 53,1% e 46,5%, respectivamente. Além disso, nota-se que esses resultados são próximos da média global de marcação da comunidade (50,2%).

Todavia, considerando a organização dos índices em sua ordenação interna, percebemos que as mulheres favorecem a marcação da concordância verbal de terceira pessoa, enquanto os homens a desfavorecem. Quanto à percentagem, as mulheres indicam resultados superiores à média global da comunidade, enquanto os homens apresentam índices inferiores. Vejamos os dados expostos na tabela 21:

**Tabela 21: Efeito da variável sexo, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>74</sup>**

Fatores analisados	Percentagem	(continua)
		Peso Relativo
Feminino	852/1606= 53,1%	0,541
Masculino	589/1267= 46,5%	0,448

<sup>74</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

**Tabela 21: Efeito da variável sexo, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**  
(conclusão)

Total de dados analisados	1441/2873= 50,2%
<i>Range</i>	09

Fonte: elaboração própria.

A esse respeito convém evidenciar a explanação de Labov (2001, p. 262-3), acerca do efeito do gênero nos fenômenos linguísticos. O linguista destaca que o gênero deve ser analisado como um fator social, haja vista que a linguagem não é determinada por aspectos biológicos, mas por instâncias socialmente instituídas. Labov (2001) ressalta ainda que o efeito do gênero deve ser analisado em função do tipo de fenômeno: variação estável, mudança acima do nível de consciência (*change from above*), mudança abaixo do nível de consciência (*change from below*). Diante disso, o autor discorre acerca da tendência do comportamento de homens e mulheres relacionando-o à estabilidade do fenômeno, a partir da formulação de três princípios.

Em variáveis sociolinguísticas estáveis, as mulheres tendem a usar menos as variantes estigmatizadas do que os homens, adotando variantes prestigiadas<sup>75</sup>. Sendo assim, em fenômenos variáveis regidos por regras reconhecidamente proscritas, as mulheres tendem a desviar menos que os homens. Dessa forma, adotam um comportamento em conformidade com a norma prestigiada.

Quanto à mudança acima do nível de consciência – *change from above* . , as mulheres adotam formas prestigiadas, em índices superiores aos observados entre falantes masculinos. Labov (2001, p. 273-4) conceitua que *change from above* são estruturas inovadoras importadas à comunidade de fala ou redistribuídas de formas reconhecidamente prestigiadas<sup>76</sup>. Desse modo, conclui-se que as mulheres atuam em conformidade com a norma de prestígio. No que se refere a fenômenos não abertamente proscritos, abaixo do nível de

<sup>75</sup> No original – princípio: “for stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate prestige variants than men” (LABOV, 2001, p. 266).

<sup>76</sup> No original – princípio: “In linguistic change from above, women adopt prestige forms at a higher rate than men” (LABOV, 2001, p. 274)

consciência social – *change from below* –, as mulheres tendem a adotar as formas inovadoras mais do que os homens<sup>77</sup>, portanto, sem conformidade.

A justaposição destes princípios permite concluir que “as mulheres se conformam mais intimamente do que os homens às normas sociolinguísticas abertamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens às que não são” (LABOV, 2001, p. 293 – tradução nossa)<sup>78</sup>. Diante disso, a afirmação de que as mulheres são mais conservadoras do que os homens, no que se refere a fenômenos linguísticos, é um tanto quanto simplista. Isso porque, de acordo com Labov (2001), a aparente instabilidade na postura das mulheres explica-se em função do “paradoxo de conformidade”<sup>79</sup>.

Quanto ao fenômeno variável de concordância de número, seja verbal, seja nominal, é sabido que estes são estigmatizados socialmente. Dessa forma, não nos surpreende o fato de as mulheres leopoldinenses adotarem uma postura em conformidade com o padrão linguístico socialmente aceito como prestigiado. Na tabela 18, correlacionamos os dados leopoldinenses com os resultados obtidos por outras pesquisas – citam-se: Benfica (2016), com dados da capital capixaba; e resultados disponibilizados pelo acervo pessoal da professora Maria Marta Pereira Scherre, acerca de resultados obtidos na capital carioca.

Vejamos a disposição dos dados de Santa Leopoldina (esta pesquisa), Vitória (Benfica, 2016) e Rio de Janeiro/1980 e 2000 (acervo pessoal da professora Maria Marta Pereira Scherre), na tabela a seguir:

---

<sup>77</sup> No original – princípio: “In linguistic change from below, women use higher frequencies of innovative forms than men do” (LABOV, 2001, p. 292)

<sup>78</sup> No original: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly proscribed, but conform less than men they are not” (LABOV, 2001, p. 293).

<sup>79</sup> No original: “Women deviate less than men from linguistic norms when the deviations are overtly proscribed, but more than men when the deviations are not proscribed” (LABOV, 2001, p. 367).

**Tabela 22: Percentual de uso da concordância verbal em 3ª pessoa do plural, em função da variável sexo, em Santa Leopoldina, Vitória e Rio de Janeiro (80 e 00)**

Fatores analisados	Santa Leopoldina <sup>80</sup>	Vitória	Rio de Janeiro	
			1980	2000
Feminino	852/1606= 53,1%	1208/1559= 77,7%	2018/2607= 77,4%	1708/2059= 83%
Masculino	589/1267= 46,5%	1231/1536= 80,1%	1381/2053= 67,3%	686/8595= 79,9%
Total	1441/2873= 50,2%	2439/3095= 78,8%	3399/4660= 73%	1708/2059= 83%

Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Vitória – Benfica (2016, p. 70); Rio de Janeiro – cedido pela professora Maria Marta Pereira Scherre de seu acervo pessoal.

Como mencionado na seção 6.1, Santa Leopoldina apresenta índice geral de marcação inferior ao de Vitória e Rio de Janeiro (nas duas décadas estudadas – 80 e 2000). Atribuímos essa diferença à urbanidade vivenciada nos grandes centros, que culmina em um maior acesso à cultura culta e a meios de comunicação diversos que permitem o contato com o letramento.

No que se refere ao comportamento de mulheres e homens, notamos que Santa Leopoldina se aproxima do observado no Rio de Janeiro. Nas duas localidades, a tendência é de que as mulheres utilizem a concordância verbal de 3ª pp mais frequentemente do que os homens. Esses resultados alinham-se com a proposta laboviana, quanto aos fenômenos *change from above*, ou seja, acima do nível da consciência. Todavia, nota-se que Santa Leopoldina se distancia do observado em Vitória, por Benfica (2016, p. 68).

A este respeito, Benfica (2016, p. 68-72) apresenta uma interessante discussão acerca das motivações dos resultados capixabas. A linguista observa que a variável “sexo” não foi selecionada com significância estatística pelo Goldvarb X, alinhando-se ao observado por Anjos (1999) e Monguilhot (2001), em análise das falas de João Pessoa e Florianópolis, respectivamente. Entretanto, ao se realizarem cruzamentos entre as variáveis sociais – sexo e faixa etária e, posteriormente, sexo e escolarização – todas são selecionadas. Benfica (2016, p. 70) conclui que

<sup>80</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

A única faixa etária em que os resultados para homens e mulheres apresentam diferença é na de 7-14 anos, com os meninos favorecendo a concordância em terceira pessoa do plural, apresentando 0,811 de peso relativo, ao passo que as meninas, 0,633 de peso relativo. Mesmo assim, não é uma diferença tão saliente.

[...] os pesos relativos e os percentuais apontam para um aumento gradativo de concordância na medida em que se aumenta a escolarização para ambos os gêneros. A análise dos percentuais nos permite também observar que, no primeiro nível de escolarização, os homens apresentam aproximadamente 10 pontos percentuais a mais de concordância que as mulheres, sugerindo um suave favorecimento da norma de prestígio por parte dos homens. Novamente, se percebe influência da faixa etária neste fator, visto que é no ensino fundamental em que se situam todos os informantes de 7-14 anos.

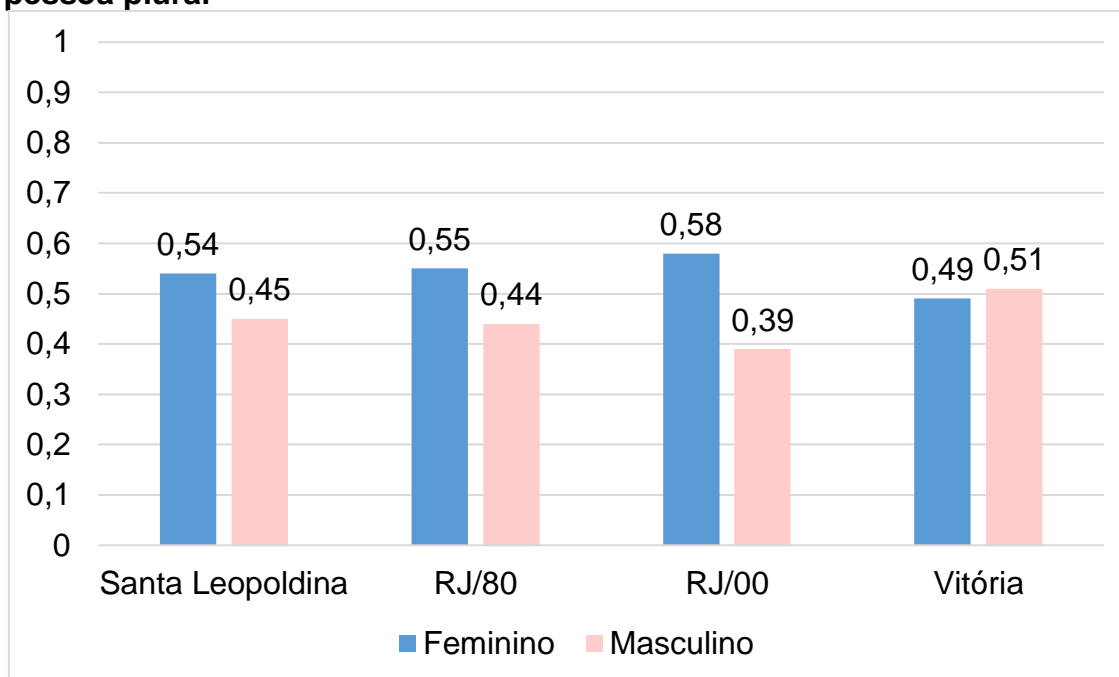
Sendo assim, Benfica (2016) aponta que o único contexto em que há uma contraposição com o postulado laboviano é na primeira faixa etária. Em seguida, a autora destaca que esse cenário pode ser produto do contexto da sociedade capixaba, na época da coleta da amostra em estudo – Portvix –, na qual era observado um grande êxodo de famílias à capital, em virtude da instalação de duas grandes indústrias, a saber Companhia Vale do Rio Doce e a Companhia Siderúrgica Tubarão (atual ArcelorMittal). A mão de obra requisitada por essas empresas era prioritariamente masculina, o que culminou em outras atribuições às mulheres, tais como afazeres domésticos e profissões, como professorado, comércio e empregadas domésticas.

Nas considerações de Benfica (2016), nesse contexto, a pressão social sobre os homens era muito maior, o que pode justificar o maior uso de formas prestigiadas por esses, a exemplo da concordância verbal de 3ª pp. Todavia, a autora reconhece que essa hipótese não esclarece na totalidade o comportamento da capital acerca do sexo, visto que não elucida os índices elevados da primeira faixa etária (07-14 anos).

É interessante apontar que esses resultados são intrigantes, pois são restritos à capital, haja vista que, na zona rural do estado, como em Santa Leopoldina, o comportamento homens e mulheres alinha-se ao postulado laboviano. O gráfico a seguir apresenta a analogia entre os pesos relativos observados em Santa Leopoldina, Rio de Janeiro e Vitória – vale frisar que, em Vitória, essa variável não foi selecionada, portanto Benfica (2016) apresenta peso relativo de uma

rodada não selecionada, em que constam os melhores índices em termos de significância estatística. Esclarecemos que as colunas em azul apresentam os resultados das mulheres, tal como as em rosa, os dos homens. Vejamos:

**Gráfico 7: Efeito da variável sexo em Santa Leopoldina<sup>81</sup>, Vitória, Rio de Janeiro (1980 e 2000), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**



Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Rio de Janeiro – acervo pessoal da professora Marta Scherre; Vitória – BENFICA (2016, p. 68).

Notamos que os resultados de Santa Leopoldina são muito similares aos do Rio de Janeiro, de 1980. Esse fato é muito interessante, pois, pensando de forma objetiva, os resultados leopoldinenses, a princípio, deveriam ser mais próximos dos do ano 2000, em virtude da data de coleta das amostras. Todavia, o falar leopoldinense aproxima-se mais do falar carioca da década de 1980. Nossa hipótese é a de que o fator industrialização alterou, em alguma medida, a cidade do Rio de Janeiro, mas não o município de Santa Leopoldina, em decorrência da estrutura organizacional rural dessa localidade.

Scherre e Naro (1998), ao analisarem dados de 1980, coletados no Rio de Janeiro, concluíram que os resultados são justificáveis pelo fato de as mulheres, “quebrarem’ menos regras sociais estabelecidas, sendo [portanto], em

<sup>81</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

particular, mais sensíveis às normas de prestígio” (p. 520 – adaptado). É válido destacar que, na concordância de número em sintagmas nominais, em Lopes (2014) e também nos dados atuais, como apresentaremos em 7.8, observa-se o mesmo comportamento linguístico na comunidade leopoldinense, ou seja, as mulheres indicam o favorecimento da marcação de plural em relação aos homens. Quantos aos pesos relativos de Vitória, nota-se que seguem a tendência probabilística observada nas percentagens, sendo os homens os que mais favorecem a marcação da concordância verbal de terceira pessoa, mesmo que com índices muito próximo aos das mulheres. Correlacionando os dados da zona rural leopoldinense aos das demais pesquisas realizadas com falantes de área rural – ressalvadas as metodologias particulares de composição das amostras, como discutido em 6.1 –, obtemos o seguinte panorama:

Vejamos os resultados dispostos na tabela 23:

**Tabela 23: Efeito da variável sexo em dados de Santa Leopoldina (esta pesquisa), Bandeiras Paulistas (Pereira, 2004), comunidades Afro-brasileiras (Lucchesi, Baxter e Silva, 2009) e Feira de Santana (Araújo, 2014), respectivamente, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural**

Fatores analisados	Santa Leopoldina <sup>82</sup>	Bandeiras Paulistas <sup>83</sup>	Afro-brasileiras <sup>84</sup>	Feira de Santana <sup>85</sup>
Feminino	0,54 <sup>86</sup>	0,57	0.45	0,56
Masculino	0,45	0,42	0,56	0,45
<i>Range</i>	09	15	11	11

Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Bandeiras Paulistas – PEREIRA (2004, p. 102); Afro-brasileira – LUCCHESI, BAXTER e SILVA (2009, p. 358); Feira de Santana - ARAÚJO (2014, p. 292).

<sup>82</sup> Lopes (2020): esta pesquisa.

<sup>83</sup> Pereira (2014): amostra constituída apenas por informantes com, em média, 78 anos. A autora destaca que a confiabilidade desses resultados é um tanto prejudicada, visto que, à exceção de uma informante, todas as demais são escolarizadas (01-04 anos de escolarização).

<sup>84</sup> Lucchesi, Baxter e Silva (2009): análise de três comunidades rurais afro-brasileiras no interior da Bahia, falantes com pouco ou nenhuma escolarização, com idade a partir de 20 anos.

<sup>85</sup> Araújo (2014): resultados da norma popular feirense, a qual conta com a colaboração de falantes da zona rural e urbana, com pouca escolaridade.

<sup>86</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.



Nos resultados apresentados na tabela 23, notamos que, entre as pesquisas em discussão, Santa Leopoldina é a que apresenta o *range* mais baixo, o que demonstra que, na zona rural leopoldinense, o efeito da variável sexo é menos restritivo do que nas demais comunidades. Observa-se ainda que os dados leopoldinenses seguem a mesma tendência percebida na trilha das Bandeiras Paulistas e na norma popular, de Feira de Santana, em Pereira (2004) e Araújo (2014), respectivamente. Nessas comunidades, as mulheres seguem liderando o processo de retenção da concordância. O inverso é observado nos dados das três comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia – Rio de Contas, Helvécia e Cinzento.

Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 358-9) justificam o resultado obtido nas comunidades afro-brasileiras, pontuando que

Nesse contexto, os resultados da variável sexo revelaram que os homens e as mulheres possuem papéis diferentes no cenário da vida rural. Como é comum acontecer na sociedade brasileira, a mulher assume uma posição doméstica, representando o elo entre o marido e os filhos. Quando solteira, a liberdade da mulher é mais restrita do que a do jovem solteiro. Isso produz um ciclo de contato menos amplo, propiciando maior influência do meio familiar. Quando casada, exerce uma dupla jornada, uma na roça e outra em casa, espaços legítimos da presença feminina. Além disso, são elas mais propensas ao contato religioso, às devoções e à preservação do culto. Todas essas características fazem, certamente, com que o comportamento feminino seja mais conservador do que o masculino. Esse conservadorismo manifesta-se até nos costumes e no tratamento com as pessoas.

[...]

Observa-se um cenário bem distinto daquele dos grandes centros urbano dos países industrializados, em que as mulheres lideram a mudança em direção à norma de prestígio (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 97-98), corroborando a visão de que o papel da mulher em relação à mudança linguística deve ser considerado em cada situação cultural e socio-histórica específica

Compreendemos e respeitamos o posicionamento dos linguistas, todavia não consideramos que este abarca totalmente a complexidade dos resultados observados nas comunidades afro-brasileiras estudadas. Conforme aponta Vieira (1997, p. 130), em citação já apresentada nesta tese e transcrita na nota de rodapé desta página<sup>87</sup>, determinar o caráter inovador ou conservador adotado

---

<sup>87</sup> “quando um estudioso estabelece que um dado traço é inovador ou conservador, que padrão linguístico está tomando como referência? Alguma norma está sendo privilegiada?” (VIEIRA, 1997, p. 130).

por um grupo de falantes pressupõe o estabelecimento de uma norma em *status* privilegiado. Sendo assim, como Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 356) muito bem pontuam “os mais velhos, por outro lado, tendem a apresentar um caráter conservador, especialmente as mulheres. Elas se inclinam a reproduzir os padrões da língua aprendida no círculo doméstico, espaço legítimo para a mulher da zona rural”.

Esclarecendo: o que nos inquieta é a afirmação de que há “um cenário *bem distinto* daquele dos grandes centros urbano dos países industrializados, em que *as mulheres lideram a mudança em direção à norma de prestígio*” (LUCCHESI, BAXTER e SILVA, 2009, p. 359, grifos nossos), haja vista que a norma prestigiada na comunidade pode ser a com menor índice de concordância. Isso é ratificado pelos índices gerais de concordância nas três comunidades, que operam entre 13% e 24% de marcação. Sendo assim, ao nosso ver, as mulheres afro-brasileiras atuam em conformidade, nos termos de Labov (2001), com a norma reconhecidamente prestigiada no interior da comunidade. Além disso, destacar que o cenário observado no interior da Bahia é “bem distinto dos grandes centros” é uma afirmação que deve ser ponderada, visto que essa mesma tendência fora percebida na capital do Espírito Santo, Vitória, por Benfica (2016), conforme já relatado.

Além disso, em Santa Leopoldina, também notamos que as atribuições sociais de homens e mulheres são bem delimitadas na comunidade. Os homens, como mencionado anteriormente, são responsáveis pelos serviços agrícolas e pela comercialização dos produtos na Ceasa (Central de Abastecimento do Espírito Santo), enquanto as mulheres gerem os afazeres domésticos e educação dos filhos, os quais estudam em um período diurno – matutino ou vespertino – e, no contraturno, auxiliam nas tarefas de casa. Entretanto, diferentemente dos resultados obtidos por Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 356), as mulheres leopoldinenses seguem favorecendo o uso da concordância verbal e nominal.

Neste ponto, citamos Lopes (2014, p. 107) que, ao realizar o cruzamento das variáveis sexo e faixa etária, acerca do estudo do fenômeno de concordância nominal no interior do sintagma nominal, em Santa Leopoldina, observou que as

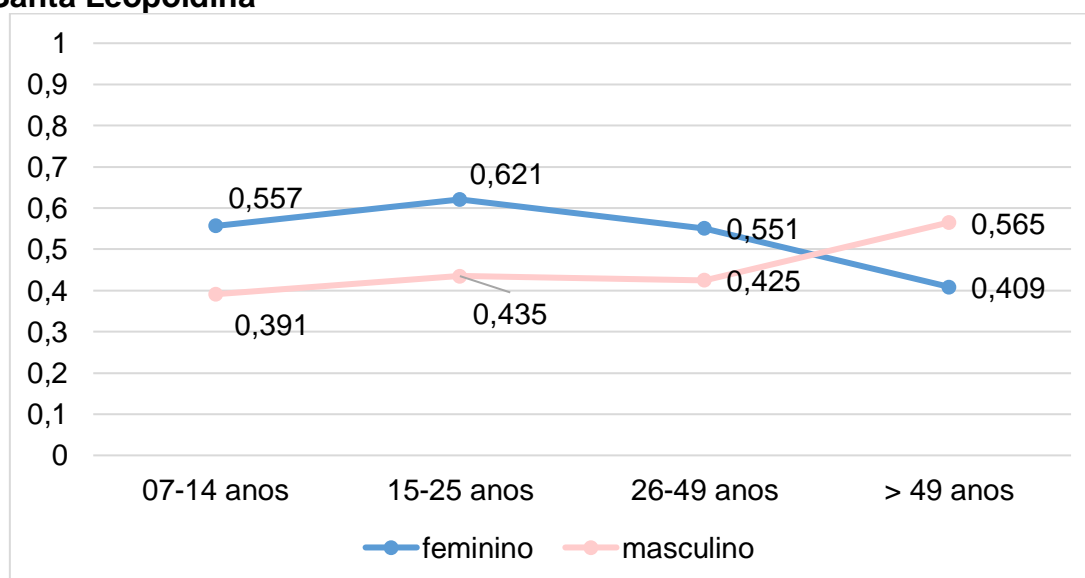
mulheres mais jovens, das duas primeiras faixas etárias (de 07-14 e 15-25 anos) lideram na região o aumento da marcação em sintagmas nominais. Na ocasião, a linguista pressupõe que

No período em que permanecemos em Santa Leopoldina para coleta de dados, percebemos que as mulheres têm mais acesso à mídia. Os meninos, por volta de seus 10 a 12 anos de idade, vão para a roça trabalhar com o pai, no contraturno escolar. As meninas, por outro lado, têm uma rotina restrita ao ambiente doméstico, em que têm acesso com maior facilidade ao rádio e à televisão. É comum em Santa Leopoldina ter um pequeno rádio na cozinha. As mulheres fazem seus afazeres domésticos ao som das emissoras de rádio.

(LOPES, 2014, p. 107-8)

Orientando-nos por essa hipótese, vejamos qual o comportamento do sexo do falante, em função da faixa etária, no que se refere à concordância verbal de 3ª pp, no gráfico 8:

**Gráfico 8: Efeito do cruzamento entre sexo e faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina**



Fonte: elaboração própria.

Notamos que, embora com índices diferentes, as três faixas etárias, tanto para os homens, quanto para as mulheres, seguem a mesma tendência. Assim, observamos que os falantes de 15-25 anos favorecem mais a concordância do que os de 07-14 e 26-49 anos; do mesmo modo, os informantes de 07-14 utilizam mais o plural do que os de 26-49 anos. A diferença no comportamento dos leopoldinenses encontra-se na quarta faixa etária: as mulheres acima de 49 anos

são as que mais desfavorecem a marcação da concordância, entre as falantes do sexo feminino; enquanto os homens acima de 49 anos são os que mais favorecem a marcação entre os voluntários do sexo masculino.

Esse comportamento alinha-se, parcialmente, com o observado por Lopes (2014, p. 105), acerca do fenômeno de concordância nominal na mesma amostra. Antecipando os dados da concordância nominal na amostragem atual, os quais contarão com uma reflexão mais elaborada no capítulo 7, apresentamos, na tabela a seguir, um paralelo entre concordância verbal e nominal. Nossa opção em dispor os dados atuais neste momento, anteriormente ao estudo da concordância nominal, deve-se ao fato de, em Lopes (2014), a convergência não ter sido obtida na etapa de análise que apresentava o cruzamento da faixa etária e sexo. Sendo assim, neste momento, refletiremos brevemente acerca desse cruzamento, de forma a ter em mente o paralelo entre os dois fenômenos sob análise (concordância verbal de terceira pessoa e nominal de número), visto que, no que se refere aos dados da concordância nominal, estes serão retomados em capítulo específico.

**Tabela 24: Efeito do cruzamento entre sexo e faixa etária nos processos de concordância verbal e nominal, na zona rural de Santa Leopoldina**

	Fatores analisados	Concordância Verbal		Concordância Nominal	
		Percentagem	P.R	Percentagem	P.R
<b>Feminino</b>	07-14 anos	212/363= 58,2%	0,557	802/1092= 73,3%	0,68
	15-25 anos	251/433= 58,0%	0,621	965/1261= 76,5%	0,75
	26-49 anos	208/403= 51,6%	0,551	774/1325= 58,4%	0,40
	>49 anos	181/407= 44,5%	0,409	625/1171= 53,4%	0,30
<b>Masculino</b>	07-14 anos	129/270= 47,8%	0,391	450/847= 53,1%	0,37
	15-25 anos	151/298= 50,7%	0,435	440/829= 53,1%	0,30
	26-49 anos	155/380= 40,8%	0,425	683/1132= 60,3%	0,48
	>49 anos	154/319= 48,3%	0,565	633/995= 63,6%	0,63
	<i>Total/Range</i>	1441/2873= 50,2%	23	5372/8652= 62,1%	45

Fonte: elaboração própria.

Primeiramente, quanto ao *range*, em ambos os fenômenos, notamos uma elevação considerável quando as duas variáveis sociais são cruzadas, em comparação com o efeito isolado do sexo. Na análise da concordância nominal, seja nos dados de Lopes (2014, p. 105 – com resultados sem convergência), seja nos dados atuais, o *range* do cruzamento é superior ao observado em variáveis linguísticas, a exemplo da animacidade e formalidade léxica dos substantivos. O mesmo não ocorre com a concordância verbal. Observamos que, na concordância verbal de terceira pessoa, mesmo o cruzamento entre duas variáveis sociais não supera o efeito das variáveis linguísticas analisadas isoladamente.

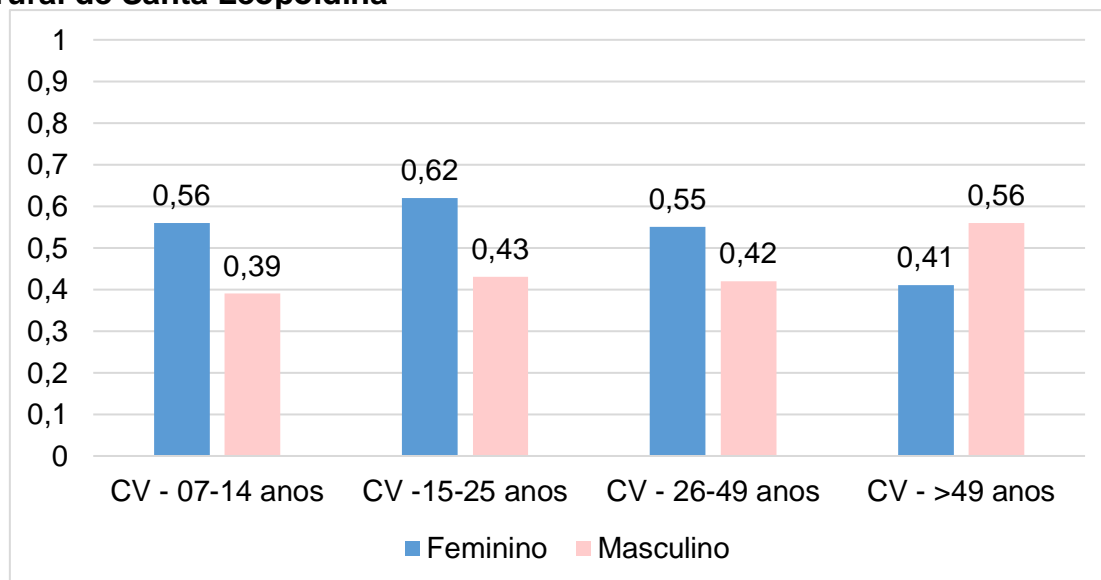
Isso atesta que o fenômeno da concordância nominal de número é mais afetado pelas variáveis sociais, se comparado ao processo de concordância verbal de terceira pessoa. Essa hipótese é confirmada pela seleção de todas as variáveis na análise da concordância nominal, quer linguísticas, quer sociais – tanto em Lopes (2014) quanto na pesquisa atual. Por outro lado, na verbal de terceira pessoa, enquanto todas as variáveis linguísticas são selecionadas pelo Goldvarb X, dentre as variáveis sociais, apenas o sexo é selecionado.

No que se refere às percentagens, percebemos tendência similar, em termos percentuais, entre homens e mulheres, quanto aos dois fenômenos. As mulheres apresentam maiores índices de concordância do que os homens nas duas primeiras faixas etárias, para ambos os processos variáveis. O que difere é que essa tendência permanece na terceira faixa etária, para a verbal, mas não para a nominal, haja vista que as mulheres leopoldinenses têm menores chances percentuais de retenção da marca de plural do que os homens nas duas últimas faixas etárias.

Esses resultados alinham-se, parcialmente, ao peso relativo. As mulheres das duas primeiras faixas etárias favorecem a concordância, seja nominal, seja verbal. Já os homens da terceira faixa etária favorecem mais a concordância nominal do que as mulheres, com uma tímida diferença – 0,459 mulheres e 0,480

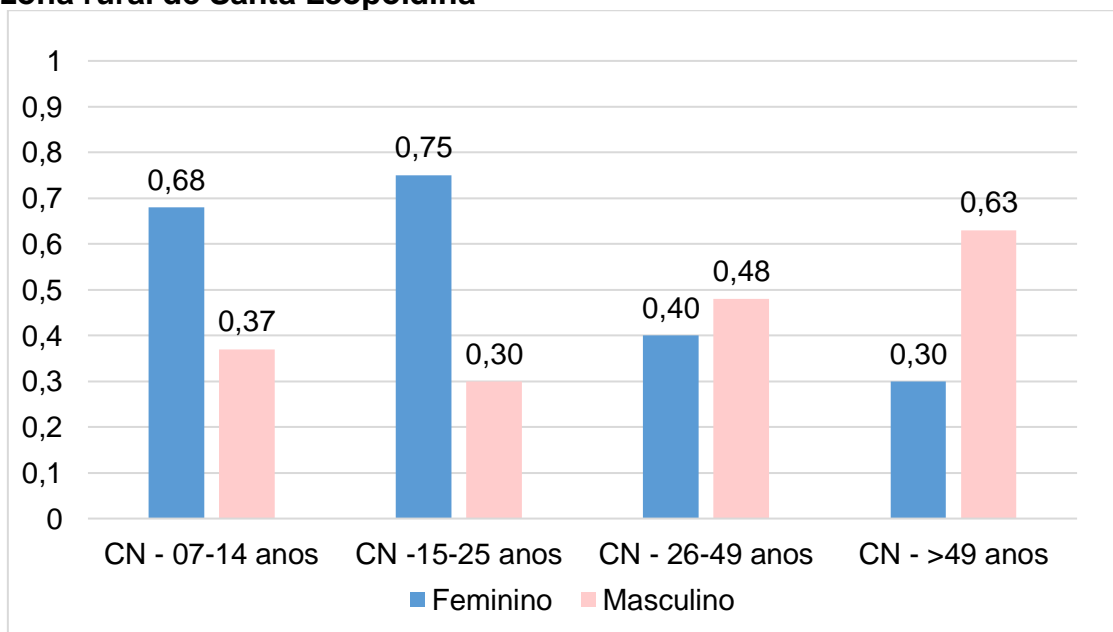
homens. Na faixa em idade acima de 49 anos, os homens favorecem mais os dois fenômenos do que as mulheres. Vejamos os gráficos 09 e 10 a seguir:

**Gráfico 9: Comparação dos efeitos do cruzamento sexo e faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina**



Fonte: elaboração própria.

**Gráfico 10: Comparação do efeito do cruzamento sexo e faixa etária, quanto ao fenômeno da concordância nominal no interior do sintagma nominal, na zona rural de Santa Leopoldina**



Fonte: elaboração própria.

No que se refere aos dados da concordância nominal, quanto aos homens da terceira e quarta faixas etárias, ratifica-se o pensamento de Lopes (p. 106) que atribui o aumento da concordância nominal pelos homens dessas idades (26-49 e acima de 49 anos) ao contato desses com a Grande Vitória, visto que são eles os responsáveis pela comercialização dos produtos na Ceasa. Além disso, os homens dessas faixas etárias, geralmente, têm mais contato com o externo da comunidade rural, mesmo os que não comercializam seus produtos na Ceasa. Isso porque são eles os responsáveis pela realização de tarefas fora da zona rural, como, por exemplo, serviços bancários e burocráticos diversos, o que torna necessário o contato com a área urbana leopoldinense por meio de idas a bancos, à prefeitura, enfim, ao centro de Santa Leopoldina (“rua”), e ainda são eles os que negociam os produtos agrícolas, mesmo que a comercialização não ocorra diretamente na Ceasa. Quanto à concordância verbal, notamos que os falantes homens da última faixa etária (acima de 49 anos) seguem essa mesma tendência de favorecer mais a concordância verbal do que as mulheres deste mesmo perfil. De todo modo, esse cenário indica que os homens leopoldinenses mais velhos são mais propensos à utilização da norma padrão do que as mulheres.

Entretanto, é válido destacar que, neste cruzamento, entre sexo e faixa etária, os valores do peso relativo conferidos a homens e mulheres são muito próximos. Sendo assim, seria interessante a realização de teste de significância para perceber se as diferenças entre os índices têm significância estatística, metodologia não adotada por nós neste momento. Além disso, outra metodologia relevante seria a realização de teste de atitude a fim de observar mais adequadamente a percepção do falante acerca de cada um desses fenômenos, o que também poderia propiciar uma reflexão quanto à diferença no comportamento dos homens de 26-49 anos, no que se refere à concordância nominal em relação à concordância verbal de terceira pessoa, todavia a utilização deste método não foi possível neste momento. Diante disso, sinalizamos que nossas considerações merecem um estudo futuro mais aprofundado, ao qual podem ser acrescentadas novas metodologias de análise.

A partir desses resultados, é possível inferir ainda que são as mulheres das duas primeiras faixas etárias as responsáveis pelo processo de mudança em direção ao aumento da concordância de número na comunidade leopoldinense – tanto no sintagma verbal, quanto no nominal. Essa configuração pode ser justificada pela hipótese de Lopes (2014, p. 107) acerca do maior acesso das mulheres à mídia, por meio de emissoras de televisão e estações de rádio, visto que a rotina dessas falantes é mais restrita ao ambiente doméstico.

Em resumo, podemos inferir que os fenômenos de concordância de número operam com a mesma tendência geral, em Santa Leopoldina, no que se refere à idade e ao sexo do falante. Percebemos que são as mulheres mais jovens as líderes no processo de mudança em direção ao aumento da concordância e os homens mais velhos os mais propensos à conservação da norma padrão na comunidade. Todavia, na terceira faixa etária, observamos um comportamento diferente. Atribuímos esse efeito às particularidades da comunidade, tendo em vista os papéis sociais delimitados que os falantes leopoldinenses assumem, conforme mencionado anteriormente.

Oportunamente, em linhas à frente, realizaremos cruzamento entre as demais variáveis sociais, a fim de observar, em função do sexo, a atuação de fatores não selecionados pelo programa na rodada geral. Destarte, retomaremos a discussão sobre a variável sob análise nesta seção.

## **6.7 Origem da entrevistadora**

A última variável selecionada pelo programa, com *range* equivalente a 14 pontos, foi a variável origem da entrevistadora. Como mencionado no capítulo 5, a amostra do português falado na zona rural de Santa Leopoldina é resultado dos esforços de Camila Candeias Foeger e de Lays de Oliveira Joel Lopes, orientadas, respectivamente, pelas professoras Lilian Coutinho Yacovenco e Maria Marta Pereira Scherre, no período de seus mestrados. A amostra, coletada entre 2011 e 2013, contou com a colaboração de 44 informantes.



Apesar de as entrevistadoras (Camila Candeias Foeger e de Lays de Oliveira Joel Lopes) partirem de um mesmo roteiro de perguntas, previamente elaborado, e tentarem adotar as mesmas técnicas na condução das entrevistas com os informantes, a partir das considerações de Labov (2008 [1972]), um fator não era possível de ser controlado: a origem das entrevistadoras. Camila é natural de Santa Leopoldina, foi criada na zona rural do município e morou no município até 2006 (na mesma casa em que seus pais vivem até hoje). Lays, por outro lado, nasceu em um hospital em Vila Velha, mas foi criada na periferia de Viana, um dos municípios da Grande Vitória. Essa particularidade das linguistas poderia influenciar a fala dos entrevistados, uma vez que uma era, reconhecidamente, da comunidade e a outra, considerada forasteira no local.

Nesse ponto, é válido destacar que nossas considerações se baseiam no pensamento de Bell (1984, 1997 e 2001), acerca do conceito de *audience design*. Bell (1984, 1997 e 2001) rememora que, em seu período de doutoramento, no final da década de 70, quando analisava o inglês falado em Nova Zelândia, notou alternância no estilo de um mesmo falante. O informante era locutor de rádio de duas estações neozelandesas, transmitidas de um mesmo estúdio: a rádio nacional da Nova Zelândia (YA), que contava com público ouvinte pertencente a classes mais altas; e a rádio comunitária (ZB) que possuía um público local, pertencente a classes sociais mais desfavorecidas (BELL, 1984, p. 171). O linguista concluiu, portanto, que a alternância de estilo do radialista era motivada pelo público-alvo com o qual o locutor pretendia interagir.

Diante disso, a partir da teoria da acomodação Gilles – que reflete sobre a tendência do falante de acomodar seu estilo de fala ao destinatário, na intenção de obter sua aprovação –, formulada por Howard, Bell (1984, 1997 e 2001) conjectura acerca da audiência *design*, no sentido de que a fala do falante opera como um resposta à audiência. Para Bell (1984, p. 159), os falantes projetam seu estilo para o público, o qual é composto por uma segunda pessoa, *addressee* (destinatário), ou seja, aquele ouvinte que é conhecido, ratificado e endereçado. Entretanto, pode haver terceiros, os quais também são considerados pelo palestrante: *auditors* (auditor) – interlocutores conhecidos e ratificados no grupo;

*overhearers* (ouvintes) – o locutor tem conhecimento da presença deles no grupo, mas esses não são participantes ratificados; *eavesdroppers* (bisbilhoteiros) – esses últimos têm presença desconhecida pelo locutor, seja intencionalmente, seja por acaso, assim, não são participantes desconhecidos e não ratificados.

Tendo em mente as reflexões bellianas e, considerando que nossa amostra conta com a colaboração de duas linguistas no papel de entrevistadora, embora não aprofundemos nossa análise no conceito estilístico de Bell (1984, 1997 e 2001), julgamos interessante controlar o efeito do interlocutor presente na entrevista, em especial, no que se refere à origem da entrevistadora. Vejamos os resultados dispostos na tabela seguinte:

**Tabela 25: Efeito da variável origem da entrevistadora, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Natural de Santa Leopoldina	882/1836= 48%	0,486
Natural da Grande Vitória	518/927= 55,9%	0,540
Presença das duas entrevistadoras	41/110= 37,3%	0,397
Total de dados analisados	1441/2873= 50,2%	
<i>Range</i>	14	

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 25, é possível observar que a categoria presença das duas entrevistadoras apresenta um total de apenas 110 ocorrências. Esses dados referem-se a um único falante – masculino, ensino fundamental 02, com idade acima de 49 anos – e representa uma entrevista em que ambas as entrevistadoras alternavam o turno das perguntas ao entrevistado. Notamos que este é o perfil que mais desfavorece a concordância, todavia compreendemos que não podemos estabelecer conclusões definitivas acerca dele, visto que são dados de um indivíduo apenas. Futuramente, pretendemos controlar a interação

do entrevistado a partir dos turnos de fala das entrevistadoras, com dois códigos distintos para cada uma das linguistas com quem a interação é realizada. A intenção é perceber se o informante altera o uso de concordância a depender de sua interlocutora, ou seja, da linguista leopoldinense e da vianense.

Interessante destacar que os resultados apresentados na tabela 25 foram retirados da etapa geral de análise, a qual contempla oito fatores na variável saliência fônica, nos termos de Naro (1981, p. 76). Na etapa de análise com seis níveis de saliência, a variável origem da entrevistadora não é selecionada, embora esteja muito próxima da seleção, no último nível de análise, visto que a rodada em que se insere apresenta nível de significância estatística de 0,051. Neste ponto, é válido rememorar as considerações de Guy e Zilles (2007, p. 165) a este respeito:

Ao assumir que existe pelo menos uma rodada nesse nível que tenha significância melhor que 0,05 (isto é, valor de significância menos do que esse critério, como 0,02 ou 0,01), o melhor valor é escolhido, e o grupo correspondente é mantido na análise no próximo nível.

Diante disso, optamos por realizar uma terceira etapa de análise retirando o fator presença das duas entrevistadoras, o que culminou na seleção da variável origem da entrevistadora pelo programa computacional. Nesta seção, optamos por utilizar a etapa geral de análise com oito fatores de saliência, a qual mantém a origem da entrevistadora com os três fatores em análise. Isso pelo fato de observarmos que, em termos das grandes tendências percebidas nesta tese, a etapa geral de análise e essa terceira etapa são muito semelhantes. Todavia, oportunamente, quando julgarmos necessário, apresentaremos resultados sem o fator presença das duas entrevistadoras. Nessas ocasiões, exporemos ao leitor as decisões metodológicas adotadas.

Os resultados indicam que os falantes entrevistados por Camila, ou seja, pela entrevistadora natural de Santa Leopoldina, desfavorecem mais a concordância verbal de 3ª pp do que os entrevistados por Lays, natural da Grande Vitória – isso tanto em termos percentuais, quanto em pesos relativos. Os voluntários que conversaram com Camila demonstram um índice de concordância verbal de 48%

(com peso relativo de 0,486), sendo assim, inferior à percentagem geral de concordância na comunidade, de 50,2%. Essa mesma tendência foi observada por Foeger (2014), com dados da concordância verbal de 1ª pp. Vejamos:

**Tabela 26: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso da concordância junto ao pronome *nós* no tempo presente, na zona rural de Santa Leopoldina/ES – em análise do fenômeno de 1ª pessoa do plural, quanto à alternância entre pronominal e à concordância verbal, por Foeger (2014)**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Percentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Natural de Santa Leopoldina	65/188= 34,6%	0,43
Natural da Grande Vitória	34/57= 59,6%	0,70
Total de dados analisados	99/245= 40,4%	

Fonte: FOEGER, 2014, p. 131, adaptado.

Os dados apresentados por Foeger (2014) foram extraídos da mesma amostra utilizada nesta tese. Todavia, em 2014, contávamos com a transcrição de 32 entrevistas, sendo que nossos informantes eram estratificados tal como na amostra atual, no que se refere ao sexo e à faixa etária. Entretanto, quanto à escolaridade, os voluntários possuíam ensino fundamental 01 e 02. Os resultados apontam que:

No que concerne à atuação da variável estilística interação com a entrevistadora, notamos que, quando a conversa é com a entrevistadora natural da Grande Vitória, a concordância é favorecida. Esse resultado aponta para a ausência de concordância como marca da comunidade local.

(FOEGER, 2014, p.131)

De acordo com Foeger (2014, p. 131), essa hipótese parece ser reforçada com o cruzamento dessa variável com a faixa etária, em que, na interação com a entrevistadora local, há um gradiente de perda de concordância.

Vejamos os dados de Foeger (2014, p. 131) na tabela a seguir:

**Tabela 27: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso da concordância junto ao pronome *nós* no tempo presente em Santa Leopoldina/ES – em análise do fenômeno de 1ª pessoa do plural, quanto à alternância entre pronominal e à concordância verbal, por Foeger (2014)**

Fatores analisados	Natural de Santa Leopoldina	Natural da Grande Vitória
7-14 anos	10/52= 19%	19/39= 49%
15-25 anos	16/75= 21%	Não há dados
26-49 anos	11/23= 48%	1/1=100%
>49 anos	28/38= 74%	14/17= 82%
Total de dados	65/188= 35%	34/57= 60%

Fonte: FOEGER, 2014, p. 131, adaptado.

No que se refere à atuação da forma *a gente*, Foeger (2014) observa que a interação com a entrevistadora da Grande Vitória favorece o uso de *a gente*, enquanto, com a de Santa Leopoldina, esse uso é desfavorecido. Na tabela seguinte, conforme resultados divulgados por Foeger (2014), percebemos que, quando há interação com a entrevistadora da Grande Vitória, os falantes leopoldinenses utilizam com maior frequência a forma *a gente*, considerada variante inovadora na comunidade. Tomemos nota dos dados apresentados na tabela a seguir:

**Tabela 28: Atuação da variável interação com a entrevistadora no uso de *a gente* em Santa Leopoldina/ES – em análise do fenômeno de 1ª pessoa do plural, quanto à alternância entre pronominal e à concordância verbal, por Foeger (2014)**

Fatores analisados	Porcentagem	Peso Relativo
Natural de Santa Leopoldina	703/1384= 50,8%	0,43
Natural da Grande Vitória	309/470= 65,7%	0,68
Total de dados analisados	1012/1854= 54,6%	

Fonte: FOEGER, 2014, p. 111 – adaptado.

Sendo assim, a linguista conclui que o uso do pronome *a gente* é mais acentuado em áreas urbanas. Em seguida, Foeger (2014) apresenta um interessante cruzamento entre a variável interação com a entrevistadora e a faixa etária. Vejamos:

**Tabela 29: Cruzamento do efeito das variáveis interação com a entrevistadora e faixa etária no uso de *a gente* na zona rural de Santa Leopoldina/ES – em análise do fenômeno de 1ª pessoa do plural, quanto à alternância entre pronominal e à concordância verbal, por Foeger (2014)**

Fatores analisados	Natural de Santa Leopoldina	Natural da Grande Vitória
7-14 anos	34/161= 21%	63/141= 45%
15-25 anos	155/397= 39%	Não há dados
26-49 anos	361/486= 74%	25/28= 89%
>49 anos	153/340= 45%	221/301= 73%
Total de dados	703/1384= 51%	309/470= 66%

Fonte: FOEGER, 2014, p. 111 – adaptado.

Foeger (2014, p. 111-2) destaca que:

Apesar de não haver um equilíbrio na distribuição de entrevistas feitas por cada pesquisadora de acordo com as faixas etárias, é possível notar algumas tendências. As faixas das extremidades são as que mais permitem comparações, pois a quantidade de dados não é muito díspar entre as entrevistadoras.

Verificamos que os mais jovens lideram o uso do pronome *nós*, sobretudo quando falam diante de quem é da localidade, com apenas 21% de *a gente*. Quando interagem com quem é de fora, aumentam o uso de *a gente* para 45%. Na faixa dos mais velhos, essa diferença entre as entrevistadoras é um pouco maior, de 28 pontos percentuais, com 45% de *a gente* na conversa com a entrevistadora natural de Santa Leopoldina e 73% com a entrevistadora da Grande Vitória. Na faixa de plena inserção no mercado de trabalho, 26 a 49 anos, a substituição de *nós* por *a gente* é feita com mais frequência, independentemente da pessoa com quem se está interagindo, mas ainda assim com um uso maior quando se interage com quem está mais distante da comunidade.

No que se refere ao uso discrepante da forma *a gente*, em função da interação com a entrevistadora, é válido destacar a configuração da coleta da amostra. Foeger (2014, p. 117) aponta um favorecimento do uso dessa forma pelas

meninas, na faixa etária de 07-14 anos. Verifica-se que os meninos, nessa mesma faixa etária, apresentam 13% de marcação (17/127 ocorrências), enquanto as meninas, 46% (80/175 ocorrências). Esse fator atraiu nossa atenção, pois, coincidentemente, das 06 meninas entrevistadas, entre 07-14 anos, 05 delas o foram pela pesquisadora da Grande Vitória. Enquanto, dos 05 meninos voluntários, na idade de 07-14 anos, 04 conversaram com a linguista natural de Santa Leopoldina. Isso nos faz refletir sobre a real motivação para o uso de *a gente* por esses entrevistados: se seria uma condição influenciada pelo sexo do informante ou se condicionada pelo seu interlocutor no momento da entrevista. Os atuais dados não nos permitem chegar a uma conclusão definitiva.

Quanto aos dados da faixa etária de 26-49 anos, notamos que há um aumento independentemente da origem da entrevistadora, conforme afirma Foeger (2014, p. 112). A linguista atribui esse aumento à integração do indivíduo ao mercado de trabalho. Entretanto, é válido destacar que, do total de 12 informantes dessa faixa etária, a pesquisadora da Grande Vitória conversou com 02 desses, sendo 01 do nível de escolaridade médio, ou seja, este último não fora contemplado pela análise de Foeger (2014), que na ocasião contava apenas com falantes do ensino fundamental 01 e 02. Diante disso, infere-se que o resultado de 89% de uso da variável “a gente” com a entrevistadora da zona urbana decorre de sua interação com um único indivíduo. Essa pontuação nos conduz a refletir se o índice percentual é reflexo da interação com a linguista forasteira ou refere-se a particularidades da vivência do próprio indivíduo.

Dessa forma, optamos por realizar cruzamentos entre as variáveis sociais e a origem da entrevistadora, de forma a observar o efeito da interação dessas variáveis no processo de concordância verbal de 3ª pp. Para tanto, realizamos três etapas de análise distintas: cruzamento 01 – origem da entrevistadora e sexo; cruzamento 02 – origem da entrevistadora e faixa etária; cruzamento 03 – origem da entrevistadora e escolaridade.

Nessas etapas, o total geral dos dados apresentados é inferior ao da rodada geral para a variável origem da entrevistadora, dispostos na tabela 25. Isso porque retiramos, da etapa de análise por meio dos cruzamentos, os dados da

entrevista coletada por ambas as entrevistadoras, haja vista que nossa intenção, neste momento, é justamente confrontar os índices de concordância obtidos pelos voluntários entrevistados pelas linguistas em separado. Além disso, como justificado acima, os resultados do fator presença das duas entrevistadoras pertencem a um único entrevistado, em uma única ocasião de contato com ambas entrevistadoras, o que inviabilizaria um estudo comparativo alinhado aos presentes objetivos. É válido esclarecer ainda que, nas análises dos cruzamentos, a variável saliência fônica conta com oito fatores em análise, tal como propõe Naro (1981, p. 76).

Antes de dispormos os resultados obtidos, algumas considerações devem ser apresentadas:

- ◁ Cruzamento 01 – origem da entrevistadora e sexo: o cruzamento é selecionado com significância estatística pelo Goldvarb X, no nível *step-up*, e é não eliminado no nível *step-down*. O mesmo ocorre com a variável social faixa etária. A este respeito, Guy e Zilles (2007, p. 166) afirmam:

Normalmente, o *step-up* e o *step-down* vão escolher os mesmos grupos de fatores significativos. Isto é, a lista os grupos incluídos (selecionados) no *step-up* será equivalente à lista de grupos não excluídos no *step-down*. Assim sendo, no final, a melhor rodada de cada procedimento será igual: a melhor análise do *step-up* incluirá exatamente os grupos que não foram excluídos pelo *step-down*.

Ressaltamos, contudo, que o cruzamento é a última variável selecionada pelo programa, com *range* em 14 pontos, o que aponta para uma tímida força de restrição desse grupo de fatores, em especial, ao considerarmos o *range* de outras variáveis, como o da saliência fônica, primeiro grupo selecionado, nesta etapa, com 70 pontos de *range*.

- ◁ Cruzamento 02 – origem da entrevistadora e faixa etária: nesta etapa de análise, os níveis *step-up* e *step-down* são complementares. Dessa maneira, todos os grupos selecionados no *step up* (sexo, saliência fônica, paralelismo linguístico, paralelismo oracional, posição e tipo do sujeito, cruzamento origem da entrevistadora e faixa etária) não são eliminados no *step down*. Em contrapartida, a variável não selecionada no *step-up* é eliminada no *step-down* (escolaridade).



- ◁ Cruzamento 03 – origem da entrevistadora e escolaridade: diferentemente das etapas de análise anteriores, o cruzamento entre origem da entrevistadora e escolaridade não apresenta resultados simétricos entre os níveis *step-up* e *step-down*. O cruzamento não foi selecionado no *step-up* e foi eliminado no *step-down*. Por outro lado, a variável faixa etária não foi selecionada no *step-up* e também não foi eliminada no *step-down*. É preciso destacar ainda que as variáveis escolaridade e a faixa etária não foram selecionadas na etapa geral de análise da concordância verbal, como veremos no item 6.8.

Nossa hipótese é a que as incongruências na etapa de análise do cruzamento entre origem da entrevistadora e escolaridade possam ser motivadas pelo desequilíbrio na organização da amostra, no que se refere à variável origem da entrevistadora. A este respeito, de acordo com Guy e Zilles (2007, p. 166),

[...] pode acontecer, raramente, que os dois lados da rotina não dêem os mesmos resultados, em que um grupo (ou até mais de um) é selecionado pelo *step up* e excluído pelo *step-down*, ou não é selecionado pelo *step-up* e não é excluído pelo *step-down*. Essa situação só ocorre quando se trata de uma análise complexa (com muitos grupos de fatores), e quando os grupos não são completamente ortogonais, em termos de distribuição de dados.

Além disso, conjecturamos que a não seleção do cruzamento das variáveis origem da entrevistadora e da escolaridade possa também se justificar pelo fato de a variável escolaridade não ter significância estatística na análise da amostra leopoldinense (acerca disso, refletiremos, oportunamente, na seção 6.8). Diante disso, na tabela a seguir, para o cruzamento 03, apresentamos os pesos relativos do nível *step-down* sinalizados entre colchetes.

Vejamos dos cruzamentos na tabela 30:

**Tabela 30: Efeito de cruzamento entre a origem da entrevistadora e variáveis sociais, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina**

<b>Cruzamento origem da entrevistadora e sexo</b>				
<b>Fatores analisados</b>	<b>De Santa Leopoldina</b>		<b>Da Grande Vitória</b>	
	<b>%</b>	<b>PR</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Feminino	514/1022= 50,3%	0,528	338/584= 57,9%	0,564
Masculino	368/814= 45,2%	0,420	180/343= 52,5%	0,500
Total de dados	1400/2763= 50,7%			
<i>Range</i>	14			
<b>Cruzamento origem da entrevistadora e faixa etária</b>				
<b>Fatores analisados</b>	<b>De Santa Leopoldina</b>		<b>Da Grande Vitória</b>	
	<b>%</b>	<b>PR</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
7-14 anos	116/284= 40,8%	0,360	225/349= 64,5%	0,619
15-25 anos	297/540= 55%	0,555	105/191= 55%	0,501
26-49 anos	298/654= 45,6%	0,479	65/129= 50,4%	0,511
>49 anos	171/358= 47,8%	0,475	123/258= 47,7%	0,459
Total de dados	1400/2763= 50,7%			
<i>Range</i>	26			
<b>Cruzamento origem da entrevistadora e escolaridade</b>				
<b>Fatores analisados</b>	<b>De Santa Leopoldina</b>		<b>Da Grande Vitória</b>	
	<b>%</b>	<b>PR</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Ensino Fundamental 1	402/845= 47,6%	[0,510]	80/135= 59,3%	[0,596]
Ensino Fundamental 2	318/674= 47,2%	[0,411]	292/533= 54,8%	[0,586]
Ensino Médio	162/317= 51,1%	[0,524]	146/259= 56,4%	[0,444]
Total de dados	1400/2763= 50,7%			
<i>Range</i>	19			

Fonte: elaboração própria.

Os resultados dos cruzamentos apresentam resultados interessantes.

- a) Cruzamento origem da entrevistadora e sexo: os resultados deste cruzamento apontam que as mulheres favorecem mais a aplicação da regra de concordância, em relação aos homens, independentemente de sua interlocutora. As mulheres entrevistadas pela linguista natural de Santa Leopoldina apresentam índices de 0,528, enquanto as entrevistadas pela linguista da Grande Vitória apresentam 0,564 de peso relativo. Paralelamente a esses resultados, os homens entrevistados pela leopoldinense apresentam 0,420, enquanto os homens entrevistados pela linguista externa à comunidade indicam 0,500. Comparando os informantes que conversaram com Camila (de Santa Leopoldina) e com Lays (da Grande Vitória), notamos que ambos os sexos utilizam mais a concordância com a entrevistadora da Grande Vitória. É interessante pontuar que a diferença é reduzida entre as mulheres. Nesse perfil, embora a quantidade de dados seja muito discrepante, o número de informante é aproximado. Camila conversou com 14 mulheres, enquanto Lays, com 09. Isso culmina em resultados, em termos de peso relativo, mais próximos, 0,528 e 0,564, respectivamente. Por outro lado, do total de 21 homens participantes da amostragem, Camila entrevistou 15 homens, enquanto Lays, 05 homens (e 01 homem foi entrevistado por ambas entrevistadoras conjuntamente).
- b) Cruzamento origem da entrevistadora e faixa etária: esta rodada apresentou resultados mais equilibrados. Os informantes de 07-14 (0,619) e 26-49 anos (0,511), entrevistados por Lays, utilizam mais a concordância verbal de terceira pessoa do que esses mesmos perfis ao serem entrevistados por Camila (com 0,360 e 0,479). Assim como, a segunda (0,555) e a quarta (0,475) faixas etárias, ou seja, de 15-25 e >49 anos, entrevistadas por Camila, retêm mais a marca do que esses mesmos perfis ao serem entrevistados por Lays (com 0,501 e 0,459). É importante destacar que todos os 03 informantes (entre 15-25 anos) que conversaram com a linguista da Grande Vitória possuíam ensino médio. Entre os voluntários com esse perfil entrevistados pela pesquisadora de Santa Leopoldina – 09 informantes –, a escolaridade variava entre os três níveis de escolaridade. Analisando a hierarquia de pesos relativos interna

a este cruzamento, podemos afirmar que o comportamento mais discrepante, em função da origem da entrevistadora, ocorre na primeira faixa etária. Notamos que os informantes entrevistados por Lays (entre 07-14 anos) favorecem a concordância (0,619), enquanto os demais apresentam índices intermediários que apontam para um desfavorecimento da concordância (com 0,501 de 15-25; 0,511 de 26-49; 0,459 acima de 49 anos). Em contrapartida, os informantes de 07-14 anos, entrevistados por Camila, desfavorecem a concordância com 0,360 de peso relativo, enquanto os demais voluntários que interagem com ela apontam para um leve favorecimento (0,555 de 15-25 anos) e efeitos intermediários com leve desfavorecimento (0,479 de 26-49 e com 0,475 acima de 49 anos).

- c) Cruzamento origem da entrevistadora e escolaridade: acerca dos resultados deste cruzamento, não podemos apresentar conjecturas, pois os dados não apresentam significância estatística. Quanto aos falantes do ensino médio: Lays entrevistou 04 informantes (02 do sexo feminino, 02 do sexo masculino; 03 entre 15-25 anos, 01 [mulher] entre 26-49 anos); enquanto Camila entrevistou 05 informantes (03 do sexo feminino, 02 sexo masculino; 01 [mulher] entre 15-25 anos, 03 entre 26-49 anos, e 01 [mulher] acima de 49 anos). A nosso ver, este perfil aponta para o desequilíbrio da organização da amostra, em especial no que se refere à escolaridade e faixa etária. Notamos que, dos quatro informantes entre 15-25 anos com ensino médio, Lays entrevista 03 e Camila apenas 01; por outro lado, dos 04 voluntários entre 26-49 anos com ensino médio, Camila interage com 03 e Lays com apenas 01. Além disso, a não seleção desse cruzamento não nos surpreende, pois, na etapa de análise geral, a variável escolaridade não é selecionada com significância estatística, desde o nível um, que apresenta “rodadas em que são usados o valor do *input* e um só grupo de fatores de cada vez. [...] De todas essas rodadas, escolhe-se o melhor grupo de fatores, em termos de significância”, nos termos de Guy e Zilles (2007, p. 165 – adaptado). Nossa hipótese é a de que, em Santa Leopoldina, por ser uma comunidade rural, a escolaridade não tenha a mesma valoração que possui nas áreas urbanas. Por exemplo, em Santa Leopoldina, as funções das pessoas na sociedade

não são, necessariamente, determinadas pela escolaridade que possuem. Embora, tenhamos moradores da área rural que trabalhem como merendeiras e serventes, a maioria dos habitantes da zona rural dedica-se a serviços agrícolas. As funções são muito mais delimitadas pelo sexo do falante do que pela sua escolaridade. Ou seja, as mulheres dedicam-se aos afazeres domésticos, enquanto os homens, aos serviços laborais agrícolas e comercialização de produtos na Ceasa. A esse respeito argumentaremos na seção 6.8, que trata das variáveis não selecionadas pelo Goldvarb X, na etapa geral de análise (escolaridade e faixa etária).

Em resumo, os cruzamentos 01 e 02, que dispõem de significância estatística, permitem-nos concluir que a interação com a entrevistadora da área urbana favorece a marcação da concordância verbal de terceira pessoa. Esses resultados ratificam a observação de Foeger (2014), quanto aos dados da concordância verbal de primeira pessoa e o uso de “a gente” – esta última considerada por Foeger (2014) como variante inovadora importada da área urbana. Todavia, a discussão aqui proposta visa sinalizar que estes dados requerem uma análise cuidadosa e despida de cunho generalizante dado o desequilíbrio da amostra.

## **6.8 Variáveis não selecionadas pelo programa**

### **6.8.1 Faixa etária**

A variável faixa etária não foi selecionada pelo programa Goldvarb X. Sendo assim, é possível perceber apenas a exposição à frequência relativa dos dados.

Vejamos a disposição dos resultados na tabela:

**Tabela 31: Efeito da variável faixa etária na concordância verbal de 3ª pessoa, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>88</sup>**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Porcentagem</b>
07-14 anos	341/633= 53,9%
15-25 anos	402/731= 55,0%
26-49 anos	363/783= 46,4%
Acima de 49 anos	335/726= 46,1%
Total de dados analisados	1441/2873= 50,2%

Fonte: elaboração própria.

Com base na tabela 31, notamos que há uma distribuição equilibrada dos dados, quanto ao quantitativo de dados coletados em cada uma das faixas etárias. O percentual de concordância de cada faixa etária é próximo à frequência geral de marcação na comunidade. Diante disso, observamos um comportamento, aparentemente, regular, indiferente à diferenciação da idade dos falantes. Esse fator pode ter motivado a não seleção da variável em análise.

Isso porque, frisamos, essas pequenas diferenças percentuais não foram consideradas estatisticamente significativas na etapa de análise geral. A faixa etária é apta à seleção nos quatro primeiros níveis de análise, no *step-up*: no nível 01 – com significância estatística de 0,000; posteriormente na interação com a saliência fônica e paralelismo oracional, nos níveis 02 e 03, permanece com 0,000 de significância; no nível 04, na interação com posição e tipo do sujeito, apresenta significância em 0,002. No nível 05, em interação com o paralelismo discursivo, mostra-se inapta à seleção com significância de 0,086. A entrada da variável sexo, no nível 06, afasta-se ainda mais da possibilidade, com significância de 0,132. No último nível, em interação com a origem da entrevistadora, a significância apresenta-se em 0,147, o que, novamente, inviabiliza a seleção da faixa etária.

<sup>88</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

Na seção 6.6, apresentada anteriormente, dispusemos um cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária, motivado a partir da discussão acerca dos papéis sociais que mulheres e homens exercem na comunidade, em função da idade do falante. Oportunamente, realizaremos novos cruzamentos entre as variáveis sociais, com o intuito de esclarecer a não seleção da faixa etária pelo Goldvarb X.

### 6.8.2 Escolaridade

A princípio, a não seleção da variável “escolaridade” gerou surpresa, considerando que a ausência de concordância, tanto verbal quanto nominal, é um fenômeno estigmatizado. Sendo assim, a hipótese inicial supunha que o uso da concordância verbal se elevaria proporcionalmente ao aumento da escolarização do falante. Em Lopes (2014), que analisou a concordância nominal nesta mesma amostra, conforme já mencionado, a variável escolaridade fora selecionada. A este respeito, Naro e Scherre (2015, p. 158) destacam que:

O CV é mais “democrático” que o CN. O CV permite mais facilmente o movimento na direção das formas de prestígio de linguagem padrão, independentemente do aumento da exposição à escolaridade, enquanto o CN é menos “democrático”, porque impõe uma maior separação entre indivíduos com e sem maior escolaridade.

(NARO E SCHERRE, 2015, p. 158 – tradução livre)

Vejamos a disposição dos dados na tabela seguinte:

**Tabela 32: Efeito da variável escolaridade na concordância verbal de 3ª pessoa, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>89</sup>**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Porcentagem</b>
Ensino Fundamental 01	482/980= 49,2%%
Ensino Fundamental 02	651/1317= 49,4%
Ensino Médio	308/576= 53,5%
Total de dados analisados	1441/2873= 50,2%

<sup>89</sup> Dados retirados da rodada geral, constante no anexo E.

Fonte: elaboração própria.

Diante desses resultados, ou seja, sem a seleção do grupo escolaridade pelo Goldvarb X, realizou-se uma rodada com os perfis “ensino fundamental 01” e “ensino fundamental 2” agrupados. Todavia, mesmo com essa nova organização dos dados, a variável não foi selecionada pelo programa com significância estatística. Como pode ser observado na tabela 32, as disposições dos dados assemelham-se ao ocorrido com a variável faixa etária: a percentagem de marcação aproxima-se da percentagem global de marcação. Entretanto, diferentemente da faixa etária, a variável escolaridade mostra-se apta à seleção em nenhum dos níveis de análise do *step-up*. Já no nível 01, na análise isolada das variáveis, a significância estatística da escolaridade é de 0,204. Posteriormente, na interação com as demais variáveis, esse cenário não é alterado, permanecendo, portanto, inapta à seleção. Sendo assim, entende-se que o nível de escolaridade do falante não é preponderante como critério para aumento da concordância verbal.

Refletindo paralelamente acerca dos fenômenos de concordância verbal e nominal realizados em Santa Leopoldina, frisamos, compreendemos que a configuração dos resultados leopoldinenses corrobora a hipótese de Naro e Scherre (2015, p. 158). Além disso, nossa hipótese é a de que esses resultados sejam motivados pela organização social da comunidade rural leopoldinense, uma vez que o nível de escolaridade do indivíduo na zona rural não determina a função que este irá exercer na comunidade. Isso difere do que ocorre na área urbana: na Grande Vitória, o nível de instrução do cidadão, possivelmente, delimitará sua área de atuação profissional, por exemplo. As funções e os cargos, nos quais o falante se insere, é determinada pelo seu grau de escolaridade. Na área rural, isso não ocorre. Independentemente do nível de instrução das mulheres, elas, muito provavelmente, serão donas de casa, merendeiras ou funções afins. Enquanto os homens, tendo ensino fundamental ou médio, serão responsáveis pelos serviços agrícolas e pela comercialização dos produtos na Ceasa. Essa delimitação clara do papel social do indivíduo, em função, primeiramente, do sexo, pode justificar a seleção de uma variável (sexo) e não de outra (escolaridade).



## 6.9 Cruzamentos – variáveis sociais

Diante das considerações apresentadas nos itens 6.8.1 e 6.8.2, realizamos duas novas rodadas de cruzamento entre as variáveis sociais: (i) escolaridade e sexo e (ii) faixa etária e escolaridade. Como poderá ser observado na tabela 33, no cruzamento entre escolaridade e faixa etária, a variável resultante da junção dessas não foi selecionada pelo Goldvarb X como dotada de significância estatística. Isso ratifica as considerações apresentadas no item 6.8, visto que ambas, analisadas independentemente, também não foram selecionadas pelo programa.

As percentagens não permitem delimitar um cenário em que o índice de concordância se eleve em função da escolaridade/faixa etária. Observamos que, embora os falantes do ensino médio utilizem mais a concordância de verbal de 3ª pp, em termos percentuais, em quase todas as faixas etárias (15-25 e 26-49 anos), os informantes com ensino fundamental 01 marcam mais o plural que os do fundamental 02, em quase todos os perfis (15-25, 26-49 e > 49 anos). É válido retomar nossa hipótese de que haveria um processo de mudança em direção ao aumento da concordância diretamente proporcional ao aumento da escolaridade, como destacado no item 6.8.2. Todavia, os resultados ratificam a assertiva de que a escolaridade, na zona rural, deve ser percebida de maneira distinta da que observamos na área urbana. Vejamos:

**Tabela 33: Efeito do cruzamento entre variáveis sociais, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina**

(continua)

<b>Cruzamento entre escolaridade e faixa etária</b>			
<b>Fatores analisados</b>	<b>Fund. 1</b>	<b>Fund. 2</b>	<b>Médio</b>
	%	%	%
7-14 anos	120/245= 49%	221/388= 57%	-----
15-25 anos	64/115= 55,7%	181/355= 51%	157/261= 60,2%
26-49 anos	156/336= 46,4%	85/206= 41,3%	122/241= 50,6%

**Tabela 33: Efeito do cruzamento entre variáveis sociais, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na zona rural de Santa Leopoldina**

**(conclusão)**

<b>Cruzamento entre escolaridade e faixa etária</b>						
<b>Fatores analisados</b>	<b>Fund. 1</b>		<b>Fund. 2</b>		<b>Médio</b>	
	<b>%</b>		<b>%</b>		<b>%</b>	
>49 anos	142/284=	50%	164/368=	44,6%	29/74=	39,2%
Total de dados	1441/2873= 50,2%					
<b>Cruzamento entre escolaridade e sexo</b>						
<b>Fatores analisados</b>	<b>Fund. 1</b>		<b>Fund. 2</b>		<b>Médio</b>	
	<b>%</b>	<b>PR</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Feminino	258/504 = 51,2%	0,539	415/780 = 53,2%	0,549	179/322 = 55,6%	0,552
Masculino	224/476 = 47,1%	0,465	236/537 = 43,9%	0,403	129/254 = 50,8%	0,480
Total de dados	1441/2873= 50,2%					

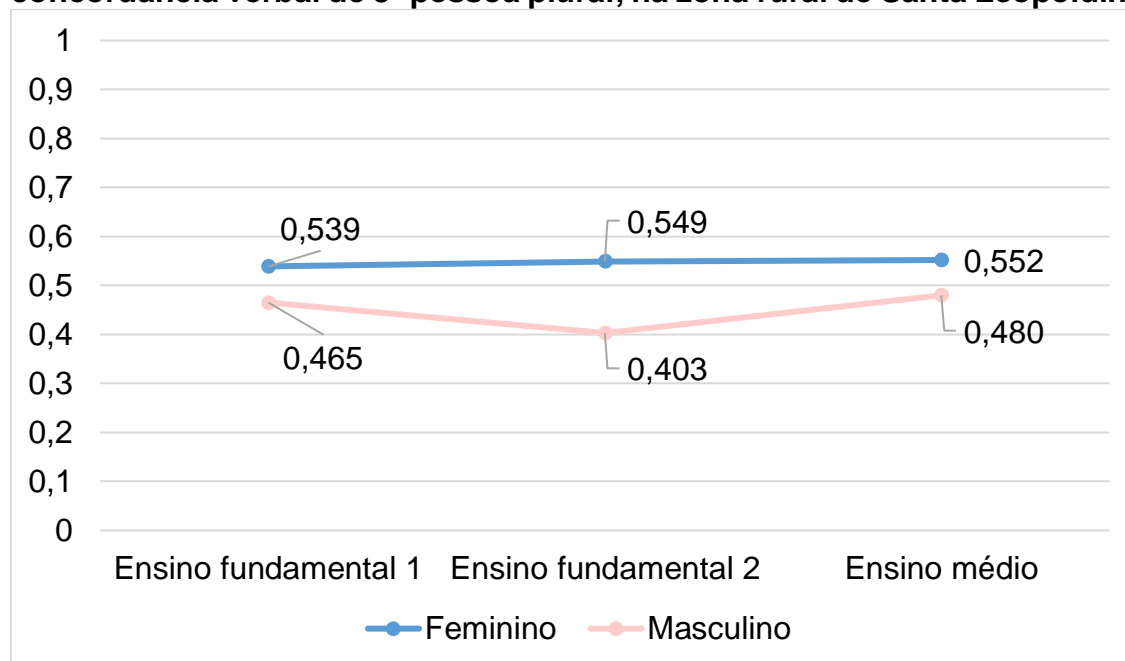
Fonte: elaboração própria.

No item 6.1, sinalizamos que a amostra de Pereira (2004) apresenta um índice de 24% de marcação, sendo que os informantes da amostra contam com idade aproximada de 78 anos e são analfabetos ou semiescolarizados. Considerando os dados da tabela 33, percebemos que os perfis mais comparáveis com os dados de Pereira (2004) são os dos falantes acima de 49 anos que cursaram apenas o ensino fundamental 01. Notamos ainda que esses falantes apresentam um índice de marcação muito próximo ao geral, de 50%. Sendo assim, concluímos que há um comportamento diferente entre os indivíduos da zona rural da Rota dos Bandeirantes – que abrange os estados de Minas Gerais e São Paulo – conforme aponta Pereira (2004) – e os da área rural capixaba – especificamente, em Santa Leopoldina.

Quanto ao resultado do cruzamento entre escolaridade e sexo, concluímos que este ratifica as considerações do item 6.6. Como poderá ser constatado no gráfico a seguir, independentemente da escolaridade do falante, as mulheres

favorecem a concordância. Vejamos os resultados do peso relativo, apresentados no gráfico a seguir.

**Gráfico 11: Cruzamento entre escolaridade e sexo, quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural, na zona rural de Santa Leopoldina**



Fonte: elaboração própria.

Por meio desses dados, inferimos que o comportamento das mulheres se mostra mais equilibrado, em função da escolaridade, embora haja um tímido movimento de mudança em direção ao aumento da concordância proporcional ao aumento da escolaridade. Entre os homens, por outro lado, não há uma influência clara da escolaridade, visto que há um decréscimo dos índices do fundamental 01 para o 02 e um aumento de marcação entre do fundamental 02 e o médio. Por certo, observa-se que os falantes do ensino médio favorecem mais a concordância que os falantes do fundamental 01 e 02, entretanto não há uma discrepância acentuada entre as extremidades do gráfico, visto que os pesos relativos do fundamental 01 e médio são muito similares – 0,465 e 0,480, respectivamente.

Conforme mencionado no item 6.1, os resultados de Araújo (2014), a princípio, não eram comparáveis aos leopoldinenses, pois apresentam apenas informantes pouco escolarizados. Todavia, a partir dos cruzamentos realizados, podemos ter um vislumbre das similaridades entre as duas amostras. Vejamos:

**Tabela 34: Comparação entre a variável sexo, Santa Leopoldina – esta pesquisa – e norma popular de Feira de Santana – Araújo (2014), quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural**

Fatores analisados	Santa Leopoldina <sup>90</sup>		Feira de Santana	
	%	PR	%	PR
Feminino	258/504= 51,2%	0,54	180/640= 28,1%	0,56
Masculino	224/476= 47,1%	0,46	141/670= 21%	0,45
Total/Range	482/980= 49,2%	08	321/1310= 24,5%	11

Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Feira de Santana – ARAÚJO (2014, p. 292).

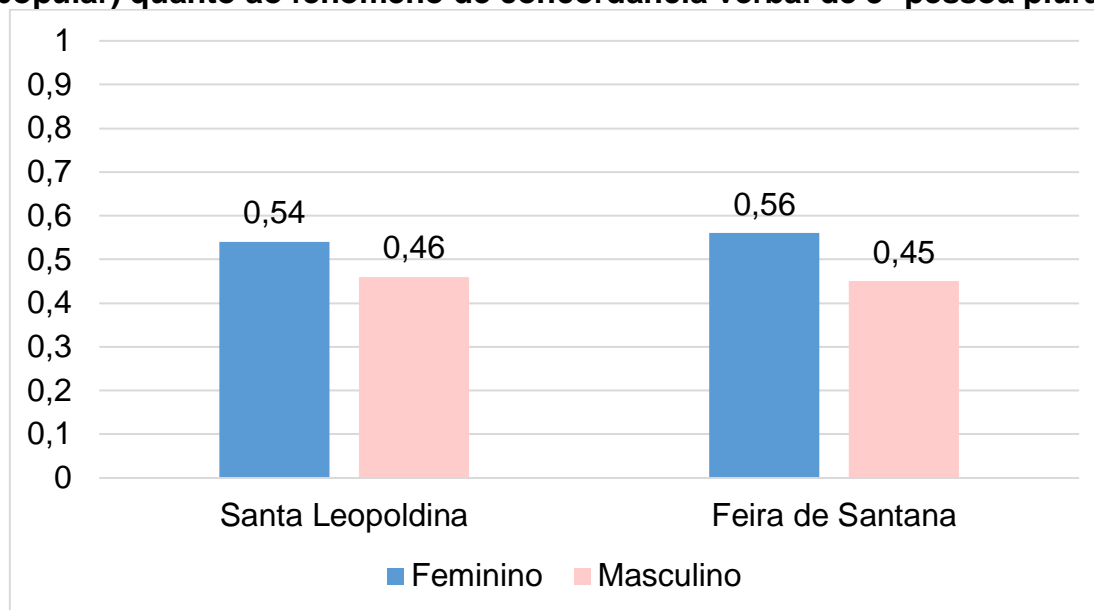
Os dados leopoldinenses, apresentados na tabela 34, foram recortados da rodada de cruzamento entre sexo e escolaridade, dispostos na tabela 33, e contemplam apenas indivíduos do ensino fundamental 01. Os resultados de Araújo (2014) foram extraídos da amostra assumida pela linguista como “norma popular feirense”, ou seja, diz respeito à fala de informantes da zona rural e também urbana com pouca escolarização.

Em termos percentuais, os índices de marcação leopoldinenses são superiores ao da norma popular feirense, no que diz respeito à taxa geral de concordância – 49,2%, para Santa Leopoldina, e 24,5%, para os falantes da norma popular feirense. Essa tendência também permanece na análise percentual, em função do sexo do falante, haja vista que as mulheres leopoldinenses apresentam índices de 51,2% de concordância, enquanto as feirenses 28,1%. O mesmo é observado entre os homens, que apontam 47,1% e 21% de concordância verbal de 3ª pp, para leopoldinenses e feirenses, respectivamente. Todavia, quanto aos pesos relativos, observa-se um efeito muito similar entre as amostras.

Vejamos os resultados apresentados no gráfico 12:

<sup>90</sup> Dados retirados da rodada de cruzamento entre sexo e escolaridade. Esses resultados referem-se aos informantes menos escolarizados de nossa amostra, ou seja, com ensino fundamental 01.

**Gráfico 12: Comparação entre Santa Leopoldina e Feira de Santa (norma popular) quanto ao fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa plural**



Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Feira de Santana – ARAÚJO (2014, p. 292).

Quanto aos dados da norma popular feirense, Araújo (2014, p. 292-3) infere que:

Nesse sentido, saliente-se que a hipótese que foi levantada neste estudo (cf. subseção 5.4.5) partia da premissa de que seriam os homens, na norma popular, que favoreceriam o uso da variante padrão. [...]

Contudo, a hipótese não foi comprovada, pois, diante dos resultados fornecidos pelo programa estatístico, fica entendido que as mulheres estão à frente no que concerne a implantação das marcas de concordância de número na comunidade de fala de Feira de Santana. Saliente-se ainda que isto ocorre em todas as subamostras da fala popular considerada, inclusive, no que concerne aos dados da zona rural (a qual apresentou uma frequência geral da regra padrão com percentual de 21.6%, sendo 19.3% entre os homens e 23.1% entre as mulheres).

A propósito disso, julga-se que o fato de Feira de Santana ser uma cidade onde tanto os homens quanto as mulheres têm oportunidades de adquirir as formas linguísticas prestigiadas – já que estão ambos atuando no mercado de trabalho, buscando qualificar-se em termos de escolarização e interagindo em diversas redes sociais –, explica a atuação das mulheres no favorecimento das regras prototípicas do uso culto; ao contrário do que se dá em comunidades rurais ou em comunidades onde as mulheres ficam mais circunscritas ao ambiente doméstico.

E acrescenta que:

Assim, a realidade vislumbrada por meio dos resultados da variável Sexo do informante (bem como da pesquisa de cunho sócio-histórico-demográfico realizada para este estudo e exposta no Capítulo 3),

permite afirmar que Feira de Santana vem, de fato, passando por profundas alterações em sua dinâmica social, deixando para trás uma série de características que o vinculavam a uma pequena cidade com característica eminentemente rurais. Portanto, ainda que persista o hiato entre a fala culta e a popular na comunidade feirense, já se constata resultados linguísticos que a vinculam como próxima a cidades com características urbanizadas/modernizadas, onde as mulheres têm condições de adquirir formas padrão, inclusive favorecendo mais do que os homens tal uso.

(ARAÚJO, 2014, p. 293)

Considerando a hipótese de Araújo (2014, p. 292-3), percebemos que a linguista atribui o maior índice de concordância das mulheres feirenses à atuação dessas no mercado de trabalho, tanto quanto os homens. Todavia, em Santa Leopoldina, essa hipótese não é aplicável, visto que as mulheres têm uma rotina restrita ao ambiente rural leopoldinense. Sendo assim, concluímos que, aparentemente, por razões distintas, o mesmo comportamento manifesta-se em Feira de Santana e Santa Leopoldina.

É, no entanto, válido frisar a nossa hipótese de que os índices de marcação das mulheres sejam influenciados pelo seu acesso à mídia – segundo Araújo (2014, p. 223), essa hipótese não foi levantada para os dados feirense, pois essa questão não foi controlada regularmente no momento da aquisição da amostra. Quanto aos índices da faixa etária, entre leopoldinenses e feirenses, não é possível estabelecer uma comparação, visto que a metodologia adotada para estratificação dos falantes das amostras leopoldinenses e feirenses<sup>91</sup> é diferente.

Em resumo, podemos apontar que as mulheres leopoldinenses lideram o processo de mudança em direção ao aumento da concordância verbal de terceira pessoa, como esclareceram os cruzamentos realizados. Vejamos se essa premissa se aplica aos dados de concordância nominal, analisados a partir do capítulo 7.

---

<sup>91</sup> Rememoramos, em Araújo (2014), os falantes são estratificados em: faixa I – 25 a 35 anos, faixa II – 45 a 55 anos e faixa III – acima de 65 anos.

## 7. ANÁLISE DE DADOS – CONCORDÂNCIA NOMINAL

Estudos acerca da concordância nominal de número remontam da década de 1970, com a publicação da pesquisa de Scherre e Braga (1976). Posteriormente, conforme mencionado no capítulo 3, o tema é explorado minuciosamente por Scherre (1988), o que proporciona ainda hoje o *status* de obra-referência para o estudo do fenômeno.

No estado do Espírito Santo, a pesquisa sobre o número no sintagma nominal iniciou-se com o trabalho de conclusão de curso de Silva (2011). Na ocasião, a linguista controlou um total de 43 entrevistas<sup>92</sup> oriundas da amostra PortVix, a qual conta com o voluntariado de 46 informantes moradores da zona urbana de Vitória. Em 2012, ao ingressar no mestrado, esta pesquisadora observa que o estudo desse fenômeno necessita ser mais explorado<sup>93</sup>. Isso porque, considerando as particularidades de cada município do estado do Espírito Santo, os resultados observados por Silva (2011) poderiam não abarcar a fala capixaba como um todo, em especial no que se refere às comunidades interioranas.

Partindo da premissa estabelecida por Bortoni-Ricardo (1998), acerca do *continuum rural-urbano*, Lopes (2014) se propõe a analisar a concordância nominal de número na zona rural do estado. Diante disso, considerando que, nos dados do IBGE (2010), Santa Leopoldina figura como o município capixaba que abriga mais habitantes na zona rural, percentualmente, Lopes (2014) elege esta região para composição de sua análise. Sendo assim, une-se aos esforços de Foeger (2014) que, paralelamente, realizou a pesquisa “A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES”.

As linguistas então compõem a amostra leopoldinense que conta com um total de 44 informantes estratificados segundo os moldes da pesquisa de Scherre

---

<sup>92</sup> Em 2011, a amostra PortVix carecia da transcrição de 03 entrevistas, das 46 que compõem o banco de dados. Por isso, o estudo de Silva (2011) analisa um total de 43 entrevistas. Atualmente, todas as 46 entrevistas da amostra encontram-se transcritas.

<sup>93</sup> A pesquisa iniciada por esta pesquisadora, em 2012, ano de ingresso no mestrado, culminará, em 2014, na dissertação intitulada “A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina” (referenciada como Lopes, 2014).

(1988), com dados do Projeto Censo (atual PEUL), sobre as quais frisamos: sexo – feminino e masculino; faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49 e acima de 49 anos; escolaridade – ensino fundamental 01, fundamental 02 e médio. A análise de Lopes (2014) controla as variáveis: (i) posição linear e relativa; (ii) saliência fônica; (iii) marcas precedentes; (iv) grau, formalidade e animacidade dos substantivos e adjetivos; (v) sexo; (vi) faixa etária; (vii) escolaridade – ensino fundamental 01 e 02 – a partir de 32 entrevistas transcritas e codificadas até então.

O presente estudo, portanto, visa a dar continuidade à pesquisa realizada por Lopes (2014), à medida que se propõe a inserir dados de 12 informantes não controlados em 2014. Isso confere o adendo do nível de escolaridade “ensino médio”, visto que 09 dos colaboradores inseridos possuem essa formação. Os outros 03 informantes que se agregam aos perfis são: (1º) feminino, ensino fundamental 01, 07-14 anos; (2º) feminino, ensino fundamental 02, 07-14 anos; e (3º) masculino, ensino fundamental 02, 07-14 anos. É válido destacar que a transcrição e a codificação dessas 09 entrevistas acrescentadas à pesquisa atual ocorreram a partir do ano de 2016, dado o ingresso desta pesquisadora no curso de doutorado, no qual traçamos como objetivo continuar com a sistematização da amostra leopoldinense. Entretanto, o período de coleta dessas entrevistas foi o mesmo das outras 32 entrevistas analisadas por Lopes (2014), ou seja, 2011-2013.

A seguir, exibimos o quadro de informantes que dispõe a comparação entre a estratificação dos falantes proposta por Lopes (2014) e a atual estratificação da amostra. Os itens em vermelho referem-se aos informantes inseridos nesta tese.

Vejamos:



**Quadro 8: Fatores sociais analisados e distribuição dos informantes em células na amostra da zona rural de Santa Leopoldina/ES<sup>94</sup>**

Idade	07-14		15-25		26-49		50-...		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	F	M	
<b>Ens. fund. I</b>	2 +1	2	2	1	2	2	2	2	=15 +1 = 16
<b>Ens. fund. II</b>	2 +1	2+1	2	3	2	2	2	2	=17 +2 = 19
<b>Ensino médio</b>			2	2	2	2	1	0	=09
<i>Número total de informantes entrevistados</i>									=32 +12 = 44

Fonte: elaboração própria.

A inserção de 12 novas entrevistas à amostra resultou em um acréscimo de 2340 dados, em Lopes (2014). Em 2014, foram controlados um total de 6313 dados, enquanto, na análise atual, 8653 itens. Essas entrevistas foram coletadas no mesmo período das demais, todavia, em 2014, essas não haviam sido transcritas, nem codificadas, o que ocorreu no período da pesquisa atual. Quanto às variáveis, este estudo analisa os mesmos grupos controlados por Lopes (2014). Além disso, agrega-se a variável origem da entrevistadora, tal como em Foeger (2014), visto que a amostra fora coletada por duas pessoas diferentes, conforme apresentado nos itens 5.1 e 6.7, desta pesquisa.

Inicialmente, realizamos uma rodada com a mesma configuração da rodada geral realizada em Lopes (2014), ou seja, com a variável “animacidade dos substantivos” cruzada à “grau e formalidade dos substantivos”. Todavia, não foi possível obter convergência estatística. Sendo assim, optamos por realizar uma rodada sem este cruzamento. Entretanto, da mesma forma, a convergência não foi obtida.

Diante disso, analisando as duas rodadas realizadas, notamos que a convergência era desfeita quando ocorria a interação entre variável “marcas precedentes” e as demais variáveis. Sendo assim, como teste, retiramos uma a

<sup>94</sup> Apresentação da distribuição de todos os informantes e seus respectivos dados sociais disponível no anexo A.

uma as variáveis em rodadas diferentes para perceber se havia conflito entre a variável “marcas precedentes” e algum outro grupo de fator, especificamente. Vale lembrar que Guy e Zilles (2007, p. 199) estabelecem que a situação mais comum para a ausência de convergência é quando:

os grupos de fatores são definidos de uma maneira em que há falta extrema de ortogonalidade entre dois grupos. A situação pior é ter x no grupo 1, e um outro fator y no grupo 2, que definem exatamente os mesmos dados: tudo o que é codificado como x é também codificado como y. Nesse caso, é impossível para o programa testar como os dados no contexto x se comportam quando não estão na presença do fator y, e vice-versa.

Notamos, entretanto, que a convergência não era obtida independente da variável suprimida nas etapas de análises realizadas. Novamente, retomamos a Guy e Zilles (2007, p. 199), que destacam que outra situação pode motivar a falta de convergência:

A análise tem muitos fatores e grupos de fatores, gerando um arquivo com muitas células, e exigindo muitos cálculos para obter o melhor modelo; nesse caso, o algoritmo simplesmente não chega ao melhor modelo em 21 iterações. Isso é mais raro porque, normalmente, só acontece quando a análise tem mais de 10 grupos de fatores.

Nossa análise, até este momento, contava com 07 grupos de fatores, por isso, inicialmente, desconsideramos essa hipótese proposta por Guy e Zilles (2007). Todavia, diante da realização sem sucesso algum dos vários testes citados, optamos por refletir especificamente acerca da variável “marcas precedentes”. A partir da leitura sistemática da etapa de análise 01, com as variáveis “grau, formalidade e animacidade dos substantivos” cruzadas, percebemos que a convergência se desfazia, principalmente, na interação entre “marcas precedentes” e “posição linear e relativa”. Além disso, a quantidade de itens analisados pelos fatores nos grupos “marcas precedentes” e “posição linear e relativa” era igual, o que inviabilizava a convergência estatística. Dessa forma, nossa hipótese era de que havia certa ortogonalidade entre a variável “marcas precedentes” e a “posição linear e relativa”. Sendo assim, conforme esmiuçaremos nos itens 7.1 e 7.2, propomos uma reorganização dos fatores dessas variáveis, o que viabilizou a obtenção da convergência.

Diante disso, realizamos uma reorganização na variável “posição linear e relativa”. Na verdade, fizemos várias tentativas de obtenção de convergência, reorganizando ora o grupo da “posição linear e relativa”, ora o das “marcas precedentes”, ora ambos. Todavia, por fim, considerando a sistematização pretendida, optamos por reorganizar apenas a “posição linear e relativa”, que, inicialmente, contava com 07 fatores: (1) antes do núcleo na 1ª posição; (2) antes do núcleo na 2ª posição; (3) núcleo na 1ª posição; (4) núcleo na 2ª posição; (5) núcleo na 3ª posição; (6) depois do núcleo na 2ª posição; (7) depois do núcleo na 2ª posição; e (8) depois do núcleo nas demais posições. Amalgamando esses fatores, obtivemos a seguinte configuração: (1) antes do núcleo na 1ª posição; (2) antes do núcleo nas demais posições; (3) núcleo; e (4) depois do núcleo, o que viabilizou um resultado convergente.

É válido mencionar que essa situação não fora observada no mestrado, quando apenas informantes do ensino fundamental 01 e 02 estavam inseridos na amostra. Todavia, algo semelhante ocorreu nos dados de Vitória, como destaca Scardua (2018, p. 120-1) – oportunamente, dissertaremos a este respeito. A seguir, dispomos, no quadro 9, a ordem das variáveis selecionadas pelo Goldvarb X, os fatores analisados e os *ranges* obtidos:

**Quadro 9: Variáveis independentes em função da ordem de seleção do Goldvarb X, quanto ao fenômeno da concordância nominal no interior do sintagma nominal – dados da pesquisa atual<sup>95</sup>**

Ordem	Variável independente	Range
1ª	Posição linear e relativa	86
2ª	Saliência fônica	29
3ª	Marcas precedentes	64
4ª	Origem da entrevistadora	15
5ª	Animacidade cruzada com a variável grau e formalidade dos substantivos e adjetivos	36
6ª	Faixa etária	17
7ª	Sexo	09
8ª	Escolaridade	06

Fonte: elaboração própria.

<sup>95</sup> Quadro apresentado conforme dados retirados da rodada geral da concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

Rememoremos ainda a ordem de seleção das variáveis, em Lopes (2014)<sup>96</sup>:

**Quadro 10: Variáveis independentes em função da ordem de seleção do Goldvarb X, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, conforme Lopes (2014).**

<b>Ordem</b>	<b>Variável independente</b>	<b>Range</b>
1 <sup>a</sup>	Posição linear e relativa	88
2 <sup>a</sup>	Saliência fônica	29
3 <sup>a</sup>	Marcas precedentes	74
4 <sup>a</sup>	Faixa etária	15
5 <sup>a</sup>	Animacidade cruzada com grau e formalidade dos substantivos e adjetivos	40
6 <sup>a</sup>	Sexo	07
7 <sup>a</sup>	Escolaridade	07

Fonte: Lopes, 2014, p. 99-147 – elaboração própria.

Se analisarmos comparativamente os quadros 09, que apresenta os dados da pesquisa atual, e 10, que dispõe os dados de Lopes (2014), observaremos que não há diferença na ordem de seleção das variáveis pelo programa, exceto pela variável origem da entrevistadora, que é acrescentada ao estudo atual. Além disso, os *ranges* também não são discrepantes. A maior diferença ocorre, como esperado, na variável “marcas precedentes”, a qual, nos dados de Lopes (2014), apresenta um valor 74 pontos e, na presente análise, 64 pontos. Isso, provavelmente, ocorre em função da nova organização dos dados nesta tese, necessária para obtenção da convergência estatística.

Feita essa explanação inicial, apresentaremos a seguir os resultados obtidos a partir da análise completa da amostra coletada em Santa Leopoldina. A organização deste capítulo direciona-se pela mesma metodologia adotada na exposição dos dados da concordância verbal. O item 7.1 disserta acerca dos

<sup>96</sup> Uma versão mais detalhada dos resultados de Lopes (2014), contendo variáveis independentes, seus respectivos fatores, ordem de seleção do Goldvarb X e *range*, encontra-se disposta no quadro 2, desta tese, no item 3.2.3, quando apresentamos uma visão geral da pesquisa de Lopes (2014).

resultados gerais leopoldinenses e estabelece a comparação desses com os obtidos por Scherre (1988), Martins (2013), Lopes (2014) e Scardua (2018). Os itens seguintes – do 7.2 ao 7.9 – dissertam a respeito das variáveis controladas em nossa amostra – linguísticas e sociais – em função da ordem de seleção dessas pelo Goldvarb X. Além disso, realizamos cruzamentos entre as variáveis sociais, dispostos nos tópicos 7.8 – (i) cruzamento entre “sexo” e “faixa etária” e (ii) sexo e escolaridade; e 7.9 – (iii) cruzamento entre “escolaridade” e “faixa etária”.

Considerando que este trabalho tem a intenção de refletir acerca do *continuum* rural e urbano, no estado do Espírito Santo, sempre que possível, estabeleceremos uma comparação entre nossos resultados e os observados por Scardua (2018). Além disso, conforme discussão do tópico 3.2, objetivamos situar os efeitos sob a concordância nominal de número, em Santa Leopoldina, no cenário nacional de estudo deste tema. Para tanto, tornaremos às contribuições de Scherre (1988) e Martins (2013), além dos resultados de Scherre e Naro (2006 e do acervo pessoal dos linguistas<sup>97</sup>) com dados do Rio de Janeiro, na década de 1980 e 2000. Oportunamente ainda, em momentos que julgarmos pertinentes, relacionaremos o *status* da amostra atual ao de 2014, na dissertação de Lopes (2014).

## 7.1 Resultados gerais

Na análise atomística da fala leopoldinense, quanto à concordância nominal, controlamos um total de 8653 dados, dos quais 5373 são marcados quanto à pluralidade, o que culminou em um índice de 62,1% de itens que retêm a marca em -s. Por conseguinte, obteve-se 37,9% de ausência de marca de plural, resultado de 3280 termos sem a retenção da marca de plural do total geral da amostra. Vejamos:

---

<sup>97</sup> Para apresentarmos dados atualizados no estudo comparativo entre Santa Leopoldina e Rio de Janeiro, os professores Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro, gentilmente, cederam versões atualizadas da concordância nominal de número e também da concordância verbal de terceira pessoa, como citado no capítulo 6, desta tese.

**Tabela 35: Distribuição geral dos dados do fenômeno de concordância nominal de número, zona rural de Santa Leopoldina<sup>98</sup>**

Fatores analisados	Porcentagem
Variante marcada quanto à pluralidade	5373/8653= 62,1%
Variante não-marcada quanto à pluralidade	3280/8653= 37,9%

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 36, apresentamos a comparação entre os resultados de Santa Leopoldina e os de outras amostras. Nela, dispomos algumas características essenciais para reflexão desses dados, tais como: local de coleta e ano/período da amostra, além de citarmos os níveis de escolarização controlados. Vejamos:

**Tabela 36: Comparação entre diferentes estudos, quanto ao fenômeno de marcação da concordância nominal de número**

Pesquisa	Coleta da amostra	Escolaridade	Porcentagem
Scherre (1988)	Rio de Janeiro/1980 (Amostra PEUL/1980)	Fund.1, 2 e médio	9256/13099= 71%
Scherre e Naro (2006)	Rio de Janeiro/2000	Fund.1, 2 e médio	63071/7079= 89%
Martins (2013)	Amazonas/2010 (Alto Solimões/AM)	Fund. e médio	4264/7270= 58%
Lopes (2014)	Santa Leopoldina/2011-13	Fund.1 e 2	3873/6313= 61,3%
Scardua (2018)	Vitória/2000	Fund., médio e superior	9683/10923= 88,6%
Lopes (2020) <sup>99</sup> (esta pesquisa)	Santa Leopoldina/2011-13	Fund.1, 2 e médio	5373/8653= 62,1%

Fonte: elaboração própria – informações coletadas de SCHERRE (1988), SCHERRE e NARO (2006), MARTINS (2013), SCARDUA (2018) e esta pesquisa.

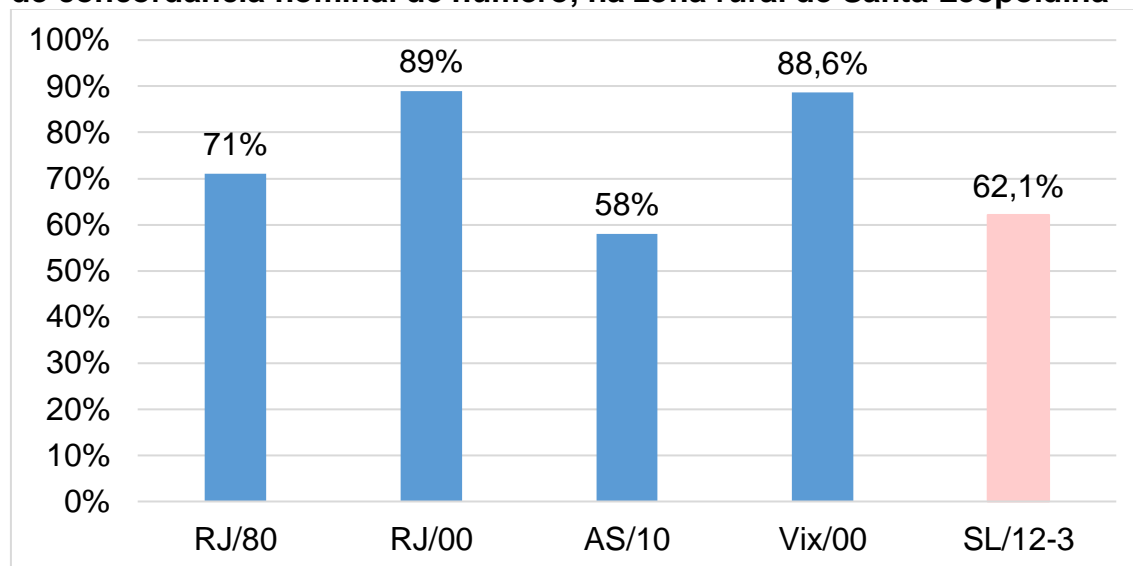
Os resultados gerais observados por Lopes (2014) e o *status* atual da amostra não evidenciam muita discrepância. Notamos que, os índices gerais desta pesquisa, posteriores à inserção dos falantes do ensino médio, elevam-se em

<sup>98</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

<sup>99</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

apenas 0,8%. Quanto à comparação entre os índices das demais pesquisas, cabe salientar que, à exceção da leopoldinense, as amostras são consideradas urbanas, diante disso, nossa expectativa era de que a menor taxa de marcação ocorreria na zona rural (Santa Leopoldina). Todavia, notamos que, a comunidade de Alto Solimões, analisada por Martins (2013), apresentam-se índices muito similares aos leopoldinenses, sendo a taxa de marcação amazonense, inclusive, inferior à da comunidade de Santa Leopoldina. Vejamos esses dados distribuídos no gráfico a seguir:

**Gráfico 13: Comparação entre Rio de Janeiro/80 e 00, Alto Solimões/10, Vitória/10 e Santa Leopoldina/12-13 (esta pesquisa), quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**



Fonte: Rio de Janeiro/RJ 1980 e 2000 – Scherre (2006, p. 109); Alto Solimões/AM – Martins (2013, p. 139); Vitória/ES – Scardua (2018, p. 118); Santa Leopoldina/ES – esta pesquisa

De posse desses dados, podemos afirmar que Santa Leopoldina alinha-se ao observado por Martins (2013) e distancia-se da fala carioca e capixaba. A nosso ver, esse cenário pode ser explicado a partir do *continuum* rural-urbano, proposto por Bortoni-Ricardo (2004), o que nos permite concluir que, considerando o contexto sócio-histórico do Rio de Janeiro, Vitória, Santa Leopoldina e Amazonas, os resultados observados são perfeitamente justificáveis.

Notamos que o maior índice entre as amostras posteriores aos anos 2000 é do Rio de Janeiro. Quanto à amostra de 1980, percebemos que os cariocas retêm mais a marca de plural do que os leopoldinenses e amazonenses. Esses

resultados podem ser explicados pela notoriedade inegável da cidade do Rio de Janeiro. A representatividade da região é apontada, inclusive, no site da prefeitura do Rio de Janeiro que destaca fatos históricos que dimensionam a relevância do estado e da cidade carioca desde o período colonial, cita-se:

Salvador era capital da colônia, mas a importância crescente do porto do Rio garantiu a transferência da sede do poder para o sul, para a cidade que se tornaria, e ainda é, o centro intelectual e cultural do país. Em 1808 a família real portuguesa veio para o Rio de Janeiro, refúgio escolhido diante da ameaça de invasão napoleônica. Quando a família real voltou para Portugal e a independência do Brasil foi declarada em 1822, as minas de ouro já haviam sido exauridas e dado lugar a uma outra riqueza: o café.

O crescimento continuou durante quase todo o século XIX, inicialmente na direção norte, para São Cristóvão e Tijuca, e depois na direção da zona sul, passando pela Glória, pelo Flamengo e por Botafogo. Em 1889, a capital do Império assistiu à queda da monarquia. As mudanças políticas seguiram as diretrizes capitalistas. A transição da Monarquia para a República começa em 1889 e só acaba, efetivamente, em 1930. A cidade, com a Proclamação da República, torna-se a capital federal.

(Disponível em: [rio.rj.gov.br](http://rio.rj.gov.br). Acesso em: 06/12/2020)

A condição do Rio de Janeiro como capital do Brasil perdurou até 1960, quando ocorreu a inauguração de Brasília.

É válido sinalizar ainda as belezas naturais cariocas responsáveis por firmar a alcunha de cidade maravilhosa ao Rio de Janeiro, assim reconhecido nacional e internacionalmente. Essa peculiaridade faz com que, no Rio, ocorra um grande fluxo turístico, em especial, em determinadas épocas do ano, a exemplo do Carnaval – festa mundialmente famosa, que é, pelo senso comum, considerada uma marca do povo brasileiro – e do Rock in Rio – que recebe artistas e público de diferentes países. Além disso, o Rio de Janeiro é palco de eventos internacionais importantes, como Copa do Mundo FIFA (2014) e Jogos Olímpicos (2016). A representatividade do Rio de Janeiro pode ser constada ainda em referências externas cinematográficas, inclusive hollywoodianas. Esses traços justificam a tentativa de aproximação da norma prestigiada culturalmente.

A capital capixaba, embora não tenha tanta representatividade, no cenário nacional, quanto à cidade do Rio de Janeiro, é o único município espírito-



santense que possui 100% de sua população habitando a zona urbana. Além disso, Vitória dispõe de contato direto com a cultura nacional por meio do fácil acesso a meios de comunicação – telefonia, internet, emissoras de televisão e rádio. A Grande Vitória dispõe ainda de elevado número de escolas de ensino público e privado de educação básica e superior – faculdades privadas, institutos e universidades federais, além de shopping, cinemas, também reconhecidamente compreendidos como instrumentos de letramento. Essas características culminam em índices de concordância muito próximos aos cariocas.

Por outro lado, as cinco comunidades analisadas por Martins (2013), embora consideradas de área urbana, têm certas particularidades, a exemplo do distanciamento com a capital do estado do Amazonas. São Paulo de Olivença, cita-se, encontra-se a 988 quilômetros em linha reta e 1235 quilômetros em via fluvial de Manaus. Conforme ressaltado no tópico 3.2.2, a linguista ressalta dificuldade de acesso às comunidades em análise que, em suma, resume-se ao transporte fluvial e, em algumas regiões, também ao aéreo.

Diante disso, consideramos que estabelecendo um *continuum* tal como propõe Bortoni-Ricardo (2004), seguramente, afirmamos que a comunidade amazonense abriga mais similaridades com a leopoldinense do que com a capixaba e a carioca. Sendo assim, consideramos justificáveis os resultados gerais ora apresentados. Além disso, é importante ressaltar que a amostra capixaba conta com informantes com mais de 11 anos de escolarização, ou seja, que possuem acesso ao curso superior. Esse nível de escolaridade não foi controlado em Santa Leopoldina, em decorrência das características locais, conforme discussão no item 7.9.

## **7.2 Posição linear e relativa**

A variável “posição linear e relativa” foi a primeira a ser selecionada pelo programa Goldvarb X, em nossa rodada geral final. O controle desse grupo de fatores baseia-se na proposta de Scherre e Naro (1998, p. 516), a qual estabelece que:

Elementos não nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas; elementos não nucleares à direita do nome desfavorecem-nas. Os núcleos, por sua vez, favorecem mais marcas explícitas se ocuparem a primeira posição na cadeia sintagmática, ou seja, se estiverem linearmente mais à esquerda na construção (cf. Scherre, 1988; Naro e Scherre, 1993 e Scherre, 1994).

Sendo assim, o estudo dessa variável considera a posição linear do elemento no interior do sintagma – ou seja, atuante na 1ª, 2ª, 3ª ou demais posições – e também observa a posição do item em relação ao núcleo – seja à direita, seja à esquerda, seja em posição nuclear. Em Lopes (2014), ratificamos a ideia de Scherre e Naro (1998), visto que os itens não nucleares, em Santa Leopoldina, na 1ª posição favorecem a marcação de plural (0,955), enquanto os itens mais à esquerda, tal como núcleo na 2ª – 0,084 – e 3ª posição – 0,067 – e termos localizados posteriores ao núcleo na 2ª, 3ª e 4ª (e demais) posições – 0,171, 0,086, 0,180, respectivamente – desfavorecem a retenção da marca. Os elementos antepostos ao núcleo a partir da 2ª posição apresentam peso relativo intermediário, em 0,561.

Quanto aos núcleos na 1ª posição, em Lopes (2014), esses foram categoricamente marcados pelos leopoldinenses, favorecendo a aplicação da marca em -s. Esse fato permanece nos dados atuais, visto que, todos os 54 termos nucleares nessa posição realizam a aplicação da marca -s, ou seja, 100% dos itens retêm a marca de plural.

Em nossos dados, objetivávamos apresentar uma análise detalhada acerca dessa variável, de forma a nos orientarmos pela mesma organização metodológica estabelecida em Lopes (2014). Sendo assim, a primeira tentativa de controle estatístico dos dados contou com a seguinte organização<sup>100</sup>:

a) Antes do núcleo na 1ª posição:

Exemplo – ausência e presença de marca:

E – e essas conchinhas? São da onde?

<sup>100</sup> Nesta seção, seguimos a mesma formatação adotada nos exemplos da concordância verbal: em negrito e entre colchetes encontra-se o dado exemplificado; entre parênteses e recuado à direita, o perfil do informante locutor do referido trecho.

Inf – L. comprou... essa grande e essa pequeninha aqui foram minha coleguinha... a prima [inint] que me deu **[essa]** conchinhas... eu pedi **[umas]** concha... ela tem tão bonita... **[umas]** concha lá... só que... pena que... o irmãozinho pequeno dela... ele pegou... tinha um batom lá... ele pegou e manchou tudo de batom... só um... que ela conseguiu salvar são essas duas aí... então eu pedi pra ela: tem mais uma conchinha pra me dar? tinha mais uma guardada ela me deu uma.

(fem. – fund. 01 – 07-14 anos)

b) Antes do núcleo na 2ª e demais posições (2ª e 3ª):

Exemplo – ausência de marca:

E: ah é... que legal!... parabéns..

Inf: obrigado... foi quatrocentos e cinquenta aluno ..eles escolheu os dez **[melhor]** texto... eu e ela... nós dois passamu...

(masc.– fund. 02 – 07-14 anos)

Exemplo – presença de marca:

Inf: tento obedecer às coisas... eu jogo do jeito que vir assim... mas eu gosto de jogar.... do...

E: assim... é na escola ou aqui?

Inf: todos **[os]** dois lugar ...na escola o professor deixa... e aqui também eles deixa...

(fem. – fund. 02 – 07-14 anos)

c) Núcleo na 2ª posição:

Exemplo – ausência e presença de marca:

E – e essa questão de::: essa questão de da educação da criança da Lei das palmadinhas... o que você pensa sobre isso?

Inf- [...] Isso é o que eu sempre conversei com os meus pais quando eu trabalhava agora hoje eu não posso na família dos **[outro]** ... se cismar... Deus me livre cada qual que crie... agora na minha família... minhas irmã... minhas **[irmãs]**... meus as minhas sobrinha eu ensino como a criar os **[filho]** delas... é assim assim não é para você bater para matar não... né você bater de matar não é para você educar.... para ele mais tarde ele saber quem é pai quem é mãe né... não confunde as **[coisa]** porque filho a maioria dos **[filho]** hoje não respeita pai e mãe [...]

(fem. – médio – &gt;49 anos)

d) Núcleo nas demais posições (3ª, 4ª e 5ª):

Exemplo – ausência e presença de marca:

E – E como que são essas festas?

Inf - olha só eu posso dizer para você que não tá sendo como desejado né não tá sendo como desejada tá deixando um pouco a desejar todas as **[festa]** que a gente faz aqui a gente faz uma programação que dá pelo menos umas 100 **[pessoa]** dá 20 e 30 então dá para desanimar né mas nós não desanima não todo ano a gente faz [...]

(fem. – médio – &gt;49 anos)

e) Depois do núcleo na 2ª posição:

Exemplo – ausência de marca:

E - e aí vocês trabalhavam com que assim o que vocês plantavam?

Inf - a gente trabalhava com banana né agricultura de banana com café enfim culturas '**permanente**' né mas... a gente vivia/ e a mandioca né na época né... no começo de tudo seria só farinha que a gente tinha... farinha e café né... que era os produto que se vendia na época né quando eu era criança”

(masc.– médio – 26-49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E - bem ... ativos assim.

Inf - é o que precisa a igreja católica procurar mais é a juventude... engajar mais entendeu [...] para tentar mudar porque hoje a igreja da gente se ver essas pessoa mais antiga que tá por conta e a igreja não muda muito [...] e alguém costuma buscar outras religiões por causa disso talvez ... a igreja não resolve entendeu... tem que renovar mesmo né... fazer coisas **[novas]**

(masc.– médio – 26-49 anos)

f) Depois do núcleo na 3ª posição:

Exemplo – ausência de marca:

E – E levaram muita coisa?

Inf – levaram umas coisinha **[pequena]**... pequena eu digo assim o telefone dela novinho de não sei quantas polegadas o aparelho... tudo que eles podia levar... só não levaram a geladeira e o guarda-roupa porque eles num tava de transporte grande senão tinha levado...limparam...era umas nove horas da noite...

(fem. – médio – >49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E – pintou a semana passada o que?

Inf – um coelho... era a:: eu esqueci o nome... era:: aquela:: a menininha pretinha dos olhos **[azuis]**... negócio assim...

E – é:: aquela do laço de fita?

Inf – uhum

(masc.– fund. 02 – 07-14 anos)

g) Depois do núcleo da 4<sup>a</sup> posição (4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup>):

Exemplo – ausência de marca:

E – Repetiu a quarta série?

Inf – É, repeti por repeti assim, porque... Tinha os dois irmão **[meu]** que tava indo também, era mais novo né, então fiz aquele ano...

(masc.– fund. 01 – 26-49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E – mas você acha que tem que ter uma quantia estipulada ou::?

Inf – não... eu acho que não... porque não é todas as pessoa que tem as condições financeiras **[iguais]** né? não recebe... tem uns menos... outros mais... aí vai pela opinião da pessoa né? quer dizer... pelo menos eu penso assim né?

(masc.– fund. 01 – 15-25 anos)

Todavia, com essa organização dos fatores, não foi possível estabelecer convergência estatística, conforme mencionado na seção inicial deste capítulo. Analisando essa primeira tentativa de controle de dados, constatamos que, no primeiro nível de análise, no qual o efeito das variáveis é mensurado separadamente, todos os grupos de fatores obtinham convergência, conforme esperado. Ao final do nível 01, a posição linear e relativa era selecionada pelo

Goldvarb X. No nível 02, quando ocorria a interação entre o efeito das variáveis, a convergência não era obtida na rodada 14 e 16, no contato entre “posição linear e relativa” com “marcas precedentes” e com a variável cruzada “grau, animacidade e formalidade dos substantivos e adjetivos”.

Por meio da leitura sistemática desta etapa de análise, notamos que a convergência era obtida, novamente, na rodada 22, na interação entre “posição linear e relativa”, “saliência fônica” e “grau, animacidade e formalidade dos substantivos e adjetivos” – segundo e último momento em que “posição linear e relativa” e a “grau, animacidade e formalidade dos substantivos e adjetivos” interagem sem a influência de marcas precedentes. Em contrapartida, em todas as rodadas em que “posição linear e relativa” e “marcas precedentes” estão presentes, a convergência estatística não se realiza. Diante disso, concluímos que havia, nos termos de Guy e Zilles (2007, p. 198-9), uma sobreposição (não-ortogonalidade) entre esses grupos de fatores, o que impedia a obtenção da convergência.

Scardua (2018, p. 124) relata procedimentos similares realizados nos dados do PortVix:

Em etapa de análise mais detalhada, conforme exposto na seção 4.3.2.1, utilizamos sete fatores para controlar a posição relativa e linear dos elementos no sintagma nominal: antes do núcleo na 1ª posição, antes do núcleo a partir da 1ª posição, núcleo na 1ª posição, núcleo na 2ª posição, núcleo a partir da 2ª posição, depois do núcleo na 2ª posição e depois do núcleo a partir da 2ª posição. Porém, nesta etapa, a rodada não apresentou convergência, isto é, o Goldvarb X não alcançou a “convergência do algoritmo nos valores mais adequados para modelar esse conjunto de dados, ou seja, o modelo melhor que mais se aproxima dos dados observados, usando os parâmetros e equações incorporados no programa” (GUY; ZILLES, 2007, p. 198).

A ausência de convergência significa que há sobreposição de variáveis ou, nos termos de Guy Zilles (2007), não-ortogonalidade dos grupos de fatores. Analisando nossos dados estatísticos, perceberemos que a não-convergência ocorria quando a variável posição relativa e linear entrava em contato com a variável marcas precedentes, que é codificada em função da posição.

Para solucionar essa questão, Guy e Zilles (2007) sugerem a exclusão ou a redefinição de um dos grupos de fatores. Considerando que posição relativa e linear e marcas precedentes apresentam efeitos distintos (cf. SCHERRE, 1988), optamos pela segunda alternativa. Assim, redefinimos a variável posição relativa e linear, reduzindo-a de sete para quatro fatores na tentativa de alcançar resultados convergentes.

Tal como Scardua (2018), optamos por reconfigurar os fatores analisados, conforme tabela 37. Nesta seção, expomos os resultados da posição linear e relativa reorganizados em quatro fatores.

**Tabela 37: Efeito da variável posição linear e relativa, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>101</sup>**

Fatores analisados	Exemplos	Porcentagem	Peso relativo
Antes do núcleo na 1ª posição	<b>os</b> bebezinho (fem., fund. 01, 8 anos)	3682/3714= 99,1%	0,950
Antes do núcleo na 2ª e demais posições	as <b>minhas</b> irmãs fizeram (fem., fund. 02, 16 anos)	151/184= 82,1%	0,438
Núcleo na 2ª posição e nas demais posições	os <b>peixinho</b> (fem., fund. 01, 8 anos)	1475/4517= 32,7%	0,091
Depois do núcleo	juros <b>acessíveis</b> né? (fem., fund. 02, 53 anos)	65/239= 27,2%	0,119
<b>TOTAL</b>		<b>5373/8654= 62,1%</b>	
<b>RANGE</b>			<b>86</b>

Fonte: elaboração própria.

Tal como observado nos dados da capital, por Scardua (2018, p. 123), a variável “posição linear e relativa” foi a primeira a ser selecionada pelo programa Goldvarb X entre todas as demais. Convém destacar que a forma de restrição desse grupo é sinalizada pelo *range*, nos termos de Tagliamonte (2006, p. 242), 86 pontos, maior índice da amostra.

Os resultados ratificam a hipótese de Scherre e Naro (1998, p. 516), uma vez que os itens localizados mais à esquerda favorecem a marcação de plural, como é o caso dos núcleos na 1ª posição, categoricamente marcados, e os elementos não nucleares na 1ª posição, com 99,1% de marcação e 0,950 de peso relativo; enquanto os itens mais à direita, representados pelos vocábulos nucleares na 2ª

<sup>101</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

e demais posições e termos pospostos ao núcleo, desfavorecem a retenção da marca plural, em 0,091 e 0,119 de peso relativo. Esse traço também é observado nas percentagens desses fatores, uma vez que apenas 32,7% e 27,3%, respectivamente, figuram marcados em nossos dados.

Nesses dados, o que mais nos impressiona é a queda brusca na marcação dos elementos nucleares entre a 1ª e demais posições. Frisamos que, enquanto os da 1ª posição são categoricamente marcados, os das demais apresentam 32,7% de marca. Considerando que, como veremos na seção 7.3, os leopoldinenses, assim como os capixabas, cariocas e amazonenses, tendem, em linhas gerais, a atribuir marcação aos itens mais salientes, julgamos que esse fator também opere aqui. Notamos que, dos 8653 dados em análise, 4571 figuram como núcleos dos sintagmas nominais e, dentre esses, apenas 54 casos situam-se na 1ª posição. Isso nos permite refletir que o menor número de ocorrência faz com que esses itens sejam, perceptivelmente, mais salientes ao falante.

Essa configuração de resultados também foi observada por Scherre (1988, p. 511-12) que assegura que:

A variável Relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN, a nível atomístico, evidencia que os elementos não nucleares antepostos são mais marcados do que os pospostos e que os núcleos da primeira posição tendem a ser muito marcados. Esta variável evidencia também que os núcleos da segunda e terceira posição são menos marcados do que os da primeira, mas não são igualmente marcados na relação entre si, chegando a se vislumbrar a possibilidade de os núcleos da terceira posição serem mais marcados do que os da segunda.

De posse da rodada atual, não podemos expor conclusões acerca da assertiva de Scherre (1988), quanto à tendência de os elementos nucleares na terceira posição serem mais sensíveis à marcação do que os na segunda, visto que, para obtenção da convergência, optamos pela simplificação da variável posição. Sendo assim, realizamos uma rodada alternativa:



**Tabela 38: Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (esta pesquisa), quanto ao fenômeno de concordância nominal de número**

Variáveis Analisadas	Rio/1988	SL (esta pesquisa)
	Peso relativo	Peso relativo
Elemento nominal à <b>esquerda</b> do núcleo na <b>primeira posição</b>	0,88	0,94
Elemento nominal à <b>esquerda</b> do núcleo na <b>segunda posição</b>	0,84	0,41
Núcleo na posição 1 (mais à esquerda)	0,67	100%
Núcleo na posição 2	0,20	0,08
Núcleo na posição 3	0,27	0,16
Núcleo na posição 4 e 5	----	0,13
Elemento nominal à <b>direita</b> do núcleo na <b>segunda posição</b>	0,28	0,16
<b>TOTAL</b>	<b>9259/13100=</b> <b>71%</b>	<b>5206/8397=</b> <b>62%</b>
<b>RANGE</b>	<b>73</b>	<b>86</b>

Fonte: Rio de Janeiro – Scherre e Naro (1998, p. 518); Santa Leopoldina – esta pesquisa.

Nesta rodada alternativa, obtivemos convergência estatística, mediante a reorganização da variável marcas precedentes. Sendo assim, realizamos a união dos itens precedidos de numeral, de uma marca e mais de duas marcas – no grupo “marcas precedentes” – e obtivemos resultados convergentes diretamente comparáveis aos do Rio de Janeiro. Além disso, tal como Scherre (1988), retiramos dessa etapa de análise a expressão “as vezes”, o que culminou em uma diminuição da totalidade de itens analisados. Esclarecemos que Scherre (1988) opta por retirar de sua análise a expressão “as vezes”, em decorrência da alta variabilidade desta nos dados cariocas.

Os índices dessa nova etapa de análise validam o observado por Scherre (1988), uma vez que os itens nucleares na 2ª posição apresentam frequências de 30,8%

e 0,08 quanto à presença de marcas, enquanto os na 3ª posição, 29,9% e 0,16 de índices. Essa tendência não permanece entre os núcleos da 4ª e 5ª posições, os quais sinalizam 26,7% e 0,13 de peso relativo. Entre os elementos pospostos ao núcleo, os itens marcados são os mais distantes, com 0,19 de peso relativo. Nossa hipótese é que a pluralidade seja utilizada como elo entre o núcleo e esses elementos, para frisar sua relação morfossemântica.

Na tabela 39, apresentada na página seguinte, estabelece-se uma comparação entre de Santa Leopoldina – esta pesquisa – e os de Vitória e do Amazonas, com resultados Scardua (2018) e Martins (2013), respectivamente. De posse desses dados, podemos salientar que, em linhas gerais, as três amostras indicam favorecimento à aplicação da regra em itens mais à esquerda, antepostos aos núcleos. Em nossa percepção, inferimos que os pesos relativos de termos antepostos ao núcleo, em Alto Solimões e em Vitória, são inferiores aos de Santa Leopoldina, dada a influência dos itens na segunda posição antes do núcleo, comprovadamente menos marcados, como atestado por nossa amostra. Vejamos na tabela 39:

**Tabela 39: Comparação entre os resultados da variável posição linear e relativa na presença da concordância nominal: Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número**

Variáveis Analisadas	Alto Solimões	Vix/2000	SL
	Peso relativo	Peso relativo	Peso relativo
Antes do núcleo na 1ª p.	0,78	0,84	0,95
Antes do núcleo na 2ª p.			0,44
Núcleo na 1ª posição	0,28	0,77	100%
Núcleo nas demais posições		0,20	0,09
Depois do núcleo	0,31	0,13	0,12
<b>RANGE</b>	<b>50</b>	<b>71</b>	<b>86</b>

Fonte: Alto Solimões/AM – Martins (2013, p. 141); Vitória/ES – Scardua (2018, p. 121); e, Santa Leopoldina/ES – esta pesquisa.

Quanto aos núcleos, notamos que, embora na capital capixaba os itens da 1ª posição não sejam categoricamente marcados, como ocorre no interior do estado, esses têm mais chances de marcação do que os das demais posições, conforme peso de 0,773 e 0,204, evidenciados por Scardua (2018, p. 121). Nas comunidades de Alto Solimões, Martins (2013) não controlou os núcleos hierarquicamente, quanto aos pesos relativos. Todavia, destaca que:

[...] os núcleos na primeira posição apresentam com mais frequência a variante “presença de marcas formais/informais de plural” (96%), enquanto os núcleos em outras posições apresentam com frequência semelhante a “ausência de marcas formais/informais de plural” (segunda: 30%; terceira: 31%; demais: 29%), atestando também a hipótese que levantamos. Percebemos, nesse cruzamento [entre posição linear e relativa], que quanto mais à direita o elemento linguístico estiver no SN, sendo núcleo ou não, há um desfavorecimento no uso da aplicação da regra. (p. 142-3)

Esse excerto do texto de Martins (2013) deixa claro que os itens nucleares são mais marcados na 1ª posição do que os núcleos nas demais posições, visto que demonstra comportamento semicategórico, com percentagem em 96%. Quanto aos itens localizados em posição posterior ao núcleo, esses desfavorecem a retenção de marcas nas três amostras.

Concluimos, portanto, que, em linhas gerais, os estudos de Scherre (1988), Martins (2013), Lopes (2014), Scardua (2018) e os resultados atuais seguem a mesma tendência. O que implica afirmar que independentemente da região do país – seja sudeste ou norte; do perfil da amostra – urbana ou rural; perfil dos informantes – com altos ou baixos níveis de escolarização; do tempo – década de 1980 ou 2000; a variável posição, conforme dito por Scherre (1988): “é a mais importante de todas, no sentido de exercer uma influência polarizada e uniforme sobre a regra de concordância de número entre os elementos do SN em Português” (p. 146-7)<sup>102</sup>.

---

<sup>102</sup> Neste excerto, Scherre (1988, p. 143-147) realiza um retrato cronológico do estudo da variável posição. Cita, portanto, as considerações de renomados linguistas – tal como Braga e Scherre (1976), Scherre (1978), Ponte (1979), Carvalho Nina (1980), Guy (1981<sup>a</sup>) – e, conclui que é consenso entre todos a importância da sistematização deste grupo de fatores no estudo do fenômeno da concordância nominal de número.

### 7.3 Saliência fônica

A aplicação do princípio da saliência fônica a dados da concordância nominal foi estabelecida por Braga e Scherre (1976), conforme discorre Scherre (1988) acerca da construção dessa variável nos estudos linguísticos. Inicialmente, os efeitos da saliência foram mensurados por Naro e Lemle (1976) em itens de sintagmas verbais que previam a flexão na 3ª pessoa do plural. Conforme discutido no item 6.2, no que se refere à concordância verbal na 3ª pessoa do plural, a obra de Naro (1981) organiza este grupo, hierarquicamente, quanto à tonicidade e à diferenciação material fônica, na relação singular/plural, em dois níveis, também hierarquicamente subdivididos em outros 08 fatores (nível 01 – 03 fatores; nível 02 – 05 fatores).

Orientando-se por este viés metodológico, Scherre (1988) determina, mediante uma análise minuciosa dos dados da amostra Censo (atual PEUL), na década de 1980, que um estudo satisfatório acerca desta variável contempla duas dimensões – *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade do termo* – de forma integrada. Sendo assim, a linguista estabelece 08 fatores para sistematização da saliência fônica em sintagmas nominais: termos com pluralização irregular – duplos, terminados em -l, -ão, -r e -s; e, regular – oxítono, paroxítono e proparoxítono.

A autora observa que os itens mais salientes, ou seja, aqueles que, na passagem do singular para o plural, sofrem mais alterações morfofonológicas, são mais sensíveis à retenção da marca de pluralidade, enquanto os itens regulares, que apresentam uma tímida mudança em sua forma singular para plural, desfavorecem a aplicação da concordância.

Dentre os regulares, entretanto, nota-se que: “A influência da Tonicidade vem corroborar a atuação do Princípio da Saliência, pois os itens oxítonos favorecem mais a inserção de -S do que os paroxítonos para quaisquer falantes” (SCHERRE, 1988, p. 120). Essa característica dos oxítonos é justificada pelo

fato de ser a sílaba tônica a recebedora da marca de plural, o que torna a marcação mais saliente aos interlocutores. Além disso, Scherre (1988) ressalta que os oxítonos figuram em menor número na língua, se comparados aos paroxítonos, o que os tornam mais salientes.

Em nossos dados, esperávamos ratificar a hipótese de Scherre (1988), que destaca que os vocábulos mais salientes são mais frequentemente marcados. Em linhas gerais, nossos resultados, dispostos na tabela 40, na página seguinte, atestam essa hipótese. Notamos que os itens considerados mais salientes são, em suma, mais marcados. Essa tendência aplica-se aos itens: terminados em -l – com 0,762 de peso relativo; em -s – com 0,727; os de plural duplo – com 0,685. Todavia, os vocábulos com final em -ão e -r apresentam pesos relativos de 0,492 e 0,571, inferiores, inclusive, aos dos itens regulares oxítonos, 0,625. Esses resultados são parcialmente divergentes dos observados por Scherre (1988), Martins (2013) e Scardua (2018), como poderá ser percebido na tabela 41, na página seguinte. Vejamos os dados da rodada geral leopoldinense, na tabela 40:

**Tabela 40: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>103</sup>**

Fatores analisados	Porcentagem	Peso relativo
Duplos (paroxítonos) – <i>ovo/ovos</i>	21/49= 42,9%	0,685
-l (oxítono ou paroxítono) – <i>principal/principais</i>	54/99= 54,5%	0,762
-ão (oxítono) – <i>exceção/exceções</i>	16/60= 26,7%	0,492
-r (oxítono ou paroxítono) – <i>lugar/lugares</i>	71/180= 39,4%	0,571
-s (oxítono) – <i>português/portugueses</i>	307/484= 63,4%	0,727
Regular oxítono – <i>café/cafés</i>	290/402= 72,1%	0,625
Regular paroxítono – <i>campo/campos</i>	4544/7196= 63,1%	0,469

<sup>103</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

**Tabela 40: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina (conclusão)**

Fatores analisados	Porcentagem	Peso relativo
Regular proparoxítono – <i>república/repúblicas</i>	70/183= 38,3%	0,500
<b>TOTAL</b>	<b>5373/8653= 62,1%</b>	
<b>RANGE</b>	<b>29</b>	

Fonte: elaboração própria.

Considerando que os dados do Rio de Janeiro, das décadas de 1980 e 2000, não controlaram o termo “vezes” na expressão “as vezes” e que, os trabalhos de Martins (2013), em Alto Solimões, e de Scardua (2018), em Vitória, adotam rodadas com essa metodologia, no intuito de viabilizar um estudo comparativo mais fidedigno entre as amostras, optamos por utilizar, neste momento, os dados da rodada com a expressão “as vezes” retirada, tal como fizemos no tópico anterior, acerca da posição linear e relativa. Vejamos a organização comparativa dos resultados na tabela seguinte:

**Tabela 41: Efeito detalhado da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número – com dados do Rio de Janeiro/80 e 00, Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina (esta pesquisa) (continua)**

Variáveis analisadas	Rio de Janeiro		Alto Solimões	Vix/2000	SL
	1980	2000	2010	2000	2012-13
Duplo	0.92	0.77	0,75	0,61	0,69
-l	0.88	0.86	0,90	0,73	0,76
-ão	0.85	0.88	0,86	0,43	0,50
-r	0.87	0.84	0,85	0,60	0,58
-s	0.83	0.87	0,86	0,70	0,75

**Tabela 41: Efeito detalhado da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número – com dados do Rio de Janeiro/80 e 00, Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina (esta pesquisa) (conclusão)**

Variáveis analisadas	Rio de Janeiro		Alto Solimões	Vix/2000	SL
	1980	2000	2010	2000	2012-13
Reg. oxit.	0.70	0.70	0,62	0,59	0,64
Reg. prop.	0.52	0.39	0,37	0,46	0,50
Reg. par.	0.45	0.45	0,44	0,48	0,48
<b>RANGE</b>	<b>47</b>	<b>49</b>	<b>53</b>	<b>30</b>	<b>28</b>

Fonte: Rio de Janeiro/80 e 00 – acervo pessoal da professora Marta Scherre; Alto Solimões – Martins (2013, p. 146-7); Vitória – Scardua (2018, p. 138); Santa Leopoldina – esta pesquisa.

Analisando os resultados das 05 amostras, notamos que as observações do Rio de Janeiro, nas duas décadas, e os resultados de Alto Solimões guardam muitas similaridades, especialmente entre Alto Solimões e a amostra carioca de 2000. A este respeito, Martins (2013, p. 147) reconhece que:

nossa hipótese é atestada, pois, de maneira geral, nossos resultados mostram que itens com formação de plural irregular são os que mais favorecem a aplicação da regra, enquanto os de formação regular a desfavorecem. Assim, podemos observar também o que Scherre (1988) chama de Princípio da Saliência que explica que formas mais salientes por serem mais perceptíveis tendem a ser mais marcadas. Nossos resultados divergem dos de Scherre (1988) e Fernandes (1996) no que diz respeito ao fator mais atuante na aplicação da regra. Para essas pesquisadoras, o fator plural duplo foi o mais relevante, enquanto nesta pesquisa o fator plural com alternância vocálica nos itens terminados em -l foi o mais atuante sobre a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, semelhante ao resultado de Lopes (2001). Esse resultado também difere da pesquisa de H. Carvalho (1997) que mostrou o fator nomes terminados em -s como o mais relevante.

Ainda, nossos resultados diferem dos de H. Carvalho (1997), Scherre (1988) e Lopes (2001) quanto ao fator menos atuante sobre a variante “presença de marcas formais/informais de plural”. Para as referidas pesquisadoras, o fator regular paroxítono foi o menos relevante, enquanto nesta pesquisa foi o regular proparoxítono, convergindo, assim, para os resultados encontrados por Fernandes (1997).

Sendo assim, podemos inferir que o Princípio da Saliência, cunhado por Lemle e Naro (1976), e sistematizado por Scherre e Braga (1976), Scherre (1978 e 1988), para o sintagma nominal, opera na variedade do português brasileiro em

diferentes comunidades. A diferença estabelece-se na hierarquia da saliência, em função da amostra analisada.

Na amostra carioca coletada na década de 1980, todos os itens considerados não regulares salientes apresentam pesos relativos superiores a 0,83. Na de 2000, no Rio de Janeiro, notamos uma queda nos índices dos plurais duplos, que figuravam, na de 80, como o maior índice, mas, ainda assim, esses termos favorecem a concordância com 0,77. Os itens que mais retêm a marcação, em 2000, são os terminados em -ão.

Em Alto Solimões, na amostra coletada em 2010, conforme dito, os itens em -l são os mais favorecedores a marcação, seguidos pelos em -ão e -s, ambos com 0,86, e em -r, com 0,85. Em Santa Leopoldina e Vitória, os mais sensíveis à marcação são os terminados em -l, com 0,76 e 0,73 de peso relativo – assemelhando-se ao observado por Martins (2013). Destaque ainda para os vocábulos em -s, que mostram 0,75 e 0,70 de peso relativo, para leopoldinenses e capixabas, sendo, em ambos os estudos, a segunda categoria mais marcada.

O que mais chama atenção nos dados de Vitória e Santa Leopoldina é o comportamento dos itens em -ão, em 0,43 e 0,50 de peso relativo. A este respeito, Scardua (2018, p. 137) afirma que:

O esperado para essa última categoria lexical (os nomes em -ão), assim como para as outros irregulares, era o favorecimento da concordância. Entretanto, em nossa amostra, esses vocábulos restringem a inserção de marcas plurais, aproximando-se dos regulares paroxítonos e proparoxítonos. Esse resultado, similar ao encontrado para os leopoldinenses e para os cariocas menos escolarizados, corrobora a hipótese de Scherre (1988, p. 123-124) de que as diversas possibilidades de flexão para o plural desses elementos podem levar os falantes a optarem pela ausência de marcas em decorrência da dúvida sobre a forma correta. Além disso, o fato de esses itens estarem na base da hierarquia da saliência em nossa amostra aponta para o processo de regularização dos nomes em -ão, tal como observado por Scherre (1988, p. 125-126) para falantes do antigo primário (1-4 anos de escolarização).

Esses apontamentos corroboram a discussão de Lopes (2014, p. 159-160), acerca da similaridade dos pesos relativos dos itens em -ão e dos oxítonos, na ocasião. Vejamos:



Se nos atentarmos ao peso relativo dos oxítonos nas duas amostras cariocas (0,70, em ambas), perceberemos que esse é superior ao encontrado na leopoldinense (0,62). Contudo, quando observamos os pesos internamente em cada amostra, que é o método de observação adequado, quando tratamos de variáveis linguísticas, notamos que, em Santa Leopoldina, os itens regulares oxítonos favorecem mais a aplicação da marca de plural que os terminados em *-ão*, com 0,55.

Uma hipótese válida como justificativa para os resultados dos itens em *-ão* é a proposta de Scherre (1988), que aponta para uma possível tendência à regularização desses termos, em decorrência das motivações elencadas anteriormente. Frisamos: os itens em *-ão* podem assumir diferentes terminações *-ãos*, *-ões*, *-ães*, em virtude da incerteza de qual desinência plural usar, os falantes optam por não pluralizar esses vocábulos. É interessante notar que, no falar carioca, os vocábulos em *-ão* têm pesos relativos iguais a 0,85 e 0,88, no português de 1980 e 2000, respectivamente. Ou seja, no Rio de Janeiro, os itens em *-ão* favorecem a marca de plural. Em Santa Leopoldina apresenta peso relativo igual a 0,55, sendo os mais propensos à ausência de marca entre os itens mais salientes.

É válido destacar que o resultado leopoldinense, para os itens em *-ão*, alinha-se ao observado no Rio de Janeiro, em 1980, para os falantes menos escolarizados. Esses últimos marcam menos os itens em *-ão* que qualquer outro fator considerado mais saliente, assim como os falantes leopoldinenses. Scherre (1980) destaca que a diferença entre o peso relativo desse e dos regulares agrupados é de 0,15. Em nossos dados, fazendo uma rodada agrupando nossos regulares, observamos que a diferença entre os pesos relativos desses itens é de 0,06. Podemos concluir que, na fala dos informantes menos escolarizados de Scherre (1988) e também de todos nossos falantes agrupados, os itens em *-ão* têm comportamento semelhante ao dos regulares. Esse resultado valida a hipótese de Scherre (1988) acerca da tendência à regularização dos itens em *-ão*.

Nossas observações expressas em 2014 aplicam-se aos atuais resultados, visto que os itens em *-ão*, no atual *status* da amostra leopoldinense, figuram com 0,50 de peso relativo, enquanto os regulares oxítonos favorecem a marcação com 0,64. As taxas dos duplos e *-r* também não são expressivas entre leopoldinenses e capixabas com 0,69 e 0,58, em Santa Leopoldina, e 0,61 e 0,60, em Vitória.

Entre os regulares, percebemos que, nas 05 amostras, os oxítonos favorecem a marcação, considerando a hierarquia dos pesos relativos de oxítonos, proparoxítonos e paroxítonos, com 0,70 – nas cariocas de 80 e 00; 0,62 – na amazonense; 0,59 – na capixaba; e 0,64 – na leopoldinense, no que se refere aos oxítonos. Ainda com relação a estes itens, notamos que, no Rio de Janeiro (na década de 2000), em Alto Solimões e em Vitória, os proparoxítonos são os que mais desfavorecem, entre os regulares, a marcação. Neste aspecto, Santa Leopoldina assemelha-se ao observado na década de 1980, no Rio de Janeiro,

com os paroxítonos sendo os maiores desfavorecedores em toda a amostra. Esse traço ratifica a hipótese de Scherre (1988, p. 90) que atesta que:

A interpretação que fazemos desta diferença de comportamento é que, para os falantes do colegial, importa em verdade o fato de o item lexical ser mais saliente: os proparoxítonos e os oxítonos, enquanto um todo, têm a característica comum de serem mais salientes do que os paroxítonos, pois eles são itens marcados na língua portuguesa, que é constituída predominantemente de palavras paroxítonas.

No que se refere aos *ranges*, que medem a força de restrição da variável, nos termos de Tagliamonte (2009), constatamos que, no nosso estudo e no de Scardua (2018), essa variável opera com índices de 28 e 30 pontos, respectivamente. Nos dados de Martins (2013), a saliência apresenta efeito restritivo mais acentuado com *range* de 53, aproximando-se dos dados do Rio de Janeiro, de 1980 e 2000, que atestam 47 e 49 pontos, respectivamente.

Em nossos dados, prevíamos a separação dos itens “vezes” na expressão “as vezes”, dos itens em -s e das demais construções com “vez”, no intuito de verificarmos o comportamento desses itens. A motivação por estabelecermos essa metodologia de análise baseia-se nos relatos de Scherre (1988), acerca das inúmeras formas de aparecimento da expressão “as vezes” em sua amostra. Vejamos os resultados dessa etapa de análise na tabela 42:

**Tabela 42: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina – controle de “vezes” na expressão “as vezes”**

Fatores analisados	Percentagem	Peso relativo
Duplos (paroxítonos) – <i>ovo/ovos</i>	21/49= 42,9%	0,69
-l (oxítono ou paroxítono) – <i>principal/principais</i>	54/99= 54,5%	0,76
-ão (oxítono) – <i>exceção/exceções</i>	16/60= 26,7%	0,49
-r (oxítono ou paroxítono) – <i>lugar/lugares</i>	71/180= 39,4%	0,57
-s (oxítono) – <i>português/portugueses</i>	33/71= 46,5%	0,65
Veza em “as vezes”	167/256= 65,2%	0,72

(continua)

**Tabela 42: Efeito da variável saliência fônica, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina – controle de “vezes” na expressão “as vezes”**

(conclusão)		
<b>Fatores analisados</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
Veza nas demais expressões	107/157= 68,2%	0,78
Regular oxítono – <i>café/cafés</i>	290/402= 72,1%	0,62
Regular proparoxítono – <i>república/repúblicas</i>	70/183= 38,3%	0,50
Regular paroxítono – <i>campo/campos</i>	4544/7196= 63,1%	0,47
<b>TOTAL</b>	<b>5373/8653= 62,1%</b>	
<b>RANGE</b>		<b>31</b>

Fonte: elaboração própria.

Como pode ser constatado nos resultados apresentados acima, os itens em -s comparados à “vez” em “as vezes” e nas demais expressões possuem comportamento singular. Por certo, “vez”, independentemente da construção em que se insere, favorece mais a marcação de plural do que os termos em -s. Percebemos que esses itens, na construção “as vezes”, retiram os termos em -l da liderança de marcação, quanto à pluralidade. Além disso, “vez” nas demais construções ocupa a terceira posição entre os vocábulos que mais retêm a marca plural. Notamos, inclusive, que esses termos parecem inflacionar o resultado dos -s na rodada geral, os quais sinalizam, naquela, peso relativo de 0,73. O mesmo ocorre na rodada sem “vez” na expressão “as vezes”, mas com a presença desse item em outras construções, na qual os -s apontam para 0,75 de peso, conforme apresentado na tabela 41. Essas ponderações são interessantes, pois permitem-nos perceber o efeito puro da concordância nos termos em -s, que, com essa nova configuração dos dados, aproximam-se muito mais do comportamento dos oxítonos regulares que os demais itens não regulares considerados mais salientes.

#### 7.4 Marcas precedentes

A variável marcas precedentes fora analisada anteriormente para os dados leopoldinenses, no trabalho de Lopes (2014, p. 177-8). Na ocasião:

Percebemos que elementos pertencentes a sintagmas com mais de uma marca formal de plural são mais marcados que os demais itens. Vimos ainda que a presença de zero imediatamente precedente ao vocábulo inibe a marcação desse. Notamos que os numerais e a presença de marca formal de plural em –s situam-se em um ponto intermediário de aplicação da regra. Quanto aos sintagmas preposicionados sem marca, percebemos que são desfavorecedores a aplicação da regra. Futuramente, pretendemos lançar um olhar mais apurado a este fator, subdividindo-o entre SPrep com e sem marca. É válido salientar que não estabelecemos essa distinção, neste momento, por não termos obtido itens suficientes da categoria SPrep com marca ou com elemento seguinte marcado.

Como se pode observar, na pesquisa atual, o objetivo, a princípio, era analisar com mais afinco as ocorrências com a estrutura SPrep, subdividindo-as em SPrep com e sem marca. Nossa motivação encontrava-se nas descrições de Scherre (1988), as quais apontam para um comportamento particular dessas construções. Segundo a linguista, a tendência à não marcação de elementos posteriores aos SPrep's é condicionada pela ausência de marcas dessas estruturas. Esclarecemos: nos SPrep's com marca, nos dados dos adultos, de Scherre (1988, p. 205), constata-se 0,71 de peso relativo; nos das crianças, houve apenas 01 dado, o qual é marcado; por outro lado, os SPrep's sem marca desfavorecem a concordância em 0,34, para adultos, e 0,28, para crianças.

Em 2014, todas as 67 ocorrências observadas em Santa Leopoldina eram com a configuração SPrep sem marca. Com o adendo das 09 entrevistas, obtivemos 02 ocorrências de SPrep com marca, das quais houve *knock-out*, visto que em uma o elemento sob análise foi marcado pelo informante e na outra, não. Vejamos esses dados relatados a seguir – os SPrep's estão em formatação itálico, enquanto o item analisado em negrito e entre colchetes:

Exemplo – ausência de marca:

In - [...] Ele dança ainda ele fazia parte do grupo de dança esses dia passado eles tinha até uma apresentação... Mas infelizmente não tem apoio de ninguém

aí vai se acabando.... Mas a gente tinha essa tradição de se reunir... com esses negócio... Com essas comida...

E2 - uhum

Inf - mas agora tá difícil

E1 - senhora dançava tão bem

Inf: eu gosto de dançar os forró mas *grupos de [dança]*

(fem. – médio – 26-49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E: e você sabe alguma coisa sobre a história do município assim que as pessoas contam mesmo que seus pais contaram?

Inf: Ai meu Deus história do município que eu sei que meu pai fala é que na época o rio era navegável né tinha o transporte era feito através de Canoa né toda produção que tinha aqui se levaria até a cidade... para ser/... pra ganhar dinheiro lá né... levava até lá em *tropas de [animais]*... burros... enfim... se andava muito a pé nessa época... era uma caminhada longa para se chegar até lá.

(masc.– médio – 26-49 anos)

Notamos que, curiosamente, os informantes compartilham o mesmo nível de escolaridade e a mesma faixa etária, diferindo-se apenas quanto ao sexo, no que se refere aos perfis por nós estabelecidos. No momento, entretanto, não podemos traçar conclusões acerca das motivações do surgimento desses itens, visto que são pouquíssimos dados analisáveis.

Quanto aos demais itens, inicialmente, para obtenção da convergência tivemos de realizar algumas amalgamações entre as categorias aqui estudadas. Todavia, após novos acertos de dados, obtivemos a convergência apenas com as amalgamações realizadas na variável posição linear e relativa. Sendo assim, os nossos dados seguem a ordenação ponderada por Scherre (1988), à exceção dos SPrep's que tiveram de ser amalgamados, conforme mencionado.

Na tabela 43, a seguir, dispomos os resultados obtidos em Santa Leopoldina. Comparando os resultados absolutos de Lopes (2014) aos atuais, notamos que

houve um acréscimo de 1340 dados. Esses, todavia, possuem o mesmo comportamento dos outros 3597 itens analisados anteriormente. Quanto à taxa global de concordância, em 2014, 32,8% dos casos eram marcados, havendo portanto, uma elevação de 1,4% se comparado à análise atual, a qual apresenta 34,2% de itens marcados. No que se refere ao *range*, percebemos que houve uma diminuição, de 74 para 65 pontos, ou seja, quanto ao efeito restritivo desta variável.

Analisando os resultados, notamos que há uma clara oposição entre sintagmas marcados e com ausência de marcas. Observando a hierarquia de retenção do número, percebemos que os itens precedidos de mais de uma marca em -s são os que mais favorecem a marca ao assumir 51,6% de marcação e com 0,690 de peso relativo. Em contrapartida, os imediatamente precedidos por zero são os que mais desfavorecem com valores em 3,9% e 0,047.

Atuando em um ponto intermediário, os vocábulos precedidos por numeral e por uma marca precedente revelam percentagens de marcação muito similares em 34,6% e 36,2%, respectivamente. A semelhança permanece nos valores relativos em 0,533 e 0,534. Dessa forma, podemos afirmar que, entre os leopoldinenses, não parece haver diferenciação da marca precedente em numeral ou em -s, visto que os efeitos ocasionados sob o elemento posterior são muito próximos. Vejamos na tabela 43:

**Tabela 43: Efeito da variável marcas precedentes, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>104</sup>**

<b>(continua)</b>			
<b>Fatores analisados</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Percentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
Sintagma preposicionado precedente	uma porção de <b>fotos</b> (fem., fund. 01, 23 anos) um monte de <b>galho</b> aí (fem., fund. 02, 33 anos)	8/100= 8%	0,206

<sup>104</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

**Tabela 43: Efeito da variável marcas precedentes, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina (conclusão)**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
Numeral precedente	cinco <b>horas</b> da (masc., fund. 01, 40 anos) só dois <b>ferro</b> assim (fem., fund. 01, 66 anos)	283/817= 34,6%	0,533
Apenas uma marca (em -s) precedente à 1ª posição	juntar as <b>amigas</b> (fem., fund. 02, 12 anos) as <b>menina</b> que (fem., fund. 02, 22 anos)	1230/3402= 36,2%	0,534
Duas ou mais marcas (em -s) precedentes às 3ª e 4ª posições	pros meus <b>pais</b> ... (masc., fund. 01, 40 anos) as minhas <b>amiga</b> (fem., fund. 02, 12 anos)	94/182= 51,6%	0,690
Mistura de marcas precedentes às 2ª, 3ª e 4ª posições	pras oito <b>horas</b> ... (fem., fund. 01, 8 anos) uns cinco <b>ano</b> (fem., fund. 01, 66 anos)	67/281= 23,8%	0,398
Zero imediatamente precedente às 3ª e 4ª posições	as minha <b>melhores</b> (fem., fund. 02, 12 anos) uns menino <b>bagunceiro</b> (fem., fund. 01, 15 anos)	6/155= 3,9%	0,047
<b>TOTAL</b>		<b>1688/4937= 34,2%</b>	
<b>RANGE</b>			<b>65</b>

Fonte: elaboração própria.

É interessante apontar a diferença entre precedidos por uma marca (-s) ou por duas ou mais marcas (-ss). Percentualmente, enquanto o vocábulo precedido por -s possui 36,2% de marcação, os por -ss, 51,6%, o que configura uma elevação de 15,2% em chances de retenção de marca. Esse aumento é perceptível nos pesos relativos, os quais se elevam de 0,534 para 0,690, deixando de ter um comportamento similar aos antecedidos por numeral para se mostrar como a categoria mais favorável à marcação.

Seguido a hierarquização, temos os sintagmas preposicionados e a mistura de marcas precedentes desfavorecendo o plural em 0,206 e 0,398 de peso relativo. A maior diferenciação entre essas categorias ocorre em termos percentuais, haja vista que os SPrep's apontam para apenas 8% de marcação, enquanto, na mistura de marcas, há 23,8% de chances do elemento posterior ter -s.

Como mencionado, a categoria que mais desfavorece a retenção de marcas é a com zero imediatamente precedente. Esses resultados ratificam o observado em Santa Leopoldina, em 2014. Além disso, alinham-se ao observado em outros municípios brasileiros. Passemos agora à comparação entre Rio de Janeiro, Vitória, Amazonas e Santa Leopoldina. A tabela 44 fornece um panorama do efeito da variável “marcas precedentes” nas quatro localidades brasileiras.

De início, percebemos que as pesquisas de Scherre (1998) e Scardua (2018) reservam algumas particularidades não observadas em Santa Leopoldina, dadas as especificidades de nossa amostra. Na pesquisa da fala carioca e da capixaba, os sintagmas preposicionados são subdivididos em SPrep com e sem marca. Essa seção permite notar as discrepâncias no efeito restritivo dessas estruturas. É interessante, entretanto, apontar que os resultados leopoldinenses são constituídos, basicamente, de SPrep sem marca (há apenas 02 casos de SPrep marcados). Analisando as três localidades, portanto, podemos afirmar que nossos resultados se aproximam mais dos cariocas, os quais evidenciam 0,31 para os SPrep's sem marca, enquanto os capixabas desfavorecem em 0,02 – ou seja, com índices menores do que os termos imediatamente precedido por zero (fora do SPrep, que operam em 0,07 em Vitória).

Analisemos a tabela 44:



**Tabela 44: Comparação de efeito de marcas precedentes, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, em Rio de Janeiro, Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina**

Variáveis Analisadas	Rio de Janeiro	Alto Solimões	Vitória	SL
	1980	2010	2000	2012-13 <sup>105</sup>
SPrep com marcas	0,63	----	100%	
SPrep sem marcas	0,31	----	0,02	0,206
Numeral sem -s	0,61		0,68	
Numeral com -s	0,57	0,58	0,51	0,533
-s	0,49	0,43	0,48	0,534
-ss	0,68	0,53	0,67	0,690
Mistura de marca	0,48	0,50	0,51	0,398
Zero	0,07	0,14	0,07	0,047
<b>RANGE</b>	<b>61</b>	<b>44</b>	<b>66</b>	<b>65</b>

Fonte: Rio de Janeiro – Scherre (1988, p. 176); Alto Solimões – Martins (2013, p. 150-1); Vitória – Scardua (2018, p. 134); Santa Leopoldina – esta pesquisa.

É interessante apontar a estratégia adotada por Scherre (1988 e 1998) e Scardua (2018) em separar as ocorrências de numeral precedente terminado em -s e sem essa terminação. Nos dados do Rio de Janeiro, vemos que o numeral favorece a aplicação da regra, independentemente de sua terminação. Em Vitória, os numerais sem -s final facilitam a retenção da marca, enquanto os com -s final atuam com peso relativo intermediário.

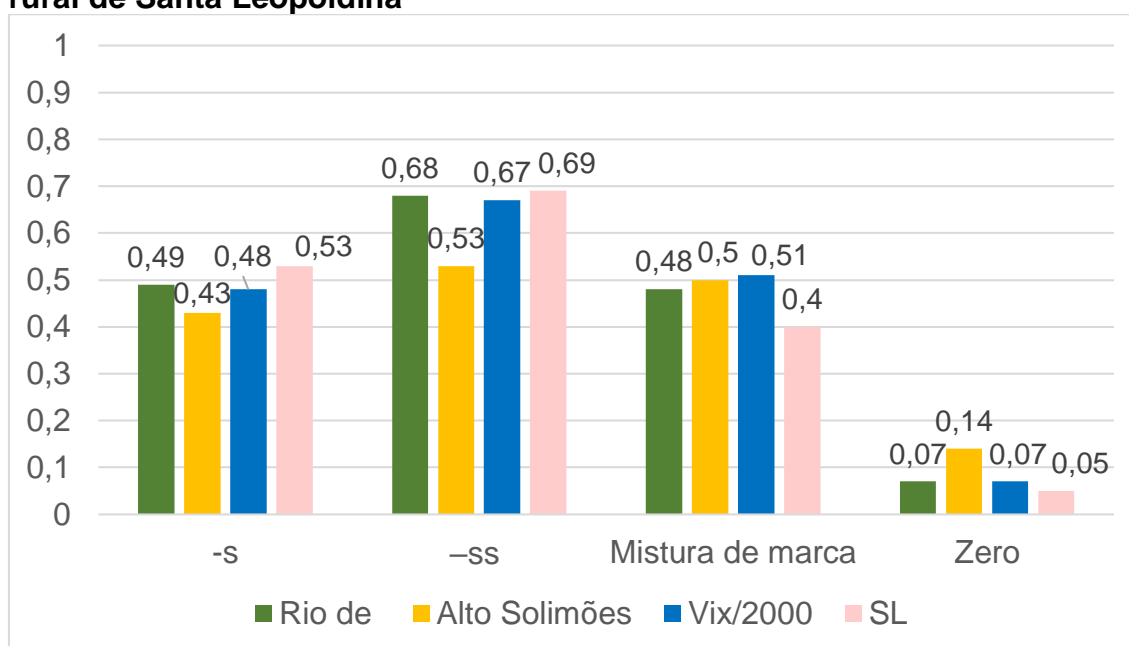
Em Santa Leopoldina, não estabelecemos o controle, quanto ao morfema final dos numerais. A partir de nossos dados, o que podemos apontar, é o

<sup>105</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F. A amostra foi coletada entre 2012-13, todavia o processamento dos dados atuais ocorreu no período de 2016-2020, durante o período do doutorado desta pesquisadora.

comportamento similar entre o efeito do numeral ou de uma marca precedente. Esse traço pode ser observado também para os dados de Vitória, quanto aos numerais terminados em -s, com 0,51, e à presença de uma marca, com 0,48.

O paralelo entre as quatro amostras evidencia a tendência ao favorecimento dos vocábulos precedidos por mais de uma marca de plural. Neste aspecto, podemos apontar que Santa Leopoldina, mais uma vez, assemelha-se aos dados do Rio de Janeiro da década de 1980, visto que esse é o fator mais favorecedor à retenção da marca nas duas localidades. Em Vitória e Alto Solimões, notamos uma similaridade entre os elementos precedidos de mais de uma marca, com 0,67 e 0,53, respectivamente, e os numerais sem -s final, com 0,68 – em Vitória – e numerais com e sem -s final, com 0,58 – em Alto Solimões. No gráfico 14, vemos a comparação de quatro fatores comuns à amostra. Vejamos:

**Gráfico 14: Paralelo entre Rio de Janeiro, Alto Solimões, Vitória e Santa Leopoldina<sup>106</sup>, quanto a índices de precedidos por -s, -ss, mistura de marcas e -zero, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**



Fonte: Rio de Janeiro – Scherre (1988, p. 176); Alto Solimões – Martins (2013, p. 150-1); Vitória – Scardua (2018, p. 134); Santa Leopoldina – esta pesquisa.

<sup>106</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

É importante destacar o desfavorecimento da aplicação da marca entre os itens imediatamente precedidos de zero, comum a todas as quatro amostras. Vemos, todavia, que, analisando as quatro localidades, a discrepância entre os valores dos itens precedidos de mais de uma marca e imediatamente precedidos por zero é mais acentuada em Santa Leopoldina, conforme observado no gráfico 14.

No que se refere aos itens precedidos por mistura de marcas, ou seja, aqueles que são antecidos por marca -s ou -ss, ou numeral, ou zero, com a interseção de modificadores, no interior do sintagma – como exemplos abaixo –, apresentam índices de marcação intermediários. Na exemplificação, os itens em negrito e colchetes são os vocábulos sob análise, enquanto os itens em itálico referem-se aos termos precedentes

Exemplo: ausência de marca

E - por aí... 16... 17

Inf - então... 18... 19 ... 20... é uns 3 **[ano]** que vai fazer que ela desceu... para terminar de fazer ela ganhou as bolsa lá para baixo

(fem. – fund. 02 – 07-14 anos)

Exemplo: presença de marcas

E – e vai o pessoal todo daqui...?

Inf – assim *as mais* **[velhas]**...grupo...só leva as maiores.

(fem. – médio – 15-25 anos)

Em linhas gerais, concluímos que nossos dados seguem a mesma tendência observada por Scherre (1998), Martins (2013), Scardua (2018) e Lopes (2014). Sendo assim, os resultados leopoldinenses ratificam a hipótese de Scherre (1988) que atesta que marcas levam a marcas, tal como zeros levam a zeros. Além disso, reforçamos o pensamento de Scherre (1988, p. 238), acerca da tendência geral de formas semelhantes partilharem da tendência de se repetirem.

## 7.5 Origem da entrevistadora

Conforme explanado na seção 5, que trata da metodologia de pesquisa, e na 6.7, acerca dos resultados da variável origem da entrevistadora para os dados de concordância verbal de terceira pessoa, a amostra leopoldinense fora coletada por duas entrevistadoras de origens distintas. O conjunto de dados é produto dos esforços de Camila Candeias Foeger e Lays de Oliveira Joel Lopes, quando no mestrado, orientadas por Lilian Coutinho Yacovenco e Maria Marta Pereira Scherre, coletaram um total de 44 entrevistas. Os informantes, estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade, eram entrevistados por Camila, de origem leopoldinense, e Lays, nascida e criada na Grande Vitória.

Por certo, é válido frisar que não houve uma separação homogênea de perfis de informantes, em função da origem da entrevistadora, conforme exposto, minuciosamente, no capítulo 6.7. Vejamos, na tabela 45, os resultados obtidos para esta variável:

**Tabela 45: Efeito da variável origem da entrevistadora, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>107</sup>.**

Fatores analisados	Porcentagem	Peso relativo
Natural de Santa Leopoldina	3459/5736= 60,3%	0,460
Natural da Grande Vitória	1779/2659= 66,9%	0,592
Presença das duas entrevistadoras	134/259= 51,7%	0,438
<b>Total de dados analisados</b>	<b>5372/8654= 62,1%</b>	
<b>Range</b>		<b>15</b>

Fonte: elaboração própria

Com *range* de 15 pontos, a variável origem da entrevistadora foi a quarta a ser selecionada pelo programa computacional, antecedendo, inclusive, a seleção dos grupos sociais em análise. Isso reflete a força desta variável e sua

<sup>107</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F. A amostra foi coletada entre 2012-13, todavia o processamento dos dados atuais ocorreu no período de 2016-2020, durante o período do doutorado desta pesquisadora.

importância na sistematização do fenômeno da concordância nominal de número.

No que se refere aos resultados dispostos na tabela 45, notamos que esses seguem a mesma tendência observada por Foeger (2014), em análise na alternância e concordância verbal de 1ª pessoa do plural, e para os dados da concordância verbal de 3ª pessoa do plural (apresentados neste trabalho, na seção 6.7, frisamos). Entendemos, portanto, que os informantes entrevistados pela linguista natural de Santa Leopoldina desfavorecem mais a aplicação da regra, em termos de frequência relativa e corrigida. Os entrevistados pela linguista leopoldinense têm menos chances percentuais de marcarem o plural nominal (60,3%) do que a média geral da comunidade (62,1%). Essa tendência evidencia-se também no peso relativo em 0,460.

Contrariamente, os falantes em interação com a entrevistadora natural da Grande Vitória apresentam percentagem de marcação superior à média global, com resultados de 66,9%. Diretamente proporcional a esse índice, está o peso relativo desse perfil com 0,592, atestando o favorecimento da aplicação da marca plural. No que se refere à categoria presença das duas entrevistadoras, não podemos estabelecer conclusões definitivas, visto que esses dados foram obtidos a partir de apenas uma entrevista realizada conjuntamente pelas duas entrevistadoras, conforme mencionado anteriormente, na seção 6.7.

Todavia, é interessante observar, que, tal como nos índices da concordância verbal de terceira pessoa plural, o resultado do fator presença das duas entrevistadoras (0,438) é intermediário, considerando os índices observados nos demais perfis. Esta, realmente, seria nossa hipótese: de que os informantes entrevistados, simultaneamente, por ambas as linguistas apresentassem índices intermediários de marcação. Futuramente, pretendemos retornar a análise dessa entrevista, de forma a analisar o comportamento do entrevistador ao responder cada uma das entrevistadoras separadamente.

Retomando as ponderações realizadas no item 6.7, quanto ao desequilíbrio da amostra, no que se refere à relação entre as variáveis sociais e a origem da

entrevistadora, julgamos interessante replicar a mesma metodologia adotada em 6.7 e apresentar os resultados dos cruzamentos entre esses grupos de fatores, os quais serão apresentados na tabela 46. Para tanto, tal como realizado na concordância verbal de terceira pessoa, retiramos os dados da entrevista realizada conjuntamente por ambas as entrevistadoras.

Esclarecemos que tivemos de adotar decisões de cunho metodológico para a obtenção da convergência na rodada de cruzamento entre origem da entrevistadora e o sexo do informante. Na primeira tentativa de análise, adotamos o mesmo viés metodológico utilizado na etapa de análise geral, todavia a convergência não fora obtida. Com essa metodologia, observamos que a convergência era perdida na rodada em que ocorria a interação entre o cruzamento (origem da entrevistadora e sexo) e a variável grau, formalidade e animacidade dos substantivos. Sendo assim, a partir da reflexão acerca das considerações de Scherre (1988) e Lopes (2014), optamos por simplificar a variável grau, formalidade e animacidade dos substantivos propondo o controle apenas da dicotomia [+ humano] e [- humano] quanto aos diferentes graus e formalidade. Todavia, ainda assim, a convergência não foi obtida. Diante disso, decidimos retirar a variável grau, formalidade e animacidade dos substantivos desta rodada.

Quanto ao cruzamento entre escolaridade e origem da entrevistadora, este organizou-se tal como na etapa geral de análise, não sendo necessárias alterações. O mesmo não se pode afirmar quanto ao cruzamento entre faixa etária e origem da entrevistadora, visto que a primeira tentativa de análise, realizada nos moldes da rodada geral, não gerou resultados com convergência estatística, tal como no cruzamento entre as variáveis sexo e origem da entrevistadora.

Adotamos, portanto, as seguintes medidas: (i) realizamos uma análise estatística com a animacidade simplificada, visto que observamos que a interação entre o grau, formalidade e animacidade e a faixa etária – semelhante ao percebido para o cruzamento entre sexo e origem da entrevistadora – culminava em ausência

de convergência, todavia não obtivemos convergência; (ii) em seguida, simplificamos a variável posição linear e relativa, em função apenas de antes e depois do núcleo e núcleo, isso porque notamos a ausência de convergência quando havia a interação entre grau, formalidade e animacidade, posição linear e relativa e o cruzamento sob análise – ainda assim a convergência não foi obtida; (iii) seguinte, considerando a ortogonalidade observada entre posição linear e relativa e marcas precedentes dada a natureza dessas variáveis, além da ortogonalidade entre elas observada em etapas de análise anteriores a esta, optamos por simplificar a variável marcas precedentes, a partir da amalgamação de SPrep's com e sem marca e mistura de marcas precedentes – entretanto, não obtivemos convergência. Diante disso, concluímos que o mais adequado seria, tal como decidido na análise do cruzamento entre origem da entrevistadora e sexo, eliminarmos desta etapa a variável grau, formalidade e animacidade dos substantivos. A partir desta última tentativa, a convergência foi obtida.

Na tabela 46, portanto, é possível observar os resultados das etapas de análise finais elencadas. Vejamos:

- a) Cruzamento origem da entrevistadora e sexo: independentemente do sexo dos informantes, os que interagem com a linguista natural da Grande Vitória retêm mais a marca de plural, com 0,600 para as mulheres e 0,608 para os homens. A diferença entre os grupos entrevistados em função da origem da entrevistadora torna-se mais evidente entre os homens. Isso porque os homens que interagem com Camila apontam 0,389, ou seja, compõem o grupo de informante que mais desfavorece a concordância. Por outro lado, o grupo desse mesmo perfil (homens) entrevistado por Lays é o que mais favorece a concordância (0,608).
- b) Cruzamento origem da entrevistadora e faixa etária: tal como observado para os dados da concordância verbal, observamos uma clara oposição no comportamento dos informantes de 7-14 anos entrevistados pela linguista leopoldinense (0,356) e os entrevistados pela linguista externa à comunidade (0,742). Enquanto os falantes de 7-14 entrevistados por Lays favorecem a concordância, os demais voluntários que interagem com essa linguista apresentam níveis intermediários de concordância apontando para um leve favorecimento (falantes de 15-25 atestam 0,533;

acima de 49 anos, 0,542) ou desfavorecem a concordância (indivíduos de 26-49 anos, com 0,320). Por outro lado, entre os informantes entrevistados por Camila, exceto pelos de 15-25, que apontam para o favorecimento da concordância (com 0,597), todos os demais desfavorecem a concordância, citam-se: os falantes de 7-14 com 0,356; os de 26-49 com 0,432; e os de acima de 49 anos com 0,399.

- c) Cruzamento origem da entrevistadora e escolaridade: comparando os resultados dos mesmos perfis entrevistados pelas linguistas leopoldinense e pela externa à comunidade, notamos que os falantes tendem a utilizar mais concordância quando têm por interlocutora a linguista externa à comunidade, como é o caso dos falantes menos escolarizados que apresentam 0,583 (ensino fundamental 01) e 0,693 (ensino fundamental 02) na interação com Lays. Paralelamente, na interação com Camila, esses perfis tendem a desfavorecer a aplicação da regra da concordância com 0,482 e 0,330, respectivamente. Entre os falantes do ensino médio, observamos o oposto: são os falantes entrevistados por Camila os que mais favorecem a concordância, com 0,627, enquanto os entrevistados por Lays desfavorecem com 0,436.

Vejamos os dados dos cruzamentos apresentados na íntegra na tabela 46. Frisamos que foram gerados por três etapas de análise distintas:

**Tabela 46: Efeito de três rodadas de cruzamento entre Origem da Entrevistadora e variáveis sociais, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**

(continua)

<b>Cruzamento Origem da Entrevistadora e Sexo</b>				
<b>Fatores analisados</b>	<b>Natural de Santa Leopoldina</b>		<b>Natural da Grande Vitória</b>	
	%	PR	%	PR
Feminino	1920/3007= 63,9%	0,511	1246/598= 67,6%	0,600
Masculino	1539/2729= 56,4%	0,389	533/815= 65,4%	0,608
Total de dados	5238/8395= 62,4%			
<i>Range</i>	22			



**Tabela 46: Efeito de três rodadas de cruzamento entre Origem da Entrevistadora e variáveis sociais, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**

**(conclusão)**

<b>Cruzamento Origem da Entrevistadora e Faixa Etária</b>				
<b>Fatores analisados</b>	<b>Natural de Santa Leopoldina</b>		<b>Natural da Grande Vitória</b>	
	<b>%</b>	<b>PR</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
07-14 anos	507/963= 52,6%	0,356	745/978= 76,2%	0,742
15-25 anos	1060/1578= 67,2%	0,597	345/512= 67,4%	0,533
26-49 anos	1256/2102= 59,8%	0,432	201/355= 56,6%	0,320
>49 anos	636/1093= 58,2%	0,399	488/814= 60%	0,542
Total de dados	5238/8395= 62,4%			
<i>Range</i>	42			
<b>Cruzamento Origem da Entrevistadora e Escolaridade</b>				
<b>Fatores analisados</b>	<b>Natural de Santa Leopoldina</b>		<b>Natural da Grande Vitória</b>	
	<b>%</b>	<b>PR</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Fundamental I	1599/2688= 59,5%	0,482	341/498= 68,5%	0,583
Fundamental II	1219/2056= 59,3%	0,330	967/1419= 68,1%	0,693
Médio	641/992= 64,6%	0,627	471/742= 63,5%	0,436
Total de dados	5238/8395= 62,4%			
<i>Range</i>	37			

Fonte: elaboração própria.

Concluimos, portanto, que há certa tendência dos entrevistados pela linguista de origem leopoldinense de não empregar a marcação de plural. Atribuimos essa particularidade à familiaridade com o interlocutor que é mais próximo de seu contexto cotidiano, ou seja, as diferenças, possivelmente, ocorrem em função do contexto interacional da relação entrevistador/entrevistado. Entretanto, inferimos

que não pode haver generalizações extremistas de forma a simplificar essa questão, conforme apontado na análise do fenômeno de concordância verbal de terceira pessoa, no item 6.7.

## 7.6 Faixa etária

Quinta variável a ser selecionada pelo programa Goldvarb X, de Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), primeira entre as variáveis sociais, a faixa etária indica que os falantes mais jovens são os que mais favorecem a aplicação da regra. Vejamos:

**Tabela 47: Efeito da variável faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>108</sup>.**

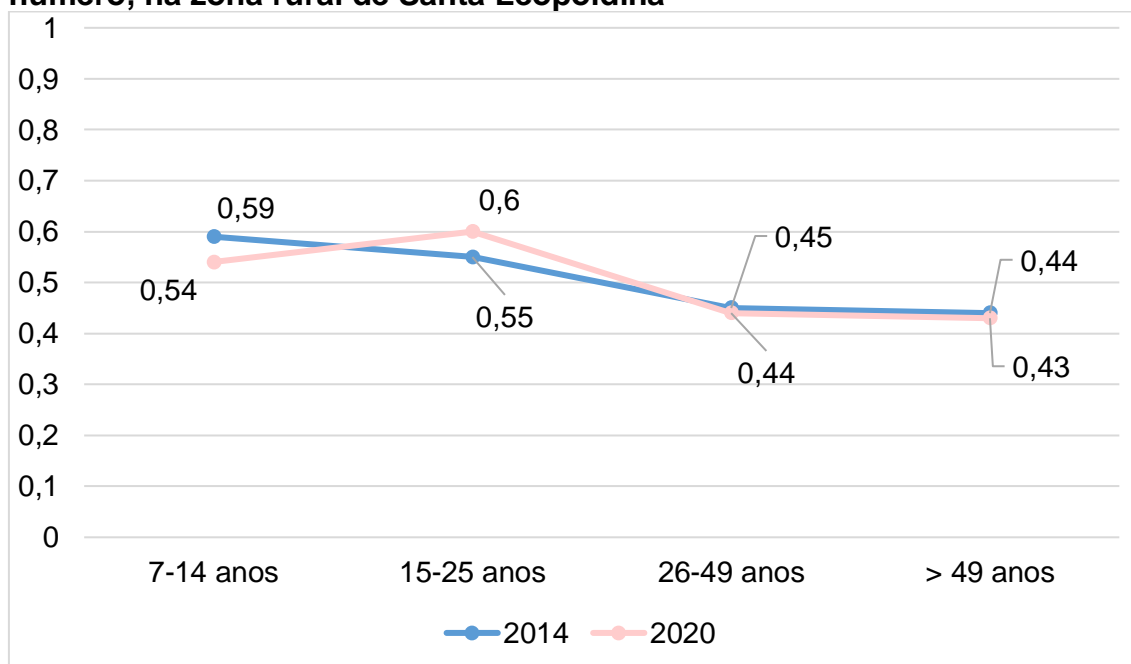
Fatores analisados	Porcentagem	Peso relativo
07-14 anos	1252/1941= 64,5%	0,540
15-25 anos	1405/2090= 67,2%	0,602
26-49 anos	1457/2457= 59,3%	0,443
Acima de 49 anos	1258/2166= 58,1%	0,430
<b>Total de dados analisados</b>	<b>5372/8654= 62,1%</b>	
<b>Range</b>	<b>17</b>	

Fonte: elaboração própria.

Em linhas gerais, esses resultados alinham-se ao observado por Lopes (2014, p. 100). Todavia, em 2014, tínhamos um decréscimo dos pesos relativos exatamente inverso ao avanço da idade do falante. Vejamos o paralelo entre os resultados atuais e de 2014 no gráfico seguinte:

<sup>108</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

**Gráfico 15: Comparação entre o efeito da faixa etária em 2014 e 2020<sup>109</sup>, em Santa Leopoldina, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**



Fonte: Santa Leopoldina/2014 – Lopes (2014, p. 100 – adaptado) e Santa Leopoldina/2020 – esta pesquisa.

Nos dados de 2020, notamos um favorecimento mais acentuado dos indivíduos da segunda faixa etária, visto que há uma elevação de 0,54 de peso relativo, entre 07-14 anos, para 0,60, entre 15-25 anos. Além disso, houve um decréscimo dos índices observados para a primeira faixa etária, nos anos 2014 e 2020 – de 0,59 para 0,54. Quanto aos falantes das duas faixas etárias mais velhas, basicamente, não houve alteração.

No que se refere ao paralelo entre a amostra leopoldinense e as demais amostras do sudeste, notamos que, em linhas gerais, os resultados encontrados em Santa Leopoldina alinham-se ao observado na capital Vitória.

Vejamos os resultados dispostos na tabela a seguir:

<sup>109</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

**Tabela 48: Comparação do efeito da variável faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, em amostras do Rio de Janeiro (1980 e 2000), Vitória (2000) e Santa Leopoldina/ES (2012/13).**

Faixa etária	Santa Leopoldina <sup>110</sup>	Rio/1980	Rio/2000	Vix/2000
7 – 14	0,54	0,40	0,82	0,82
15 – 25	0,60	0,53	0,38	0,60
26 – 49	0,44	0,59	0,48	0,35
>49	0,43	0,45	0,47	0,32
<b>RANGE</b>	<b>17</b>	<b>19</b>	<b>44</b>	<b>50</b>

Fonte: Santa Leopoldina – esta pesquisa; Rio de Janeiro/1980 – Naro e Scherre (2003, p. 06); Rio de Janeiro/2000 – acervo pessoal cedido pela professora Marta Scherre; Vitória – Scardua (2018, p. 137).

Observamos que, tal como Santa Leopoldina, os dados de Vitória apontam para um processo de mudança em direção ao aumento da concordância nominal, visto que são as faixas etárias mais novas as que favorecem a aplicação da regra se compararmos os dados dessas com das últimas faixas etárias. Entretanto, em Vitória, esse processo mostra-se mais acentuado do que no município leopoldinense. É válido observar ainda que os resultados capixabas indicam um declínio do peso relativo entre os falantes de 07-14 e os de 15-25 anos, de 0,82 para 0,60, movimento contrário ao constatado na zona rural leopoldinense, em que a tendência de retenção a marca é mais acentuada na segunda faixa etária, com 0,60, do que na primeira, 0,54.

Além disso, os dados de Scardua (2018) apontam uma maior polarização entre os indivíduos mais novos e mais velhos. Isso atesta a heterogeneidade da capital, em que os papéis sociais são muito bem delimitados, em função da faixa etária dos falantes. Por exemplo, é rígido o prazo de vida útil do indivíduo, habitante da zona urbana, no mercado de trabalho. Em Santa Leopoldina, isso é um pouco mais flexível, visto que, mesmo após a aposentadoria, os idosos permanecem trabalhando na agricultura, uma vez que a agricultura leopoldinense é de base familiar.

<sup>110</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

Quanto às crianças, na capital, alguns estudam em tempo integral, visto que ambos os pais trabalham no período diurno. Ou, em outra possibilidade, a tutela dos mais jovens é delegada a um funcionário externo à família. Em Santa Leopoldina, a criança permanece no convívio familiar após o turno escolar, visto que às mulheres, geralmente, são responsáveis pela criação dos filhos e pela manutenção da organização doméstica. Ou seja, na zona rural, a atividade linguística ocorre mais acentuadamente entre os membros da própria família. Esse apontamento à homogeneidade da comunidade rural pode ser ratificado pelos *ranges*, visto que, em Santa Leopoldina, é onde o efeito das variáveis sociais mostra-se mais tímido.

Quanto ao paralelo entre Santa Leopoldina e o Rio de Janeiro, percebemos que a tendência de favorecimento dos mais jovens, observada entre os leopoldinenses e os capixabas, manifesta-se também na amostra carioca de 2000. Essa similaridade demonstra que, mais recentemente, no Sudeste, tem havido um processo de mudança em direção ao aumento da concordância. É interessante ainda apontar a alteração ocorrida entre os anos de 1980 e 2000, no Rio de Janeiro. A este respeito, ratificamos a proposta de Scherre e Naro (2006, p. 120) que trata acerca da “mudança sem mudança” ocorrida na língua. Ou seja, com base no modelo de fluxos e contrafluxos, proposto por Naro e Scherre (1991, 2010 e 2013) e Scherre e Naro (2006), concordamos que:

A variação na concordância de número reflete bem o que denominamos metaforicamente de uma mudança sem mudança, no sentido de que é uma variação que não reflete mudança clara para todos os falantes nem reflete apenas uma linha de mudança, embora estejamos capturando aumento de concordância em função de maior exposição ao ambiente escolar, seja em termos de grupo ou de indivíduo, e também aumento de concordância em faixas etárias mais jovens, com um vislumbre de mudança geracional (NARO & SCHERRE, 2003). Até prova em contrário, o melhor modelo para dar conta da concordância de número no português brasileiro é o modelo de fluxos e contrafluxos, que apresenta a configuração de grupos e de indivíduos transitando por diversas vias sociais linguisticamente bem estruturadas. Este modelo certamente se aplica a fenômenos sujeitos a estigma, mas solidamente estruturados.

(SCHERRE e NARO, 2006, p. 109)

Retomaremos os resultados da faixa etária, ao apresentarmos o cruzamento desta variável com sexo e escolaridade, nos tópicos 7.8 e 7.9. Por ora, entretanto, concluímos que, em linhas gerais, o observado em Santa Leopoldina é comum ao percebido nas demais comunidades do sudeste, ou seja, um movimento de mudança em direção ao aumento da concordância nominal pelos informantes mais jovens.

## 7.7 Grau, formalidade e animacidade dos substantivos

A sexta variável selecionada pelo programa com significância estatística no processo de marcação do fenômeno de concordância nominal de número foi a cruzamento entre “grau e formalidade dos substantivos e dos adjetivos” e “animacidade dos substantivos”. Como destacado no item 3.2.3, inicialmente, em Lopes (2014, p. p.135 - 144), os dados dessas variáveis foram analisados separadamente, todavia observamos que, nessa etapa de análise, a convergência não era obtida. Lopes (2014, p. 135-6 [adaptado]) esclarece que:

A quinta variável selecionada foi a formada a partir da amalgamação [leia-se: cruzamento] de duas variáveis animacidade dos substantivos e grau e formalidade dos substantivos e adjetivos. Inicialmente, orientamos nossa análise a partir do observado por outros estudiosos, como Scherre (1988), ou seja, a princípio, codificamos essas variáveis em separado. Contudo, nossos dados produziam rodadas sem convergência, inclusive a rodada geral. Percebemos, por fim, que se retirássemos uma das variáveis citadas, a convergência era obtida. Dessa forma, concluímos que havia sobreposição, em algum grau, entre essas variáveis. Assim, amalgamamos [leia-se: cruzamos]<sup>111</sup> essas em um grupo maior.

Como resultado desse novo grupo de fatores, Lopes (2014, p. 177) concluiu que:

v) Animacidade e grau e formalidade dos substantivos: percebemos que, em Santa Leopoldina, a análise dessas variáveis separadas não era suficiente para o entendimento completo do fenômeno. Verificamos que a frequência de utilização dos vocábulos, mais uma vez, é

---

<sup>111</sup> Conforme mencionado no capítulo 3.2.3, na nota de rodapé 23, embora Lopes (2014) utilize o termo “amalgamação” para referir-se à junção de duas variáveis, sendo elas “grau e formalidade dos substantivos e dos adjetivos” e “animacidade dos substantivos”, compreendemos, a partir das postulações de Guy e Zilles (2007, p. 188-9) que o termo mais adequado para descrever a metodologia adotada em 2014, e também em nossos dados atuais, é “cruzamento” dessas variáveis.

preponderante no processo de marcação do SN. Além disso, o reconhecimento de um elemento como pertencente à comunidade ou ao seu cotidiano reflete-se na fala dos indivíduos. Isso porque os itens [- humano] e [+ animado], ou seja, designadores de animais típicos do ambiente rural, independentemente do grau, desfavorecem a presença de marcas. Concluímos, portanto, que a formalidade de um termo se relaciona com o grau de intimidade entre o falante e o elemento a requerer a pluralização, assim como com a frequência de uso do item. Essa hipótese é confirmada pelo fato de a obtenção da convergência ter sido possível a partir da amalgamação [leia-se: cruzamento] das variáveis animacidade e grau e formalidade dos substantivos.

Para os dados atuais, realizamos etapas de análise com essas variáveis separadas, mas, tal como observado em 2014, a convergência não foi observada. Sendo assim, optamos por manter o cruzamento entre esses dois grupos de fatores. É válido citar os perfis analisáveis em cada uma dessas categorias em separado. São eles: (i) grau e formalidade de substantivos e adjetivos: grau normal neutro, grau normal marcado quanto à informalidade e grau diminutivo/aumentativo informal; (ii) animacidade dos substantivos: [- humano] e [- animado], [- humano] e [+ animado], [+ humano] e [- coletivo] e ainda [+ humano] e [+ coletivo]. Com o cruzamento, os adjetivos foram retirados da rodada, visto que não são passíveis de sistematização quanto à animacidade. Diante disso, controlamos os seguintes perfis<sup>112</sup>:

a) [- humano] e [- animado] no diminutivo/aumentativo informal:

Exemplo – ausência de marca:

Inf – com boneca... fingir que elas é minha filha... eu pego... eu tenho uma/ eu cato as **[fraldinha]** de mamãe e sumo com elas tudinho [risos]... mas depois eu lavo também.

E – ah! muito bem

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

Exemplo – presença de marca:

---

<sup>112</sup> Nesta seção, seguimos a mesma formatação adotada nos exemplos da concordância verbal e nominal, apresentados até aqui: em negrito e entre colchetes encontra-se o dado exemplificado, entre parênteses e recuado à direita, o perfil do informante locutor do referido trecho.

Inf – é... e lá em cima do terraço tá tudo cagado... eu tenho dó dos bichinho... porque tem vez eles bota os **[ovinhos]** e faz assim o ninho... porque lá em cima também tem as **[casinha]** que papai botou com bambu [inint]..

(fem. – fund. 01 – 07-14 anos)

b) [- humano] e [- animado] em grau normal neutro:

Exemplo – ausência de marca:

E - de quê, você pode contar?

Inf - não... promessa é pedindo né, ao Pai... Jesus... nosso Pai... e eu consegui, tudo que eu peço a ele vem na minhas **[mão]**. Então, graças a Deus.

(fem. – fund. 01 – 26–49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E - então você vai dormir que horas mais ou menos?

Inf - umas oito **[horas]**:::

(fem. – fund. 01 – 26–49 anos)

c) [- humano] e [- animado] em grau normal marcado quanto à informalidade:

Exemplo – ausência de marca:

E – sempre né durante a vida sempre leva alguns

Inf- umas aventurazinha é meio estranha né... mas infelizmente as **[coisas]** que tem que acontecer que vai acontecer com a gente .... não vai acontecer com outro... é só ter fé Deus orar para que Deus tenha misericórdia né preparar a gente a família para que se tiver que acontecer alguma coisa né todo mundo tem que estar preparado né que você já pensou se esse pau se esse ciumento bate na minha cabeça... como é eles vinha avisar meu esposo... a esposa do senhor está morta ali que o pau bateu na cabeça dela... Que negócio? ... Essa menina saiu para trabalhar com mochila de bicicleta como é que é ela mexeu em que o que que foi isso é difícil explicar

(fem. – médio – >49 anos)

Exemplo – presença de marca:



E – por que assim? / Inf- é mesmo comendo esse monte de porcaria que eu te falei que o povo que gosta de comer come estraga a saúde né... eu não gosto dessas coisas mais puro mais natural mesmo ele se acabando nessas **[coisas]** ...aí acho que é mais saudável por conta da qualidade de vida né... porque antigamente... coitado... povo era mais na roça mesmo... ali na roça que tinha que trabalhar para comer... hoje tem também não é que eu vou falar que não tem porque muitos tem sustento... como não ... cada caso é um caso... porque antigamente eles dependia...

(fem. – médio – >49 anos)

d) [- humano] e [+ animado] no diminutivo/aumentativo informal:

Exemplo – ausência de marca:

E – ó! não gosta? ...

Inf – não minhas filha minha filha tinha um tinha um um uns **[gatinho]** lá uma gatinha lá ... de estimação lá... aí depois ela morreu ...mor/deu uma doença ela morreu ... aí minha filha chorou tan::to ... mas foi um desespero como se fosse alguém da família ... aí a minha esposa falou “ó nunca mais vou botar animal nessa casa mais não” porque se apegar se apegar mu::ito ... aí depois ... fica aquele negócio so/ depois sofre quando fica velho vai morre ou some ... aí nunca mais ...

(masc.– fund. 02 – >49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E – mas você come carne também ou não?

Inf – não curto esse negócio de comer carne não... eu tenho dó dos **[bichinhos]**... eu não gosto desse negócio de matar animal pra comer não... aí eu não como muita carne não.

(masc– fund. 02 – >49 anos)

e) [- humano] e [+ animado] em grau normal neutro:

Exemplo – ausência de marca:

E - e vocês plantam assim... vocês têm uma hortinha ..alguma coisa assim?

Inf - sempre tem...mamãe agora num tem não... porque tem as **[galinha]** enjoada... elas num deixa não... mas ela sempre plantou ..sempre fez horta...

(fem. – fund. 02 – 15-25 anos)

Exemplo – presença de marca:

Inf – bastante [risos]... eu tenho quatro **[cachorros]**... tem galinha... tem coelho [risos]

E – ah... até coelho?

Inf – tem coelho [riso]... tem uma criação de coelho que ele tá começando agora né? aí... eu adoro... todo dia eu vou lá ver eles.

(fem. – fund. 01 – 15-25 anos)

f) [- humano] e [+ animado] em grau normal marcado quanto à informalidade:

Exemplo – ausência de marca:

E - como assim? Como que foi isso

Inf - assim meu avô tava ... ô novinha pequenininha acho que ela tem 2 ano... acho que a 2 anos... ela tava no porco né... ali embaixo tem um monte de **[porco]**... mas ela tá vendo mais para frente né aí eu não sei o nome dele é bom né aí eu não sei ela foi tentar pegar eu acho aí depois eu vou bater nele aí meu tio deu a ração para ele aí Depois ele morreu.

(fem. – fund. 01 – 07 – 14 anos)

E: é muito grande esse museu

Inf: é... bastante... tem um monte de **[bicho]** empalhado lá... tem.

(masc– médio – 07 – 14 anos)

Quanto aos itens [- humano] e [+ animado] em grau normal marcado quanto à informalidade, só foram observados os dois casos exemplificados acima, ambos não marcados quanto à presença de marca. Diante disso, optamos por retirar esses dados da rodada de peso relativo, a qual figura na tabela 49, a seguir.

g) [+ humano] e [- coletivo] no diminutivo/aumentativo informal:

Exemplo – ausência de marca:

E – já tá indo pra:: ... terceira geração...

Inf – é tercei::ra geração... que já vai tamos com dois **[netinho]** né? ...

E – é:? ...

Inf – e dois:: nove e oito mês::

(fem. – médio – >49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E – mas você gostava assim dessa época?

Inf – ah eu gostava... até a gente levava... era muito difícil num ter merenda... aí quando num tinha a gente levava... a graça era trocar a merenda com os **[coleguinhas]** ... nossa a merenda dos outro sempre era melhor que a nossa... [risos] trocava tudo... mas era muito bom... toda vida eu gostei.

(fem. – fund. 02 – 26-49 anos)

h) [+ humano] e [- coletivo] em grau normal neutro:

Exemplo – ausência de marca:

E – oferecer condições para que ele pudesse

Inf – outra coisa que eu olho em cima disso aí é que hoje o governo lançou o seguinte... olha bem... vou te fazer uma colocação aí... eles estão tentando melhorar a preservação do Brasil... por exemplo aquelas pessoas que já destruíram... degradaram as áreas toda... eles estão pagando os caras... os **[proprietário]** pra replantar... pra reflorestar... aí você olha aqui... coisa complicada... se o cara devastou a área que ele tinha lá... vão supor em cem por cento ou não sei... agora ele tem que reflorestar... ele vendeu a madeira... ganhou o dinheiro... tá? ele usou a terra... ganhou dinheiro... e tá ganhando dinheiro do governo pra reflorestar... enquanto que eu que tenho a mata em pé... não mexi em nada tá? tá tudo aí e não levo nada... não levo nada... então isso pra mim é injustiça!

(masc– fund. 01 – >49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E – só falta o incentivo mesmo assim a ajuda do governo

Inf – é... o que.. aí há uma conversa... há uma conversa que no futuro mais pra frente vai ser beneficiado essas **[pessoas]**... mas isso aí é um negócio também porque nosso país hoje... é uma situação... em termo de/de/de governar as **[pessoas]** usam o dinheiro muito/ eles usam... eles tiram do imposto alto e aplicam mal... eu acho que esse é o grande problema... senão teria dinheiro hoje para ajudar aqueles que tão preservando

(masc– fund. 01 – >49 anos)

i) [+ humano] e [- coletivo] em grau normal marcado quanto à informalidade:

Exemplo – ausência de marca:

Inf – e a escola lá é muito rigorosa assim é... de se tá tudo certinho... porque eles tão assim... eles tão num tem ninguém vigiando eles... um monte de **[adolescente]** mas tem tudo regra a ser cumprido... se eles quebrar aquelas regra eles são chamado pra conversar...

(fem. – fund. 02 – 26-49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E – é verdade

Inf – isso são leis mal estabelecidas... é:: coisas criada de qualquer maneira... quer dizer... quem degradou... quem estragou tá sendo beneficiado... por que? ele vendeu a madeira... ele produziu o carvão... ele usou a terra e ainda tá recebendo para reflorestar... esse tá sendo beneficiado... agora eu aqui não... tá? mas eu já passei isso pros caras já!...tá? já falei isso pros **[caras]** já

(masc– fund. 01 – >49 anos)

j) [+ humano] e [+ coletivo] em grau normal neutro:

Exemplo – ausência de marca:

E – mas a senhora costura pra fo::ra ou só:: ...

Inf – é:: mais assim vizi::nha pro aí as **[família]** né? se alguém de fora pe::de eu faço também mas:: não costuro de direto assim por exemplo se alguém de lá fala assim “cê quer fazer isso pra mim::” eu vou lá e pego e fa::ço ... aí deixo a ro::ça e faço ...

E – se dividin::do né?...

(fem. – fund. 02 – &gt;49 anos)

Exemplo – presença de marca:

E – ...de congo sempre teve aqui sempre...foi forte isso. E nas festas... você sempre...nas festas daqui da comunidade você sempre...essa banda de congo está sempre presente?

Inf – Sempre presente todos os **[grupos]** estão também.

(fem. – médio – 15-25 anos)

Conforme justificamos logo após a exemplificação dos exemplos do item [- humano] e [+ animado] em grau normal marcado quanto à informalidade, este perfil teve de ser retirado da rodada de pesos relativos, visto que, na amostra leopoldinense, observamos apenas 02 itens categoricamente não marcados quanto à concordância nominal de número, por isso estes dados não figuram na tabela 49. Vejamos:

**Tabela 49: Grau, Formalidade Léxica e Animacidade dos Substantivos e dos Adjetivos, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>113</sup>**

(continua)		
Fatores analisados	Porcentagem	Peso relativo
[- humano] e [- animado] no diminutivo/aumentativo informal	23/135= 17%	0,339
[- humano] e [- animado] em grau normal neutro	629/1988= 31,6%	0,544
[- humano] e [- animado] em grau normal marcado quanto à informalidade	90/512= 17,6%	0,368
[- humano] e [+ animado] no diminutivo/aumentativo informal	04/35= 11,4%	0,224
[- humano] e [+ animado] em grau normal neutro	25/107= 23,4%	0,343
[+ humano] e [- coletivo] no diminutivo/aumentativo informal	1/12= 8,3%	0,188
[- humano] e [- coletivo] em grau normal neutro	336/1021= 32,9%	0,546

<sup>113</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

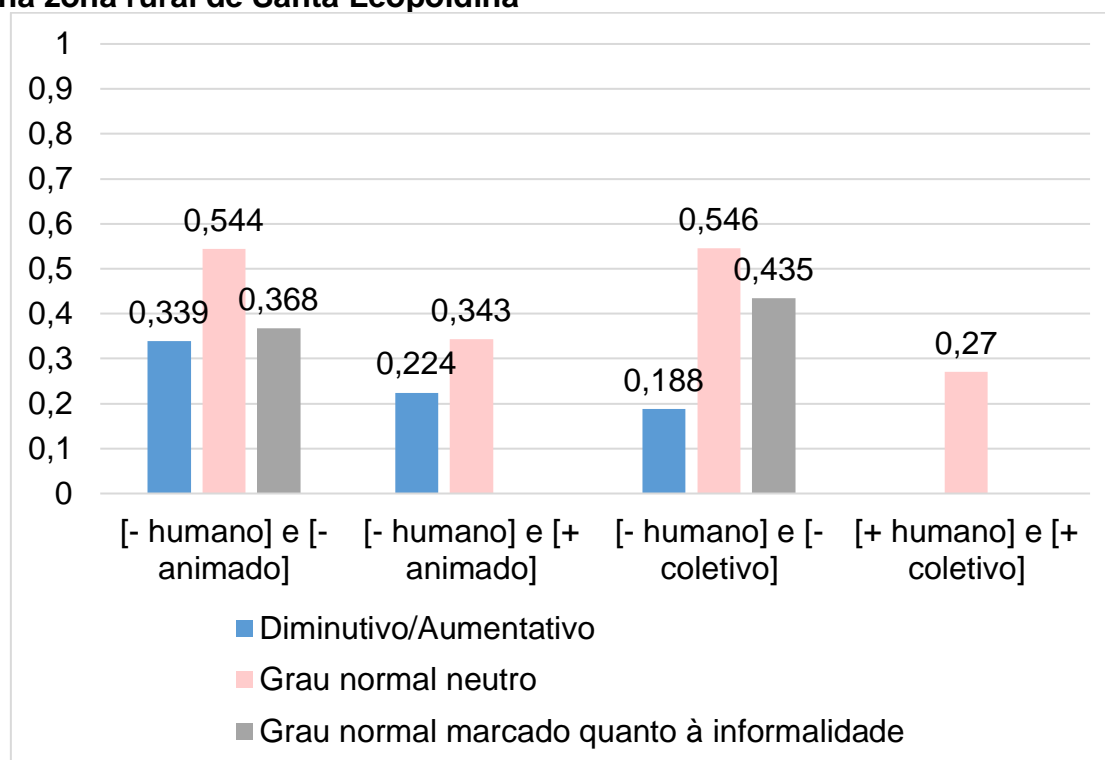
**Tabela 49: Grau, Formalidade Léxica e Animacidade dos Substantivos e dos Adjetivos, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**

(conclusão)		
Fatores analisados	Porcentagem	Peso relativo
[+ humano] e [- coletivo] em grau normal marcado quanto à informalidade	07/35= 20%	0,435
[+ humano] e [+ coletivo] em grau normal neutro	04/27= 14,8%	0,270
<b>TOTAL</b>	<b>1119/3872= 28,9%</b>	
<b>RANGE</b>	<b>35</b>	

Fonte: elaboração própria.

No gráfico 16, a seguir, percebemos a distribuição dos pesos relativos em função da animacidade, do grau e da formalidade dos substantivos. Vejamos:

**Gráfico 16: Variável animacidade, grau e formalidade léxica dos substantivos, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**<sup>114</sup>



Fonte: elaboração própria.

<sup>114</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

Os dados atuais acrescentam a categoria [+ humano] e [+ coletivo] em grau normal não observada em Lopes (2014, p. 146). Vemos, inclusive, que esses itens desfavorecem a marcação do plural em 0,270. Por certo, o quantitativo desses termos não é expressivo (27 itens contabilizados no total, sendo apenas 04 marcados quanto à pluralidade), comparado a outros perfis (os [-humanos] e [- animados] em grau normal, por exemplo, com 1988 dados). Além disso, não podemos tecer grandes conclusões, visto que não dispomos de parâmetros comparativos, no que se refere ao grau desses itens. O que podemos inferir é que o perfil diretamente oposto ([+ humano] e [- coletivo] em grau normal neutro) favorece a concordância em 0,546. Esta é a categoria que mais favorece a retenção da marca. Desse modo, o que parece influenciar, neste caso, é o fato de o item possuir perfil [+] coletivo ou [-] coletivo. Quanto ao coletivo, destacamos ainda aos itens [+ humano] e [- coletivo] em grau normal marcado quanto à informalidade, com peso de 0,435, sendo o terceiro perfil mais marcados.

A segunda categoria que mais favorece a marcação do plural, com 0,544, é a dos itens [- humano] e [- animado] em grau normal neutro. É interessante apontar que os itens que mais retêm a marca, ou seja, os [+ humano] e [- coletivo] em grau normal neutro e [- humano] e [- animado] em grau normal neutro, são os mais frequentes na fala leopoldinense. Dos 3872 dados analisados, 3009 itens são relativos a esses perfis, isto é, 77,17% do total de termos controlados. Isso nos permite refletir se a frequência desses vocábulos na língua interfere na sua marcação. Outra similaridade entre essas categorias está no grau normal neutro que ambas apresentam.

Quanto ao outro perfil [- humano] e [+ animado] em grau normal neutro, notamos que a taxa de marcação é inferior às demais com o mesmo grau, desfavorecendo a concordância em 0,343. Todavia, ainda assim, é maior que o índice dos termos [- humano] e [+ animado] no diminutivo/aumentativo informal, os quais apresentam 0,224 de peso relativo. Quanto a este perfil, reiteramos a observação de Lopes (2014, p. 141 e 146), ao propor que:

A categoria [- humano] e [+ animado], portanto, desfavorece a marcação, tendo 20 dados marcados de um total de 100 ocorrências. Nesse fator, aparecem, predominantemente, espécies de animais pertencentes ao cotidiano da comunidade. Nossa hipótese é que o contato dos falantes leopoldinenses com esses elementos, em seu cotidiano, instaure certa intimidade com esses vocábulos. Propomos que essa intimidade se reflita na fala através da ausência de marcação de plural.

(LOPES, 2014, p. 141)

Dessa maneira,

Diante dos atuais resultados, podemos afirmar que nossa hipótese, de que os substantivos designadores de animais, em Santa Leopoldina, desfavorecem a marca de concordância plural, é consistente. Observe que independente do grau e formalidade léxica que possua, seja diminutivo/aumentativo informal, com 0,154, seja grau normal informal, com 0,323, esses termos, [- humano] e [+ animado] são menos marcados que os demais. Notamos que a maioria desses itens é empregada no grau normal informal, com 72 (setenta e duas) ocorrências.

(LOPES, 2014, p. 146)

Comparando o observado por Lopes (2014) com a análise atual, notamos que ocorre uma leve elevação nos pesos relativos dos itens [-humano] e [+ animado], seja em grau diminutivo/aumentativo informal (de 0,154, em 2014, para 0,224, amostra atual), seja em grau neutro (de 0,323, em 2014, para 0,343, na amostra atual). Entretanto, ainda assim, esses itens desfavorecem a retenção da marca de plural. Vale ressaltar que o índice dos [-humano] e [+ animado] em grau diminutivo/aumentativo entre os fatores analisados nesta variável, sendo superior apenas ao dos [-humano] e [-coletivo] em grau diminutivo/aumentativo, que apresentam com 0,188 de peso relativo.

É interessante apontar a semelhança entre os resultados dos itens [- humano] e [- animado] no diminutivo/aumentativo informal, com 0,339, e os [-humano] e [-animado] em grau normal marcados quanto à informalidade, com peso relativo de 0,368. Observamos, portanto, que independente do grau do substantivo, o que impera é a formalidade dos itens sob análise, que parece ocasionar um leve favorecimento na marcação desses perfis, se considerarmos a ordenação geral dos pesos relativos de todas as categorias analisadas. Todavia, analisando apenas a ordenação interna dos dados [- humano] e [- animado], percebemos que os vocábulos diminutivo/aumentativo informal e grau normal marcados



quanto à informalidade desfavorecem a marcação, visto que os termos desse mesmo perfil, em grau normal, favorecem a concordância em 0,544, sendo o segundo mais marcado entre todos os fatores desse grupo.

## 7.8 Sexo

Os resultados da variável sexo, penúltima a ser selecionada com significância estatística pelo programa, alinham-se ao observado em Lopes (2014). As mulheres permanecem sendo as que mais retêm a marca de plural, como atestam a teoria laboviana, no que tange a fenômenos acima do nível da consciência, conforme discutido na seção 6.6. Essa tendência foi percebida para o fenômeno de concordância verbal de terceira pessoa, apresentado no tópico 6.6. Vejamos os resultados dessa variável, dispostos na tabela 50, a seguir:

**Tabela 50: Efeito da variável sexo, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina<sup>115</sup>.**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Feminino	3166/4851= 65,3%	0,540
Masculino	2206/3803= 58%	0,449
Total de dados analisados	5372/8654= 62,1%	
<i>Range</i>		09

Fonte: elaboração própria.

Os números apontam um mesmo padrão em termos percentuais e de peso relativo: enquanto as mulheres apresentam índices superiores aos da média global observada na comunidade, em 65,3% e 62,1%, respectivamente, os homens atestam resultados inferiores, em 58%. Essa tendência permanece nos pesos relativos com 0,540 para as mulheres e 0,449 para os homens. No que se refere à força de restrição desta variável, percebemos que o valor de 09 de *range*

<sup>115</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.

é um dos mais baixos observados em nossos dados, sendo superior apenas ao da escolaridade, que é de 06 pontos, conforme será apresentado no tópico 7.9.

**Tabela 51: Efeito da variável gênero/sexo, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, com dados de amostras do Rio de Janeiro/RJ (1980, 2000), Vitória/ES, Alto Solimões/AM e Santa Leopoldina/ES**

Fatores analisados	Rio de Janeiro		Vitória	Alto Solimões	Santa Leopoldina
	1980	2000			
Feminino	0,58	0,55	0,44	0,52	0,54
Masculino	0,41	0,45	0,56	0,47	0,45
<b>RANGE</b>	<b>17</b>	<b>10</b>	<b>12</b>	<b>05</b>	<b>09</b>

Fonte: Rio de Janeiro – 1980: Scherre (1988, p. 445) – 2000: acervo pessoal professores Marta Scherre e Anthony Naro; Vitória – Scardua (2018, p. 149), Alto Solimões – Martins (2013, p. 177) e Santa Leopoldina – esta pesquisa.

É interessante observar que Vitória é a única localidade, dentre as elencadas para nosso estudo comparativo, em que os homens favorecem mais a concordância do que as mulheres. Retomemos as considerações de Scardua (2018, p. 156), a qual assinala que:

uma hipótese para a discrepância de comportamento de homens e mulheres na concordância nominal, fenômeno acima do nível da consciência que envolve estigma social, seria a de que o machismo e o conservadorismo do homem capixaba estariam refletindo no linguístico. Considerando que no sistema patriarcal “ser homem implicava em dominar as mulheres e nunca se parecer com elas” (NADER, 2013, p. 5), os homens utilizariam a forma de prestígio como elemento de afirmação da sua superioridade sobre as mulheres.

A conclusão de Scardua (2018, p. 156) é formulada a partir da análise sócio-histórica da organização da sociedade capixaba. A linguista rememora que, na década de 1970, houve uma repentina e drástica mudança na, até então, pequena e pouco movimentada Vitória, em decorrência da instalação das empresas Vale do Rio Doce e Siderúrgica Tubarão (atual Arcelor Mittal). Nessa época, segundo Scardua (2018), com base em dados de Nader (2013), as mulheres tinham suas tarefas restritas à rotina doméstica. No decorrer do tempo, essa configuração foi alterada, visto que as mulheres passaram a se inserir no mercado de trabalho. Todavia, resquícios dessa sociedade patriarcal ainda

operam na capital capixaba, a exemplo dos alarmantes resultados da violência contra a mulher. Nesse sentido, como expressão de poder e *status* masculino, o homem capixaba tenderia a marcar mais o plural, como esclarece Scardua (2018, p. 156), na citação transcrita acima. Essa ideia da pesquisadora é ratificada pelo cruzamento entre as variáveis sociais sexo e faixa etária, que aponta para um favorecimento dos homens nas duas faixas etárias das extremidades do *continuum* etário.

Diante disso, com o objetivo de compreender os movimentos linguísticos distintos ocorridos em Santa Leopoldina e em Vitória, Scardua (2018, p. 157), propõe:

retomar aqui, agora, a questão da oposição entre capixabas e leopoldinenses, no que diz respeito à variável em discussão. Conforme já vimos na Tabela 22, diferentemente de Vitória, na área rural de Santa Leopoldina, mulheres e homens se comportam na direção prevista na literatura sociolinguística, apesar de essa comunidade também ter uma forte base patriarcal. A nosso ver, as possíveis diferenças no grau de avaliação da concordância nominal, provavelmente, podem nos ajudar a trazer luzes sobre as tendências divergentes dessas duas localidades do Espírito Santo.

Pensando especialmente no *continuum* rural-urbano, de Bortoni-Ricardo (2005), podemos dizer que é no meio urbano que a ausência de marcas explícitas de plural tende a receber mais estigma. Com efeito, é possível levantar a hipótese de que os homens leopoldinenses não realizariam mais concordância do que as mulheres pelo fato de o julgamento negativo da não marcação de plural não ser tão forte em Santa Leopoldina quanto em Vitória. Reforçamos, porém, que, futuramente, para refutar ou não essa hipótese, faz-se necessário a realização de testes de reação subjetiva.

Em verdade, para se trazerem maiores esclarecimentos sobre os resultados obtidos para a variável sexo/gênero, é necessário um estudo mais profundo para se identificar as particularidades de Vitória que a difere das outras comunidades brasileiras, incluindo Santa Leopoldina.

Considerando essas pontuações e de posse dos dados evidenciados pelo cruzamento realizado por Scardua (2018, p. 153), vejamos como as variáveis sexo e faixa etária interagem em Santa Leopoldina:

**Tabela 52: Efeito de cruzamento entre sexo e faixa etária quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**

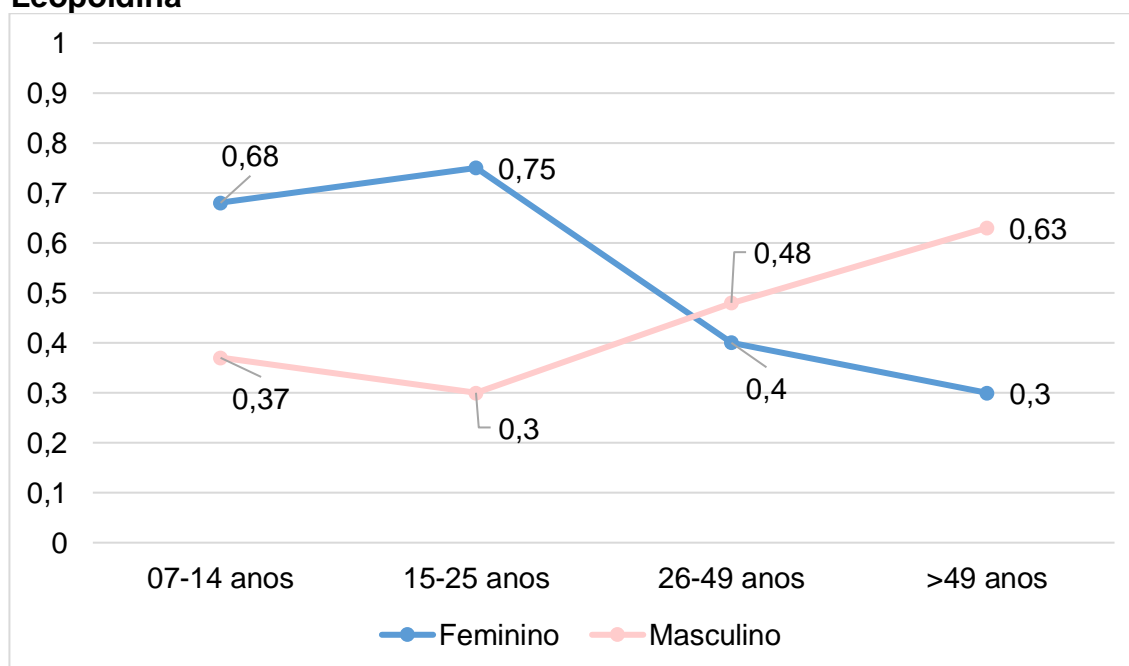
	Faixa etária	07-14 anos		15-25 anos		26-49 anos		>49 anos	
		%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
<b>Sexo</b>	Fem.	73,3%	0,68	76,5%	0,75	58,4%	0,40	53,4%	0,30
	Masc.	53,1%	0,37	53,1%	0,30	60,3%	0,48	63,6%	0,63
	Total	$5372/8652 = 62,1\%$							
	Range	45							

Fonte: elaboração própria.

Os resultados leopoldinenses apontam que são as mulheres mais jovens as líderes no processo de mudança em direção ao aumento da concordância. Enquanto, as mulheres das duas faixas etárias velhas desfavorecem a aplicação da regra.

Vejamos a apresentação desses índices em forma de gráfico:

**Gráfico 17: Efeito de cruzamento entre sexo e faixa etária, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**



Fonte: elaboração própria.

Esses resultados são similares ao observados em Lopes (2014). Na ocasião, a linguista concluiu que os índices são justificados pelo acesso à mídia, por parte das mulheres, rememoramos o trecho de Lopes (2014) já citado nesta tese na seção 6.6, ao refletirmos sobre o efeito da variável “sexo” na concordância verbal de terceira pessoa:

No período em que permanecemos em Santa Leopoldina para coleta de dados, percebemos que as mulheres têm mais acesso à mídia. Os meninos, por volta de seus 10 a 12 anos de idade, vão para a roça trabalhar com o pai, no contraturno escolar. As meninas, por outro lado, têm uma rotina restrita ao ambiente doméstico, em que têm acesso com maior facilidade ao rádio e à televisão. É comum em Santa Leopoldina ter um pequeno rádio na cozinha. As mulheres fazem seus afazeres domésticos ao som das emissoras de rádio. Nossa hipótese é que esse contato com a mídia esteja motivando os atuais resultados, efeito previsto por Naro e Scherre (2009).

(LOPES, 2014, p. 107-8)

Reiteramos esse pensamento, considerando a rotina restritiva das mulheres ao ambiente doméstico e o conseqüente maior contato dessas com a mídia. Sustentamos que essa possa ser uma possível causa do favorecimento das meninas das duas primeiras faixas etárias a concordância, sendo aliado a este fator, como pontuado em Lopes (2014, p. 108), o acesso dessas à escola, ambiente institucional de letramento, visto que elas estão em idade escolar.

Quanto ao aumento dos índices dos homens, novamente ratificamos nossa hipótese em Lopes (2014, p. 108), ao considerar que:

as mulheres tendem a utilizar mais a norma não padrão em função do avanço de idade. Esse efeito é inverso ao observado entre os homens, que tendem a aumentar o uso da concordância, em termos de percentagem, e a favorecê-lo, em termos de peso relativo, à medida que se tornam mais velhos. Neste ponto, temos de considerar que, em Santa Leopoldina, a rotina da mulher, em especial a da terceira e quarta faixas etárias, é mais restrita ao ambiente rural que a dos homens, uma vez que são eles os responsáveis por comercializar os produtos na capital. As mulheres, por outro lado, cuidam da manutenção do lar e alguns serviços rurais. Sendo assim, entendemos que o efeito da inserção no mercado de trabalho é, consideravelmente, reduzido entre as mulheres, o que pode motivar esses resultados.

Retomando a ponderação de Scardua (2018, p. 157), ao refletir sobre as direções opostas adotadas pelos homens leopoldinenses e capixabas, embora sendo ambas consideradas comunidade fortemente patriarcais. A linguista

atribui essa discrepância ao grau de avaliação da concordância nominal nessas regiões. Diante disso, lembramos que Scardua (2018, p. 157) sugere a realização de teste de reação subjetiva para refutar ou não essa hipótese, a qual vislumbra que “os homens leopoldinenses não realizariam mais concordância do que as mulheres pelo fato de o julgamento negativo da não marcação de plural não ser tão forte em Santa Leopoldina quanto em Vitória” (p. 157).

Avançamos um pouco mais nesta discussão, não de forma a refutar a hipótese de Scardua (2018), mas como uma proposta a reflexão por outro viés. Em Vitória, conforme destaca a linguista, já na década de 1970, com a instalação das indústrias Companhia Vale do Rio Doce e Companhia Siderúrgica Tubarão, como mencionado anteriormente, os homens inseriram-se no mercado de trabalho e, possivelmente, marcavam esse *status* com uso de mais formas de prestígio na fala. Esse movimento não ocorreu em Santa Leopoldina.

Esclarecemos: em Santa Leopoldina, os homens não parecem usar artifícios linguísticos para marcação da supremacia masculina de forma tão assertiva quanto na capital, visto que, na organização social leopoldinense, o patriarcalismo é socialmente aceito pela comunidade. Sendo assim, o uso de concordância nominal em índices superiores ou inferiores não estaria relacionado a uma questão de dominação de um sexo sobre outro. Não é esta a mentalidade que os leopoldinenses compartilham. Em Santa Leopoldina, os papéis sociais são muito bem delimitados, frisamos: as mulheres são responsáveis pela manutenção do lar, pela criação dos filhos e por auxiliar em serviços rurais em época de colheita do café; os homens, por outro lado, ocupam-se das tarefas rurais em sua totalidade, desde a plantação à comercialização dos produtos. Algumas mulheres têm profissões como merendeiras e domésticas, mas também restritas, na maioria das vezes, ao ambiente rural. E essa organização social é percebida com naturalidade pelos leopoldinenses.

Essa hipótese é ratificada pelo cruzamento realizado entre sexo e escolaridade, vejamos:

**Tabela 53: Efeito do cruzamento entre sexo e escolaridade quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**

Escolaridade	Ens. fund. 01		Ens. fund. 02		Ens. médio		
	%	PR	%	PR	%	PR	
Sexo	Fem.	64,4%	0,54	66,1%	0,52	65%	0,58
	Masc.	56,7%	0,45	57,2%	0,42	62,8%	0,50
	<i>Range</i>	16					
Total		5372/8654= 62,1%					

Fonte: elaboração própria.

A aumento da escolaridade reconhecidamente vislumbrado na capital capixaba como uma forma de ascensão social, não parece influenciar, decisivamente, o comportamento linguístico de homens e mulheres. Analisando os dados apresentados na tabela 53, notamos que, independentemente do tempo de acesso ao ensino normativo formal, as mulheres sempre favorecem mais a aplicação da regra de plural que os homens. Notamos, inclusive, que há um decréscimo entre o fundamental 01 e 02. Essa particularidade será retomada no tópico seguinte ao dissertarmos sobre a escolaridade. Por ora, basta-nos salientar que as regras sociais operantes em Vitória e nas demais regiões urbanas não são, necessariamente, aplicáveis à zona rural leopoldinense.

## 7.9 Escolaridade

Última variável selecionada pelo programa computacional, a escolaridade não apresenta uma força de restrição muito expressiva, visto que seu *range* é o menor entre todos os grupos de fatores, com apenas 06 pontos.

Os dados seguem dispostos na tabela 54:

**Tabela 54: Efeito da variável escolaridade, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina <sup>116</sup>.**

<b>Fatores analisados</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
Ensino Fundamental 01	1940/3186= 60,9%	0,502
Ensino Fundamental 02	2320/3734= 62,1%	0,479
Ensino Médio	1112/1734= 64,2%	0,543
<b>Total de dados analisados</b>	<b>5372/8654= 62,1%</b>	
<b>Range</b>		<b>06</b>

Fonte: elaboração própria.

Notamos que os falantes com ensino fundamental 01 são os que menos aplicam a marcação de plural com porcentagem de retenção inferior à média global, 60,9% e 62,1%, respectivamente. Seguinte, em termos percentuais, estão os voluntários com ensino fundamental 02, com 62,1%. Por fim, aparecem os do ensino médio, com 64,2%. Esses resultados seguem a tendência sugerida por Scherre (1988), que sugere que há uma elevação da taxa de marcação em função do aumento da escolaridade.

Essa mesma tendência, no entanto, não é perceptível nos pesos relativos, uma vez que, embora os leopoldinenses com ensino médio liderem o processo de mudança em direção ao aumento de concordância na comunidade, com 0,543, esses são seguidos pelos falantes do ensino fundamental 01, com 0,502, que apontam para um limiar intermediário de marcação. Desfavorecendo a concordância nominal de número, figuram os falantes do ensino fundamental 02, com 0,479.

Vejamos o efeito desta variável em outras amostras:

<sup>116</sup> Resultados retirados da rodada geral de concordância nominal de número, apresentada no anexo F.



**Tabela 55: Efeito da variável escolaridade quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina, com amostras do Rio de Janeiro/RJ (1980 e 2000), de Vitória/ES, de Alto Solimões/AM e de Santa Leopoldina/ES**

Fatores analisados	Rio de Janeiro		Vitória	Alto Solimões	Santa Leopoldina
	1980	2000			
Fund. 01	0,41	0,19		---	0,50
Fund. 02	0,51	0,59	0,34	0,43	0,48
Médio	0,61	0,84	0,51	0,57	0,54
Superior	---	---	0,67	---	---
<b>RANGE</b>	<b>20</b>	<b>65</b>	<b>33</b>	<b>14</b>	<b>06</b>

Fonte: Rio de Janeiro – 1980: Scherre (1988, p. 445) – 2000: acervo pessoal professores Marta Scherre e Anthony Naro; Vitória – Scardua (2018, p. 149), Alto Solimões – Martins (2013, p. 177) e Santa Leopoldina – esta pesquisa.

Os dados apresentados na tabela 55 ratificam, nas amostras urbanas, a influência do ensino formal no fenômeno de concordância nominal de número. Notamos que as quatro amostras urbanas apontam para um aumento dos índices de marcação, em função do acesso à escolarização. Em Santa Leopoldina, percebemos que há um tímido decréscimo entre os pesos relativos exibidos por falantes do fundamental 01 e 02. Essa particularidade leopoldinense não foi observada com o controle estatístico das 32 entrevistas analisadas por Lopes (2014, p. 151). Na ocasião, os falantes do ensino fundamental 01 exibiam peso relativo de 0,46, enquanto os do fundamental 02, 0,53. Sendo assim, esses resultados alinham-se ao observado nas demais localidades.

Diante disso, no intuito de compreender o efeito da escolaridade operante em Santa Leopoldina, apresentamos resultados do cruzamento entre escolaridade e faixa etária. Vejamos na tabela a seguir:

**Tabela 56: Efeito do cruzamento entre variáveis sociais, em função da escolaridade, quanto ao fenômeno de concordância nominal de número, na zona rural de Santa Leopoldina**

Escolaridade	Ens. fund. 01		Ens. fund. 02		Ens. médio		
	%	PR	%	PR	%	PR	
<b>Faixa etária</b>	07-14	60%	0,44	68,2%	0,59	-----	---
	15-25	67,9%	0,66	64,2%	0,57	71,8%	0,64
	26-49	61,7%	0,52	53,9%	0,31	59,5%	0,46
	>49	58%	0,43	58%	0,39	59%	0,53
<b>RANGE</b>		35					
<b>Total:</b>		5372/8654= 62,1%					

Fonte: elaboração própria.

De posse desse cruzamento, o que mais nos chamou a atenção foi o fato de os informantes de 26-49 anos com ensino fundamental 01 (com 0,52) favorecerem mais a aplicação da regra que os demais falantes dessa faixa etária com fundamental 02 (0,31) e, inclusive, com o médio (0,46). A princípio pensamos na possibilidade desses falantes terem sido entrevistados pela linguista da Grande Vitória, todavia todos os 04 informantes desse perfil interagiram com a natural de Santa Leopoldina. Outra hipótese que levantamos é a de que os dois informantes homens desse perfil chegaram até a quarta série do ensino fundamental 01, além disso, possivelmente, têm contato com a Grande Vitória, em maior ou menor grau, visto que ambos são lavradores e comercializam seus produtos na capital. Essa hipótese é ratificada pelo cruzamento de “sexo” e “faixa etária”, no tópico 7.8, que indica que os homens deste grupo etário favorecem a aplicação da regra, se comparados às mulheres. Sendo assim, parecem ser os falantes de 26-49 anos do ensino fundamental 01 os que elevam os índices do grupo com menor escolaridade.

Percebemos ainda que, à exceção dos falantes de 07-14 anos com ensino fundamental 01, os voluntários das duas primeiras faixas etárias são os que mais favorecem a retenção da marca, o que indica que, independentemente da escolaridade do indivíduo, o que parece determinar o processo de mudança em

direção ao aumento da concordância nominal é a idade e o sexo, conforme discutido anteriormente.

Isso nos permite retomar a posição sociolinguística de que não basta analisar os dados friamente, sem relacioná-los à comunidade de onde foram coletados – como o caso de Santa Leopoldina que possui uma organização social ímpar. Por certo, conforme mencionam Scherre e Naro (2006, p. 107), o modelo que melhor explica o fenômeno é o de fluxos e contrafluxos, proposto pelos linguistas. Todavia, isso não exime o pesquisador de uma análise cuidada dos dados, em função das observações percebidas em campo.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos sistematizar os efeitos de dois fenômenos: concordância verbal de terceira pessoa e concordância nominal de número, na fala de habitantes da zona rural do município de Santa Leopoldina, localizado na região central serrana do estado do Espírito Santo. Para tanto, analisamos um total de 44 entrevistas realizadas com voluntários leopoldinenses.

Quanto às variáveis controladas, percebemos que:

- 1) Concordância verbal de terceira pessoa:
  - ◁ Índices gerais: a análise refletiu um total 50,2% de marcação, o que indica um valor equilibrado entre itens marcados e não-marcados. Assim, do total de 2873 ocorrências, 1441 retiveram a pluralidade, enquanto 1432 indicaram ausência de concordância verbal.
  - ◁ Saliência fônica: primeira variável selecionada, apresentando *range* de 69 pontos. A seleção de um grupo de fatores linguísticos, em detrimento dos sociais, já sinaliza a força desses no fenômeno sob análise. Ou seja, em Santa Leopoldina, as variáveis linguísticas operam com maior força de restrição do que as sociais. Isso será corroborado pela seleção sequente dos demais grupos linguísticos e a não seleção de variáveis sociais – citam-se, faixa etária e escolaridade. Os resultados leopoldinenses corroboram o observado em Naro (1981), visto que há uma clara discrepância entre o favorecimento da marcação de termos mais salientes, em relação aos menos saliente.
  - ◁ Paralelismo oracional: quanto ao paralelismo oracional, que mede os efeitos gerados pela organização gramatical no interior do sintagma, percebemos que o item mais favorável à retenção da marca é o que apresenta forma plural inserida no SPrep. Em seguida, estão os itens em sintagmas nominais precedentes com forma plural em -s ou numeral no último elemento do sintagma, ou seja, ambos marcados. Por fim, nota-se que a presença de zero no último elemento do sintagma desfavorece a marcação do verbo em terceira pessoa. Essas observações ratificam as ponderações de Scherre (1988), em análise do fenômeno da

concordância nominal de número, que zeros tendem a favorecer zero, ao passo que marcas favorecem a presença de marcas.

- ◁ Posição e tipo de sujeito: embora a codificação atual desta variável não seja organizada tal como estabelece Naro (1981) – que sistematiza os itens em: sujeitos imediatamente antepostos do verbo (com até 05 sílabas de material intermitente), sujeitos antepostos distantes ao verbo (com mais de 05 sílabas entre o sujeito e o verbo), sujeitos pospostos e sujeitos explícitos – percebemos que a tendência geral dos resultados leopoldinenses se assemelha à tendência observada por Naro (1980, p. 80-1). Dessa forma, concluímos que, como a hierarquização da posição anteposta ao verbo não foi controlada, nesta tese, nossos resultados ratificam, relativamente, o princípio da saliência, agora posicional, estabelecido por Naro (1981), uma vez que os sujeitos antepostos ao verbo favorecem a concordância verbal, com 0,527 de peso relativo, enquanto os pospostos desfavorecem a retenção da marca, com 0,220. Quanto ao *sujeito elíptico com referência na fala do informante* e *sujeito elíptico com referência na fala do entrevistador*, os quais atestam 0,392 e 0,654 de peso relativo, respectivamente, nossos resultados se encontram parcialmente alinhados aos de Naro (1981, p. 81). Assim, compreendemos que a retenção da marca plural em verbos que possuem sujeitos elípticos, em especial no caso do elíptico com referência mais distante (na fala do entrevistador), seja motivada por um princípio de natureza funcional, o qual estabelece que a tendência da retenção da marca de plural objetiva a preservação da relação sintática e de pluralidade entre o sujeito e o verbo. Frisamos que, futuramente, pretendemos retornar aos nossos dados com o intuito de observar a aplicabilidade da metodologia observada por Naro (1981) e Scherre e Naro (1999, 2003). Além disso, futuramente, pretendemos sistematizar a fala do entrevistador, na intenção de perceber se o favorecimento do perfil sujeito elíptico com referência na fala do entrevistador está associado ao fato de o entrevistador utilizar mais concordância verbal, o que culminaria em uma tendência paralelística por parte do informante de repetir a forma verbal utilizada pelo seu interlocutor.

- ◁ Paralelismo discursivo: a organização da variável *paralelismo discursivo* tem o objetivo de analisar, criteriosamente, o efeito da presença ou da ausência de marcas plurais precedentes na presença ou ausência de marcas plurais em verbos subsequentes, no plano além da oração. Sendo assim, os fatores foram divididos considerando o tipo de marca e sintagma verbal precedentes, além disso, levamos em conta ainda o local de ocorrência da referência – se na fala do próprio informante, se na do entrevistador. De forma geral, concluímos que os itens que mais favorecem a marcação são os precedidos de sintagma verbal marcado, independentemente do tipo de marca, sintagma ou local de referência. Isso é interessante, pois permite-nos refletir que, para o falante, são irrelevantes as características plurais da marca anterior, se de primeira ou terceira pessoa.
- ◁ Sexo: nossos dados atestam que as mulheres favorecem mais a concordância do que os homens. Essa tendência alinha-se à expectativa de Labov (2001), acerca de fenômenos estigmatizados socialmente, no que se refere à *change from above* (acima do nível da consciência). Ou seja, as mulheres tenderiam a atuar em conformidade com a norma de prestígio. Além disso, reconhecemos a maior atuação da mídia sobre as mulheres, visto que suas rotinas, restritas ao ambiente doméstico, motivam-nas a terem mais contato com esse meio de letramento – conforme sinalizam Naro e Scherre (2009) e Lopes (2014).
- ◁ Origem da entrevistadora: em termos gerais, os informantes em contato com a entrevistadora de origem leopoldinense tendem a desfavorecer mais a marcação, tal como apresentado pelos dados de Foeger (2014). Todavia, consideramos que a discussão precisa ser aprofundada a este respeito, dado o desequilíbrio da amostra, quanto a esta variável.
- ◁ Faixa etária: essa variável não foi selecionada pelo programa computacional de estatística, Goldvarb X. Em termos de percentagens, no entanto, percebemos que os falantes mais jovens – em idade entre 07-14 e 15-25 anos, 53,9% e 55%, respectivamente – usam mais a marcação de plural, do que os mais velhos – 26-49 e acima de 49 anos, 46,4% e 46,1%. Os índices, no entanto, aproximam-se da taxa geral de marcação (50,2%), o que indica um comportamento muito equilibrado, no que se

refere à faixa etária. Ressaltamos, entretanto, que a configuração atual dos resultados leopoldinenses não nos permite estabelecer aprofundadas reflexões acerca desta variável, visto que as pequenas diferenças percentuais não foram consideradas estatisticamente significativa pelo Goldvarb X.

- ◁ Escolaridade: tal como a variável faixa etária, a escolaridade não foi selecionada pelo Goldvarb X. Quanto às percentagens, percebemos uma tímida hierarquia de elevação de concordância, em função do aumento da escolaridade: ensino fundamental 01 – 49,2%; fundamental 02 – 49,4%; e, médio – 53,5%. Tal como na variável faixa etária, esses índices são próximos aos índices gerais. Além disso, ambas foram também eliminadas no nível de análise *step-down*.

## 2) Concordância nominal:

- ◁ Índices gerais: a análise da amostra rural leopoldinense culminou em 62,1% de itens marcados para a concordância nominal de número, sendo assim, dos 8653 analisados, 5373 retêm a marca de plural, enquanto 3280 não retêm a marca.
- ◁ Posição linear e relativa: nossos resultados ratificam a hipótese de Scherre e Naro (1998) de que itens localizados mais à esquerda tendem a favorecer a marcação de plural, seja elemento antes do núcleo na 1ª posição com 0,950, seja núcleo na primeira posição, com 100% dos termos marcados. Por outro lado, os itens mais à direita tendem a desfavorecer a marcação, seja antes do núcleo na 2ª e demais posições, com 0,438 de peso relativo; seja em posição nuclear, na 2ª e demais posições, com 0,091; seja depois do núcleo com 0,119.
- ◁ Saliência Fônica: nossos dados ratificam a hipótese de Scherre (1988) de que os itens mais salientes favorecem a marcação. Notamos que, em tendência geral, nossos dados alinham-se com as pesquisas de Scherre (1988), Martins (2013) e Scardua (2018). O que nos chamou atenção foi o fato de, quando separados os itens -s (oxítono), “vez” em “as vezes” e “vez” nas demais expressões, os termos irregulares oxítonos apresentaram queda nos índices de marcação, o que permitiu notar que

o comportamento desses estava sendo inflacionado pelas estruturas com “vez”, diferentemente do que ocorre em Scherre (1988).

- ◁ Marcas precedentes: em linhas gerais, nossos dados corroboram a hipótese de Scherre (1988) de que marcas levam a marcas, tal como zero levam a zeros, haja visto que os itens precedidos de marca plural tendem a reter a partícula indicativa de plural, enquanto os itens precedidos de zeros tendem a apresentar marca zero.
- ◁ Origem da entrevistadora: tal como nos dados de Foeger (2014) e na análise promovida por esta tese, quanto à concordância verbal de terceira pessoa, os informantes em interação com a pesquisadora leopoldinense usam menos o plural que os entrevistados pela linguista da Grande Vitória. Nossa hipótese é que esses índices sejam resultado da familiaridade entre os contextos vivenciados pelos interlocutores leopoldinenses – entrevistador e entrevistado, ou seja, podem ser atribuídas ao contexto interacional da relação entrevistador/entrevistado.
- ◁ Faixa etária: conforme observado nas pesquisas realizadas no sudeste – Rio de Janeiro/1980 e 2000 e Vitória/2000, com dados de Naro e Scherre (2003 e acervo pessoal) e Scardua (2018) –, a zona rural leopoldinense vivencia um processo de mudança em direção ao aumento da concordância nominal, visto que os falantes das duas faixas etárias mais jovens favorecem a concordância, enquanto os das duas mais velhas desfavorecem.
- ◁ Grau, formalidade e animacidade dos substantivos: os resultados atuais ratificam o observado por Lopes (2014), haja vista que os itens designadores de animais – [- humanos] e [+ animados] – independentemente de seu grau de marcação tendem a desfavorecer a concordância. Continuamos firmados na hipótese de que esse resultado é produto do grau de intimidade/familiaridade desses elementos no contexto rural leopoldinense.
- ◁ Sexo: seguindo a mesma tendência observada no fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa, em Santa Leopoldina, as mulheres leopoldinenses utilizam mais a marca de plural que os homens, o que aponta alinhamento das mulheres com a prerrogativa laboviana,



conforme mencionado, no que se refere à *change from above* (acima do nível da consciência). Assim, considerando que a ausência de concordância, quer nominal, quer verbal, é estigmatizada socialmente, as mulheres tendem a atuar em conformidade com a norma de prestígio, ou seja, favorecer a aplicação da regra de concordância.

- ◁ Escolaridade: os dados leopoldinenses ratificam a hipótese de que os falantes com maior escolaridade são mais sensíveis à marcação de plural no interior do sintagma nominal, mas com diferenças não robustas. Vemos que os voluntários do ensino fundamental 01 apresentam 0,502 de peso relativo, enquanto os do fundamental 02, 0,479, e os do ensino médio, 0,543.

É notório que, em ambos os fenômenos estudados nesta tese, as variáveis linguísticas operam mais fortemente do que as variáveis sociais. A este respeito pretendemos refletir em um trabalho futuro, de forma a estabelecer uma relação entre as motivações linguísticas e sociais atuantes nos dois fenômenos, de maneira a traçarmos um paralelo entre a concordância verbal de terceira pessoa e a nominal de número, em Santa Leopoldina.

Quanto ao *continuum* rural-urbano, discutido por Bortoni-Ricardo (1998), notamos que as variáveis sociais sinalizam as particularidades na comunidade leopoldinense. Rememoramos que, de acordo com Bortoni-Ricardo (1998, p. 52), nos polos desse *continuum* estão as variedades rurais isoladas e as urbanas padronizadas:

grupos formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguísticos, e as comunidades interioranas residentes em distritos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária.

Considerando o período em que estivemos em pesquisa de campo em Santa Leopoldina e de posse das informações divulgadas pelo IBGE (2010), concluímos que a região pode ser considerada uma área rural que mantém certa proximidade com a área urbana. Isso porque, apesar de ser uma comunidade de base agrícola, a mídia e a proximidade com a capital Vitória viabilizam o contato dos habitantes da zona rural com os da urbana, em especial, por meio da

comercialização dos produtos na Ceasa. Entretanto, é válido ressaltar que, considerando o contexto do Espírito Santo, Santa Leopoldina é o município capixaba mais rural, em termos percentuais, no que se refere à população residente em região interiorana.

Na análise dos resultados leopoldinenses, compreendemos o fato da não seleção da escolaridade e da faixa etária, para o fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa, e a pouca discrepância entre os fatores sociais, na análise da concordância nominal de número como uma ratificação dessa hipótese. Isso porque essa tendência aponta para a homogeneidade em Santa Leopoldina, no que se refere à não seleção da variável escolaridade. Além disso, aponta para a organização bem estabelecida quanto aos papéis sociais ocupados na região, no que se refere à não seleção da faixa etária e ao tímido efeito do sexo na concordância verbal e das três variáveis sociais no fenômeno da concordância nominal de número.

Os cruzamentos entre as variáveis sociais reforçam esse pensamento e alinham-se ao modelo de fluxos e contrafluxos, explanado por Naro e Scherre (1991, 2010, 2013) e Scherre e Naro (2006). Sendo assim, considerando a equidade de resultados linguísticos e as particularidades das variáveis sociais observados entre a zona rural de Santa Leopoldina e as demais comunidades citadas (sejam rurais, sejam urbanas), concluímos que a teoria mais adequada à explicação analítica dos dados apresentados é a proposta de Naro e Scherre (1991, 2010, 2013) e Scherre e Naro (2006), acerca do modelo de fluxos e contrafluxos. Assim, nossos resultados e nossas reflexões permitem-nos concluir que, na ampla comunidade brasileira, há grupos e indivíduos transitando por diversas vias sociais linguisticamente estruturadas, como destacam Scherre e Naro (2006, p. 120).

Exemplo disso, em Santa Leopoldina, é o cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária, para os dados de ambos os fenômenos pesquisados nesta tese. Notamos que, enquanto as mulheres de 15-25 anos lideram o processo de mudança em direção ao aumento da concordância verbal de terceira pessoa (com 0,62 de peso relativo), os homens dessa mesma faixa etária manifestam

um índice intermediário de retenção da marca (0,43). Paralelamente a isso, os homens mais jovens, com 07-14 anos, desfavorecem a aplicação da regra padrão de concordância verbal de terceira pessoa (0,39). Nos dados da concordância nominal, a ideia de fluxos e contrafluxos também pode ser atestada. Novamente, as mulheres de 15-25 anos lideram o processo de mudança em direção ao aumento da concordância nominal de número, e os homens dessa mesma faixa etária e as mulheres com mais de 49 anos (ambos com 0,30 de peso relativo) são os que mais desfavorecem a retenção da marca nominal de plural.

Nesse sentido, concordamos com Scherre e Naro (2006) que, ao dissertarem sobre os fenômenos variáveis da concordância de verbal e nominal de número, com dados do Rio de Janeiro/1980 e 2000, ponderam que:

os resultados apresentados até o presente momento indicam que, para este fenômeno variável estigmatizado, atuam com igual vigor restrições sociais, como força propulsora em direção à norma padronizada, e forças estruturais, como mantenedoras da heterogeneidade ordenada do sistema vigente. Em mudanças desta natureza, fluxos e contrafluxos são naturais, tendo em vista que os falantes ou grupos de falantes apenas transitam por mais ou menos concordância em termos de percentagens globais – mudanças superficiais –, que não afetam a essência dos sistemas envolvidos. Em outras palavras, no que diz respeito à concordância de número em português, as mudanças têm sido consideradas como de *tokens* e não de *types* – são quantitativas e não qualitativas, em outras palavras, mudança sem mudança.

(SCHERRE e NARO, 2006, p. 115)

No que se refere ao tipo de mudanças ocorrido na sociedade capixaba e brasileira, nossos dados corroboram a ideia de que as alterações são, essencialmente, quantitativas e não qualitativas. Isso porque observamos que a tendência geral de marcação dos fenômenos de concordância variável analisados nesta tese alinha-se ao atestado em outras amostras, inclusive, no estudo de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) para a concordância verbal de terceira pessoa, ressalvadas algumas diferenças que até podem ser atribuídas às especificidades de análise de cada pesquisador.

Citamos a pesquisa de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), pois esta é, prototipicamente, a amostra que mais se aproximaria de uma tendência

(des)crioulizante, visto que as três comunidades analisadas (Rio de Contas, Helvécia e Cinzento) possuem influência africana, uma vez que são compostas, basicamente, por seus descendentes afro-brasileiros. Todavia, na etapa de análise comparativa entre Santa Leopoldina e as comunidades afro-brasileiras, quanto à concordância verbal, percebemos que, embora a taxa de marcação geral seja diferente – 49,3% em Santa Leopoldina e 16% nas comunidades afro-brasileiras –, há particularidades sistemáticas que devem ser percebidas, em especial quanto às variáveis “saliência fônica” e “posição e tipo do sujeito”, na concordância verbal de terceira pessoa.

É válido esclarecer que de modo algum menosprezamos a influência das línguas indígenas, gerais de base indígenas, africanas e europeias que imperaram em solo brasileiro. Entretanto, nossos resultados não respaldam um processo (des)crioulizante, dada, justamente, a regularidade dos fenômenos em análise. Dessa maneira, fazemos nossas as palavras de Naro e Scherre (2007, p. 85), transcritas a seguir:

Em síntese, o modelo que assumimos para dar conta da mudança que ocorreu no português brasileiro é o da CONFLUÊNCIA DE MOTIVAÇÕES, SEM CRIOLIZAÇÃO PRÉVIA do português, mas levando em conta a existência da *língua geral* (ou das *línguas gerais*) e da *língua de preto* prévias. [...] Nossa conclusão é que o português moderno brasileiro é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal, indubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e da nativização desta língua pelas comunidades formadas por esses falantes e seus descendentes.

Salientamos que não temos a pretensão de, com esse estudo, encerrarmos as discussões sobre os temas em evidência. Pelo contrário, nossa intenção é motivar o debruçar de outros linguistas acerca desses fenômenos, visto que, como apontamos, as particularidades das comunidades em tela devem ser consideradas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANJOS, Sandra Espínola dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense*. 1999. 133f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de PósGraduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

ARANHA, Graça. *Canaã*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita

BAKHTIN, Mikhail. Língua, fala e enunciação. In.: \_\_\_\_\_., *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 93-160.

BAXTER, Alan Norman; LUCCHESI, Dante. A relevância dos procesos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, nº19, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, p. 65-83, 1997.

BELL, Alan. Language style as audience design. *Language in Society*, Cambridge University Press, v. 13, p. 145-201, 1984.

BELL, Allan. Language Style as Audience Design. In.: COUPLAND, Nikolas; JAWORSK, Adam. *Sociolinguistics: a reader*. New York: St. Martin's Press, 1997, p. 240-250.

BELL, Allan. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.

BENFICA, Samine de Almeida. *A concordância verbal na fala de Vitória*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORTONI- RICARDO, Stella Maria. A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: GROBE, & K. ZIMMERMANN, <<Substandard>> e Mudança no Português do Brasil. TFM: ed. Frankfurt am Main, 1998, p. 153-188.

BORTONI- RICARDO, Stella Maria. O português brasileiro. . In.: \_\_\_\_\_. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 53 – 70.

BRAGA, Maria Luiza; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (1976) A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1º, 1976. Anais ... Rio de Janeiro, PUC. p.464-477

BREMENKAMP, Elizana Schaeffel. *Análise Sociolinguística da Manutenção da Língua Pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CAETANO, Marline. C., & SCHERRE, Maria Marta (2018). A variante pronominal cê: análise comparativa com os clíticos me/te/se na região rural de Santa Leopoldina/ES. *Jornada de Iniciação Científica da Ufes, 2018*. Vitória: Anais da Jornada de Iniciação Científica da Ufes, v.9.

CALMON, Elba Nusa *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

CARVALHO, Hebe Macedo de. *Concordância nominal: uma análise variacionista*. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de João Pessoa, João Pessoa, 1997.

DELEUZE, Gilles. (1992). Controle e Devir. In:\_\_\_\_\_. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart, 2008 (1992). Rio de Janeiro: 34, p. 209-219.

DIAS, Maria Clara Alvares Correia. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. Universidade de Brasília, dissertação de mestrado, 1993.

FOEGER, Camila Candeias. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. *Notícia, Conheça o novo Mapa do Turismo do Espírito Santo*. Disponível em: <https://www.es.gov.br/Not%C3%ADcia/conheca-o-novo-mapa-do-turismo-do-espírito-santo>. Acesso em: 09/04/2019.

GOMES, C. A.; MELO, M. A. L. S.; BARCELLOS, M. E. M. Dinâmica da variação sociolinguística em contexto de exclusão social. *ReVEL*, edição especial n. 13, 2016. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 04/01/2020.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa - instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

HISTÓRIA do município. Disponível em: <https://www.santaleopoldina.es.gov.br/>

detalhe-da-materia/info/historia/6503. Acesso em 20/03/2019.

HISTÓRIA. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/historia#>. Acesso em 06/12/2020.

HOLM, John Alexander. Popular Brazilian Portuguese: A semi-creole. In.: D'ANDRADE, Ernerto; KIHM, Alain. *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1992, p. 37-66.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). *Censo Demográfico 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Cidades . Santa Leopoldina*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320450#>. Acesso em: 25/11/2018.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. *Mapas, Instituto Jones dos Santos Neves. Mapa do Espírito Santo - distância entre Santa Leopoldina-Vitória*. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br>. Acesso em: 30/11/2018.

JOHNSON, Daniel Ezra. *Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis*. *Language and Linguistics Compass* 3/1, 2009. p. 359–383.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso, 2008 (1972). São Paulo: Parábola.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. Remodelagem das variáveis animacidade, grau e formalidade léxica dos substantivos: o processo de concordância nominal - Santa Leopoldina/ES. *Fólio - Revista de Letras (UESB)*, v 12, nº 1, jul./2020. ISSN 2176-4182. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/6815>>. Acesso em: 15/07/2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v12i1.6815>.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. *A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <http://linguistica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEL/detalhes-da-tese?id=7770>. Acesso em: 15/04/2019.

LOPES, Lays de Oliveira Joel; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Influência da saliência fônica no processo de concordância nominal no português falado na zona rural de Santa Leopoldina-ES. In: II Conel - Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, 2014, Vitória. II Conel - Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. Vitória, 2014. p. 67-81.

LOPES, Lays de Oliveira Joel; SCHERRE, Maria Marta Pereira. O rural e o

urbano no Espírito Santo: reflexões sobre efeitos sociais na concordância nominal variável. *Percursos Linguísticos (UFES)*, v. 7, p. 28-47, 2017.

LUCCHESI, Dante. Por que a crioulização aconteceu no Caribe e não no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. *Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 48, p. 227-255, 2019.

LUCCHESI, Dante. O conceito de *transmissão linguística irregular* e o processo de formação do português do Brasil. In.: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 272-284.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In.: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. 576 p.

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. *As aulas de Saussure: um retorno aos manuscritos*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2016.

MARTINS, Flávia Santos. *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)*. 2013. 244f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MUFWENE, Salikoko S. What does creoles and pidgins tell us about the evolution of language? In.: LAKS, Bernard; CLEUZIOU, Serge; DEMOULE, Jean-Paul; ENCREVÉ, Pierre. *The origin and evolution of languages: approaches, models, paradigms*. London: Equinox. 2007.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimension of a syntactic change. *Language*, v. 57, 1981 p. 63-98.

NARO, Anthony Julius; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandor B. et alii (Eds.) *Papers from the parasession on Diachronic Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, p.221-241, 1976.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira; TARALLO, Fernando (Org.). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, Unicamp/IEL, n. 20, p. 9-16, 1991.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A influência de variáveis escalares na concordância verbal. *A cor das letras*, Revista do Departamento de



Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, n. III, p. 17-34, dez. 1999.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Estabilidade e mudança lingüística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, Maria da Conceição Paiva; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2003. p. 47-62.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo.: Parábola Editorial, 2007.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aquisição de formas de prestígio: o papel do gênero em tempo real In: MEIRA, Vivian (org.) *Português Brasileiro: Estudos Funcionalistas e Sociolinguísticos*. Salvador: EDUNEB, 2009, p. 101-124.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Fluxos e contrafluxos – movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira. In: *Usos da Linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 79-90.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Remodeling the age variable: Number concord in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press, v. 25, p. 1-15, 2013.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Drifting Toward the Standard Language: a painel study of number concord in brazilian portuguese. In.: CACOULLOS, R.T, DION, N. & LAPIERRE, A. *Linguistic Variation: confronting fact and theory*. New York: Routledge, 2015, p. 149-164.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção lingüística na cidade de São Paulo*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEREIRA, Deize Crespim. *Concordância verbal na língua falada nas Trilhas das Bandeiras Paulistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In.: LABOV, William. *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980, p. 555-567.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos lingüísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In.:\_\_\_\_\_. *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 13-72.

RUBIO, Cássio Florêncio. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

RUBIO, Cássio Florêncio. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 392 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SANKOFF, David, TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SANKOFF, David. Variable Rules. In: Ammon, Ulrich; Dittmar, Norbert & Mattheier, Klaus J. (Eds.) *Sociolinguistics: an International Handbook of the Science of Language and Society*. New York: Walter De Gruyter, 1988. P.984-998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, 1969 (1916). São Paulo: Editora Cultrix LTDA. p. 26-28.

SCARDUA, Juliana Rangel. A concordância nominal na fala capixaba. In: *Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES*. v. 5. Vitória: PRPPG, 2014.

SCARDUA, Juliana Rangel. *Análise da concordância nominal na fala de Vitória/ES: o linguístico, o social e o estilístico*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PUC, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. *Revista Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DUARTE, M. E. L. Main current processes in morphosyntactic variation. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. *The handbook of portuguese linguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *DELTA: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado no Brasil. In.: G. RUFFINO, *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística (Atti del XXI Congresso Interzionale di Linguística e Filologia Romanza)*. Centro di Studi Filologici e Linguistici Sciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p. 509-523

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010, p.71-77.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: variable concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, Cambridge University Press, v.26, p.331-357, 2014.

SCHWARZ, Francisco. *O município de Santa Leopoldina*. Vitória: [s.n.], 1992.

SILVA, Janaína Biancardi da. *Uma reflexão sobre a concordância nominal na fala capixaba e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SILVA, Janaína Biancardi da. SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância nominal na fala capixaba: fatores sociais. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; LIMA-SALLES, Heloísa Maria Moreira; PACHECO, Cíntia (Orgs.). *Variação linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III encontro do grupo de estudos avançados de sociolinguística da Universidade de Brasília*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing sociolinguistic Variation: key topics in sociolinguistic*. 3. ed. New York: Cambridge University Press, 2009.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

VIEIRA, Silvia. *A não concordância em dialetos populares: uma regra variável*. GRAPHOS, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 115-133, 1997.

VOTRE, S., & RONCARATI, C. *Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. A língua como um sistema diferenciado. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 (1968). p. 87-126.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O projeto "O português falado na cidade de Vitória": coleta de dados. *In.*: LINS, Maria da Penha. & YACOVENCO, Lilian Coutinho. *Caminhos em linguística*. Vitória: Nuples, 2002, p. 102-111.

**ANEXO A – Distribuição dos informantes entrevistados em Santa Leopoldina/ES**

<b>Célula</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Gênero</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Localidade</b>	<b>Dados pessoais</b>
1	07-14	Feminino	Ens. fund. I	Luxemburgo	L. - 8 anos - 3º série
2	07-14	Feminino	Ens. fund. I	Santo Antônio	R. - 10 anos - 3ª série (4º ano)
3	07-14	Feminino	Ens. fund. I	Santo Antônio	M. - 8 anos - 3ª série (2º ano)
4	07-14	Feminino	Ens. fund. II	Fumaça	D. - 12 anos - 6ª série (5º ano)
5	07-14	Feminino	Ens. fund. II	Meia Légua	C. - 12 anos - 6ª série (7º ano)
6	07-14	Feminino	Ens. fund. II	Meia Légua	F. - 11 anos - 5ª série (6º ano)
7	07-14	Masculino	Ens. fund. I	Ribeirão dos Pardos	V. - 12 anos - 4ª série (5º ano)
8	07-14	Masculino	Ens. fund. I	Santo Antônio	J. - 11 anos - 4ª série (5º ano)
9	07-14	Masculino	Ens. fund. I	Não encontramos informante deste perfil.	
10	07-14	Masculino	Ens. fund. II	Ribeirão dos Pardos	JB
11	07-14	Masculino	Ens. fund. II	Retiro	JP - 12 anos - 6ª série (7º ano)
12	07-14	Masculino	Ens. fund. II	Meia Légua	13 anos - 6ª série (7º ano)
13	15-25	Feminino	Ens. fund. I	Luxemburgo	J. - 23 anos - 4ª série (5º ano)
14	15-25	Feminino	Ens. fund. I	Cabeceira de Santa Lúcia	15 anos - 4ª série (5º ano)
15	15-25	Feminino	Ens. fund. II	Retiro	C. - 22 anos - 7ª série (8º ano)

<b>Célula</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Gênero</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Localidade</b>	<b>Dados pessoais</b>
16	15-25	Feminino	Ens. fund. II	Fumaça	L. - 16 anos – 8ª série (9º ano)
17	15-25	Feminino	Ens. médio	Retiro	M. - 19 anos – ens. médio completo
18	15-25	Feminino	Ens. médio		S. - 15 anos – 1º ano
19	15-25	Masculino	Ens. fund. I	Luxemburgo	F. - 21 anos – 4ª série (5ª ano)
20	15-25	Masculino	Ens. fund. II	Ribeirão dos Pardos	22 anos – 5ª série
21	15-25	Masculino	Ens. fund. II	Rio do Meio	19 anos – 7ª série (8º ano)
22	15-25	Masculino	Ens. fund. II	Rio do Meio	C. - 16 anos – 6ª série (7º ano)
23	15-25	Masculino	Ens. médio		S. – 21 anos – ensino médio completo
24	15-25	Masculino	Ens. médio	Ribeirão dos Pardos	T. – 15 anos – 1º ano do ensino médio
25	26-49	Feminino	Ens. fund. I	Ribeirão dos Pardos	Casada – pais nasceram na comunidade da Suíça – não frequentou a escola – 32 anos
26	26-49	Feminino	Ens. fund. I	Suíça	M. A. - 48 anos – 1ª série (1º ano primário)
27	26-49	Feminino	Ens. fund. II	Santo Antônio	M. - 33 anos – 6ª série (7º ano)
28	26-49	Feminino	Ens. fund. II	Fumaça	45 anos – 8ª série (9º ano)
29	26-49	Feminino	Ens. médio	Holanda	R. - 40 anos – médio completo

<b>Célula</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Gênero</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Localidade</b>	<b>Dados pessoais</b>
30	26-49	Feminino	Ens. médio	Holanda	S.M. – 45 anos – ensino médio
31	26-49	Masculino	Ens. fund. I	Ribeirão dos Pardos	V. - 40 anos – 4ª série incompleta
32	26-49	Masculino	Ens. fund. I	Suíça	C. – 40 anos – 4ª série (5º ano)
33	26-49	Masculino	Ens. fund. II	Suíça	A. – 28 anos – 7ª série (8º ano)
34	26-49	Masculino	Ens. fund. II	Ribeirão dos Pardos	R. – 27 anos – 7ª série (8º ano)
35	26-49	Masculino	Ens. médio	Santo Antônio	A. – 26 anos* - ens. médio completo  * iria completar 26 anos no mês seguinte a entrevista.
36	26-49	Masculino	Ens. médio	Meia Légua	D. – 48 anos – ensino médio completo
37	50...	Feminino	Ens. fund. I	Ribeirão dos Pardos	E. – 72 anos – 1ª série
38	50...	Feminino	Ens. fund. I	Suíça	M. – 76 anos – 1ª série
39	50...	Feminino	Ens. fund. II	Holandinha	I. – 72 anos – projeto Apronte
40	50...	Feminino	Ens. fund. II		G. – 54 anos- 5ª série (6º ano)

<b>Célula</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Gênero</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Localidade</b>	<b>Dados pessoais</b>
42	50...	Feminino	Ens. médio	Não encontramos informante deste perfil.	
43	50...	Masculino	Ens. fund. I	Suíça	V. – 4ª série
44	50...	Masculino	Ens. fund. I	Suíça	S. – 73 anos – 1ª série primário incompleto
45	50...	Masculino	Ens. fund. II	Ribeirão dos Pardos	W. - 55 anos – 8ª série (9º ano)
46	50...	Masculino	Ens. fund. II	Meia Léguas	A. – 53 anos – 7ª série (8º ano)
47	50...	Masculino	Ens. médio	Não encontramos informantes destes perfis.	
48	50...	Masculino	Ens. médio		



**ANEXO B - Roteiro base para a realização das entrevistas perguntas destinadas, especialmente, a informantes de 7-14 anos**

- < Quais as atividades que você mais gosta de fazer?
- < O que você acha da cidade de Santa Leopoldina?
- < Você gostaria de morar em outro lugar? Onde? Por quê?
- < Qual é o país que você mais gostaria de conhecer? Por quê?
- < O que você acha do nosso país?
- < Você gostaria de viajar sozinho? Por quê?
- < Você costuma viajar com sua família? Pra onde você já foi?
- < Pra que lugar você gostaria de viajar se tivesse dinheiro pra gastar? Por quê?
- < Qual foi a maior travessura que você fez na escola?
- < O que você acha dos seus professores? Qual é o seu preferido? Por quê?
- < Qual foi seu pior professor? Como ele era?
- < Em qual matéria você é melhor e em qual tem mais dificuldade?
- < Você gosta da sua escola? Como é a coordenadora?
- < Você já fez algum passeio com a sua escola? Pra onde? Como foi?
- < Conte uma coisa engraçada que você fez ou viu alguém fazer.
- < O que você costuma merendar na escola ou levar lanche de casa? Por quê?
- < Quais são suas brincadeiras preferidas?
- < Você já colou alguma vez? Conte como foi.
- < Quem são seus melhores amigos na escola? E fora da escola?
- < Você já foi traído por algum amigo? Como foi?
- < Você já estudou em outras escolas? Qual a diferença entre elas?
- < Você costuma estudar em casa? Seus pais ajudam a fazer o dever de casa?
- < Que programa de televisão você mais gosta? Você já assistiu Big Brother? Pra quem você torcia?
- < Se a Globo te chamasse pra participar do novo Big Brother, você aceitaria? Por quê?
- < Que tipo de filme você gosta? Qual foi o último que você viu?
- < Que tipo de livro ou revista você costuma ler?
- < Você gosta de novelas? Qual novela você assiste?
- < Você tem ideia de qual profissão gostaria de ter? Por quê?

- < Qual seu ator/atriz favorito? Qual novela ou filme que ele/a fez?
- < Aqui em Santa Leopoldina há alguma área de lazer? Você usa essa área? Como?
- < O que você gosta de comer? Sua mãe obriga você a comer alguma coisa? Do que você não gosta ou não come de jeito nenhum?
- < Você sabe fazer alguma comida? Como você faz?
- < Você faz alguma atividade fora da escola?
- < Os meninos e as meninas da sua turma já ficaram com alguém? Como é isso pra você?
- < Qual o tipo de menino/a que você gosta? Como você acha que seria a pessoa ideal pra você?
- < Você acha que algumas coisas só meninos/as podem fazer? Por quê?
- < Você pretende ter filhos? O que você acha que vai deixar eles fazerem? O que acha que vai proibir?
- < Você conhece alguém que usa drogas? Como é isso na sua turma?
- < O que você quer pra você no futuro?

## **ANEXO C - Roteiro de entrevista comum a todos os informantes**

### **QUESTÕES LOCAIS**

- ◁ Você gosta de morar em Santa Leopoldina? Por quê? Pretende sair daqui em alguma época? Por quê?
- ◁ O que você sabe sobre a história do município?
- ◁ Você acha que o desmembramento de Santa Maria de Jetibá foi bom para o município?
- ◁ Conhece alguma lenda, algum fato que as pessoas contam que aconteceu aqui?
- ◁ A vida aqui é boa? Quais as dificuldades que vocês enfrentam aqui? O que está faltando?
- ◁ Você trabalha na roça? Seus filhos e esposa/marido também trabalham?
- ◁ O que vocês plantam aqui? Como é o cultivo?
- ◁ Você acha que os rios e as matas aqui em Santa Leopoldina são bem preservados?
- ◁ Você gosta de trabalhar na roça ou gostaria de ter outro emprego?
- ◁ Você começou a trabalhar na roça com quantos anos?
- ◁ O que você acha das crianças ajudarem os pais com o trabalho? Você acha que a criança deve trabalhar?
- ◁ E sobre a lei para proibir as palmadas? Você concorda com isso ou acha que a criança pode sim levar umas palmadinhas?
- ◁ Como foi sua infância? Do que vocês brincavam?
- ◁ Você acha que as brincadeiras de hoje ou de antigamente eram mais saudáveis?
- ◁ Qual era a sua brincadeira preferida?
- ◁ Você já passou por alguma situação em que você teve muito medo? Pode contar o que aconteceu?

### **SEGURANÇA PÚBLICA**

- ◁ Você acha Santa Leopoldina uma cidade segura?

- ◁ Você acha que a vida no campo é mais tranquila (no sentido da segurança) do que na cidade?
- ◁ Sua casa ou a de algum vizinho já foi assaltada? Como foi?
- ◁ O que você faz para se proteger da violência?
- ◁ O que você acha do porte de arma? Você teria uma arma?
- ◁ E a questão do tráfico de drogas, como é em Santa Leopoldina? E na zona rural?
- ◁ Como você vê a violência do trânsito? O que você acha que deve ser feito com pessoas que cometem crimes de trânsito?
- ◁ O que você acha da Justiça brasileira?

## **SAÚDE**

- ◁ Você já teve alguma doença grave? E algum parente ou amigo seu? Como foi passar por isso?
- ◁ Você tem problemas de colesterol, hipertensão, diabetes?
- ◁ Você tem alergia a alguma coisa? O que acontece quando você tem essa alergia?
- ◁ Você acha que as pessoas tomam remédios demais e por conta própria?
- ◁ Você confia nos medicamentos genéricos?
- ◁ Você usa o SUS? O que você acha do atendimento?
- ◁ Você tem plano de saúde? Você acha que é bom? Você acha as mensalidades muito altas?
- ◁ Você usa o posto de saúde e o hospital aqui do município? Como é o atendimento?
- ◁ Você já passou por alguma situação constrangedora em algum hospital?
- ◁ Quando se fala em hospital, o que vem à sua cabeça?
- ◁ Aqui no município tem coleta seletiva de lixo? O que você acha dessa coleta?
- ◁ Você considera Santa Leopoldina uma cidade limpa? E os rios, como são?
- ◁ Você acha que a população contribui com a limpeza da cidade?
- ◁ O que você acha das campanhas contra o fumo? E as campanhas de prevenção à AIDS?

- < Você já passou por alguma cirurgia? Conhece alguém que já passou por uma cirurgia de urgência? Como foi?
- < Você possui animais de estimação? Você acha que eles podem transmitir doenças? Você acha que os cachorros são perigosos para a população?
- < Você acha que a medicina evoluiu tanto que quase pode levar o homem à imortalidade?
- < Qual sua opinião sobre clonagem humana?
- < Você doa sangue? Por quê?
- < Você acha que as pessoas hoje têm uma vida mais saudável do que antigamente?
- < Quais cuidados você toma com sua saúde?

## **RELIGIÃO**

- < Qual é a sua religião? Como você se tornou dessa religião?
- < Qual é a religião dos seus pais? Eles sempre foram dessa religião?
- < Seus filhos também são dessa religião?
- < O que você faria se seus filhos não fossem da mesma religião que você?
- < Qual a importância da religião na vida das pessoas? E na vida dos jovens?
- < Você acha que os jovens de hoje são mais ou menos religiosos do que os de antigamente? Por quê?
- < Você sempre vai à igreja? Como você participa da sua igreja?
- < Você já levou alguém pra sua igreja? Como foi isso?
- < Qual é a história da Bíblia que você mais gosta? Por quê? Como é essa história?
- < Como você acha que as pessoas e o mundo são atualmente? Quais são suas crenças?
- < Qual sua opinião sobre o dízimo?
- < Você acha que uma criança deve ser batizada com qual idade?
- < Você já fez ou conhece alguém que fez alguma promessa? Qual?
- < Você acha que as festas juninas têm ainda alguma relação com os santos?
- < Você acha que as mulheres também poderiam ser sacerdotisa? Por quê?
- < Você acha que os padres podem casar? Por quê?

## ALIMENTAÇÃO

- ◁ Você acha que o brasileiro se alimenta bem? E você também se alimenta bem?
- ◁ Você acha que as pessoas da zona rural se alimentam melhor do que as pessoas da cidade? Por quê?
- ◁ Qual seu prato preferido? Você sabe prepará-lo? Como é que você faz?
- ◁ Você cozinha? Qual sua especialidade? Você pode dar a receita para gente?
- ◁ Quais são os pratos típicos daqui da região? Sabe preparar algum? Como é que faz?
- ◁ O que normalmente você come no café da manhã? E no almoço? E no jantar?
- ◁ Você acha que a mulher tem de saber cozinhar? Por quê?
- ◁ Que tipo de comida faz mal a você?
- ◁ Você gosta de doces? Sabe fazer alguma sobremesa?
- ◁ Quais são os pratos que sua família costuma preparar para o Natal? E para Semana Santa?
- ◁ Você deixa seus filhos comerem de tudo? O que é proibido por você?
- ◁ Você obriga seus filhos a comerem determinados alimentos?
- ◁ Alguma comida te dá nojo ou você diz “isso eu não como de jeito nenhum”?
- ◁ Você acha que hoje ou antigamente a alimentação é mais saudável?
- ◁ Sua família se reúne aos domingos para o almoço? Que comidas vocês comem nessa ocasião?
- ◁ Você faz feira! Você acha que os alimentos da feira são melhores ou piores do que os do supermercado!
- ◁ Você faz supermercado com ou sem lista?
- ◁ Você procura os melhores preços ou os melhores produtos?
- ◁ Você é fiel a determinadas marcas de produtos?

## EDUCAÇÃO

- ◁ Você estudou até que ano? Se você pudesse você teria estudado mais?
- ◁ Em que escola você estudou?

- < Como era a sua escola? E seus professores? Você gostava de ir para a escola?
- < Como você fazia para chegar até a escola?
- < Por que você não continuou a estudar? Por que você largou os estudos?
- < Se você tivesse estudado mais, que curso você faria?
- < Seu marido/filho estudou até que ano?
- < Você acha que é importante completar os estudos?
- < A escola dos seus filhos é perto da sua casa?
- < O que você acha da escola dos seus filhos? E os professores?
- < O que você acha do ensino de hoje? Você acha melhor ou pior do que o ensino da sua época?
- < Você acha que seus filhos aproveitam de alguma forma o que eles aprendem na escola?
- < Você gosta(va) de estudar ou só estuda(va) por obrigação?
- < Você acha que a escola modifica de alguma forma o comportamento das crianças? Como?
- < Você vai às reuniões na escola do seu filho? O que você acha dessas reuniões?
- < Você ajuda seu filho nas tarefas de casa? Como você acha que os pais podem ajudar o filho na escola?
- < Você acha que os professores de hoje são melhores ou piores do que os do seu tempo?
- < Você tem boas lembranças da escola? Você se lembra de algum caso engraçado ou de alguma confusão muito grande?
- < Você acha que o professor influencia muito o aluno, até mesmo na escolha de uma profissão?
- < Você acha que a escola contribui para que seu filho seja uma pessoa melhor? Como?
- < Você acha que os alunos têm de fazer prova desde pequenos? E a não-reprovação nos dois primeiros anos, você concorda com isso?

## **ESPORTE E LAZER**

- < Qual é seu esporte preferido? Você o pratica?
- < Você acha que a cidade possui bons lugares para a prática de esportes? Você acha que a infra-estrutura é adequada?
- < Você torce por algum time?
- < O que você acha da atual seleção brasileira? Que mudanças você faria se fosse o técnico?
- < Você acha que o Brasil vai ser campeão da próxima copa?
- < Quais são as opções de lazer aqui no município?
- < Você acha que há necessidade de mais áreas de lazer na cidade? O que você sugeriria para ser construído?
- < Você vai aos shows gratuitos que acontecem na cidade? Qual foi o último que você foi?
- < E o carnaval da cidade, você gosta? Acha que é importante para o município?
- < E quais são as outras festas da região?
- < Você acha que Santa Leopoldina tem potencial turístico? Quais são os lugares que você levaria um turista?



**ANEXO D - Modelo de termo de Consentimento****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo sobre o município de Santa Leopoldina, Espírito Santo.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer dado que possa, de alguma forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado(a) que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. A pesquisa será realizada pelas alunas-pesquisadoras Camila Candeias Foeger, RG nº XXXXXX, sob a orientação da professora Dra. Lilian Coutinho Yacovenco, e Lays de Oliveira Joel Lopes, RG nº XXXXX, sob a orientação da professora Dra. Maria Marta Pereira Scherre, filiadas à da Universidade Federal do Espírito Santo.

Estou ciente de que as informações prestadas por mim serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Leopoldina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

Obs.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Quaisquer dúvidas, favor entrar em contato com Camila Candeias Foeger. Telefones: XXXXXXXX. E-mail [milafoeger@gmail.com](mailto:milafoeger@gmail.com) ou Lays de Oliveira Joel Lopes. Telefones: XXXXXXXX. E-mail [laysilopes@gmail.com](mailto:laysilopes@gmail.com)

**ANEXO E – Rodada Geral – 3ª pessoa do plural – concordância verbal**

Group	C	Z	Total	%
-------	---	---	-------	---

---

1 (2)	C	Z	SEXO
f N	852	754	1606 55.9 FEMININO
%	53.1	46.9	
m N	589	678	1267 44.1 MASCULINO
%	46.5	53.5	

Total N	1441	1432	2873
%	50.2	49.8	

---

2 (3)	C	Z	FAIXA ETÁRIA
1 N	341	292	633 22.0 07-14 ANOS
%	53.9	46.1	
2 N	402	329	731 25.4 15-25 ANOS
%	55.0	45.0	
3 N	363	420	783 27.3 25-49 ANOS
%	46.4	53.6	
4 N	335	391	726 25.3 ACIMA DE 49 ANOS
%	46.1	53.9	

Total N	1441	1432	2873
%	50.2	49.8	

---

3 (4)	C	Z	ESCOLARIDADE
I N	482	498	980 34.1 ENSINO FUNDAMENTAL 01
%	49.2	50.8	
F N	651	666	1317 45.8 ENSINO FUNDAMENTAL 02
%	49.4	50.6	
M N	308	268	576 20.0 ENSINO MÉDIO
%	53.5	46.5	

Total N	1441	1432	2873
%	50.2	49.8	

---

4 (5)	C	Z	SALIÊNCIA FÔNICA
-------	---	---	------------------

NÍVEL 01

A N	50	149	199 6.9 1a - nasalização da vogal na forma de plural
-----	----	-----	--

% 25.1 74.9

B N 320 995 1315 45.8 1b - nasalizaçõa e/ou mudança na  
qualidade da vogal

% 24.3 75.7

C N 55 114 169 5.9 1c - acréscimo de segmentos vocálicos

% 32.5 67.5

## NÍVEL 02

D N 297 51 348 12.1 2a - ditongação com mudança da vogal

% 85.3 14.7

E N 150 46 196 6.8 2b - acréscimos de segmentos consonânticos  
sem alteração na vogal da desinência

% 76.5 23.5

F N 281 29 310 10.8 2c - acréscimos de segmentos e com alteração  
na vogal da desinência

% 90.6 9.4

G N 206 40 246 8.6 2d - classe especial - caso único - mudança  
completa

% 83.7 16.3

H N 82 8 90 3.1 2e - mudança na sílaba tônica

% 91.1 8.9

Total N 1441 1432 2873

% 50.2 49.8

-----  
5 (6) C Z PARALELISMO DISCURSIVO

## SV SEM PRECEDENTES

a N 290 336 626 21.8 SV totalmente isolado

% 46.3 53.7

j N 178 174 352 12.3 sem precedentes

% 50.6 49.4

## SV PRECEDIDO DE VERBO EM 3ª PP - COM MORFOLOGIA SINGULAR

e N 24 67 91 3.2 SV isolado entre séries ou precedido de termo  
em 3ª pp com referência na fala do informante ou do entrevistador (ou de  
convidado) - com morfologia

% 26.4 73.6

n N 13 24 37 1.3 1.3 SV primeiro de série precedido de 3ª pp com referência na fala do informante ou do entrevistador (ou de convidado) precedido de 3ª pp - com morfologia SINGULAR

% 35.1 64.9

v N 145 417 562 19.6 SV não primeiro de série precedido de referência em 3ª pp com morfologia SINGULAR

% 25.8 74.2

#### SV PRECEDIDO DE VERBO 3ª PP - COM MORFOLOGIA PLURAL

c N 70 58 128 4.5 SV isolado entre séries ou precedido de termo em 3ª pp na fala do informante - com morfologia PLURAL

% 54.7 45.3

g N 143 94 237 8.2 SV isolado com referência na fala do entrevistador (ou de convidado) - precedido de verbo em 3ª pp com morfologia PLURAL

% 60.3 39.7

L N 36 17 53 1.8 SV primeiro de série precedido de verbo em 3ª pp com morfologia PLURAL na fala do próprio informante

% 67.9 32.1

p N 87 51 138 4.8 SV primeiro de série precedido de verbo em 3ª pp com morfologia PLURAL na fala do entrevistador (ou de convidado)

% 63.0 37.0

t N 426 159 585 20.4 SV não primeiro de série precedido de verbo em 3ª pp com morfologia PLURAL

% 72.8 27.2

#### SV PRECEDIDO DE VERBO EM 1ª PESSOA DO PLURAL - COM MORFOLOGIA SINGULAR (“NÓS” E “A GENTE”)

d N 5 10 15 0.5 SV isolado, SV primeiro de série, SV não primeiro de série - entre série ou precedido de referência em “nós” na fala próprio do informante - com morfologia SINGULAR

% 33.3 66.7

G N 13 22 35 1.2 SV isolado com referência na fala do informante com referência na fala do informante; SV não primeiro de série - precedidos de “a gente”

% 37.1 62.9

SV PRECEDIDO DE VERBO EM 1ª PESSOA DO PLURAL - COM MORFOLOGIA PLURAL (NÓS)

b N 11 3 14 0.5 SV isolado entre série ou precedido de verbo em 1ª pp (em "nós") com morfologia PLURAL - na fala do informante ou do entrevistado (ou de convidado)  
% 78.6 21.4

Total N 1441 1432 2873  
% 50.2 49.8

-----  
6 (7) C Z PARALELISMO ORACIONAL

a N 860 731 1591 75.9 Presença da forma plural explícita no último (único) elemento  
% 54.1 45.9

b N 168 260 428 20.4 Presença da forma plural zero no último elemento  
% 39.3 60.7

c N 11 11 22 1.1 Presença da forma plural de numeral no último (ou único) elemento  
% 50.0 50.0

d N 5 2 7 0.3 Presença da forma plural explícita no último elemento inserido em um SPrep  
% 71.4 28.6

e N 21 26 47 2.2 Presença da forma zero explícita no último elemento inserido em um SPrep  
% 44.7 55.3

Total N 1065 1030 2095  
% 50.8 49.2

-----  
7 (9) C Z POSIÇÃO E TIPO DE SUJEITO

A N 1065 1030 2095 72.9 Anteposto  
% 50.8 49.2

P N 25 70 95 3.3 Posposto  
% 26.3 73.7

O N 234 281 515 17.9 Sujeito elíptico próximo  
% 45.4 54.6

D N 117 51 168 5.8 Sujeito elíptico distante

% 69.6 30.4

Total N 1441 1432 2873  
% 50.2 49.8

-----  
8 (10) C Z ORIGEM DA ENTREVISTADORA  
C N 882 954 1836 63.9 Santa Leopoldina - Camila  
% 48.0 52.0

L N 518 409 927 32.3 Grande Vitória - Lays  
% 55.9 44.1

2 N 41 69 110 3.8 Ambas  
% 37.3 62.7

Total N 1441 1432 2873  
% 50.2 49.8

-----  
TOTAL N 1441 1432 2873  
% 50.2 49.8

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 17/01/2020 11:48:40 .....  
Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.  
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:  
Convergence at Iteration 2  
Input 0.502  
Log likelihood = -1991.398

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:  
Convergence at Iteration 4  
Input 0.502  
Group # 1 -- f: 0.529, m: 0.464  
Log likelihood = -1985.292 Significance = 0.000

Run # 3, 4 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.502

Group # 2 -- 1: 0.537, 2: 0.548, 3: 0.462, 4: 0.460

Log likelihood = -1981.624 Significance = 0.000

Run # 4, 3 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.502

Group # 3 -- I: 0.490, F: 0.493, M: 0.533

Log likelihood = -1989.806 Significance = 0.204

Run # 5, 8 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.529

Group # 4 -- A: 0.230, D: 0.838, E: 0.744, G: 0.821, B: 0.223, C: 0.301, F: 0.896,  
H: 0.901

Log likelihood = -1432.824 Significance = 0.000

Run # 6, 13 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.501

Group # 5 -- a: 0.463, j: 0.505, t: 0.727, v: 0.258, g: 0.603, n: 0.351, b: 0.785, c:  
0.546, e: 0.263, d: 0.333, p: 0.630, L: 0.678, G: 0.371

Log likelihood = -1827.200 Significance = 0.000

Run # 7, 6 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.508

Group # 6 -- a: 0.532, b: 0.385, c: 0.492, e: 0.439, d: 0.707

Log likelihood = -1975.366 Significance = 0.000

Run # 8, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.502

Group # 7 -- A: 0.507, P: 0.262, O: 0.453, D: 0.695

Log likelihood = -1964.554 Significance = 0.000

Run # 9, 3 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.502

Group # 8 -- C: 0.479, L: 0.557, 2: 0.372

Log likelihood = -1979.974 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors ADEGBCFH

----- Level # 2 -----

Run # 10, 16 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.529

Group # 1 -- f: 0.542, m: 0.447

Group # 4 -- A: 0.225, D: 0.843, E: 0.744, G: 0.822, B: 0.222, C: 0.297, F: 0.897,  
H: 0.900

Log likelihood = -1424.488 Significance = 0.000

Run # 11, 32 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.529

Group # 2 -- 1: 0.539, 2: 0.580, 3: 0.451, 4: 0.437

Group # 4 -- A: 0.232, D: 0.843, E: 0.751, G: 0.821, B: 0.221, C: 0.290, F: 0.897,  
H: 0.903

Log likelihood = -1419.369 Significance = 0.000

Run # 12, 24 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.529

Group # 3 -- l: 0.499, F: 0.491, M: 0.522

Group # 4 -- A: 0.231, D: 0.839, E: 0.745, G: 0.821, B: 0.223, C: 0.299, F: 0.896,  
H: 0.902

Log likelihood = -1432.344 Significance = 0.626

Run # 13, 98 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.528

Group # 4 -- A: 0.246, D: 0.850, E: 0.742, G: 0.810, B: 0.222, C: 0.310, F: 0.891,  
H: 0.889

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.518, t: 0.710, v: 0.280, g: 0.624, n: 0.435, b: 0.688, c:  
0.485, e: 0.243, d: 0.363, p: 0.688, L: 0.691, G: 0.386

Log likelihood = -1335.092 Significance = 0.000

Run # 14, 44 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.555

Group # 4 -- A: 0.228, D: 0.853, E: 0.748, G: 0.846, B: 0.213, C: 0.284, F: 0.901,  
H: 0.892

Group # 6 -- a: 0.560, b: 0.303, c: 0.517, e: 0.358, d: 0.532

Log likelihood = -1394.705 Significance = 0.000

Run # 15, 32 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.529

Group # 4 -- A: 0.237, D: 0.844, E: 0.760, G: 0.819, B: 0.214, C: 0.301, F: 0.905,  
H: 0.904



Group # 7 -- A: 0.531, P: 0.198, O: 0.373, D: 0.696  
 Log likelihood = -1398.741 Significance = 0.000

Run # 16, 24 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.529

Group # 4 -- A: 0.223, D: 0.845, E: 0.735, G: 0.818, B: 0.223, C: 0.295, F: 0.898,  
 H: 0.905

Group # 8 -- C: 0.476, L: 0.570, 2: 0.317

Log likelihood = -1421.046 Significance = 0.000

Add Group # 6 with factors abcd

----- Level # 3 -----

Run # 17, 78 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.557

Group # 1 -- f: 0.547, m: 0.441

Group # 4 -- A: 0.222, D: 0.858, E: 0.749, G: 0.848, B: 0.212, C: 0.279, F: 0.902,  
 H: 0.890

Group # 6 -- a: 0.561, b: 0.298, c: 0.526, e: 0.356, d: 0.570

Log likelihood = -1384.381 Significance = 0.000

Run # 18, 130 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.554

Group # 2 -- 1: 0.526, 2: 0.574, 3: 0.465, 4: 0.441

Group # 4 -- A: 0.230, D: 0.856, E: 0.755, G: 0.845, B: 0.211, C: 0.275, F: 0.902,  
 H: 0.893

Group # 6 -- a: 0.557, b: 0.310, c: 0.503, e: 0.378, d: 0.531

Log likelihood = -1384.834 Significance = 0.000

Run # 19, 105 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.555

Group # 3 -- I: 0.507, F: 0.488, M: 0.515

Group # 4 -- A: 0.228, D: 0.853, E: 0.749, G: 0.847, B: 0.213, C: 0.282, F: 0.901,  
 H: 0.892

Group # 6 -- a: 0.560, b: 0.302, c: 0.514, e: 0.361, d: 0.528

Log likelihood = -1393.949 Significance = 0.475

Run # 20, 282 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.555

Group # 4 -- A: 0.244, D: 0.861, E: 0.746, G: 0.834, B: 0.213, C: 0.292, F: 0.896,  
 H: 0.881

Group # 5 -- a: 0.436, j: 0.501, t: 0.708, v: 0.291, g: 0.628, n: 0.447, b: 0.686, c:  
0.492, e: 0.253, d: 0.353, p: 0.684, L: 0.670, G: 0.389  
Group # 6 -- a: 0.551, b: 0.328, c: 0.518, e: 0.373, d: 0.585  
Log likelihood = -1305.073 Significance = 0.000

Run # 21, 60 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.537

Group # 4 -- A: 0.234, D: 0.858, E: 0.761, G: 0.841, B: 0.206, C: 0.287, F: 0.906,  
H: 0.896

Group # 6 -- a: 0.560, b: 0.301, c: 0.515, e: 0.357, d: 0.529

Group # 7 -- A: 0.524, P: 0.205, O: 0.392, D: 0.715

Log likelihood = -1368.660 Significance = 0.000

Run # 22, 95 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.553

Group # 4 -- A: 0.222, D: 0.857, E: 0.741, G: 0.844, B: 0.213, C: 0.280, F: 0.902,  
H: 0.895

Group # 6 -- a: 0.557, b: 0.308, c: 0.511, e: 0.383, d: 0.527

Group # 8 -- C: 0.483, L: 0.554, 2: 0.327

Log likelihood = -1386.723 Significance = 0.000

Add Group # 7 with factors AP0D

----- Level # 4 -----

Run # 23, 108 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.537

Group # 1 -- f: 0.545, m: 0.443

Group # 4 -- A: 0.228, D: 0.862, E: 0.762, G: 0.843, B: 0.205, C: 0.283, F: 0.907,  
H: 0.894

Group # 6 -- a: 0.562, b: 0.297, c: 0.524, e: 0.355, d: 0.566

Group # 7 -- A: 0.525, P: 0.202, O: 0.392, D: 0.709

Log likelihood = -1359.402 Significance = 0.000

Run # 24, 177 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.536

Group # 2 -- 1: 0.529, 2: 0.563, 3: 0.466, 4: 0.447

Group # 4 -- A: 0.236, D: 0.860, E: 0.766, G: 0.842, B: 0.205, C: 0.280, F: 0.907,  
H: 0.896

Group # 6 -- a: 0.558, b: 0.307, c: 0.503, e: 0.375, d: 0.528

Group # 7 -- A: 0.523, P: 0.211, O: 0.395, D: 0.712

Log likelihood = -1360.898 Significance = 0.002

Run # 25, 143 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.537

Group # 3 -- l: 0.509, F: 0.489, M: 0.511

Group # 4 -- A: 0.234, D: 0.858, E: 0.761, G: 0.841, B: 0.206, C: 0.287, F: 0.906, H: 0.897

Group # 6 -- a: 0.561, b: 0.300, c: 0.513, e: 0.360, d: 0.526

Group # 7 -- A: 0.524, P: 0.206, O: 0.392, D: 0.716

Log likelihood = -1368.257 Significance = 0.672

Run # 26, 332 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 4 -- A: 0.247, D: 0.864, E: 0.755, G: 0.835, B: 0.208, C: 0.294, F: 0.899, H: 0.886

Group # 5 -- a: 0.440, j: 0.501, t: 0.716, v: 0.307, g: 0.557, n: 0.456, b: 0.705, c: 0.505, e: 0.252, d: 0.365, p: 0.655, L: 0.672, G: 0.388

Group # 6 -- a: 0.552, b: 0.325, c: 0.529, e: 0.368, d: 0.581

Group # 7 -- A: 0.527, P: 0.222, O: 0.394, D: 0.660

Log likelihood = -1290.148 Significance = 0.000

Run # 27, 127 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.536

Group # 4 -- A: 0.229, D: 0.861, E: 0.754, G: 0.839, B: 0.207, C: 0.284, F: 0.907, H: 0.899

Group # 6 -- a: 0.558, b: 0.306, c: 0.509, e: 0.380, d: 0.525

Group # 7 -- A: 0.522, P: 0.205, O: 0.399, D: 0.715

Group # 8 -- C: 0.484, L: 0.551, 2: 0.342

Log likelihood = -1361.944 Significance = 0.002

Add Group # 5 with factors ajtvgnbcdpLG

----- Level # 5 -----

Run # 28, 500 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.546, m: 0.442

Group # 4 -- A: 0.242, D: 0.867, E: 0.756, G: 0.837, B: 0.208, C: 0.288, F: 0.900, H: 0.885

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.504, t: 0.718, v: 0.309, g: 0.554, n: 0.458, b: 0.686, c: 0.497, e: 0.255, d: 0.362, p: 0.656, L: 0.665, G: 0.368

Group # 6 -- a: 0.553, b: 0.321, c: 0.534, e: 0.369, d: 0.623

Group # 7 -- A: 0.529, P: 0.220, O: 0.392, D: 0.654

Log likelihood = -1281.328 Significance = 0.000

Run # 29, 721 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.533

Group # 2 -- 1: 0.510, 2: 0.547, 3: 0.485, 4: 0.460

Group # 4 -- A: 0.247, D: 0.865, E: 0.759, G: 0.835, B: 0.207, C: 0.288, F: 0.901, H: 0.886

Group # 5 -- a: 0.440, j: 0.500, t: 0.712, v: 0.309, g: 0.555, n: 0.479, b: 0.707, c: 0.509, e: 0.263, d: 0.369, p: 0.649, L: 0.671, G: 0.405

Group # 6 -- a: 0.551, b: 0.327, c: 0.522, e: 0.380, d: 0.579

Group # 7 -- A: 0.527, P: 0.227, O: 0.395, D: 0.658

Log likelihood = -1286.803 Significance = 0.086

Run # 30, 624 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 3 -- I: 0.503, F: 0.489, M: 0.520

Group # 4 -- A: 0.247, D: 0.864, E: 0.756, G: 0.835, B: 0.208, C: 0.292, F: 0.899, H: 0.887

Group # 5 -- a: 0.440, j: 0.500, t: 0.717, v: 0.307, g: 0.556, n: 0.453, b: 0.709, c: 0.506, e: 0.253, d: 0.364, p: 0.656, L: 0.673, G: 0.388

Group # 6 -- a: 0.552, b: 0.324, c: 0.527, e: 0.371, d: 0.577

Group # 7 -- A: 0.528, P: 0.224, O: 0.393, D: 0.660

Log likelihood = -1289.687 Significance = 0.638

Run # 31, 534 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.533

Group # 4 -- A: 0.241, D: 0.867, E: 0.749, G: 0.834, B: 0.209, C: 0.291, F: 0.900, H: 0.890

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.503, t: 0.715, v: 0.309, g: 0.555, n: 0.462, b: 0.713, c: 0.503, e: 0.251, d: 0.389, p: 0.653, L: 0.671, G: 0.385

Group # 6 -- a: 0.550, b: 0.329, c: 0.525, e: 0.391, d: 0.578

Group # 7 -- A: 0.526, P: 0.221, O: 0.400, D: 0.660

Group # 8 -- C: 0.486, L: 0.546, 2: 0.348

Log likelihood = -1284.944 Significance = 0.008

Add Group # 1 with factors fm

----- Level # 6 -----

Run # 32, 1004 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.533

Group # 1 -- f: 0.545, m: 0.443

Group # 2 -- 1: 0.508, 2: 0.543, 3: 0.490, 4: 0.460

Group # 4 -- A: 0.242, D: 0.868, E: 0.759, G: 0.836, B: 0.207, C: 0.282, F: 0.901, H: 0.886

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.503, t: 0.714, v: 0.311, g: 0.552, n: 0.478, b: 0.688, c: 0.501, e: 0.264, d: 0.367, p: 0.651, L: 0.664, G: 0.383  
 Group # 6 -- a: 0.552, b: 0.323, c: 0.526, e: 0.379, d: 0.620  
 Group # 7 -- A: 0.528, P: 0.225, O: 0.392, D: 0.652  
 Log likelihood = -1278.462 Significance = 0.132

Run # 33, 876 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.547, m: 0.441

Group # 3 -- l: 0.507, F: 0.486, M: 0.520

Group # 4 -- A: 0.242, D: 0.867, E: 0.756, G: 0.837, B: 0.207, C: 0.287, F: 0.900, H: 0.887

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.503, t: 0.718, v: 0.309, g: 0.553, n: 0.454, b: 0.692, c: 0.498, e: 0.255, d: 0.362, p: 0.658, L: 0.666, G: 0.368

Group # 6 -- a: 0.553, b: 0.320, c: 0.531, e: 0.372, d: 0.620

Group # 7 -- A: 0.529, P: 0.222, O: 0.391, D: 0.654

Log likelihood = -1280.715 Significance = 0.548

Run # 34, 744 cells:

MELHOR RODADA

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 1 -- SEXO - RANGE:09.

f: 0.541, FEMININO

m: 0.448. MASCULINO

Group # 4 -- SALIÊNCIA FÔNICA - RANGE: 69.

A: 0.238, 1a - nasalização da vogal na forma plural

B: 0.208, 1b - nasalização e/ou mudança na qualidade da vogal

C: 0.287, 1c - acréscimo de segmentos vocálicos

D: 0.869, 2a - ditongação com mudança na qualidade de vogal

E: 0.751, 2b - acréscimos de segmentos consonânticos sem alteração na vogal da desinência

F: 0.901, 2c - acréscimos de segmentos com alteração na vogal da desinência

G: 0.836, 2d - classe especial - caso único - mudança completa

H: 0.889. 2e - mudança na sílaba tônica

Group # 5 -- PARALELISMO DISCURSIVO - RANGE: 47.

a: 0.437, SV totalmente isolado

j: 0.505, SV primeiro de série sem precedentes

e: 0.253, SV isolado entre séries ou precedido de termo em 3ª pp com referência na fala do informante ou do entrevistador (ou de convidado) - precedido de 3ª pp com morfologia SINGULAR

n: 0.461, SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala informante ou do entrevistador (ou de convidado) - precedido de 3ª pp com morfologia SINGULAR

v: 0.310, SV não primeiro de série - precedido de 3ª pp com morfologia SINGULAR

c: 0.496, SV isolado entre séries ou precedido de verbo em 3ª pp com morfologia PLURAL

g: 0.553, SV isolado com referência na fala do entrevistador (ou de convidado) em 3ª pp com morfologia PLURAL

L: 0.665, SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do próprio informante - com morfologia PLURAL

p: 0.655, SV primeiro de série precedido de 3ª pp na fala do entrevistador/convidado - com morfologia PLURAL

t: 0.717, SV não primeiro de série precedido de 3ª pp com morfologia PLURAL

d: 0.378, SV isolado, SV primeiro de série, SV não primeiro de série - entre série ou precedido de referência em "nós" na fala próprio do informante - com morfologia SINGULAR

G: 0.368, SV isolado com referência na fala do informante ou na fala do entrevistador (ou de convidado); SV primeiro de série com referência na fala do informante; SV não primeiro de série- precedido de "a gente" - com morfologia SINGULAR

b: 0.696. SV isolado entre série ou precedido de 1ª pp (em "nós") na fala do informante ou do entrevistado - com morfologia PLURAL

Group # 6 -- PARALELISMO ORACIONAL - RANGE: 29.

a: 0.551, Presença da forma plural explícita no último (ou único) elemento

b: 0.326, Presença da forma de zero no último elemento

c: 0.529, Presença da forma de numeral no último (ou único) elemento

d: 0.619, Presença da forma de plural explícita no último elemento inserido em um SPrep

e: 0.385. Presença da forma de plural zero no último elemento inserido em um SPrep

Group # 7 -- POSIÇÃO E TIPO DE SUJEITO - RANGE:43.

A: 0.527, Anteposto

P: 0.220, Posposto

O: 0.397, Elíptico próximo - na fala do informante

D: 0.654. Elíptico distante - na fala do entrevistador

Group # 8 -- ORIGEM DA ENTREVISTADORA - RANGE: 14.

C: 0.486, Santa Leopoldina - Camila

L: 0.540, Grande Vitória - Lays

2: 0.397. Ambas

Log likelihood = -1278.248 Significance = 0.047

Add Group # 8 with factors CL2

----- Level # 7 -----

Run # 35, 1254 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.541, m: 0.448

Group # 2 -- 1: 0.492, 2: 0.547, 3: 0.497, 4: 0.463

Group # 4 -- A: 0.239, D: 0.870, E: 0.755, G: 0.836, B: 0.207, C: 0.282, F: 0.902,  
H: 0.889

Group # 5 -- a: 0.437, j: 0.504, t: 0.714, v: 0.312, g: 0.552, n: 0.479, b: 0.699, c:  
0.500, e: 0.261, d: 0.373, p: 0.651, L: 0.665, G: 0.378

Group # 6 -- a: 0.551, b: 0.328, c: 0.520, e: 0.391, d: 0.619

Group # 7 -- A: 0.528, P: 0.226, O: 0.395, D: 0.650

Group # 8 -- C: 0.481, L: 0.545, 2: 0.432

Log likelihood = -1275.501 Significance = 0.147

Run # 36, 1154 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.542, m: 0.447

Group # 3 -- I: 0.515, F: 0.484, M: 0.511

Group # 4 -- A: 0.238, D: 0.869, E: 0.751, G: 0.836, B: 0.207, C: 0.288, F: 0.900,  
H: 0.890

Group # 5 -- a: 0.438, j: 0.505, t: 0.717, v: 0.311, g: 0.552, n: 0.455, b: 0.702, c:  
0.498, e: 0.254, d: 0.378, p: 0.656, L: 0.664, G: 0.366

Group # 6 -- a: 0.551, b: 0.325, c: 0.524, e: 0.387, d: 0.615

Group # 7 -- A: 0.527, P: 0.222, O: 0.396, D: 0.655

Group # 8 -- C: 0.483, L: 0.543, 2: 0.413

Log likelihood = -1277.594 Significance = 0.523

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 4 6 7 5 1 8

Best stepping up run: #34

-----

Stepping down...

----- Level # 8 -----

Run # 37, 1505 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.543, m: 0.446

Group # 2 -- 1: 0.490, 2: 0.555, 3: 0.496, 4: 0.458

Group # 3 -- I: 0.529, F: 0.481, M: 0.494

Group # 4 -- A: 0.238, D: 0.870, E: 0.754, G: 0.838, B: 0.206, C: 0.285, F: 0.902,  
H: 0.891

Group # 5 -- a: 0.438, j: 0.504, t: 0.712, v: 0.313, g: 0.550, n: 0.473, b: 0.704, c:  
0.502, e: 0.263, d: 0.376, p: 0.651, L: 0.661, G: 0.375

Group # 6 -- a: 0.551, b: 0.327, c: 0.512, e: 0.393, d: 0.614

Group # 7 -- A: 0.528, P: 0.228, O: 0.395, D: 0.651  
 Group # 8 -- C: 0.476, L: 0.553, 2: 0.458  
 Log likelihood = -1274.176

----- Level # 7 -----

Run # 38, 1316 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 2 -- 1: 0.490, 2: 0.555, 3: 0.490, 4: 0.464

Group # 3 -- I: 0.523, F: 0.485, M: 0.494

Group # 4 -- A: 0.242, D: 0.868, E: 0.753, G: 0.836, B: 0.207, C: 0.288, F: 0.901,  
 H: 0.891

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.502, t: 0.711, v: 0.311, g: 0.553, n: 0.476, b: 0.720, c:  
 0.509, e: 0.260, d: 0.386, p: 0.650, L: 0.668, G: 0.395

Group # 6 -- a: 0.550, b: 0.331, c: 0.510, e: 0.398, d: 0.576

Group # 7 -- A: 0.526, P: 0.228, O: 0.399, D: 0.656

Group # 8 -- C: 0.478, L: 0.557, 2: 0.394

Log likelihood = -1281.373 Significance = 0.000

Run # 39, 1154 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.542, m: 0.447

Group # 3 -- I: 0.515, F: 0.484, M: 0.511

Group # 4 -- A: 0.238, D: 0.869, E: 0.751, G: 0.836, B: 0.207, C: 0.288, F: 0.900,  
 H: 0.890

Group # 5 -- a: 0.438, j: 0.505, t: 0.717, v: 0.311, g: 0.552, n: 0.455, b: 0.702, c:  
 0.498, e: 0.254, d: 0.378, p: 0.656, L: 0.664, G: 0.366

Group # 6 -- a: 0.551, b: 0.325, c: 0.524, e: 0.387, d: 0.615

Group # 7 -- A: 0.527, P: 0.222, O: 0.396, D: 0.655

Group # 8 -- C: 0.483, L: 0.543, 2: 0.413

Log likelihood = -1277.594 Significance = 0.081

Run # 40, 1254 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.541, m: 0.448

Group # 2 -- 1: 0.492, 2: 0.547, 3: 0.497, 4: 0.463

Group # 4 -- A: 0.239, D: 0.870, E: 0.755, G: 0.836, B: 0.207, C: 0.282, F: 0.902,  
 H: 0.889

Group # 5 -- a: 0.437, j: 0.504, t: 0.714, v: 0.312, g: 0.552, n: 0.479, b: 0.699, c:  
 0.500, e: 0.261, d: 0.373, p: 0.651, L: 0.665, G: 0.378

Group # 6 -- a: 0.551, b: 0.328, c: 0.520, e: 0.391, d: 0.619

Group # 7 -- A: 0.528, P: 0.226, O: 0.395, D: 0.650

Group # 8 -- C: 0.481, L: 0.545, 2: 0.432

Log likelihood = -1275.501 Significance = 0.270



Run # 41, 691 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.502

Group # 1 -- f: 0.528, m: 0.465

Group # 2 -- 1: 0.514, 2: 0.514, 3: 0.489, 4: 0.486

Group # 3 -- l: 0.504, F: 0.486, M: 0.524

Group # 5 -- a: 0.474, j: 0.506, t: 0.724, v: 0.265, g: 0.541, n: 0.383, b: 0.812, c: 0.564, e: 0.293, d: 0.349, p: 0.604, L: 0.681, G: 0.380

Group # 6 -- a: 0.525, b: 0.405, c: 0.518, e: 0.470, d: 0.747

Group # 7 -- A: 0.503, P: 0.283, O: 0.480, D: 0.648

Group # 8 -- C: 0.486, L: 0.533, 2: 0.458

Log likelihood = -1790.770 Significance = 0.000

Run # 42, 639 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.537

Group # 1 -- f: 0.543, m: 0.446

Group # 2 -- 1: 0.506, 2: 0.578, 3: 0.477, 4: 0.440

Group # 3 -- l: 0.543, F: 0.475, M: 0.485

Group # 4 -- A: 0.225, D: 0.867, E: 0.760, G: 0.845, B: 0.203, C: 0.280, F: 0.908, H: 0.899

Group # 6 -- a: 0.558, b: 0.306, c: 0.489, e: 0.384, d: 0.552

Group # 7 -- A: 0.523, P: 0.211, O: 0.398, D: 0.704

Group # 8 -- C: 0.471, L: 0.559, 2: 0.474

Log likelihood = -1346.168 Significance = 0.000

Run # 43, 1268 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.526

Group # 1 -- f: 0.540, m: 0.450

Group # 2 -- 1: 0.493, 2: 0.561, 3: 0.488, 4: 0.457

Group # 3 -- l: 0.526, F: 0.481, M: 0.498

Group # 4 -- A: 0.240, D: 0.861, E: 0.754, G: 0.820, B: 0.212, C: 0.295, F: 0.900, H: 0.899

Group # 5 -- a: 0.422, j: 0.501, t: 0.723, v: 0.324, g: 0.563, n: 0.445, b: 0.697, c: 0.483, e: 0.236, d: 0.380, p: 0.654, L: 0.672, G: 0.358

Group # 7 -- A: 0.537, P: 0.225, O: 0.367, D: 0.623

Group # 8 -- C: 0.470, L: 0.563, 2: 0.456

Log likelihood = -1293.893 Significance = 0.000

Run # 44, 1468 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.556

Group # 1 -- f: 0.544, m: 0.445

Group # 2 -- 1: 0.483, 2: 0.563, 3: 0.496, 4: 0.455

Group # 3 -- l: 0.530, F: 0.481, M: 0.492

Group # 4 -- A: 0.236, D: 0.869, E: 0.746, G: 0.836, B: 0.210, C: 0.282, F: 0.899, H: 0.888

Group # 5 -- a: 0.433, j: 0.503, t: 0.704, v: 0.299, g: 0.621, n: 0.467, b: 0.687, c: 0.488, e: 0.264, d: 0.364, p: 0.680, L: 0.659, G: 0.375

Group # 6 -- a: 0.550, b: 0.331, c: 0.498, e: 0.400, d: 0.622

Group # 8 -- C: 0.474, L: 0.558, 2: 0.455

Log likelihood = -1287.284 Significance = 0.000

Run # 45, 1425 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.533

Group # 1 -- f: 0.546, m: 0.442

Group # 2 -- 1: 0.512, 2: 0.544, 3: 0.485, 4: 0.461

Group # 3 -- l: 0.515, F: 0.483, M: 0.513

Group # 4 -- A: 0.242, D: 0.868, E: 0.759, G: 0.837, B: 0.206, C: 0.283, F: 0.901, H: 0.888

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.502, t: 0.714, v: 0.311, g: 0.550, n: 0.474, b: 0.694, c: 0.503, e: 0.265, d: 0.370, p: 0.653, L: 0.663, G: 0.383

Group # 6 -- a: 0.553, b: 0.322, c: 0.521, e: 0.383, d: 0.616

Group # 7 -- A: 0.528, P: 0.226, O: 0.392, D: 0.653

Log likelihood = -1277.736 Significance = 0.032

Cut Group # 3 with factors IFM

----- Level # 6 -----

Run # 46, 1003 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.533

Group # 2 -- 1: 0.491, 2: 0.548, 3: 0.491, 4: 0.468

Group # 4 -- A: 0.242, D: 0.868, E: 0.753, G: 0.835, B: 0.208, C: 0.286, F: 0.901, H: 0.890

Group # 5 -- a: 0.438, j: 0.502, t: 0.712, v: 0.311, g: 0.554, n: 0.480, b: 0.716, c: 0.507, e: 0.259, d: 0.383, p: 0.650, L: 0.671, G: 0.397

Group # 6 -- a: 0.549, b: 0.332, c: 0.517, e: 0.397, d: 0.581

Group # 7 -- A: 0.526, P: 0.227, O: 0.399, D: 0.655

Group # 8 -- C: 0.482, L: 0.550, 2: 0.377

Log likelihood = -1282.206 Significance = 0.000

Run # 47, 744 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.541, m: 0.448

Group # 4 -- A: 0.238, D: 0.869, E: 0.751, G: 0.836, B: 0.208, C: 0.287, F: 0.901, H: 0.889

Group # 5 -- a: 0.437, j: 0.505, t: 0.717, v: 0.310, g: 0.553, n: 0.461, b: 0.696, c: 0.496, e: 0.253, d: 0.378, p: 0.655, L: 0.665, G: 0.368

Group # 6 -- a: 0.551, b: 0.326, c: 0.529, e: 0.385, d: 0.619  
 Group # 7 -- A: 0.527, P: 0.220, O: 0.397, D: 0.654  
 Group # 8 -- C: 0.486, L: 0.540, 2: 0.397  
 Log likelihood = -1278.248 Significance = 0.147

Run # 48, 521 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.502

Group # 1 -- f: 0.527, m: 0.466

Group # 2 -- 1: 0.506, 2: 0.516, 3: 0.494, 4: 0.485

Group # 5 -- a: 0.474, j: 0.507, t: 0.724, v: 0.265, g: 0.542, n: 0.386, b: 0.806, c: 0.563, e: 0.292, d: 0.353, p: 0.603, L: 0.679, G: 0.378

Group # 6 -- a: 0.525, b: 0.405, c: 0.521, e: 0.466, d: 0.746

Group # 7 -- A: 0.504, P: 0.282, O: 0.480, D: 0.647

Group # 8 -- C: 0.486, L: 0.535, 2: 0.445

Log likelihood = -1791.628 Significance = 0.000

Run # 49, 468 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.537

Group # 1 -- f: 0.540, m: 0.449

Group # 2 -- 1: 0.511, 2: 0.564, 3: 0.479, 4: 0.448

Group # 4 -- A: 0.227, D: 0.866, E: 0.761, G: 0.843, B: 0.204, C: 0.276, F: 0.908, H: 0.897

Group # 6 -- a: 0.558, b: 0.307, c: 0.502, e: 0.383, d: 0.559

Group # 7 -- A: 0.523, P: 0.209, O: 0.398, D: 0.705

Group # 8 -- C: 0.480, L: 0.546, 2: 0.438

Log likelihood = -1348.996 Significance = 0.000

Run # 50, 1024 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.526

Group # 1 -- f: 0.538, m: 0.452

Group # 2 -- 1: 0.493, 2: 0.554, 3: 0.490, 4: 0.462

Group # 4 -- A: 0.241, D: 0.861, E: 0.755, G: 0.818, B: 0.212, C: 0.292, F: 0.900, H: 0.898

Group # 5 -- a: 0.421, j: 0.501, t: 0.725, v: 0.323, g: 0.565, n: 0.450, b: 0.690, c: 0.482, e: 0.236, d: 0.379, p: 0.654, L: 0.675, G: 0.359

Group # 7 -- A: 0.537, P: 0.224, O: 0.368, D: 0.622

Group # 8 -- C: 0.476, L: 0.556, 2: 0.431

Log likelihood = -1295.014 Significance = 0.000

Run # 51, 1212 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.555

Group # 1 -- f: 0.542, m: 0.447

Group # 2 -- 1: 0.486, 2: 0.554, 3: 0.498, 4: 0.461

Group # 4 -- A: 0.237, D: 0.869, E: 0.746, G: 0.834, B: 0.211, C: 0.279, F: 0.899, H: 0.886

Group # 5 -- a: 0.432, j: 0.503, t: 0.706, v: 0.297, g: 0.622, n: 0.473, b: 0.681, c: 0.486, e: 0.263, d: 0.361, p: 0.679, L: 0.664, G: 0.379

Group # 6 -- a: 0.549, b: 0.332, c: 0.506, e: 0.399, d: 0.627

Group # 8 -- C: 0.480, L: 0.549, 2: 0.429

Log likelihood = -1288.724 Significance = 0.000

Run # 52, 1004 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.533

Group # 1 -- f: 0.545, m: 0.443

Group # 2 -- 1: 0.508, 2: 0.543, 3: 0.490, 4: 0.460

Group # 4 -- A: 0.242, D: 0.868, E: 0.759, G: 0.836, B: 0.207, C: 0.282, F: 0.901, H: 0.886

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.503, t: 0.714, v: 0.311, g: 0.552, n: 0.478, b: 0.688, c: 0.501, e: 0.264, d: 0.367, p: 0.651, L: 0.664, G: 0.383

Group # 6 -- a: 0.552, b: 0.323, c: 0.526, e: 0.379, d: 0.620

Group # 7 -- A: 0.528, P: 0.225, O: 0.392, D: 0.652

Log likelihood = -1278.462 Significance = 0.053

Cut Group # 2 with factors 1234

----- Level # 5 -----

Run # 53, 534 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.533

Group # 4 -- A: 0.241, D: 0.867, E: 0.749, G: 0.834, B: 0.209, C: 0.291, F: 0.900, H: 0.890

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.503, t: 0.715, v: 0.309, g: 0.555, n: 0.462, b: 0.713, c: 0.503, e: 0.251, d: 0.389, p: 0.653, L: 0.671, G: 0.385

Group # 6 -- a: 0.550, b: 0.329, c: 0.525, e: 0.391, d: 0.578

Group # 7 -- A: 0.526, P: 0.221, O: 0.400, D: 0.660

Group # 8 -- C: 0.486, L: 0.546, 2: 0.348

Log likelihood = -1284.944 Significance = 0.000

Run # 54, 256 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.502

Group # 1 -- f: 0.527, m: 0.466

Group # 5 -- a: 0.474, j: 0.507, t: 0.725, v: 0.264, g: 0.542, n: 0.379, b: 0.807, c: 0.562, e: 0.287, d: 0.353, p: 0.605, L: 0.680, G: 0.372

Group # 6 -- a: 0.526, b: 0.403, c: 0.525, e: 0.464, d: 0.747

Group # 7 -- A: 0.504, P: 0.279, O: 0.479, D: 0.648

Group # 8 -- C: 0.486, L: 0.535, 2: 0.430

Log likelihood = -1792.255 Significance = 0.000

Run # 55, 206 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.537

Group # 1 -- f: 0.540, m: 0.450

Group # 4 -- A: 0.225, D: 0.864, E: 0.756, G: 0.842, B: 0.206, C: 0.282, F: 0.908, H: 0.897

Group # 6 -- a: 0.559, b: 0.302, c: 0.517, e: 0.372, d: 0.559

Group # 7 -- A: 0.523, P: 0.202, O: 0.398, D: 0.709

Group # 8 -- C: 0.484, L: 0.545, Z: 0.387

Log likelihood = -1355.240 Significance = 0.000

Run # 56, 553 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.526

Group # 1 -- f: 0.538, m: 0.452

Group # 4 -- A: 0.240, D: 0.860, E: 0.750, G: 0.817, B: 0.213, C: 0.298, F: 0.899, H: 0.898

Group # 5 -- a: 0.421, j: 0.502, t: 0.728, v: 0.321, g: 0.566, n: 0.429, b: 0.688, c: 0.477, e: 0.227, d: 0.383, p: 0.659, L: 0.675, G: 0.346

Group # 7 -- A: 0.537, P: 0.218, O: 0.369, D: 0.627

Group # 8 -- C: 0.480, L: 0.552, Z: 0.395

Log likelihood = -1298.566 Significance = 0.000

Run # 57, 694 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.555

Group # 1 -- f: 0.542, m: 0.447

Group # 4 -- A: 0.236, D: 0.867, E: 0.742, G: 0.834, B: 0.212, C: 0.285, F: 0.898, H: 0.885

Group # 5 -- a: 0.432, j: 0.504, t: 0.709, v: 0.295, g: 0.624, n: 0.453, b: 0.677, c: 0.482, e: 0.254, d: 0.364, p: 0.683, L: 0.664, G: 0.369

Group # 6 -- a: 0.550, b: 0.329, c: 0.517, e: 0.392, d: 0.626

Group # 8 -- C: 0.485, L: 0.542, Z: 0.391

Log likelihood = -1292.314 Significance = 0.000

Run # 58, 500 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.534

Group # 1 -- f: 0.546, m: 0.442

Group # 4 -- A: 0.242, D: 0.867, E: 0.756, G: 0.837, B: 0.208, C: 0.288, F: 0.900, H: 0.885

Group # 5 -- a: 0.439, j: 0.504, t: 0.718, v: 0.309, g: 0.554, n: 0.458, b: 0.686, c: 0.497, e: 0.255, d: 0.362, p: 0.656, L: 0.665, G: 0.368

Group # 6 -- a: 0.553, b: 0.321, c: 0.534, e: 0.369, d: 0.623

Group # 7 -- A: 0.529, P: 0.220, O: 0.392, D: 0.654

Log likelihood = -1281.328 Significance = 0.047

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 3 2

Best stepping up run: #34

Best stepping down run: #47

**ANEXO F – Rodada Geral – concordância nominal de número.**

• CELL CREATION • 05/04/2020 12:38:32 .....

Number of cells: 1079

Application value(s): CZ

Total no. of factors: 39

Group	C	Z	Total	%
-----				
1 (2)	C	Z		
f N	3166	1685	4851	56.1
%	65.3	34.7		
m N	2206	1597	3803	43.9
%	58.0	42.0		
Total N	5372	3282	8654	
%	62.1	37.9		
-----				
2 (3)	C	Z		
1 N	1252	689	1941	22.4
%	64.5	35.5		
2 N	1405	685	2090	24.2
%	67.2	32.8		
3 N	1457	1000	2457	28.4
%	59.3	40.7		
4 N	1258	908	2166	25.0
%	58.1	41.9		
Total N	5372	3282	8654	
%	62.1	37.9		
-----				
3 (4)	C	Z		
I N	1940	1246	3186	36.8
%	60.9	39.1		
F N	2320	1414	3734	43.1
%	62.1	37.9		
M N	1112	622	1734	20.0
%	64.1	35.9		
Total N	5372	3282	8654	

Group	C	Z	Total	%	
-----					
1 (2)	C	Z			SEXO
f N	3166	1685	4851	56.1	FEMININO
%	65.3	34.7			
m N	2206	1597	3803	43.9	MASCULINO
%	58.0	42.0			
Total N	5372	3282	8654		
%	62.1	37.9			
-----					
2 (3)	C	Z			FAIXA ETÁRIA
1 N	1252	689	1941	22.4	07-14 ANOS
%	64.5	35.5			
2 N	1405	685	2090	24.2	15-25 ANOS
%	67.2	32.8			
3 N	1457	1000	2457	28.4	26-49 ANOS
%	59.3	40.7			
4 N	1258	908	2166	25.0	> 49 ANOS
%	58.1	41.9			
Total N	5372	3282	8654		
%	62.1	37.9			
-----					
3 (4)	C	Z			ESCOLARIDADE
I N	1940	1246	3186	36.8	ENSINO FUNDAMENTAL 01
%	60.9	39.1			
F N	2320	1414	3734	43.1	ENSINO FUNDAMENTAL 02
%	62.1	37.9			
M N	1112	622	1734	20.0	ENSINO MÉDIO
%	64.1	35.9			
Total N	5372	3282	8654		

Group	C	Z	Total	%
-----				
1 (2)	C	Z		
f N	3166	1685	4851	56.1
%	65.3	34.7		
m N	2206	1597	3803	43.9
%	58.0	42.0		
Total N	5372	3282	8654	
%	62.1	37.9		
-----				
2 (3)	C	Z		
1 N	1252	689	1941	22.4
%	64.5	35.5		
2 N	1405	685	2090	24.2
%	67.2	32.8		
3 N	1457	1000	2457	28.4
%	59.3	40.7		
4 N	1258	908	2166	25.0
%	58.1	41.9		
Total N	5372	3282	8654	
%	62.1	37.9		
-----				
3 (4)	C	Z		
I N	1940	1246	3186	36.8
%	60.9	39.1		
F N	2320	1414	3734	43.1
%	62.1	37.9		
M N	1112	622	1734	20.0
%	64.1	35.9		
Total N	5372	3282	8654	

Group	C	Z	Total	%	
-----					
2 (3)	C	Z			FAIXA ETÁRIA
1 N	1252	689	1941	22.4	07-14 ANOS
%	64.5	35.5			
2 N	1405	685	2090	24.2	15-25 ANOS
%	67.2	32.8			
3 N	1457	1000	2457	28.4	26-49 ANOS
%	59.3	40.7			
4 N	1258	908	2166	25.0	> 49 ANOS
%	58.1	41.9			
Total N	5372	3282	8654		
%	62.1	37.9			
-----					
3 (4)	C	Z			ESCOLARIDADE
I N	1940	1246	3186	36.8	ENSINO FUNDAMENTAL 01
%	60.9	39.1			
F N	2320	1414	3734	43.1	ENSINO FUNDAMENTAL 02
%	62.1	37.9			
M N	1112	622	1734	20.0	ENSINO MÉDIO
%	64.1	35.9			
Total N	5372	3282	8654		

Group	C	Z	Total	%
-----				
3 (4)	C	Z		
I N	1940	1246	3186	36.8
%	60.9	39.1		
F N	2320	1414	3734	43.1
%	62.1	37.9		
M N	1112	622	1734	20.0
%	64.1	35.9		
Total N	5372	3282	8654	

Group	C	Z	Total	%	
-----					
3 (4)	C	Z			ESCOLARIDADE
I N	1940	1246	3186	36.8	ENSINO FUNDAMENTAL 01
%	60.9	39.1			
F N	2320	1414	3734	43.1	ENSINO FUNDAMENTAL 02
%	62.1	37.9			
M N	1112	622	1734	20.0	ENSINO MÉDIO
%	64.1	35.9			
Total N	5372	3282	8654		

Group	C	Z	Total	%
-----				
3 (4)	C	Z		
I N	1940	1246	3186	36.8
%	60.9	39.1		
F N	2320	1414	3734	43.1
%	62.1	37.9		
M N	1112	622	1734	20.0
%	64.1	35.9		
Total N	5372	3282	8654	

	%	62.1	37.9			
-----						
4 (6)	C	Z	SALIÊNCIA FÔNICA			
O N	290	112	402	4.6	OXÍTONO REGULAR	
	%	72.1	27.9			
P N	4544	2653	7197	83.2	PAROXÍTONO REGULAR	
	%	63.1	36.9			
3 N	70	113	183	2.1	PROPÁROXÍTONO REGULAR	
	%	38.3	61.7			
D N	21	28	49	0.6	DUPLO	
	%	42.9	57.1			
R N	70	110	180	2.1	TERMINADO EM -R	
	%	38.9	61.1			
s N	307	177	484	5.6	TERMINADO EM -S	
	%	63.4	36.6			
~ N	16	44	60	0.7	TERMINADO EM -ÃO	
	%	26.7	73.3			
I N	54	45	99	1.1	TERMINADO EM -L (COM ITEM LÉXICO "REAL")	
	%	54.5	45.5			
Total N	5372	3282	8654			
	%	62.1	37.9			
-----						
5 (7)	C	Z	POSIÇÃO LINEAR E RELATIVA			
1 N	3682	32	3714	42.9	ANTES DO NÚCLEO NA 1ª POSIÇÃO	
	%	99.1	0.9			
2 N	151	33	184	2.1	ANTES DO NÚCLEO NAS DEMAIS POSIÇÕES	
	%	82.1	17.9			
n N	1474	3043	4517	52.2	NÚCLEO	
	%	32.6	67.4			
d N	65	174	239	2.8	DEPOIS DO NÚCLEO	
	%	27.2	72.8			
Total N	5372	3282	8654			
	%	62.1	37.9			
-----						



6 (9)	C	Z	MARCAS PRECEDENTES		
3 N	8	92	100	2.0	SINTAGMA PREPOSICIONADO
%	8.0	92.0			
5 N	283	534	817	16.5	PRECEDIDO DE NUMERAL
%	34.6	65.4			
6 N	1230	2172	3402	68.9	PRECEDIDO DE UMA MARCA
%	36.2	63.8			
7 N	94	88	182	3.7	PRECEDIDO POR MAIS DE UMA MARCA
%	51.6	48.4			
8 N	67	214	281	5.7	MISTURA DE MARCAS
%	23.8	76.2			
9 N	6	149	155	3.1	ZERO IMEDIATAMENTE ANTERIOR
%	3.9	96.1			
Total N	1688	3249	4937		
%	34.2	65.8			

---

7 (12)	C	Z	ENTREVISTADORA		
C N	3459	2277	5736	66.3	NATURAL DE SANTA LEOPOLDINA - CAMILA
%	60.3	39.7			
L N	1779	880	2659	30.7	EXTERNA À COMUNIDADE - LAYS
%	66.9	33.1			
2 N	134	125	259	3.0	AMBAS
%	51.7	48.3			
Total N	5372	3282	8654		
%	62.1	37.9			

---

8 (13)	C	Z	GRAU, FORMALIDADE E ANIMACIDADE DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS		
1 N	23	112	135	3.5	[- HUMANO] E [- ANIMADO], NO DIMINUTIVO/AUMENTATIVO INFORMAL
%	17.0	83.0			
2 N	629	1359	1988	51.3	[- HUMANO] E [- ANIMADO], EM GRAU NORMAL NEUTRO
%	31.6	68.4			

3 N 90 422 512 13.2 [- HUMANO] E [- ANIMADO], EM GRAU  
 NORMAL MARCADO QUANTO À INFORMALIDADE  
 % 17.6 82.4

4 N 4 31 35 0.9 [- HUMANO] E [+ ANIMADO], NO  
 DIMINUTIVO/AUMENTATIVO INFORMAL  
 % 11.4 88.6

5 N 25 82 107 2.8 [- HUMANO] E [+ ANIMADO], EM GRAU  
 NORMAL NEUTRO  
 % 23.4 76.6

7 N 1 11 12 0.3 [+ HUMANO] E [-COLETIVO], NO  
 DIMINUTIVO/AUMENTATIVO INFORMAL  
 % 8.3 91.7

8 N 336 685 1021 26.4 [+ HUMANO] E [-COLETIVO], EM  
 GRAU NORMAL NEUTRO  
 % 32.9 67.1

9 N 7 28 35 0.9 [+ HUMANO] E [-COLETIVO], EM GRAU  
 NORMAL MARCADO QUANTO À INFORMALIDADE  
 % 20.0 80.0

B N 4 23 27 0.7 [+ HUMANO] E [-COLETIVO], EM GRAU  
 NORMAL NEUTRO  
 % 14.8 85.2

Total N 1119 2753 3872  
 % 28.9 71.1

-----  
 TOTAL N 5372 3282 8654  
 % 62.1 37.9

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 05/04/2020 12:38:38 .....  
 Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.  
 Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:  
Convergence at Iteration 2  
Input 0.621  
Log likelihood = -5743.609

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:  
Convergence at Iteration 4  
Input 0.621  
Group # 1 -- f: 0.534, m: 0.457  
Log likelihood = -5719.802 Significance = 0.000

Run # 3, 4 cells:  
Convergence at Iteration 4  
Input 0.621  
Group # 2 -- 1: 0.525, 2: 0.555, 3: 0.470, 4: 0.458  
Log likelihood = -5717.912 Significance = 0.000

Run # 4, 3 cells:  
Convergence at Iteration 3  
Input 0.621  
Group # 3 -- l: 0.488, F: 0.501, M: 0.522  
Log likelihood = -5741.097 Significance = 0.085

Run # 5, 8 cells:  
Convergence at Iteration 5  
Input 0.622  
Group # 4 -- P: 0.510, O: 0.612, R: 0.279, D: 0.314, s: 0.514, ~: 0.181, l: 0.422,  
3: 0.274  
Log likelihood = -5671.357 Significance = 0.000

Run # 6, 4 cells:  
Convergence at Iteration 7  
Input 0.841  
Group # 5 -- 1: 0.956, n: 0.084, d: 0.066, 2: 0.465  
Log likelihood = -3263.096 Significance = 0.000

Run # 7, 7 cells:  
Convergence at Iteration 6  
Input 0.329  
Group # 6 -- 6: 0.535, 5: 0.519, 8: 0.389, 9: 0.076, 3: 0.150, 7: 0.685  
Log likelihood = -4875.336 Significance = 0.000

Run # 8, 3 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.621  
 Group # 7 -- C: 0.481, L: 0.552, 2: 0.395  
 Log likelihood = -5720.666 Significance = 0.000

Run # 9, 10 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.284  
 Group # 8 -- 2: 0.539, 5: 0.435, 4: 0.246, 8: 0.553, 1: 0.342, 3: 0.350, 9: 0.387,  
 7: 0.187, B: 0.305  
 Log likelihood = -4830.980 Significance = 0.000

Add Group # 5 with factors 1nd2

----- Level # 2 -----

Run # 10, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.842  
 Group # 1 -- f: 0.554, m: 0.431  
 Group # 5 -- 1: 0.957, n: 0.083, d: 0.065, 2: 0.474  
 Log likelihood = -3230.088 Significance = 0.000

Run # 11, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.842  
 Group # 2 -- 1: 0.554, 2: 0.592, 3: 0.435, 4: 0.436  
 Group # 5 -- 1: 0.957, n: 0.083, d: 0.064, 2: 0.469  
 Log likelihood = -3219.021 Significance = 0.000

Run # 12, 12 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.841  
 Group # 3 -- l: 0.471, F: 0.506, M: 0.540  
 Group # 5 -- 1: 0.956, n: 0.084, d: 0.066, 2: 0.465  
 Log likelihood = -3257.262 Significance = 0.005

Run # 13, 23 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.839  
 Group # 4 -- P: 0.461, O: 0.649, R: 0.583, D: 0.624, s: 0.801, ~: 0.458, l: 0.742,  
 3: 0.521  
 Group # 5 -- 1: 0.962, n: 0.076, d: 0.063, 2: 0.464  
 Log likelihood = -3120.628 Significance = 0.000

Run # 14, 21 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.821

Group # 5 -- 1: 0.951, n: 0.087, d: 0.164, 2: 0.471

Group # 6 -- 6: 0.534, 5: 0.547, 8: 0.401, 9: 0.046, 3: 0.158, 7: 0.666

Log likelihood = -3179.339 Significance = 0.000

Run # 15, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.842

Group # 5 -- 1: 0.958, n: 0.082, d: 0.062, 2: 0.462

Group # 7 -- C: 0.460, L: 0.607, 2: 0.293

Log likelihood = -3209.536 Significance = 0.000

Run # 16, 19 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.759

Group # 5 -- 1: 0.938, n: 0.114, d: 0.047, 2: 0.381

Group # 8 -- 2: 0.539, 5: 0.436, 4: 0.247, 8: 0.554, 1: 0.343, 3: 0.349, 9: 0.354,  
7: 0.188, B: 0.306

Log likelihood = -3145.203 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors PORDs~I3

----- Level # 3 -----

Run # 17, 42 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.840

Group # 1 -- f: 0.550, m: 0.436

Group # 4 -- P: 0.461, O: 0.650, R: 0.592, D: 0.609, s: 0.793, ~: 0.467, l: 0.754,  
3: 0.529

Group # 5 -- 1: 0.962, n: 0.075, d: 0.061, 2: 0.470

Log likelihood = -3094.476 Significance = 0.000

Run # 18, 78 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.840

Group # 2 -- 1: 0.545, 2: 0.590, 3: 0.436, 4: 0.445

Group # 4 -- P: 0.461, O: 0.660, R: 0.567, D: 0.626, s: 0.794, ~: 0.468, l: 0.744,  
3: 0.527

Group # 5 -- 1: 0.962, n: 0.075, d: 0.061, 2: 0.466

Log likelihood = -3084.138 Significance = 0.000

Run # 19, 61 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.840

Group # 3 -- I: 0.464, F: 0.503, M: 0.560  
 Group # 4 -- P: 0.461, O: 0.648, R: 0.582, D: 0.635, s: 0.805, ~: 0.460, l: 0.749,  
 3: 0.521  
 Group # 5 -- 1: 0.962, n: 0.075, d: 0.063, 2: 0.465  
 Log likelihood = -3110.505 Significance = 0.000

Run # 20, 81 cells:  
 Convergence at Iteration 10  
 Input 0.817  
 Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.643, R: 0.594, D: 0.655, s: 0.800, ~: 0.488, l: 0.747,  
 3: 0.497  
 Group # 5 -- 1: 0.957, n: 0.080, d: 0.155, 2: 0.478  
 Group # 6 -- 6: 0.531, 5: 0.548, 8: 0.418, 9: 0.046, 3: 0.172, 7: 0.690  
 Log likelihood = -3040.504 Significance = 0.000

Run # 21, 55 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.841  
 Group # 4 -- P: 0.461, O: 0.647, R: 0.589, D: 0.633, s: 0.799, ~: 0.471, l: 0.732,  
 3: 0.531  
 Group # 5 -- 1: 0.963, n: 0.074, d: 0.060, 2: 0.463  
 Group # 7 -- C: 0.460, L: 0.605, 2: 0.311  
 Log likelihood = -3073.027 Significance = 0.000

Run # 22, 70 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.801  
 Group # 4 -- P: 0.469, O: 0.626, R: 0.556, D: 0.650, s: 0.743, ~: 0.460, l: 0.751,  
 3: 0.504  
 Group # 5 -- 1: 0.953, n: 0.091, d: 0.052, 2: 0.421  
 Group # 8 -- 2: 0.536, 5: 0.384, 4: 0.268, 8: 0.551, 1: 0.354, 3: 0.370, 9: 0.371,  
 7: 0.205, B: 0.327  
 Log likelihood = -3082.477 Significance = 0.000

Add Group # 6 with factors 658937

----- Level # 4 -----

Run # 23, 135 cells:  
 Convergence at Iteration 10  
 Input 0.818  
 Group # 1 -- f: 0.549, m: 0.438  
 Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.643, R: 0.606, D: 0.642, s: 0.793, ~: 0.502, l: 0.756,  
 3: 0.506  
 Group # 5 -- 1: 0.957, n: 0.079, d: 0.149, 2: 0.487  
 Group # 6 -- 6: 0.527, 5: 0.555, 8: 0.426, 9: 0.048, 3: 0.181, 7: 0.694  
 Log likelihood = -3016.932 Significance = 0.000

Run # 24, 208 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.818

Group # 2 -- 1: 0.553, 2: 0.595, 3: 0.433, 4: 0.436

Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.656, R: 0.577, D: 0.659, s: 0.792, ~: 0.499, l: 0.748,  
3: 0.501

Group # 5 -- 1: 0.957, n: 0.079, d: 0.150, 2: 0.480

Group # 6 -- 6: 0.530, 5: 0.553, 8: 0.416, 9: 0.046, 3: 0.153, 7: 0.697

Log likelihood = -2999.667 Significance = 0.000

Run # 25, 172 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.818

Group # 3 -- l: 0.462, F: 0.504, M: 0.562

Group # 4 -- P: 0.461, O: 0.642, R: 0.594, D: 0.667, s: 0.804, ~: 0.491, l: 0.755,  
3: 0.498

Group # 5 -- 1: 0.957, n: 0.079, d: 0.155, 2: 0.479

Group # 6 -- 6: 0.531, 5: 0.543, 8: 0.419, 9: 0.047, 3: 0.169, 7: 0.694

Log likelihood = -3030.068 Significance = 0.000

Run # 26, 149 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.819

Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.641, R: 0.600, D: 0.663, s: 0.797, ~: 0.501, l: 0.735,  
3: 0.506

Group # 5 -- 1: 0.958, n: 0.078, d: 0.148, 2: 0.475

Group # 6 -- 6: 0.533, 5: 0.540, 8: 0.416, 9: 0.048, 3: 0.163, 7: 0.686

Group # 7 -- C: 0.459, L: 0.606, 2: 0.310

Log likelihood = -2994.061 Significance = 0.000

Run # 27, 179 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.780

Group # 4 -- P: 0.469, O: 0.623, R: 0.567, D: 0.682, s: 0.747, ~: 0.479, l: 0.759,  
3: 0.481

Group # 5 -- 1: 0.948, n: 0.093, d: 0.135, 2: 0.433

Group # 6 -- 6: 0.535, 5: 0.532, 8: 0.399, 9: 0.045, 3: 0.216, 7: 0.685

Group # 8 -- 2: 0.537, 5: 0.370, 4: 0.261, 8: 0.540, 1: 0.345, 3: 0.390, 9: 0.410,  
7: 0.205, B: 0.322

Log likelihood = -3007.287 Significance = 0.000

Add Group # 7 with factors CL2

----- Level # 5 -----

Run # 28, 230 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.819

Group # 1 -- f: 0.536, m: 0.454

Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.642, R: 0.608, D: 0.651, s: 0.793, ~: 0.509, l: 0.743,  
3: 0.512

Group # 5 -- 1: 0.958, n: 0.077, d: 0.144, 2: 0.482

Group # 6 -- 6: 0.530, 5: 0.546, 8: 0.423, 9: 0.049, 3: 0.172, 7: 0.690

Group # 7 -- C: 0.462, L: 0.596, 2: 0.351

Log likelihood = -2982.130 Significance = 0.000

Run # 29, 335 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.820

Group # 2 -- 1: 0.519, 2: 0.604, 3: 0.456, 4: 0.431

Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.651, R: 0.587, D: 0.669, s: 0.791, ~: 0.504, l: 0.740,  
3: 0.509

Group # 5 -- 1: 0.959, n: 0.077, d: 0.145, 2: 0.479

Group # 6 -- 6: 0.533, 5: 0.544, 8: 0.413, 9: 0.047, 3: 0.147, 7: 0.693

Group # 7 -- C: 0.455, L: 0.607, 2: 0.373

Log likelihood = -2959.108 Significance = 0.000

Run # 30, 286 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.819

Group # 3 -- l: 0.480, F: 0.498, M: 0.542

Group # 4 -- P: 0.461, O: 0.639, R: 0.600, D: 0.671, s: 0.801, ~: 0.501, l: 0.741,  
3: 0.507

Group # 5 -- 1: 0.958, n: 0.077, d: 0.148, 2: 0.475

Group # 6 -- 6: 0.533, 5: 0.538, 8: 0.417, 9: 0.048, 3: 0.161, 7: 0.688

Group # 7 -- C: 0.462, L: 0.600, 2: 0.312

Log likelihood = -2990.072 Significance = 0.019

Run # 31, 302 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.777

Group # 4 -- P: 0.469, O: 0.623, R: 0.573, D: 0.687, s: 0.735, ~: 0.490, l: 0.747,  
3: 0.491

Group # 5 -- 1: 0.949, n: 0.093, d: 0.124, 2: 0.422

Group # 6 -- 6: 0.537, 5: 0.524, 8: 0.396, 9: 0.047, 3: 0.209, 7: 0.681

Group # 7 -- C: 0.459, L: 0.606, 2: 0.308

Group # 8 -- 2: 0.540, 5: 0.371, 4: 0.252, 8: 0.537, 1: 0.358, 3: 0.384, 9: 0.410,  
7: 0.179, B: 0.307

Log likelihood = -2960.696 Significance = 0.000

Add Group # 2 with factors 1234

----- Level # 6 -----



Run # 32, 497 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.820

Group # 1 -- f: 0.535, m: 0.455

Group # 2 -- 1: 0.523, 2: 0.602, 3: 0.457, 4: 0.429

Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.652, R: 0.594, D: 0.658, s: 0.787, ~: 0.513, l: 0.747,  
3: 0.514

Group # 5 -- 1: 0.959, n: 0.076, d: 0.142, 2: 0.486

Group # 6 -- 6: 0.530, 5: 0.550, 8: 0.420, 9: 0.049, 3: 0.156, 7: 0.696

Group # 7 -- C: 0.458, L: 0.597, 2: 0.417

Log likelihood = -2947.688 Significance = 0.000

Run # 33, 503 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.820

Group # 2 -- 1: 0.530, 2: 0.601, 3: 0.447, 4: 0.436

Group # 3 -- l: 0.499, F: 0.484, M: 0.536

Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.647, R: 0.589, D: 0.671, s: 0.794, ~: 0.503, l: 0.741,  
3: 0.512

Group # 5 -- 1: 0.959, n: 0.077, d: 0.145, 2: 0.479

Group # 6 -- 6: 0.533, 5: 0.544, 8: 0.414, 9: 0.047, 3: 0.143, 7: 0.692

Group # 7 -- C: 0.457, L: 0.603, 2: 0.383

Log likelihood = -2956.626 Significance = 0.087

Run # 34, 621 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.779

Group # 2 -- 1: 0.523, 2: 0.608, 3: 0.454, 4: 0.426

Group # 4 -- P: 0.470, O: 0.629, R: 0.555, D: 0.694, s: 0.729, ~: 0.493, l: 0.752,  
3: 0.492

Group # 5 -- 1: 0.950, n: 0.091, d: 0.123, 2: 0.429

Group # 6 -- 6: 0.537, 5: 0.528, 8: 0.391, 9: 0.046, 3: 0.193, 7: 0.686

Group # 7 -- C: 0.455, L: 0.608, 2: 0.373

Group # 8 -- 2: 0.540, 5: 0.371, 4: 0.245, 8: 0.547, 1: 0.354, 3: 0.366, 9: 0.429,  
7: 0.200, B: 0.303

Log likelihood = -2923.117 Significance = 0.000

Add Group # 8 with factors 25481397B

----- Level # 7 -----

Run # 35, 851 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.780

Group # 1 -- f: 0.539, m: 0.450

Group # 2 -- 1: 0.528, 2: 0.605, 3: 0.454, 4: 0.425

Group # 4 -- P: 0.470, O: 0.630, R: 0.563, D: 0.684, s: 0.723, ~: 0.501, l: 0.762, 3: 0.496

Group # 5 -- 1: 0.950, n: 0.091, d: 0.120, 2: 0.437

Group # 6 -- 6: 0.534, 5: 0.532, 8: 0.397, 9: 0.047, 3: 0.205, 7: 0.691

Group # 7 -- C: 0.458, L: 0.597, 2: 0.422

Group # 8 -- 2: 0.544, 5: 0.353, 4: 0.229, 8: 0.544, 1: 0.342, 3: 0.366, 9: 0.433, 7: 0.186, B: 0.285

Log likelihood = -2909.397 Significance = 0.000

Run # 36, 860 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.778

Group # 2 -- 1: 0.534, 2: 0.605, 3: 0.443, 4: 0.432

Group # 3 -- l: 0.501, F: 0.480, M: 0.541

Group # 4 -- P: 0.470, O: 0.623, R: 0.558, D: 0.697, s: 0.732, ~: 0.492, l: 0.755, 3: 0.495

Group # 5 -- 1: 0.950, n: 0.091, d: 0.122, 2: 0.429

Group # 6 -- 6: 0.537, 5: 0.529, 8: 0.393, 9: 0.046, 3: 0.186, 7: 0.685

Group # 7 -- C: 0.457, L: 0.603, 2: 0.387

Group # 8 -- 2: 0.539, 5: 0.361, 4: 0.240, 8: 0.549, 1: 0.351, 3: 0.368, 9: 0.430, 7: 0.203, B: 0.289

Log likelihood = -2919.788 Significance = 0.039

Add Group # 1 with factors fm

----- Level # 8 -----

Run # 37, 1079 cells:

MELHOR RODADA!!!

Convergence at Iteration 9

Input 0.779

Group # 1 -- SEXO RANGE: 09.

f: 0.540, FEMININO

m: 0.449. MASCULINO

Group # 2 -- FAIXA ETÁRIA RANGE: 17.

1: 0.540, 07-14 ANOS

2: 0.602, 15-25 ANOS

3: 0.443, 26-49 ANOS

4: 0.430. >49 ANOS

Group # 3 -- ESCOLARIDADE RANGE: 06.

l: 0.502, FUNDAMENTAL 01

F: 0.479, FUNDAMENTAL 02

M: 0.543. MÉDIO

Group # 4 -- SALIÊNCIA FÔNICA RANGE: 29.

P: 0.469, PAROXÍTONO REGULAR

O: 0.624, OXÍTONO REGULAR  
 3: 0.499, PROPAROXÍTONO REGULAR  
 D: 0.687, DUPLO  
 R: 0.566, TERMINADO EM -R  
 s: 0.727, TERMINADO EM -S  
 ~: 0.499, TERMINADO EM -ÃO  
 l: 0.765. TERMINADO EM -L [COM ITEM LÉXICO "REAL"]

Group # 5 -- POSIÇÃO LINEAR E RELATIVA RANGE: 86.  
 1: 0.950, ANTES DO NÚCLEO NA 1ª POSIÇÃO  
 2: 0.437, ANTES DO NÚCLEO NAS DEMAIS POSIÇÕES  
 n: 0.091, NÚCLEO  
 d: 0.119, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 6 -- MARCAS PRECEDENTES RANGE: 64.  
 3: 0.197, SINTAGMA PREPOSICIONADO  
 5: 0.533, PRECEDIDO DE NUMERAL  
 6: 0.534, PRECEDIDO DE UMA MARCA  
 7: 0.690, PRECEDIDO DE MAIS DE UMA MARCA  
 8: 0.399, MISTURA DE MARCAS  
 9: 0.047, ZERO IMEDIATAMENTE ANTERIOR

Group # 7 -- ORIGEM DA ENTREVISTADORA RANGE: 15.  
 C: 0.460, NATURAL DE SANTA LEOPOLDINA - CAMILA  
 L: 0.592, EXTERNA À COMUNIDADE - LAYS  
 2: 0.438. AMBAS

Group # 8 -- GRAU, FORMALIDADE E ANIMACIDADE DOS SUBSTANTIVOS  
 RANGE: 36.  
 1: 0.339, [- HUMANO] E [- ANIMADO], NO DIMINUTIVO/AUMENTATIVO  
 INFORMAL  
 2: 0.544, [- HUMANO] E [- ANIMADO], EM GRAU NORMAL NEUTRO  
 3: 0.368, [- HUMANO] E [- ANIMADO], EM GRAU NORMAL MARCADO  
 QUANTO À INFORMALIDADE  
 4: 0.224, [- HUMANO] E [+ ANIMADO], NO DIMINUTIVO/AUMENTATIVO  
 INFORMAL  
 5: 0.343, [- HUMANO] E [+ ANIMADO], EM GRAU NORMAL NEUTRO  
 7: 0.188, [+ HUMANO] E [- COLETIVO], NO DIMINUTIVO/AUMENTATIVO  
 INFORMAL  
 8: 0.546, [+ HUMANO] E [- COLETIVO], EM GRAU NORMAL NEUTRO  
 9: 0.435, [+ HUMANO] E [- COLETIVO], EM GRAU NORMAL MARCADO  
 QUANTO À INFORMALIDADE  
 B: 0.270. [+ HUMANO] E [-COLETIVO], EM GRAU NORMAL NEUTRO

Log likelihood = -2905.676 Significance = 0.026

Add Group # 3 with factors IFM

Best stepping up run: #37

-----

Stepping down...

----- Level # 8 -----

Run # 38, 1079 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.779

Group # 1 -- f: 0.540, m: 0.449

Group # 2 -- 1: 0.540, 2: 0.602, 3: 0.443, 4: 0.430

Group # 3 -- l: 0.502, F: 0.479, M: 0.543

Group # 4 -- P: 0.469, O: 0.624, R: 0.566, D: 0.687, s: 0.727, ~: 0.499, l: 0.765,  
3: 0.499

Group # 5 -- 1: 0.950, n: 0.091, d: 0.119, 2: 0.437

Group # 6 -- 6: 0.534, 5: 0.533, 8: 0.399, 9: 0.047, 3: 0.197, 7: 0.690

Group # 7 -- C: 0.460, L: 0.592, 2: 0.438

Group # 8 -- 2: 0.544, 5: 0.343, 4: 0.224, 8: 0.546, 1: 0.339, 3: 0.368, 9: 0.435,  
7: 0.188, B: 0.270

Log likelihood = -2905.676

----- Level # 7 -----

Run # 39, 860 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.778

Group # 2 -- 1: 0.534, 2: 0.605, 3: 0.443, 4: 0.432

Group # 3 -- l: 0.501, F: 0.480, M: 0.541

Group # 4 -- P: 0.470, O: 0.623, R: 0.558, D: 0.697, s: 0.732, ~: 0.492, l: 0.755,  
3: 0.495

Group # 5 -- 1: 0.950, n: 0.091, d: 0.122, 2: 0.429

Group # 6 -- 6: 0.537, 5: 0.529, 8: 0.393, 9: 0.046, 3: 0.186, 7: 0.685

Group # 7 -- C: 0.457, L: 0.603, 2: 0.387

Group # 8 -- 2: 0.539, 5: 0.361, 4: 0.240, 8: 0.549, 1: 0.351, 3: 0.368, 9: 0.430,  
7: 0.203, B: 0.289

Log likelihood = -2919.788 Significance = 0.000

Run # 40, 755 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.777

Group # 1 -- f: 0.539, m: 0.450

Group # 3 -- l: 0.482, F: 0.493, M: 0.547

Group # 4 -- P: 0.469, O: 0.621, R: 0.583, D: 0.685, s: 0.734, ~: 0.495, l: 0.763,  
3: 0.497

Group # 5 -- 1: 0.949, n: 0.092, d: 0.121, 2: 0.430

Group # 6 -- 6: 0.535, 5: 0.527, 8: 0.402, 9: 0.048, 3: 0.215, 7: 0.688  
 Group # 7 -- C: 0.464, L: 0.590, 2: 0.357  
 Group # 8 -- 2: 0.544, 5: 0.351, 4: 0.247, 8: 0.533, 1: 0.349, 3: 0.383, 9: 0.413,  
 7: 0.165, B: 0.271  
 Log likelihood = -2942.057 Significance = 0.000

Run # 41, 851 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.780

Group # 1 -- f: 0.539, m: 0.450

Group # 2 -- 1: 0.528, 2: 0.605, 3: 0.454, 4: 0.425

Group # 4 -- P: 0.470, O: 0.630, R: 0.563, D: 0.684, s: 0.723, ~: 0.501, l: 0.762,  
 3: 0.496

Group # 5 -- 1: 0.950, n: 0.091, d: 0.120, 2: 0.437

Group # 6 -- 6: 0.534, 5: 0.532, 8: 0.397, 9: 0.047, 3: 0.205, 7: 0.691

Group # 7 -- C: 0.458, L: 0.597, 2: 0.422

Group # 8 -- 2: 0.544, 5: 0.353, 4: 0.229, 8: 0.544, 1: 0.342, 3: 0.366, 9: 0.433,  
 7: 0.186, B: 0.285

Log likelihood = -2909.397 Significance = 0.026

Run # 42, 622 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.737

Group # 1 -- f: 0.541, m: 0.448

Group # 2 -- 1: 0.538, 2: 0.605, 3: 0.446, 4: 0.424

Group # 3 -- l: 0.508, F: 0.479, M: 0.530

Group # 5 -- 1: 0.935, n: 0.113, d: 0.111, 2: 0.399

Group # 6 -- 6: 0.535, 5: 0.540, 8: 0.388, 9: 0.046, 3: 0.199, 7: 0.678

Group # 7 -- C: 0.458, L: 0.596, 2: 0.442

Group # 8 -- 2: 0.547, 5: 0.399, 4: 0.202, 8: 0.550, 1: 0.332, 3: 0.344, 9: 0.420,  
 7: 0.170, B: 0.258

Log likelihood = -2961.426 Significance = 0.000

Run # 43, 1004 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.247

Group # 1 -- f: 0.535, m: 0.455

Group # 2 -- 1: 0.532, 2: 0.594, 3: 0.452, 4: 0.434

Group # 3 -- l: 0.502, F: 0.479, M: 0.540

Group # 4 -- P: 0.484, O: 0.657, R: 0.558, D: 0.659, s: 0.515, ~: 0.511, l: 0.755,  
 3: 0.484

Group # 6 -- 6: 0.539, 5: 0.561, 8: 0.383, 9: 0.025, 3: 0.182, 7: 0.659

Group # 7 -- C: 0.461, L: 0.587, 2: 0.459

Group # 8 -- 2: 0.544, 5: 0.352, 4: 0.223, 8: 0.543, 1: 0.338, 3: 0.370, 9: 0.439,  
 7: 0.184, B: 0.279

Log likelihood = -2994.746 Significance = 0.000

Run # 44, 681 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.803

Group # 1 -- f: 0.542, m: 0.446

Group # 2 -- 1: 0.534, 2: 0.600, 3: 0.444, 4: 0.436

Group # 3 -- l: 0.502, F: 0.480, M: 0.540

Group # 4 -- P: 0.469, O: 0.628, R: 0.555, D: 0.654, s: 0.727, ~: 0.478, l: 0.759,  
3: 0.525

Group # 5 -- 1: 0.956, n: 0.087, d: 0.047, 2: 0.428

Group # 7 -- C: 0.460, L: 0.592, 2: 0.433

Group # 8 -- 2: 0.543, 5: 0.360, 4: 0.232, 8: 0.556, 1: 0.346, 3: 0.347, 9: 0.376,  
7: 0.188, B: 0.290

Log likelihood = -2980.190 Significance = 0.000

Run # 45, 988 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.785

Group # 1 -- f: 0.549, m: 0.437

Group # 2 -- 1: 0.579, 2: 0.583, 3: 0.419, 4: 0.441

Group # 3 -- l: 0.479, F: 0.482, M: 0.576

Group # 4 -- P: 0.468, O: 0.626, R: 0.558, D: 0.688, s: 0.740, ~: 0.501, l: 0.779,  
3: 0.492

Group # 5 -- 1: 0.951, n: 0.089, d: 0.125, 2: 0.450

Group # 6 -- 6: 0.532, 5: 0.538, 8: 0.405, 9: 0.047, 3: 0.198, 7: 0.695

Group # 8 -- 2: 0.543, 5: 0.323, 4: 0.215, 8: 0.547, 1: 0.329, 3: 0.375, 9: 0.441,  
7: 0.213, B: 0.271

Log likelihood = -2929.301 Significance = 0.000

Run # 46, 662 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.820

Group # 1 -- f: 0.536, m: 0.455

Group # 2 -- 1: 0.533, 2: 0.598, 3: 0.447, 4: 0.434

Group # 3 -- l: 0.500, F: 0.483, M: 0.537

Group # 4 -- P: 0.462, O: 0.647, R: 0.597, D: 0.658, s: 0.790, ~: 0.512, l: 0.748,  
3: 0.517

Group # 5 -- 1: 0.959, n: 0.076, d: 0.141, 2: 0.486

Group # 6 -- 6: 0.530, 5: 0.550, 8: 0.421, 9: 0.049, 3: 0.152, 7: 0.695

Group # 7 -- C: 0.460, L: 0.593, 2: 0.429

Log likelihood = -2945.005 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #37

Best stepping down run: #38